



Sociedade das Ciências Antigas



O Irmão do
Terceiro Grau



Will L. Garver



Sociedade das Ciências Antigas

O IRMÃO DO TERCEIRO GRAU

POR

WILL L. GARVER



SÃO PAULO – BRASIL

2015

O IRMÃO DO TERCEIRO GRAU

POR

WILL L. GARVER

ROMANCE OCULTISTA

“Há um princípio, uma razão contra todo argumento, um entrave a todo progresso, que, se alguém persistir nele, só pode conservar a sua mente na ignorância eterna, a saber: a negação antes do exame”.

Paley

“Nada aceiteis que não seja razoável; nada considereis como contrário à razão, sem um exame conveniente”.

Buda

CAPÍTULO I

A MINHA INFÂNCIA

Chamo-me Afonso Colono. Sou mexicano de pura descendência espanhola, porém nasci na cidade de Paris. Sou o único filho homem, e possuo uma bela irmã, chamada Esmeralda, que tem três anos menos que eu.

Meu pai, Fernando Colono, era descendente direto dos Colonos de Granada, cuja ascendência remontava até o tempo dos mouros, sendo conhecido em toda a península pela sua habilidade na medicina. Minha mãe pertencia à nobre família Vesta, de Sevilha, que também dera notáveis médicos.

Meu pai e minha mãe conheceram-se quando eram estudantes em Paris. Após dez anos do mais puro companheirismo nos estudos, tendo-se formado e conquistado os mais altos louros, casaram-se, sendo eu o primeiro fruto dessa união. Depois do meu nascimento, meus pais se mudaram para a cidade do México, onde meus avós paternos se haviam estabelecido, nos princípios do século XIX.

Havia um mistério em relação à educação deles, e só me foi possível compreendê-lo depois de muito tempo. Eram duas entre as pessoas mais instruídas de seu tempo, e, coisa estranha, saíram do próprio centro do materialismo profundamente imbuídos de idéias místicas.

De volta para o México, meu pai começou imediatamente a praticar a medicina, e logo se fez conhecido por toda parte por seu admirável conhecimento e habilidade.

Com efeito, sua fama se tornou tão grande que não se limitou apenas ao México, mas se estendeu por todo o Ocidente; assim é que os governos da América do Sul lhe ofereceram fabulosas somas.

Ele, porém, rejeitou-as respeitosamente, e continuou a residir naquela cidade, tratando de ricos e pobres e nunca se recusando aos pequenos ou aos grandes. Em consequência disso, era conhecido e amado por todos, e exercia uma poderosa influência, tanto nos círculos governamentais como nas massas.

Minha mãe, quase tão instruída quanto meu pai, e altamente conhecedora da arte e da música, dispunha de uma influência tão grande como a dele; porém, a não ser em ocasiões excepcionais, permanecia a maior parte do tempo em casa, instruindo a minha irmã e eu, pois considerava seu dever especial ser nossa preceptora.

Nossa residência se achava admiravelmente localizada num morro dos subúrbios da cidade. Era uma construção de dois andares, com uma fachada clássica, feita de estuque, e um grande vestíbulo, todo calçado de pedras coloridas e ornado de uma fonte cintilante e plantas tropicais.

Passaram-se muitos anos desde o tempo em que minha mãe, durante as noites frescas, nos levava ali para nos mostrar e explicar, a minha irmã e eu, as constelações estelares, que brilhavam tão vivamente no firmamento claro dos trópicos.

Lembro-me ainda com uma vivida clareza aquelas nossas palestras noturnas. Ela não considerava as hostes estelares apenas como luzeiros destinados a dissipar as trevas da noite, mas, como os seus antepassados dos tempos mouriscos, pensava que estavam repletas de vida, eram habitações de deuses e espíritos, e tinham uma relação muito íntima com os filhos da terra. Muitos anos já se foram, numerosas vicissitudes atravessaram meu caminho desde o tempo daquelas palestras, e daqueles alegres dias em que mamãe levava Esmeralda e eu aos picos montanhosos dos arredores, cultivando os nossos gostos pelas belezas naturais, que despertavam em nós a contemplação do espelho plácido do golfo e das longínquas paragens e montanhas enevoadas dos arredores. Recordo-me ainda das agradáveis lições de geologia e história natural que recebemos naqueles passeios, pois muitas eram as pedras, plantas e os animais curiosos, que encontrávamos para tornar agradável nosso estudo. Tenho em mente ainda a expressão de amor que observei nos olhos escuros e vivos de minha mãe, quando nos aconselhou a nunca causarmos danos aos pequenos seres, pois toda vida é sagrada e vinda de Deus; disse-nos que todos esses insetos existiam para um fim, e que podíamos aprender mais lhes estudando a vida do que os despedaçando pela morte.

Após freqüentes passeios pelas montanhas, até os pássaros pareciam ter notado que não éramos como a maioria dos seres de nossa espécie, tornando-se condescendentes e amigos nossos, assentando-se em nossos ombros e apoiando-se em nossas mãos. Ainda neste momento me vêm à mente a recordação de Esmeralda, com seus cabelos compridos e negros a flutuarem ao vento, rindo e conversando com um pintarroxo, que pousara em sua mão.

Oh, como estas recordações me conservaram num estado de tristeza durante muitos anos! Tinha por minha mãe e minha bela irmã um amor puro e santo, e muitas vezes desejei tornar a ser criança para poder gozar a felicidade límpida daquelas horas. Sei, porém, que agora isso não era justo. Vedes, meus amigos, o que perdi, porém, sabeis o que ganhei? Grandes eram aquelas alegrias, porém imensamente maiores são as que resultam do desenvolvimento completo da natureza dos nossos espíritos. Portanto, não devemos dar ao passado mais que a atenção de uma simples recordação, a não ser para estudar os meios de nos guiar melhor no futuro.

Meu pai, embora estivesse constantemente ocupado em proveito dos doentes, nunca perdia as ocasiões de ficar em casa, e freqüentemente nos acompanhava nas viagens às montanhas ou conversava conosco junto à fonte do vestíbulo.

Minha mãe e ele conversavam horas a fio sobre a filosofia e a ciência, e Esmeralda e eu, embora crianças, nos sentavam ao lado deles e escutávamos com grande interesse as conversas, que, apesar de não compreendermos perfeitamente, devido a alguma intuição desconhecida, nos pareciam estranhamente familiares. As crianças sabem mais do que geralmente costumamos admitir. O

conhecimento não vem somente do intelecto; o coração puro e livre do contágio está muito próximo do espírito de sabedoria e reflete sua luz.

Além dos seus deveres profissionais, meu pai ainda ensinava numa escola que eu julgava, então, ser de medicina. No seu laboratório, que ocupava o segundo andar, nunca nos permitiu entrar; a sua porta única era feita de pesado carvalho, tendo uma fechadura especial e de aparência estranha, e sendo suas janelas cobertas de grades de ferro. Todas as quartas-feiras vinham diversos homens e entravam ali em companhia de meu pai e de minha mãe. Observei que eram quase sempre doze pessoas, que geralmente entravam e saíam sós. Durante essas reuniões das quartas-feiras, minha irmã e eu ficávamos em companhia de uma criada educada e de confiança, que nos colocava no leito à hora determinada. As coisas prosseguiram assim durante onze anos, quando cheguei aos quatorze e minha irmã aos onze anos de idade. Tudo para nós era amor e bondade e os anos passavam-se numa escola permanente e agradável. Minha mãe possuía profundos conhecimentos de línguas, e, com idade de quatorze, eu já sabia bem o espanhol, francês, inglês e italiano, e estava bastante adiantado nas ciências naturais, na filosofia e na arte. Esmeralda possuía os mesmos conhecimentos que eu, porém sobressaía na música; e quando sua voz se fazia ouvir em algum cântico, a multidão se reunia em frente de nossa residência para ouvir com silenciosa admiração. Ambos conheciam com perfeição diversos instrumentos e enquanto ela tocava harpa, eu a acompanhava com o violino. Esses concertos familiares, em que meu pai e minha mãe tomavam parte, davam-lhes muito prazer, fazendo sobressair a grande semelhança que tínhamos com eles, pois eu, dia a dia, me aproximava mais da filosofia de meu pai, e Esmeralda se tornava uma perfeita duplicação de minha mãe.

Certa tarde meu pai voltou mais cedo do que de costume, e com minha mãe sentou-se junto à fonte, pondo-se a conversar com grande interesse. Eu e minha irmã estávamos brincando com uma grande coleção de belas conchas do mar, e talvez não teríamos dado atenção à conversa, se não fosse pela falta do beijo costumeiro de nosso pai e da sua companhia em nossos folguedos, assim como pela expressão triste de seu belo rosto, pois tudo isso nos atraiu a atenção e fez interromper nosso brinquedo.

- Nina, disse, tomando as mãos de minha mãe e fitando-a com uma expressão carinhosa, sabes que nossos vinte anos estão quase terminados?

Uma palidez momentânea surgiu no rosto de minha mãe, porém logo foi substituída por uma expressão de calma e serenidade, e ela respondeu:

- Sim, Fernando; não me esqueci desse fato, e desde algum tempo estive me preparando para uma mudança, que, tenho premonição se dará logo; e espero, caro esposo, que estejas agindo da mesma forma. Porém, querido, esta noite, tendes uma expressão de grande tristeza; haverá alguma coisa que te perturbe a mente? Se assim é, deixai-me compartilhá-la.

E ela o acariciou com grande amor.

- Nina, respondeu meu pai, beijando-a, tenho estado a pensar que nossa vida de amor logo vai terminar e dar lugar a um dever mais sério. E, embora por um só momento não fugisse da tarefa que nos resta, fico extremamente aborrecido de saber que havemos de nos separar.

- Esqueceste caro esposo, de que embora pareçamos estar separados, as nossas almas serão sempre uma. Os nossos vinte anos de puro amor e trabalho desinteressado nos ligaram inseparavelmente em nossas naturezas internas, e desenvolveram as nossas faculdades superiores até que nos achamos agora em condições de cuidar de um trabalho mais nobre. Amamos apenas como as almas puras e desinteressadas podem amar; porém não devemos nos esquecer de nosso dever para com aqueles

que, durante estes anos, nos cobriram com sua amável proteção. Nem havemos de nos esquecer que, na terra, todas as coisas são passageiras. Nada que não seja real pode perdurar. Fomos instruídos na ciência que leva para o eterno, e durante vinte anos gozamos da maior felicidade da terra, a fim de que, com isso, tivéssemos uma pequena percepção de *uma* alegria superior e eterna. Haveremos, agora, de pensar em nosso eu como separado do Todo, renunciar ao nosso abençoado privilégio e negligenciar nossos deveres superiores?

O rosto de minha mãe estava radiante, e um nimbo de luz brilhava ao redor de sua cabeça, enquanto seus olhos cintilavam de admirável beleza.

- Minha querida esposa, respondeu meu pai, representas nobremente os Mestres; falas com a dignidade de caráter dos Vestas; recordai-me de meus deveres. Na verdade, quão incerta é esta existência terrestre! Quando tudo está iluminado, uma nuvem pode surgir. Hoje vivemos na paz, felicidade e amor; amanhã a morte pode trazer a desolação para nosso lar, a fortuna pode mudar, e a riqueza pode ser substituída pela miséria. Efetivamente, pelo nosso compromisso com os Mestres, fomos protegidos carinhosamente por eles; e não havemos de permitir que as alegrias nos desviem do caminho do dever e da felicidade eterna.

- Falastes muito bem, meu esposo; estamos ambos reconfortados, quais são, pois, as notícias que trazes?

- Recebi hoje notícias particulares da França; Santos recebeu sua iniciação e estará aqui, dentro em breve, para me libertar de meus encargos. Será acompanhado de Alvarez, não sei por que motivo; porém, podemos estar certos de que isso é sinal de alguma mudança.

- É verdade, caro esposo, que isso é significativo; porém não digas que é sinal. Esta expressão denota um mal; e podemos estar certos que a presença de um ser elevado não pode designar senão o bem. Porém, se as coisas são assim, estamos no tempo de dar aos nossos filhos instruções mais adiantadas.

- Sim, respondeu meu pai, o conhecimento e a intuição que possuem, agora lhes permitirão compreender; acompanhar-te-ei juntamente com eles, amanhã, num passeio às montanhas, e ali poderemos falar-lhes com franqueza sobre o assunto que mantivemos muito tempo em reserva, e que será de suma importância para a vida deles.

Passaram, então, para outra conversa; e, pouco a pouco eu e minha irmã, cansados de nossos brinquedos, tomamos nossos instrumentos e formamos um concerto.

Na manhã seguinte, a refeição foi preparada para passarmos um dia inteiro na montanha. A expressão triste que havia no rosto de meu pai na noite anterior desaparecera, e ele acompanhou com vivo interesse o nosso passeio. Toda a manhã as nossas ferramentas geológicas romperam o solo, e muitas foram as flores e plantas que analisamos. O cume da montanha estava repleto de conchas do mar, e meu pai aproveitou as perguntas referentes a elas para nos falar do mundo antigo, quando o que agora é terra era o fundo do mar, e o que agora é mar era a sede de grandes e poderosas civilizações, desde muito, perdidas para a história. Após a nossa refeição do meio-dia, e achando-se todos assentados sobre a rocha porfírica que constituía o cume, meu pai pôs-se a falar da forma seguinte:

- Meus filhos, disse enquanto minha mãe se sentava junto a nós, à proporção que crescerdes, se esclarecerá o significado do que tenho a dizer-vos, e como se acha rodeado de um mistério

considerável, que não pode ser atualmente explicado de um modo completo, devo confiar em vosso conhecimento inato para que vos torne clara.

- Vossa mãe e eu somos membros de uma Fraternidade secreta, cujos componentes se comprometem a dedicar suas vidas a trabalhar pela humanidade. Não somente nós, mas também os nossos pais e avós, durante vários séculos, se identificaram com essa Ordem secreta.

Esmeralda e eu prestávamos a máxima atenção, e as palavras de meu pai fascinavam-me estranhamente.

- Esta Fraternidade, prosseguiu, possui muitos graus, que se estendem desde os que trabalham desinteressadamente nas mais humildes fases da vida até os que atingiram as mais altas possibilidades do desenvolvimento humano. Cada grau tem seus deveres e obrigações especiais, e sua mãe e eu pertencemos ao que chamamos o quarto grau. Como membros desse grau e antes que possamos nos elevar ao “Terceiro Grau” temos de preparar, pelo puro amor e os caminhos da virtude e da bondade, duas almas que tomarão nosso lugar no mundo, ao sairmos dele.

- Vós, meus caros filhos, sois a prova de que cumprimos esse dever, e confiamos em que tereis plena capacidade e desejo de executar seu papel quando crescerdes mais. Além desse dever, temos de consagrar, com amor e desinteresse, vinte anos de nossa vida à existência comum do mundo; durante esse tempo nos compete ensinar-vos e educar-vos até estardes em condições de prosseguir por vós mesmos.

- Se cumprirmos fielmente esses deveres, se durante esse tempo todo formos exemplos vivos de pureza e de bondade, adquiriremos o privilégio de nos tornar membros do “Terceiro Grau”, elevando-nos acima da morte, e vivendo na imortalidade do mais puro amor.

- Meus filhos, os nossos vinte anos já estão quase terminados, e a única condição que ainda não está cumprida é a de que estejais preparados para ocupar nosso lugar. Sabemos, pois a nossa vida de estudos não deixou de ser para um fim, que isso é apenas questão de tempo, e que sereis superiores a nós.

- E relatamos estas coisas, meus caros filhos, porque temos razões para crer que, dentro em breve, certas mudanças nos chamarão a novos deveres, que exigirão a ruptura dos laços de amor.

- Para explicar esta aparente crueldade, diremos que, embora o nosso amor tenha sido uma bênção, não pode comparar-se com um amor superior que assinala uma existência mais elevada. E não vos esqueçais meus filhos, que seja o que for que aconteça, se os laços de amor se quebrarem e parecerdes não ter amigos, estarás, por direito de nascimento e adoção da Fraternidade, rodeados de poderes protetores que vencerão qualquer oposição.

- Enquanto passardes uma existência de pureza e bondade, e mantiverdes estritamente no caminho do dever, os Grandes, que se intitulam Protetores, vos livrarão de todo dano.

Grandiosas e nobres foram as palavras com que meu pai prosseguiu neste assunto que parecia dominar sua alma, porém mais sublimes ainda foram as eloqüentes e belas palavras com que minha mãe, depois dele, nos fez a descrição das grandes almas que formavam o “Terceiro Grau”. Traçaram com perfeita confiança as possibilidades que haviam para eles e para nós, seus filhos, e ao terminarem, Esmeralda e eu, apesar de nossa pouca idade, nos enchemos do mesmo entusiasmo que eles.

- E agora, meus filhos, concluiu meu pai, confiamos em que, no futuro, podereis compreender perfeitamente nosso modo de agir; e embora não vos imponhamos nenhum juramento, conserveis em segredo tudo o que vos dissermos até que a autoridade competente vos permita revelá-lo.

A descrição que minha mãe fez dos membros da Fraternidade, do seu grande saber, poderes e admirável beleza, nos encheu do desejo de sermos semelhantes a eles e de conhecer melhor as relações deles com os nossos pais.

Ao cair da tarde, voltamos para casa. Esmeralda e eu caminhávamos na frente, constituindo o único tema de nossa conversa os Irmãos da Fraternidade.

Nada excepcional sucedeu até a quarta-feira seguinte, a noite, que era o tempo regular da reunião no laboratório, a qual, soubemos pelas palavras de nosso pai, era a de uma Loja Maçônica, de que ele era Grande Instrutor.

Naquela tarde, meu pai voltou acompanhado por um estranho.

Era um homem de estatura elevada, corpo ágil, tendo cabelos anelados e castanhos, finas barbas crespas e bigodes da mesma cor. Seus olhos eram azul escuro, muito abertos e de olhar extremamente penetrante. Sua fisionomia era pálida e de contornos um tanto angulares. Seu corpo estava quase completamente envolto num casaco de cor índigo, o qual descia folgadamente de seus ombros até os joelhos. Vestia luvas, que conservava sempre, e falava num tom baixo e abafado que parecia possuir uma força desconhecida, pois, ao ouvi-lo, vimos emitir fagulhas. Observei também que o estranho evitava o contato pessoal com os outros, e, logo que chegou, se dirigiu para o laboratório, donde não mais saiu, nem mesmo para as refeições, que eram preparadas especialmente por minha mãe e levadas pessoalmente.

À chegada daquele estranho, minha mãe se dirigiu a nós e nos disse que ela e nosso pai tinham um trabalho difícil a executar naquela noite e que não devíamos ficar assustados se não descessem até a tarde do dia seguinte. Então, beijando-nos, se despediu de nós, subiu ao laboratório, meu pai ficando em nossa companhia até a hora usual. Pelas oito da noite, chegaram os visitantes semanais, porém o fizeram, desta vez, todos juntos, sob a direção de outro estranho. Esmeralda e eu ficamos em companhia de Juanita, a criada, e meu pai seguiu com os outros para o laboratório.

Quando fui para o leito, os mistérios dos últimos dias começaram a preocupar-me, e foi somente depois de passar grande parte da noite inquieto é que adormeci.

Sono, estranho mistério, quem sabe o significado e os admiráveis poderes que encontram em ti sua plena atividade? Tendo-me adormecido, sonhei que era levado para muito longe, a um país montanhoso, onde, sobre o lado íngreme e rochoso de uma planície, rodeada por montanhas de neve havia uma construção que parecia ser mosteiro. Em seguida, pelas maravilhosas transformações que caracterizam os sonhos, encontrei-me no interior de um vestibulo, circundado de colunas ciclópicas e repleto de sacerdotes vestidos de branco. Num grande cubo branco que servia de trono, num dos lados do vestibulo, achava-se assentada uma figura sobre uma cadeira de pérola ou marfim. Sua cabeça estava descoberta e possuía longos cabelos louros; seu rosto era de jovem e seus olhos meigos e de cor azul. Enquanto o olhava, sua forma circundou-se de uma atmosfera luminosa, e fitando-o mais intensamente, notei que sua forma era transparente como cristal, uma luz áurea emanando através de seu vestuário azul claro de gaze, que o envolvia. Sua fisionomia mudou-se, e, de branda e bondosa que era antes, fez-se carrancuda e terrível; uma luz viva partia de seus olhos e cintilações violetas encheram a atmosfera circundante. Fitando o cenário com espanto e admiração, vi a multidão de pessoas vestidas de branco afastar-se, e doze figuras, transparentes, porém, não

áureas como a primeira, vestidas de gaze amarela, aproximarem-se e se colocarem em círculo ao redor do trono. Notei, então, pela primeira vez, um zodíaco de ouro no solo de mármore branco, ao redor do trono e cada figura ocupava um signo. O pátio transparecia com uma luz radiante, sem fonte aparente, e vede, agora doze figuras, vestidas de índigo, traziam outra figura vestida da mesma forma. Uma belíssima luz da alvura da pérola brilhava através de suas dobras transparentes e, ao fitá-la, oh, maravilha! Reconheci minha mãe. Na sua frente larga e nobre, da cor do marfim, havia uma estrela áurea, de cinco pontas, emitindo uma grande luz. Oh, como seu rosto era belo! Como a sua fisionomia era calma e imponente! Os doze que a conduziam separaram-se na frente, ficando seis de cada lado, de modo a formar um triângulo ao redor dela. Ela adianta-se. Uma nuvem passou, então, sobre a cena e adormeci profundamente, sem mais sonhar. Oh alma, liberta das cadeias da matéria! Onde vagastes durante esse sono?

Na manhã seguinte, soube por Juanita que, depois de estarem reunidos a noite toda, todos se haviam retirado antes do amanhecer, com exceção do misterioso estranho, que ainda se achava no laboratório, em companhia de meu pai e de minha mãe.

- E murmurou a criada, com uma expressão de susto - O pátio estava cheio de espíritos e fantasmas durante a noite, pois, quando saí para ir à minha casa, a lua cheia, alumando o pátio, mostrou-me cheio de brancas figuras.

Nada disse em resposta, porém não pude deixar de relacionar sua estranha afirmação com o meu sonho, e tomei a decisão de fazer perguntas à minha mãe a respeito disso.

Soaram nove horas e meu pai desceu, tendo o rosto muito pálido e abatido.

Chegamos ao meio-dia; meu pai tomou uma ligeira refeição em nossa companhia, mas, em resposta às nossas perguntas, disse apenas:

- Vossa mãe descerá mais tarde.

Soaram três horas da tarde, e afinal, minha mãe apareceu. Oh, quão belo era o seu rosto, alvíssimo como uma pérola e irradiante de amor divino. Aproximou-se de nós, e quando me beijou, seu contato fez estremecer todo o meu ser. Meu coração estava repleto de alegria; nunca me senti tão feliz.

Em resposta às nossas perguntas, disse que o estranho era um grande Mestre, e que, com seu auxílio, fora muito longe e vira muitos mistérios da vida superior. Quando lhe relatei meu sonho, sorriu e, beijando-me, disse:

- Meu amado filho e irmão, és mais sábio do que pensas, e saberás um dia, mais completamente, o significado dessa visão.

O estranho não apareceu até o anoitecer, apresentando-se, então, no vestíbulo, onde estávamos assentados, e, pondo-se diante de mim, disse algumas palavras estranhas, que produziram um efeito admirável.

Uma nuvem branca formou-se diante de meus olhos; esse vapor brando rapidamente tomou forma e um panorama se estendeu na minha frente. Vi uma grande extensão de água, rodeada por montanhas e contendo muitas ilhas; um firmamento azul-claro repleto de montes flutuantes de nuvens brancas se refletia em sua superfície tranqüila; apareceu, então, uma grande frota de embarcações cheias de homens armados e a terra também apresentava uma massa escura de guerreiros armados. Não sei

como, me parecia reconhecer a cena, e as palavras Xerxes, Pérsia e Grécia formavam-se na minha mente. Aquelas nuvens tomaram, então, novas formas, e avistei uma planície coberta de multidões de homens de rosto escuro, com seus turbantes, espadas curtas e curvas, montados em ginetes árabes. Em frente desse exército havia outro, constituído por homens de estatura gigantesca, cabelos compridos e louros, armados de grandes achas de armas e vestidos de malhas de aço. Vi as hostes dos primeiros avançarem com grande gritaria. Os dois exércitos se encontraram num combate tumultuoso e feroz e vi escritas as palavras: Martel, Poitiers. Então a nuvem desapareceu, e ouvi o estranho dizer:

- Irmão de ontem e de amanhã, a essa carreira está fixada.

Voltando-se, então, para Esmeralda, fitou-a intensa e longamente. Ela tomou uma atitude firme, seus olhos adquiriram uma expressão de estarem olhando para muito longe; porém, não vi nuvem alguma.

Disse o Mestre:

- Irmãzinha do Oriente, vestida na forma ocidental, tu também voltarás.

Ele fez um movimento com as mãos, e ela voltou ao natural, com uma expressão de surpresa, dirigindo um olhar interrogativo para mim.

Esses estranhos fenômenos tinham durado apenas alguns momentos, e meus pais tinham sido testemunhas silenciosas dos mesmos.

Tendo-se afastado um pouco de Esmeralda, o estranho voltou-se, e fazendo um gesto especial de despedida, retirou-se.

Fizemos uma série de perguntas a nossos pais, porém eles não tinham visto as nuvens e as cenas, como nós. Apenas tinham observado nosso olhar fixo e ouvido as palavras do estranho, que nos disseram ser um grande adepto, chamado Alvarez; que possuía os mais admiráveis poderes, que pertencem aos homens superiores, entre os quais o de fazer lembrar temporariamente aos outros suas existências passadas.

- Com efeito, disse meu pai, a alma é eterna e incriada, e passa de uma existência para outra, de um país para outro. Não há dúvida de que o que vistes foram cenas dessa existência passada, e se entrardes na Fraternidade e passardes pelos seus graus superiores, o vasto conhecimento que se achava oculto em vossas almas e foste adquirido nas muitas vidas passadas vos será revelado e se tornará parte dessa consciência. Esse é, na realidade, o segredo do conhecimento dos Mestres de que, amiúde, falamos, e estará ao seu alcance se vos fizerdes como eles, pois são apenas homens que passaram a planos superiores de existência.

- Sim meus filhos, acrescentou minha mãe, sois seres espirituais residentes em corpos, durante algum tempo. Quando tiverdes purificado, treinado e aperfeiçoado seus corpos e feito deles instrumentos apropriados para a manifestação do espírito, adquirireis todo conhecimento, porque o espírito é, no ente humano, o que conhece.

Podeis, assim, imaginar qual foi a minha primeira educação. Desde a infância, a minha existência foi cheia de mistérios; e, aos catorze anos de idade, tinha formado um ideal dos homens perfeitos, chamados Mestres, semelhantes aos quais desejava ser. Isto ajudará a explicar por que é que minha vida foi diferente da maioria dos homens. Estes ensinamentos místicos de meus pais, assim como também

a estranha experiência que Alvarez me fez passar, fizeram que a Fraternidade fosse objeto de meus constantes pensamentos. A presença do adepto Alvarez, evidentemente, tinha produzido uma mudança, pois na quarta-feira seguinte não houve reunião na loja. Em resposta às nossas perguntas, meu pai disse que tinha cumprido seu dever e que seu cargo havia sido passado a outros.

CAPÍTULO II

A RUPTURA DOS LAÇOS FAMILIARES

Duas semanas depois da partida do adepto Alvarez, meu pai entrou no vestíbulo trazendo uma carta, que apresentou à minha mãe, tomando uma cadeira ao lado dela, junto à fonte. Tendo-a aberto e lido, ela deu-a a meu pai, chamando ao mesmo tempo, Esmeralda e eu para sentarmos-nos ao lado dela.

- Ferda, disse, enquanto meu pai deixava a carta e nos aproximávamos -, tudo é para um bem maior, e não devemos dar sinais de fraqueza.

Voltando-se, então, para nós, disse:

- Caros filhos, vivemos juntos e felizes durante muito tempo, porém chegou a época em que havemos de nos separar. Afonso, Esmeralda e eu partiremos no primeiro vapor para Paris. Fui chamada para lá com o fim de cumprir um dever e levarei Esmeralda comigo para que possa completar os seus estudos. Tendes muita coisa a aprender, que teu pai pode ensinar-te melhor, e quando estiveres suficientemente adiantado e preparado para ensinos superiores que ele pode dar-te, também irás para Paris e novamente estaremos juntos. Agora meus filhos, vamos realizar o nosso concerto familiar pela última vez, pois soube que o “Altata” parte de Vera Cruz depois de amanhã, e tua irmã e eu temos de tomar esse navio.

Meu pai concordou com tudo o que minha mãe disse, e eu, tendo plena confiança na sabedoria superior de meus pais, aceitei de boa vontade as coisas como se apresentavam. Entretanto, não foi sem um sentimento de tristeza que Esmeralda e eu fomos buscar nossos instrumentos, e nos acariciamos ternamente pelo caminho.

- O que mamãe disse é para nosso maior bem caro irmão, disse ela, e enquanto aprendes a ser um grande médico, eu me tornarei uma grande artista, e nos encontraremos novamente em Paris e seremos ainda mais felizes por causa de nossa separação. Com efeito, se estivéssemos sempre juntos, não compreenderíamos o sofrimento que resulta da separação; e, sem dúvida alguma, depois de estarmos algum tempo afastados, nos amaremos mais profundamente ao nos reunirmos novamente. Observai quanto nossos pais se amam, e suportam as coisas com calma. Devemos também ser como eles, fortes e corajosos; e com o tempo nos faremos membros da Grande Fraternidade.

- Sabes, meu irmão, que creio que a chamada repentina de nossa mãe a Paris tem alguma coisa com essa grande Fraternidade de que tanto falaram?

- Que é que pensas, minha irmã? - perguntei.

- Então! Penso que nossa mãe está adiantada, e é muito superior ao que sabemos ou julgamos. Efetivamente, julgo que não conhecemos perfeitamente nossos pais. Creio que ambos ocupam altos postos. E creio meu irmão, que quando o grande adepto Alvarez aqui esteve, notou que nossa mãe está adiantada, e agora mandou chamá-la. Manteremos sempre nossa correspondência, e me

relatarás tudo o que suceder com nosso pai, assim como e contarei tudo o que acontecer com a nossa mãe.

Tínhamos voltado ao vestíbulo, onde se achavam nossos pais, e iniciamos o nosso concerto que durou até altas horas da noite.

Meu pai e eu tocávamos violino e minha irmã e minha mãe harpa e flauta.

Como nos fora anunciado, não houve demora; e nossos pais, tomando as coisas com calma e atitude sistemática, estavam prontos para a partida no dia seguinte.

Tomamos o trem para Vera Cruz, onde minha mãe e minha irmã tomaram passagem no “Altata”, que as levaria para Nova York, em sua viagem para a França.

Meu pai já tinha dominado inteiramente as suas emoções, porém notei que seus olhos estavam rasos de lágrimas e ouvi soluçar ao beijar sua querida esposa e sua filha, no momento da despedida.

Agarrei-me ao pescoço de minha mãe e de minha irmã, permanecendo assim até a ordem de partida, despedindo-me, então, com um triste *Adeus*, e entrando, em companhia de meu pai, num bote, para voltar à praia.

Minha mãe parecia possuir uma calma admirável, e este fato indubitavelmente fortalecia meu pai. Isso não se dava por falta de amor por parte dela, mas sim por causa de seu grande domínio das próprias emoções e sentimentos. É apenas agora, depois de muitos anos de esforço, trabalho e experiência que começo a compreender a natureza superior de minha mãe. É somente agora, que compreendo o significado completa desta separação e que posso apreciar a força de caráter de meu pai. Era verdadeiramente grande seu amor ao dever para sacrificarem uma existência de felicidade ao trabalho em prol da humanidade.

Meu pai e eu voltamos à terra, e ficamos a observar o casco negro do “Altata”, que se fazia cada vez menor nas águas do golfo.

Uma extensa nuvem de fumaça negra saía da chaminé do navio, fazendo círculos ao redor das nuvens azuis, que não davam sinais da tempestade vindoura. Os pássaros gorjeavam nas árvores e a atmosfera estava repleta dos zumbidos dos insetos em atividade. As plantas e árvores de variegadas cores, refrescadas pelo orvalho matinal, davam a tudo um belo aspecto, e a alegria da natureza parecia querer contrariar a nossa tristeza.

Naquele dia pernoitamos numa fazenda, residência de Dom Ignácio Martinez, grande cientista e médico da localidade, que era um dos estudantes do ocultismo e amigo particular de meu pai.

Ao saber da partida de minha mãe e de minha irmã, abanou gravemente a cabeça e disse:

- Senhor Colono, não desejaria causar-te temores e aborrecimentos desnecessários, mas debes ter deixado de examinar teu tema astrológico antes de se decidir a agir dessa forma.

- É verdade, Dom Ignácio respondeu meu pai. Já faz alguns dias que não observei os aspectos planetários, embora na minha prática médica nunca o tenha deixado de fazer, pois considero as influências e as substancias que são simbolizadas sob os nomes dos planetas como sendo muito intimamente relacionadas com as moléstias. Como Hipócrates, considero a astrologia em seu

verdadeiro sentido como o fundamento real de toda a terapêutica. Porém, Dom Ignácio, quais são as indicações?

Em resposta, Dom Ignácio nos levou para seu gabinete de estudos, onde chamou nossa atenção para um grande globo celeste feito de material transparente, no qual as constelações se achavam indicadas a cores; dentro dele e em condições de poder ser colocado de diversas formas, se achava o sistema solar, com o sol no centro.

- Observareis - disse-nos - que os planetas indicam uma tempestade, e isso no mar; Saturno e Urano, ambos planetas maléficos estão em conjunção, e a Lua, Vênus e Marte estão no mesmo signo, o signo que governa o golfo. Isso é mau; e embora espere que nada de mal aconteça, prevejo uma grande mudança.

Meu pai, evidentemente compreendeu as observações de Dom Ignácio, e concordou com ele nas suas conclusões; porém, em resposta, disse simplesmente que obedecia a ordens e só podia acreditar que tudo iria bem.

Tinha escutado atentamente, e, embora tivesse alguma confiança na astrologia, ao olhar para o claro firmamento azul, julguei que, desta vez, a sua sabedoria se enganara.

As minhas conclusões, porém, foram erradas, pois, poucas horas depois, com uma rapidez quase incrível, o firmamento se tornou coberto de negras nuvens, de aparência ameaçadora. Levantou-se uma ventania e a escuridão da noite tomou lugar do dia.

Em seguida, veio um rápido tufão, uma chuva rápida e curta, e tudo se acalmou - terrível calma - opressiva em seu silêncio. Daí a pouco surgia a tempestade - terribilíssima tempestade. Rugia o vento e as árvores estalavam, impelidas pela espantosa força do vento. Os próprios esteios da casa estalavam e se estremeciam por baixo do telhado. O firmamento parecia um holocausto de fogo, e os trovões pareciam disputar com os ventos sobre quem espalharia maior terror.

Dentro de uma hora tudo cessou. Entretanto, uma hora somente, meu Deus! Que devastação produzira! Que mudanças se haviam realizado! Durante a tempestade meu pai esteve assentado, conservando uma expressão vaga e abstrata, e terminada esta, notei que se havia operado uma mudança em sua fisionomia. Não havia mais aquele sorriso feliz, de outrora, mas sim uma tristeza profunda e inexplicável.

- Caro irmão, disse Dom Ignácio, tomando as mãos de meu pai, compreendo os seus sentimentos e daria todas as forças de que pudesse dispor nesta hora de dúvidas e lutas. Parece impossível que o vapor possa ter resistido à tempestade, porém tudo o que acontece é para o bem. Não podemos lamentar o que alguns chamam a morte, pois sabemos que, para ela, seria apenas o começo e nova vida.

- Perdeste-a nesta vida, porém, essa perda é ganho para ela. E ao relembrarmos os fatos como realmente são, é também ganho para ti, pois, embora a tenhas perdido no visível, ela estará constantemente presente no invisível; e o que parece ser separação é, realmente, uma união mais íntima. Lembra-te também, meu irmão, que agiste de acordo com as ordens dos Mestres, e eles sabem mais do que nós.

- E ao considerarmos o fato a esta luz, devemos lembrar-nos de que, se tivesse ainda deveres a cumprir neste mundo, seria guardada por aqueles contra os quais nem esta tempestade poderia prevalecer.

As palavras de Dom Ignácio tiveram o poder de animar meu pai, que lhe apertou a mão e disse: Caro irmão, falaste a verdade; amei a minha mulher a tal ponto que esse amor se tornou egoísta, e, sem dúvida, isso sucedeu para me fazer lembrar meu dever e dirigir meu amor para os seres humanos. Serei forte e nunca me esquecerei do meu trabalho real como homem. Obedeci às ordens dos Mestres; tenho plena confiança em sua sabedoria superior, e de agora em diante dedicarei minha vida à humanidade e à verdade.

Ao acabar de falar, meu pai levantou-se, tendo uma completa expressão de domínio próprio; e suas feições tristes desapareceram para dar lugar a uma expressão de calma e nobreza.

- Meu filho, Afonso, lembra-te das palavras que foram ditas aqui, disse voltando-se para mim. Imprimi-as bem no teu coração e em tua mente. Tua mãe não morreu. A morte não existe. Pelo processo assim denominado, passamos da prisão das formas carnis para a luz e o amor universal.

- É muito provável que tua carinhosa mãe e também tua irmã tenham passado do nosso plano de vida para planos superiores de alegria e trabalho. Devemos continuar nossas obras aqui e alcançar o direito de nos reunirmos a elas na fraternidade superior do amor. Queres seguir-me nesse grande esforço? Queres reunir-te a mim nos esforços para conseguir esse fim?

Pareceu-me ser penetrado pela força de meu pai, uma nova vida pulsava através de mim, e uma voz interior dizia-me: Para frente! Para frente!

Com uma determinação e entusiasmo que não manifestara até então, respondi-lhe:

- Sim.

Meu pai beijou-me, e Dom Ignácio, pegando-me pela mão, disse:

- És um filho muito digno e estas destinado a uma grande obra; alcançarás grande sabedoria e irás muito longe. Acompanha teu pai; estuda bem; ele tem grande competência para ensinar. Sede puro, bondoso e amai profundamente os homens, e seu triunfo será determinado e seguro.

Ficamos ainda um dia em companhia de Dom Ignácio. Os jornais que deram a notícia da tempestade disseram que atingiu toda a costa e o golfo; todos os barcos que se achavam nos arredores teriam indubitavelmente, submergidos.

Seguia-se uma lista dos passageiros do “Altata”; e depois da Sra. Nina Colono e sua filha, falava-se de dois homens desconhecidos que tinham embarcado no momento de levantar âncora, não tendo ainda seus nomes sido registrados.

No dia seguinte, meu pai e eu voltamos para a cidade, e desde então, me tornei seu companheiro quase constante. O antigo laboratório foi aberto, e segui um curso completo de química, tendo também sido objeto de minhas investigações a medicina. Meu pai se tornou mais assíduo ainda em sua preocupação com os doentes, e eu o acompanhei nas suas visitas, escutando as suas observações durante as viagens. Com o passar do tempo e o aumento dos meus conhecimentos, ele falava com menos reserva, e, pedindo-me segredo, falou-me muito das teorias ocultas da medicina. Delineou extensamente a ciência dos assinalamentos e das correspondências e falou-me de um modo mais completo de seus estudos em Paris.

Minha mãe e minha irmã não foram banidas de nossa conversa e de nossos pensamentos; falávamos delas amiúde, e embora fosse com tristeza, dominávamos nossos sentimentos e não perdíamos tempo em lastimar inutilmente o passado.

Falando, certo dia, do seu êxito na medicina, meu pai disse-me:

- Não trato as moléstias como muitos supõem, e meu êxito não provém dos títulos que acompanham meu nome, nem do diploma que possuo de uma das mais célebres escolas do mundo, mas sim do conhecimento que adquiri em certas escolas secretas, nas quais estudei quando estive em Paris.

- Essas escolas, prosseguiu, embora desconhecidas ao público, existiram desde o tempo de Mesmer e St. Germain, que ensinaram muito mais do que se lhes atribui da parte de um público mal informado. Essas escolas são muito bem guardadas e somente os que o merecem podem ser admitidos, pois o conhecimento que revelam seria um terrível poder para o mal, nas mãos de pessoas egoístas e maliciosas. Espero, meu filho, que obtenha admissão a essa escola quando tiveres a idade conveniente, não sendo permitida a entrada de ninguém antes de vinte e um anos.

- Até lá, deves tirar o diploma de médico regular, pois, nesta época de conhecimento superficial e excessiva formalidade, não poderá exercer abertamente como deverias fazê-lo. Por isso, deves abrigar seu saber sob o título de formatura, como faço.

- Muitas são as curas que realizei sob o abrigo do título que possuo, as quais foram feitas por meios que, se fossem conhecidos, seriam considerados supersticiosos e me fariam chamar de charlatão.

Quando lhe perguntei se essa escola secreta tinha qualquer relação com a grande Fraternidade, respondeu-me que formava uma parte de uma seção semi-esotérica, e que todos os membros do quarto grau enviavam seus filhos para lá, a fim de aproveitarem ao mesmo tempo das escolas esotéricas e exotéricas.

- Lembra-te, meu filho, de que os membros do quarto grau devem procurar o poder e a influência no mundo; não para seus fins egoístas, mas para poderem ser, assim, instrumentos mais poderosos do bem. Cada candidato deve ser mestre nas três grandes profissões: medicina, direito e arte. Isso te será explicado melhor, na ocasião oportuna.

- Foi mamãe e são as mulheres admitidas nessa escola? - perguntei.

- Tua mãe era membro dela e as mulheres são admitidas; porém, embora estejam isentas do exercício profissional, se desejarem podem fazer todos os exames, da mesma forma que os homens.

- Tua mãe tinha um alto título em arte e música, possuía uma grande capacidade na preparação de remédios e no diagnóstico das moléstias, e foi minha constante conselheira nos casos difíceis. Ao mesmo tempo, conhecia as leis de todas as nações, os princípios de governo e poucos a igualavam no conhecimento do aspecto filosófico do direito. Lembra-te também, Afonso, que foi lá que encontrei tua mãe; e para explicar as nossas naturezas notavelmente simpáticas, direi que todos os membros do quarto grau da Fraternidade enviam um filho e uma filha para essa escola, e essa prática foi seguida pelos nossos irmãos durante vários séculos no passado, em qualquer lugar em que se achasse a escola. O conhecimento das leis da geração ensinadas nessa escola permite aos que estudam nela encontrarem companheiros convenientes para seu lar, cada casal vindo a produzir um filho e uma filha; e assim a organização continua, embora os membros mais idosos passem para os graus superiores, nos quais é desconhecido o casamento. Em minha companhia, estava minha única irmã, que se casou com um irmão da Fraternidade, não tendo mais notícias deles faz vinte anos.

- Assim, também tua mãe tinha um irmão, que não se casou, mas seguiu um caminho excepcional e se elevou muito. A esse respeito, não posso dizer mais nada, porém, espero que, quando fores à Paris, encontrarás, como eu, uma alma em corpo feminino que corresponda à tua e seja digna de teu amor.

- Porém, - repliquei-lhe, pensando em minha irmã, - como são preenchidas as vagas quando alguém morre?

- Isso, meu filho, pertence aos segredos da iniciação, que não posso dar-te; é suficiente dizer que existem conselhos que regulam esses assuntos. E, além dos que podem tornar-se membros por direito de nascimento, existem os que o conseguem por adoção.

Passaram-se, assim, sete anos, em que estudei constantemente sob a direção de meu pai. Nada mais se ouvia dizer sobre o “Altata”, desde o dia daquela tempestade desastrosa. Nada mais soubemos sobre minha mãe. Sempre que eu me referia ao assunto, meu pai persistia em afirmar que ainda vivia, e chegou a dar-me a explicação de que ela havia sido iniciada no “Terceiro Grau”, cujos membros são superiores à morte e vivem na imortalidade.

- Porém, se isso é verdade, - perguntei - porque é que não recebemos nada da parte dela?

- Meu filho, não compreende, - respondeu solenemente. - os que pertencem ao “Terceiro Grau” desconhecem os laços de família. Nenhum indivíduo pode pretender o amor deles como simples indivíduos, porque seu amor é ilimitado e universal, pertencendo a toda a humanidade.

Eu tinha, então, vinte e um anos de idade e estava bastante adiantado na medicina e na ciência.

Meu amor ao saber tinha se tornado quase insaciável; mas, apesar de minha intensa aplicação ao estudo, não me foi permitido negligenciar as exigências da vida social.

- Enquanto teu campo de ação se achar no mundo social, - dissera meu pai, - debes conhecer suas formalidades e costumes. E não é necessário que cortes tuas relações com os teus companheiros para prosseguir em teus estudos, devendo fazê-lo apenas com essa farsa estéril, que é a sociedade sem mentalidade, onde a vaidade, a frivolidade e a moda se apoderaram do coração, e as formalidades encobrem as fraquezas da alma.

Essa minha participação no mundo social produziu bons resultados: pus-me a analisar seus chamados prazeres, achando-os ilusórios e desagradáveis.

Embora tomasse parte neles como simples formalidade, o desejo de conhecer e de resolver, até certo ponto, os mistérios do universo se tornaram a minha única ambição. Certo dia, ao voltarmos para casa encontramos um visitante que, à primeira vista, pelo seu vestuário, me pareceu Alvarez, de quem ainda me lembrava; logo, porém, notei que era outro, tendo o mesmo tipo de vestuário, mas de cor preta e não azul como o daquele.

Ao contrário de Alvarez, cumprimentou meu pai com um cordial aperto de mão, e quando este me apresentou como sendo o Sr. Garcia, de Paris, logo encetou uma agradável conversa.

Passou-se um mês, e o Sr. Garcia, estando quase constantemente em minha companhia, havia se tornado amigo íntimo. Nessa ocasião, meu pai, numa extensa conversa sobre assuntos ocultos me informou que o Sr. Garcia era um estudante da escola secreta de Paris, e voltaria para lá dentro de

poucos dias; e eu, que já estava na idade, iria com ele procurar obter entrada nessa escola, para que pudesse ter mais luz nos meus estudos, aprendendo segredos que não lhe era permitido revelar.

Lembra-te - disse meu pai - que embora como filho de um membro mais velho, tenha mais consideração como candidato; só poderá entrar de acordo com o teu mérito, e terás de passar por várias provas e exames antes de poderes ser admitido como membro verdadeiro, mesmo nos graus inferiores.

Chegando o dia da partida de Garcia, meu pai levou-me ao seu gabinete, a fim de dar-me seus conselhos de despedida.

- Afonso, - disse, depois de ter falado extensamente sobre a grandeza da fraternidade e do amor, e descrito a organização que procurava torná-los universais, - o Sr. Garcia é um membro adiantado da Escola Secreta de Medicina e merece essa inteira confiança. Vem com credenciais de irmãos superiores, e te deixará em mãos bondosas e dignas de confiança.

- Lembra-te do que te disse sobre os estudantes dessa escola. Somente os puros e os bons são admitidos, e para todos os outros a sua existência é desconhecida; somente os escolhidos podem encontrá-la. É privilégio teu te encontrares entre aqueles que podem colocar-te sob os benefícios dela. Respeitai este privilégio, e mantém o mais completo segredo em relação a tudo o que se refere a ela. Tomai cuidados com os esplendores do mundo e evitai todos os amores e loucuras sentimentais. Que teu amor seja puro, forte e ilimitado por tudo o que é bom e verdadeiro. Em relação ao sexo oposto, não te cases, a não ser que encontres uma alma inteiramente simpática à tua e uma mentalidade dedicada ao mesmo grande objetivo. Em primeiro lugar, procurai ser admitido nessa escola, pois é ali que encontrarás aqueles cujo coração e mentalidades se acham em harmonia com os teus. Ali, entre as irmãs da fraternidade, sem dúvida, encontrarás alguma que seja digna de teu amor e mais apta a ajudar-te em teu progresso. Escolhei-a para tua companheira de estudos, dedicai-lhe um amor puro e santo e, quando o saber te permitir aparecer novamente ao mundo, casa-te com ela e cumpri os teus deveres para com os teus irmãos e o mundo. Lembra-te sempre de que esta vida é apenas uma preparação necessária para uma existência superior, e nunca permitais que os elevados prazeres desse período sumamente feliz te desviem do caminho do dever final. O amor puro a tua esposa e aos teus filhos aumentará a chama que há em teu coração. A devoção pura desenvolverá o espírito que reside no mais íntimo de teu ser, e levará a maiores belezas e alturas no amor.

- Meu filho, aprenda a amar, porque se não o aprender neste mundo, não poderá aprendê-lo no além.

- Que a tua alma toda se arrebate pela divina chama; porém, nem um só momento permita que se manche com um mau pensamento ou se perca na separação egoísta.

- Amai tua esposa, para poderes amar melhor o gênero humano; amai teus filhos, para que possa amar melhor todos os filhos de Deus, e então o amor universal iluminará tua mente e alma, dando-te a sabedoria.

- E agora, meu filho, sede forte e corajoso; sede sincero e paciente, e trabalhai sempre para o bem. Adeus! Poderemos não nos encontrar mais na terra! Adeus!

Meu pai falou num tom muito amoroso e terno, e uma espécie de nimbo, como o que circundava minha mãe quando assim falava, brilhava ao redor de sua cabeça.

As suas palavras tiveram um estranho poder para fortalecer-me, e, embora o meu amor para com ele fosse tão forte como deve ser o de um filho para com seu pai, dominei meus sentimentos, e reprimindo as lágrimas, dei-lhe o meu adeus e parti com o Sr. Garcia para a França.

CAPÍTULO III

A PRINCESA LUISA

Atravessamos o Atlântico, chegamos a Liverpool, e tomamos o trem para Londres, sem incidente digno de nota.

Garcia era um companheiro interessantíssimo e possuidor de extensos conhecimentos e boas informações sobre as coisas do mundo.

Como que para estimular as minhas aspirações, falava muito da misteriosa Fraternidade a que ele e meus pais pertenciam.

Relatou muitos fatos sobre a grande sabedoria e os admiráveis poderes dos membros dos graus superiores.

Nada me interessava mais do que isso, pois tinha me tornado inteiramente imbuído de idéias ocultas e decidira fazer tudo o que estivesse ao meu alcance para aprender e conhecer os mistérios do lado secreto da natureza.

Entretanto, observei, que como os meus pais, que todas as informações que me dava se mantinham estritamente dentro de certos limites, que nunca ultrapassava, mudando sempre de conversa, quando o perseguia a tal ponto. Em Londres, permanecemos três dias, e então sucedeu um acontecimento que aumentou o mistério que me rodeava.

Garcia conhecia muito bem todas as ruas, e levava-me a dar um passeio pela cidade. Na tarde do segundo dia, estávamos caminhando nas vizinhanças da Praça Trafalgar, quando uma perturbação repentina atraiu nossa atenção.

- São uns animais que se assustaram! - exclamou. E com a retirada da multidão, pude ver uma carruagem real puxada por dois fegosos corcéis negros que corriam a toda brida através da rua.

- Meu Deus! - gritavam centenas de vozes. - A Princesa Luísa, a filha predileta da Rainha! Ela vai ser despedaçada. Dai passagem! Não os toqueis! Meu Deus, que coragem! Como ela os segura!

Pálida como a morte, uma bela mulher, com os pés ligados, segurou as rédeas com toda a sua força e, com uma admirável presença de espírito, conservou os animais assustados no meio da rua. Porém, a força dela não bastava para retê-los na fúria com que batiam as ferraduras de suas patas, tirando fagulhas do granito que cobria a rua.

- Ninguém será capaz de fazê-los parar? Meu Deus! Vão direto para o monumento! Que horror! É a morte!

Nesse momento, um homem de alta estatura, vestido com um casaco, precipitou-se dentre a multidão apavorada e postou-se justamente diante dos cavalos assustados. Notei que um tremor perpassou pela mão de meu companheiro e um grito abafado saiu-lhe dos lábios. Ao mesmo tempo, uma sensação estranha e viva percorreu meu corpo e meu coração pulsou violentamente.

- Afasta-te! - gritaram muitos. - Nenhuma força humana pode salvá-la. Será tua morte! Cuidado! Homem louco...

Os cavalos e a carruagem se aproximavam, com toda a violência, do ousado que, calmo e ereto, se postara no caminho. Esmaga-lo-ão com suas patas ferradas? Já o esmagaram... Não. Rápido como o pensamento, colocou-se de lado, e uma espécie de cerração envolveu a carruagem e os cavalos. Ela desapareceu. Que estranho e admirável mistério! Os fogosos corcéis tinham mudado, e, todos trêmulos, seguravam o passo para parar, o que conseguiram ao chegarem quase diante do monumento. O misterioso estranho, que havia acompanhado a carruagem, colocou-se ao lado da Princesa, que se encontrava sem sentidos e, antes que a multidão pudesse compreender o que havia acontecido, pegou nas rédeas e tomou uma rua lateral.

Não fiquei menos espantado do que os outros, ficando sem poder falar e achando-me sob uma sensação estranha. Quando a multidão começou a voltar à realidade, Garcia tomou-me as mãos e apressou-se a sair dali.

- Que significa isto? - perguntei. - Ainda estamos no tempo dos milagres?

- Milagres? - respondeu. - Não existem milagres; porém, esse fato designa muita coisa.

- Que é?

- Que aquele homem era um adepto - murmurou Garcia - e como a senhora era a filha predileta da Rainha, podemos esperar grandes mudanças nos círculos governamentais. Os Mestres fazem tudo o que podem para ajudar a evolução do mundo, e, agindo por meio de instrumentos humanos, aproveitam todas as oportunidades para a realização desse fim. É somente nas ocasiões mais excepcionais que empregariam os poderes necessários para isso.

Em resposta a outras perguntas minhas, disse:

- Esperai os resultados e as minhas explicações e serão mais inteligíveis.

Na manhã seguinte, partimos para a França. Ao tomarmos o carro, comprei um jornal; e nele se encontrava, na página da frente, em tipos grandes, o seguinte:

“Estranho e milagroso salvamento! Princesa Luisa, salva da mais terrível morte por algum mistério mágico”.

“A Princesa Luisa que, como todos sabem, é habilíssima em guiar animais e servir-se das rédeas, ao realizar seu costumeiro passeio da tarde, na sua carruagem, tirado por dois cavalos fogosos, perdeu as rédeas, em consequência de se terem assustado por causa de uma explosão acidental na rua”.

“Com seu natural sangue-frio e presença de espírito, ela manteve os bravos animais na linha, porém não teve forças suficientes para segurá-los”.

“Correram assim pela rua com crescente rapidez e violência. As pesadas ferraduras esmagariam qualquer pessoa, e a única esperança estava em manter o caminho livre. Parecia que tudo estava perdido e que a morte era inevitável, quando se notou que tinham tomado a direção do monumento, no centro da praça”.

“Ao ver o perigo, a multidão deu um grito de horror; muitas mulheres perderam os sentidos e os homens voltaram-se para o outro lado, a fim de não ver a terrível cena, quando um homem alto e desconhecido tendo um longo casaco de cor índigo, adiantou-se e colocou-se na frente dos animais e, com uma calma que o fez considerar louco, esperou a aproximação deles. Duas mortes pareciam inevitáveis, porém quando os animais chegaram, deu um passo para o lado, e, por algum estranho mistério mágico, que ignoramos, cobriu a carruagem e os animais com um vapor branco, que, de um modo ainda mais estranho, pareceu mudar toda a disposição dos animais, e fazê-los estremecer de terror, levou-os a parar justamente em frente do monumento”.

“Antes que a multidão se restabelecesse do seu espanto, o misterioso estranho colocou-se ao lado da Princesa, que se achava sem sentidos e, tomando as rédeas, fez os animais entrarem por uma rua lateral, e desapareceu”.

“Não se pode saber quem era esse homem. Não se achava em companhia da Princesa, quando ela chegou ao palácio, e a Princesa não quer falar, nem admite entrevistas. A Rainha também mantém silêncio, e parece que a identidade dele permanecerá no mistério. Porém, a admirável natureza do acontecimento assim como o fato conhecido de que a Princesa tem profundo interesse pelos estudos ocultos, levou-nos a investigar nessa direção”.

“Um repórter se dirigiu a Hager, o célebre treinador de animais por meio do hipnotismo, e pediu-lhe a sua opinião sobre o fato”.

“Hager disse que não foi executado pelo poder hipnótico ou magnético, pois isso exige a atenção do animal e também que se lhe fixe profundamente o olhar, o que nessa circunstância era, evidentemente, impossível”.

“No quartel-general da seção oculta da Sociedade Teosófica, pouco resultado se pôde obter, embora se saiba que a Princesa Luísa freqüentemente o visita. Sankya Rao, o adepto hind, que atualmente ali se encontra, referiu-se em termos vagos sobre éteres akásicos, vórtices elementais, poderes kryasakti, etc., porém, quase nada informou”.

“Seja quem for o estranho, sejam quais forem seus poderes, o acontecimento será admirado por muito tempo e dará aos charlatões e pretensos possuidores da sabedoria secreta uma boa colheita da multidão de tolos que percorre a cidade à cata do oculto”.

A segunda notícia, não menos legível, dizia o seguinte:

“William Herbert Morley foi nomeado primeiro ministro, o que denota o fim do poderio inglês no Oriente. - 1. Clark Russel parte como enviado especial para a Índia, e o novo primeiro ministro toma posse hoje”.

Seguiu-se, então, uma extensa relação de notáveis e inesperadas mudanças políticas.

Garcia também comprara um jornal e lera os artigos. Vendo a minha expressão de curiosidade, lançou um olhar ao redor de nós e, em seguida, começou a falar em voz baixa, da forma seguinte:

- Meu irmão, julga que o mundo é governado por leis e o mundo social fica ao acaso? Julgas que a evolução humana não tem quem a guie ou seja governada diretamente por Deus? Se assim pensas, estás em erro. Deus, o Infinito Espírito, embora penetre tudo, está muito além dos negócios terrestres. Porém, entre nós e o Supremo, existem muitos graus de existência - homens superiores,

heróis, semideuses e deuses - e cada hoste de seres superiores age por meio dos que lhe são inferiores. Reis, Rainhas, Presidentes e Governadores não o são por acaso; e muito menos nos períodos de transição, em que estão para acontecer grandes mudanças, pois são apenas instrumentos de poderes superiores, e agem inconscientemente para fins predeterminados.

- Os guerreiros, estadistas e grandes instrutores religiosos são assim inspirados por entes superiores e muitas vezes são conscientes desse fato, como Sócrates, que tinha seu *Daemon*; Joana d'Arc, que tinha suas vozes, Maomé, Cromwell, Napoleão e todos os grandes homens que se consideraram instrumentos do destino para a realização de algum grande objetivo, foram assim inspirados.

- Esse é o segredo do que alguns chamam o destino. Os homens se tornam instrumentos convenientes por meio dos quais esses seres podem agir para algum fim justo. Assim os homens manifestam um grande gênio, porém, cumprindo o objetivo, os poderes reais, que são invisíveis, os deixam, e eles voltam novamente ao valor comum dos seres humanos. Julgas que esse abandono seja cruel? Não é assim, pois os que são abandonados o merecem, porque abusam dos privilégios que possuem e, considerando seus esses poderes, começam a agir para fins egoístas e assumem prerrogativas divinas.

- Então, devem cair, pois, conforme as palavras de Hugo, “desagradaram a Deus”, e devem tornar a ser simplesmente homens.

- Esses homens às vezes são maus, porém os maus, amiúde se tornam instrumentos para a produção do bem.

- E todas essas observações se referem ao fato de ontem?- perguntei-lhe.

- Sim, - replicou em tom reservado, - essas indicações parecem mostrar que o trono inglês é assim inspirado; porém, os invisíveis atores encobrem suas atividades, agindo pelo que parece ser os canais naturais.

Nesse momento, um estranho assentou-se ao nosso lado, e Garcia mudou imediatamente o assunto da conversa.

Atravessamos o estreito e nos dirigimos a Paris. A presença de outros impediu a nossa conversa, porém, fiquei profundamente envolvido em meus pensamentos. A Fraternidade se tornara quase que o assunto constante de meu pensar, e almejava a oportunidade para saber mais alguma coisa com relação aos seus poderes misteriosos e a sua sociedade.

CAPÍTULO IV

PARIS - MINHA MÃE!

Chegando a Paris, Garcia alugou uma carruagem e fomos levados através da cidade para a residência do Sr. Durant, antigo amigo de meus pais, e para o qual trazia uma carta de meu pai.

O Sr. Durant, que era um gentil-homem de uns sessenta anos, tendo uma barba à militar e bigodes ligeiramente cinzentos, recebeu-nos à entrada, e, apertando-me a mão, falou-me cordialmente, levando-nos, em seguida, para sua sala de visitas particular.

Depois de algum tempo de agradável conversa, Garcia levantou-se, e dizendo que voltaria a ver-me, retirou-se, deixando-me só com o Sr. Durant, a quem entreguei a carta de meu pai, conforme este me dissera.

Quando rasgou o envelope e a abriu, um olhar casual mostrou-me que estava escrita em hieróglifos.

O Sr. Durant leu em silêncio o seu conteúdo, depois se voltou, fitando-me, com seus olhos penetrantes, durante alguns segundos, como se procurasse ler meus pensamentos. Afinal, evidentemente satisfeito com sua observação, disse-me delicadamente que seria meu hospedeiro por algum tempo; e, como eu estaria, sem dúvida, um tanto cansado, ia levar-me para o meu quarto. Chegando a um quarto muito bem arejado, que se achava no segundo andar, tendo uma janela que deitava para o quintal, disse-me que me descansasse, tomasse meu banho e me preparasse para a vida familiar, pois, daí a uma hora, me chamaria para tomarmos chá em companhia da Sra. Durant, e Camila, sua filha.

Passada uma hora, o Sr. Durant voltou, e me levou para uma sala de jantar, onde fui apresentado à Sra. Durant e a Camila. Aquela era uma senhora gorda, de estatura média, rosto cheio e agradável, olhos e cabelos escuros e um trato muito delicado e agradável. Camila era uma morena alta, de olhos brilhantes e sobrancelhas grandes, voz bela e expressiva, a qual, tendo-me apertado a mão, sentou-se ao meu lado. Os modos agradáveis com que me trataram fizeram-me sentir como em família e logo abandonei minha atitude reservada.

O lanche era bastante leve, e consistia apenas de frutas e avelãs, a Sra. Durant fazendo observar que tinha por hábito tomar apenas duas refeições regulares durante o dia e uma ligeira refeição à noite. Disse-lhe que isso não me era sacrifício algum, pois, desde criança, fora educado num regime estritamente budista, de duas refeições por dia e abstenção de carne. Após meia hora de conversa, Camila e eu nos tínhamos tornado amigos e, com o sorridente consentimento de seus pais, demos um passeio pela habitação.

A educação de Camila, evidentemente, não tinha sido negligenciada, pois, ao atravessarmos as salas ricamente mobiliadas, e subirmos as escadarias de mármore para o andar superior, falamos com igual facilidade e variedade de idéias, sobre a arte, a ciência e a filosofia. Sua mente parecia deslizar instintivamente na direção de meus pensamentos e os nossos sentimentos eram quase os mesmos sobre todos os assuntos. Como é agradável conversar e estar em companhia daqueles que se acham em harmonia conosco! Passamos quase uma hora na magnífica galeria de arte e não tínhamos perdido uma só palavra em coisas frívolas. Por último, ao nos despedirmos para dormir, tínhamos estabelecido como programa para o dia seguinte um passeio de carro.

Na manhã seguinte, o Sr. Durant encontrou-me no vestíbulo e disse-me que desejava conversar comigo antes do meu passeio com Camila. Assim foi que, logo depois do almoço, fomos para seu gabinete particular. Tendo fechado a porta, ofereceu-me uma cadeira em frente da dele, no centro da mesa; então, estendendo-me suas mãos e fitando-me nos olhos, disse:

- Afonso Colono, pela sua carta, teu pai me informa que deseja entrar em certas escolas secretas que existem em Paris; e atesta também teu treino e conhecimento preliminar. Tendes realmente um desejo sincero de entrar nessas escolas? Se assim é, que motivos te impelem?

- Sr. Durant, - respondi-lhe - desde criança fui apaixonado pelo saber, que é agora a única ambição de minha vida. A informação que o mundo científico exterior pode dar-me não me satisfaz; nada pode dizer-me com relação à natureza real das coisas, e seu conhecimento consiste apenas num amontoado de fatos e fenômenos inexplicados. Porém, com os ensinamentos recebidos de meu pai, sou

levado a crer que existem pessoas cujo saber não está preso em limites tão estreitos, que elas me ajudarão a alcançar um conhecimento real, e é a elas que procuro.

- Sabes que o conhecimento verdadeiro é uma coisa muito séria? Estás a par dos requisitos necessários para possuí-lo? Sabes as imensas responsabilidades e deveres que traz?

- Conheço-os até certo ponto, e estou pronto a aceitá-los.

- Falaste com bravura e confiança, porém temo que não saibas tudo. Todavia, creio que teu motivo é puro, e tentarei encontrar alguém que esteja ligado a essa escola e dizer-te qual é o teu desejo. Por enquanto não deves falar com Camila sobre este assunto e, mais ainda, requer que guarde silêncio. Estais disposto a assumir este compromisso?

- Estou - afirmei.

- Referindo-me, agora, ao teu conhecimento, teu pai diz que está bastante adiantado em medicina, arte e direito; isso está muito bem, pois são requisitos indispensáveis para uma vida ativa em benefício da humanidade. Diz também que ainda não recebestes os títulos formais e superficiais que são considerados tão essenciais neste mundo. A maioria do povo não dá atenção senão às exterioridades.

- Portanto, aconselho-te que entre nas escolas e institutos exotéricos, e obtenha os diplomas e certificados dessas três profissões. O teu conhecimento te permitirá consegui-los das três ao mesmo tempo. E embora não possam dar-te um conhecimento real, poderão ensinar-te muita coisa que te será de utilidade real no mundo. Na arte, poderão ensinar-te a agilidade das mãos; no direito, a diplomacia e as formalidades; na medicina, a cirurgia, e dar-te confiança em ti mesmo pela ignorância que neles observe.

- Além disso, adquirirá conhecimentos, obterá influência e, se fores aceito como candidato nas escolas secretas, poderá sê-lo sem atraso, pois todas essas coisas são necessárias para os que desejam serem recebidos. Agora, mantende-te calado, e podes retirar-te.

Saí do gabinete e, passando pelo vestíbulo, encontrei-me com Camila e acompanhei-a num passeio de carro pela cidade.

Como na véspera, ela mostrou-se muito hábil e interessante na conversa e, à volta, a nossa amizade já estava definitivamente firmada.

O tempo passava e Camila e eu, constantemente, estávamos juntos. Ela estudava na Escola das Belas-Artes e, a seu convite e conforme o conselho do Sr. Durant, eu também me matriculei na mesma. Ao mesmo tempo, entrei em duas das mais célebres escolas de medicina e direito.

Por meio dos Durant, obtive entrada nos mais altos círculos sociais de Paris, adquirindo fortes amizades entre as mulheres belas e intelectuais daquela capital, e entrando em relações muito cordiais com numerosos homens de caráter sério e estudioso.

Embora me achasse rodeado das belezas e inteligências da metrópole francesa e estivesse quase em constante contato com elas, ainda não tinha encontrado meu amor ideal. Camila e eu éramos muito ligados, mas apenas como irmãos e assim nos apelidávamos.

Lembrava-me amiúde das observações de meu pai sobre a minha alma simpática, e perguntava a mim mesmo se o meu ideal de amor não era elevado demais. Nascido da mais pura união, ensinado desde a meninice a considerar o amor em sua mais bela pureza, eu o imaginava em sua forma mais exaltada. Tinha grande prazer em formar concepções ideais da beleza e da bondade; e, com a continuação desse hábito, os meus ideais se tornaram mais fortes e mais puros, até que a perfeição do homem e da mulher, assim como a da civilização, passaram a ocupar constantemente um lugar preponderante em minha mentalidade.

Meu pai escrevia regularmente, e as suas cartas estavam sempre cheias de palavras ternas e bons conselhos. Aconselhou-me que prosseguisse em minha procura do conhecimento, e aprendesse a ter paciência, de modo a não ficar desanimado pela aparente lentidão com que se obtém o verdadeiro conhecimento. Escreveu:

- *“Com efeito, o conhecimento é um desenvolvimento e não uma aquisição exterior; e todos os desenvolvimentos perduráveis são lentos. Com o desenvolver de nossas faculdades e o aperfeiçoamento de teu organismo, o verdadeiro conhecimento, que reside em teu íntimo, encontrará os instrumentos necessários para sua manifestação, e se expressará”*.

Garcia, sem uma palavra de explicação, desaparecera completamente; e, confiando em que o Sr. Durant atenderia ao meu pedido para entrar nas escolas secretas, dediquei-me aos meus afazeres e concentrei todas as minhas energias nos meus estudos; assim procedi, sem abandonar a vida social, pois a base dos ensinamentos de meu pai era a concentração. Havia cultivado de tal forma esse poder, que, ao estudar, me entregava inteiramente a essa tarefa, porém, quando tratava de outra coisa, me punha em completa harmonia com o ambiente.

A carta de meu pai não continha uma só palavra a respeito de minha mãe e minha irmã e, apesar de sua observação especial em contrário, concluí que haviam perecido naquela terrível tempestade.

Porém, essa conclusão, logo recebeu um notável desmentido.

Na noite de cinco de setembro, um ano depois de minha chegada à residência dos Durant, Camila e eu ocupávamos um camarote na Grande Opera, a fim de assistirmos à representação da renomada *“prima donna”*, a senhorita Viviani, que se apresentaria ao palco naquela noite.

A casa estava cheia até o máximo de sua capacidade, pois todos se achavam na expectativa desse grande acontecimento e a elite em peso estava presente.

Chegara o momento de começar a cena e o auditório estava vibrante de curiosidade, quando o diretor se apresentou no palco e, inclinando-se cortesmente, dirigiu-se ao público com as seguintes palavras:

- Senhoras e senhores, é com uma mistura de tristeza e alegria que me apresento a vós. A senhorita Viviani apanhou um grave resfriado, não podendo aparecer no palco esta noite.

Um ruído de bate-pé e um murmúrio de desilusão percorreram o auditório, quando o orador prosseguiu:

- Porém, tenho o prazer de anunciar-vos que outra aparecerá em lugar dela, a qual, embora seja desconhecida no palco, merece ser colocada entre as mais apreciadas artistas, e estou certo que satisfará plenamente as vossas mais altas expectativas. É com grande prazer, senhor, que vos apresento a Senhora Nina, a rainha desconhecida do canto.

Terminadas as palavras, uma mulher bela e majestosa, vestida em estilo grego do mais puro branco, apareceu no palco.

Todo o meu corpo estremeceu, as minhas pernas tremiam pela agitação e um grito abafado escapou de meus lábios; adiantei-me com uma expressão de espanto, e quando Camila, admirada de meu estado, colocou a mão em meus ombros e perguntou-me o que havia de desagradável, respondi-lhe:

- Minha mãe!

Sim, ali no palco, em toda a sua beleza majestosa, com sua bela fronte alva, seus brilhantes olhos escuros, agora mais belos do que nunca, se achava minha mãe. Seria minha mãe ou a sua imagem vivente?

Como se a intensidade de meu olhar lhe atraísse a atenção, voltou-se e seus olhos encontraram os meus. Uma palidez momentânea se estendeu pelo seu rosto e ela apertou as mãos; então, como que fazendo um esforço, voltou seu olhar para o auditório.

A sua voz elevou-se num canto. Sim, era a mesma voz agradável que havia escutado tão amiúde, mas parecia ainda mais doce.

O tom de sua voz se elevava e descia de um modo tão admirável, em harmonia quase celestial, ao cantar “Os Amantes Ideais”, cada palavra trazendo em si a força de um coração virgem. Com o seu poder de acalmar, perdi a minha agitação e extasiado, ela só se voltou para mim às últimas palavras, que foram seguidas da mais viva ovação da parte da platéia.

Oh Camila! - exclamei, quando ela desapareceu - aquela é minha mãe que há muito perdi, e a quem julguei morta. Não posso estar errado. Preciso vê-la.

- Afonso, que é que tendes? Tua mãe morreu há oito anos.

Esta é apenas parecida com ela; não fique tão agitado.

Ela apresentou-se novamente e, como se me tivesse conhecido, seus olhos me fitaram com expressão de bondade e amor.

- E... Seria ilusão minha? Ouvi as seguintes palavras, como que surgindo de dentro de meus ouvidos: - “Sede calmo, meu filho, sede corajoso e fazei teu dever; tudo vai bem”.

Camila, ouvistes? - perguntei-lhe.

- Não; ouvir o quê?

Em seguida, a sua voz se fez ouvir nas profundas e comoventes palavras da “União Virginal”. O auditório se manteve no mais completo silêncio, todos parecendo invadidos por um profundo sentimento de tranqüilidade. Nunca Paris tivera um dia tão extasiante.

Passaram-se muitos minutos depois de cessado o canto, sem que o silêncio fosse interrompido como se aquele fosse muito sagrado para receber aplausos - então, um respirar profundo, como de milhares de almas ao mesmo tempo, se fez ouvir, seguido imediatamente de uma ensurdecidora

salva de palmas. As lágrimas, não de sofrimento, mas de emoções reprimidas, marejaram de muitos olhos.

Muitas almas que ainda não haviam pensado na beleza e no amor ficaram comovidas pelo grande amor expresso por aquela voz celeste.

Era a última representação.

- Camila - repeti - é minha mãe. Devo falar com ela; preciso vê-la. Dirijamo-nos à entrada do palco.

- Não sei que é que tendes, - respondeu-me a moça, - porém, ide à frente, que te acompanharei.

Precipitamo-nos para a entrada do palco e, abrindo a porta, entrei, achando-me diante de uma alta figura, vestida com um casaco.

Alvarez! - exclamei, pois nunca pude esquecer-lhe a fisionomia.

Afonso Colono - respondeu-me o adepto - retira-te e cumpre teu dever; depois é que poderás encontrar tua mãe. Tudo vai bem. Retirai-te!

- Então ela é minha mãe?

- É ou era, mas agora te espera na Fraternidade, somente onde poderás encontrá-la. Retira-te!

E, não podendo desobedecê-lo, voltei-me e, dando a mão a Camila, precipitei-me para um carro, chegando em casa num estado de grande agitação e excitação.

CAPÍTULO V

MAIS MISTÉRIOS

Naquela noite, a minha alma agitada não me permitiu conciliar o sono; em vão procurei dominar minha mente desassossegada e vagabunda, pois não me foi possível fazê-lo. Que mistério me rodeava! Minha mãe vivia!

Que acontecera com Esmeralda? E aquele homem misterioso, Alvarez? Ela me espera na Fraternidade, que significava tudo isso?

Doze pancadas anunciaram o começo do dia. Uma, duas, três, e ainda eu me achava agitado e a minha mente vagava ativamente...Indomável. Quatro. Afinal, entrei num sono perturbado; e, como para aumentar mais o mistério que me rodeava, sonhei, como oito anos antes, com mosteiros entre montanhas inexploradas. Nessa ocasião, porém, era meu pai que era levado por monges vestidos de índigo, perante o Irradiante. E como naquela vez, surgiu uma nuvem perante a cena e encobriu o final; e entrei num sono profundo. Despertei-me um tanto aliviado, mas ainda cheio de agitação. Achava-me impulsionado por uma energia interna.

- Ela me espera na Fraternidade; então a encontrarei, - disse comigo mesmo, numa decisão que me fez apertar os dentes.

Que significa esse sonho? Tem este misterioso adepto alguma coisa com isto? Estava presente quando tive o outro sonho. Continuei, pois, em meu solilóquio.

Durante um ano, esperei pacientemente em silêncio, sem ter ouvido uma só palavra sobre o meu pedido. O Sr. Durant não me deu informação alguma e, em resposta às minhas perguntas, dizia aforisticamente:

- Tudo chega a quem sabe esperar.

Porém, eu já tinha esperado bastante; e, tendo recebido os certificados de primeiro grau em direito e em medicina, devia saber o motivo de ter de esperar mais tempo.

Quanto mais caminhava pelo meu quarto, mais desassossegado ficava. Algo parecia dizer-me:

- Tendes razão, tendes razão. Prossiga! Prossiga!

Absorto por estes pensamentos descí para a primeira refeição, plenamente decidido a ter uma conversa com o Sr. Durant logo que saíssemos da mesa.

Por uma espécie de consentimento tácito nada disseram sobre os acontecimentos que haviam sucedido na noite anterior, Camila tendo apenas me cumprimentado pelas minhas excelentes notas. Terminada a refeição, e antes que falasse, o Sr. Durant disse que desejava que o acompanhasse ao seu gabinete. Ali chegados, entramos, e fechou a porta com seu cuidado habitual, fazendo-me sentar em frente dele, junto à mesa. Sem nada dizer, me apresentou duas cartas, examinando sempre as minhas feições.

As cartas tinham o carimbo da Cidade do México, sendo uma sobrescrita por meu pai, ao passo que a letra da outra me era desconhecida.

Como não estava habituado a receber cartas de pessoas estranhas residentes no México, abri-a em primeiro lugar.

Continha um recorte de jornal, um certificado de depósito no banco e uma folha escrita, que dizia o seguinte:

Cidade do México, MÉXICO, 15 de agosto de 18..

Sr. Afonso Colono, Caro senhor,

Teu pai, Fernando Colono, como verás pela noticia junta, desapareceu misteriosamente. Ninguém sabe para onde ele foi, nem o que lhe aconteceu. Um dia antes de seu desaparecimento, vendeu à vista sua propriedade, e depositou em nossas mãos o dinheiro, assim como outros bens, montando tudo num total de 500.000 francos, pedindo que o transferisse ao teu crédito no Banco Francês.

De acordo com seu pedido, enviamo-te um certificado de depósito dessa quantia. Julgando que tudo estará conforme, e que seu pai logo voltará, colocamo-nos respeitosamente às essas ordens nesta parte do mundo.

CARLOS SANDOL & COMP
Banqueiros.

Extremamente excitado, tomei o recorte de jornal e li:

“MISTERIOSO DESAPARECIMENTO”.

“Dom Fernando Colono, médico do governo e um dos homens mais eminentes do México, desapareceu misteriosamente sem qualquer causa aparente, e sem deixar uma palavra de explicação; porém, evidentemente, com previsão e preparo; com efeito, no dia anterior ao seu desaparecimento vendeu tudo o que possuía e transferiu seus bens para seu filho, atualmente em Paris”.

“O Senhor Colono era um homem instruído, rico, influente e muito respeitado; e esses fatos, assim como sua popularidade quase universal, não nos permite supor uma falsidade”.

“Pelo que pudemos saber, foi visto pela última vez junto ao Hotel Iturbid, em companhia de um estranho de elevada estatura e vestindo um casaco”.

“Os que parecem ter conhecimento das coisas dizem que o Sr. Colono era membro de alguma misteriosa Fraternidade Oculta, e que seu desaparecimento se relaciona de alguma forma com essa organização, porém nada se pode saber ao certo sobre isso”.

“Desde a partida de seu filho, há mais de um ano, o Senhor Colono era freqüentemente visto em companhia de um estranho, sempre vestido com um casaco; porém, ninguém sabe quem é esse homem”.

“Qualquer informação relativa ao Senhor Colono será recebida com gratidão pelos seus numerosos amigos desta cidade. Esperamos que a sua ausência seja apenas temporária e que logo volte”.

- O mistério se aprofunda - murmurei entredentes, fazendo um grande esforço para dominar minhas emoções.

Apresentei ao Sr. Durant o recorte de jornal e a carta, e, em seguida, abri a carta de meu pai que dizia assim:

Caro filho e irmão Afonso.

Afinal, após anos de espera, tive a oportunidade de prosseguir. Há oito anos que tua mãe subiu; porém, eu, em virtude de certas fraquezas, não o consegui. Agora tenho o privilégio de ir encontrá-la nos graus superiores.

Nunca mais nos encontraremos neste mundo, exceto na Fraternidade, na qual o grau em que vou entrar não é deste mundo. Quando receberes esta, estarei em companhia de tua mãe e muito longe.

Dei um salto; não me pude mais conter...

- Que significa isto? - exclamei. - Encontrar minha mãe, que vi a noite passada aqui em Paris, e, entretanto, tão longe. Não o compreendo! - disse, apertando as pálpebras.

- Prossiga, - disse com firmeza o Sr. Durant. - A distância pode não ser em metros. O prisioneiro, na sua cela, está muito longe das flores que enchem o jardim que circunda o edifício. O que parece mais afastado é, na realidade, o mais próximo.

Surpreso de ver o Sr. Durant tão frio e insensível, em contraste completo, com sua natureza costumeira, tomei a carta e prossegui:

Lembra-te dos ensinamentos da tua mocidade, e trabalhai com toda as tuas energias para o superior.

Lembra-te da natureza insatisfatória e enganadora de todas as coisas terrestres, e procurai apenas o eterno.

Meu filho, vejo as nuvens escuras que bole te rodeiam, porém é necessário que assim seja. Com efeito, se quiseres aproximar-te das almas que amam, haveis de passar por provas, pois é apenas assim que alcançarás força.

Virá o tempo em que a incerteza te envolverá na escuridão da noite, e a dúvida e o medo comprimirão essa alma, e, na verdade, está próximo. Sede, pois, paciente, e confiai no guia que nunca falha, se o teu motivo for puro - o Eu Espiritual.

Quando tudo te abandonar e não souber em quem confiar, dirija-te a si mesmo. Jejuai, procurai a solidão e meditai; então, se for pura tua alma, certamente a luz virá.

Confiai nos que te levarem para a Fraternidade; não mostre medo; não dê motivos a atrasos, e nos encontraremos novamente como irmãos da Corrente Universal cujos membros vivem no Eterno.

Adeus, meu filho e irmão! Embora muito longe, o nosso amor e o dos Mestres te protegem! Adeus!

Teu pai... Irmão,

FERNANDO COLONO

Ao terminar a carta, todas as ternas recordações de meus amados pais se precipitaram em minha mente, as lágrimas me arrasaram os olhos e um profundo suspiro saiu de meus lábios.

Entretanto, nunca vira o Sr. Durant tão frio; parecia-me cruelmente indiferente e severo.

- Domina-te - disse - pois os sábios dominam seus sentimentos.

Fitei-o com uma expressão de censura, porém, seus olhos não mudaram de expressão; enfim, depois que leu a carta que me havia dado, falou da seguinte forma:

- Afonso Colono, filho de Fernando Colono, alto iniciado, se quiseres seguir os passos de teus pais, que tanto se elevaram, deve governar e dirigir tuas emoções. Porquanto, por mais cruel que pareça, na Fraternidade em que procuras ser admitido, a alegria e a tristeza, o prazer e a dor, a felicidade e a infelicidade são a mesma coisa. Onde estão tuas forças?

Falava com tal frieza que nunca tinha notado nele, e o seu tom quase causava desespero. Retive minha língua, e com os dentes fechados, respondi:

- Tenho toda a força; domino-me.

Julguei notar um sinal de satisfação nos seus olhos, porém seu rosto se manteve na impassibilidade de uma esfinge. Colocando a mão no bolso, apresentou-me outra carta.

- Abra esta carta somente quando estiveres em teu quarto. Fiz como me pediste e consegui apresentar teu pedido. Provavelmente aqui está a resposta. Não sei o que contém; porém, seja pouco

ou muito, peço-te a mais inviolável reserva sobre o seu conteúdo e tudo o que puderes aprender com relação à Fraternidade.

- Terei a máxima reserva, - repliquei-lhe, levantando a mão como em sinal de juramento.

- Muito bem, - respondeu. - Tomai este memorando; se fores aceito, quererão saber o dia e hora de seu nascimento. Teus pais, conhecendo as grandes verdades da astrologia esotérica, conservaram esta informação num registro apropriado, e aqui o consegui obter. Apresentou-me uma folha de papel na qual se achava escrito:

“*Cinco de junho, às 17 h 45 m da manhã, 18... L....*”.

- Agora pode retirar-te; conservai o segredo e considera-te na liberdade de agir sem nos dar qualquer explicação.

CAPÍTULO VI

A MULHER TRAJADA DE PRETO

A disposição do Sr. Durant serviu para aliviar a minha agitação, e quando cheguei ao meu quarto, tirei imediatamente do bolso a carta fechada.

O envelope era de linho e não podia ser rasgado, tinha a abertura colada e coberta de lacre em que se achavam impressos caracteres místicos - dois triângulos entrelaçados, tendo no centro um tau egípcio, e sendo rodeados por uma serpente com uma *swastica* caldaica no ponto de encontro entre a boca e a cauda.

Abrindo a carta, encontrei nela o seguinte bilhete, escrito em letras miúdas, por mãos femininas:

Senhor,

O teu pedido teve boa aceitação. A minha carruagem irá te buscar esta tarde. Se desejares continuar, entrai nela sem nada perguntar e trazes contigo este bilhete.

MADAME PETROVNA.

A assinatura estava escrita de um modo especial, e se achava coberta de uma estrela de cinco pontas, perfurada, talvez para impossibilitar qualquer alteração, e o papel era tão fino e delicado que não resistiria a rasuras de qualquer espécie.

Afinal, chegou a minha oportunidade - murmurei.

- Devem existir crises na existência humana; nestas vinte e quatro horas, encontrei minha mãe, há muito tempo perdida, perdi meu pai, e recebi convite da misteriosa Fraternidade que parece estar destinada a governar a minha vida.

Tornei a abrir a carta de meu pai e, pela primeira vez, o triângulo que acompanhava a sua assinatura atraiu a minha atenção.

Não tinha o colorido de outros escritos, - não era escrito! Aproximei-me da janela e passei o dedo sobre ele, examinando-o cuidadosamente. Parecia uma espécie de substância carbônica colocada sobre o papel, porém, não saía com a borracha.

Enquanto o olhava e examinava se poderia ser um sinal precipitado, com grande espanto meu, começou a apagar-se, até que desapareceu completamente.

- Meu Deus! Serei vítima da magia? - exclamei, fitando o espaço que o tornara branco. Estarei rodeado de poderes invisíveis? Serão bons ou maus?

Lembrei-me, então, de ter lido num livro de ocultismo que o homem é rodeado de poderes e influências correspondentes aos seus pensamentos.

- Os meus pensamentos são puros, os meus motivos são desinteressados, - disse comigo mesmo.

Pareceu-me que uma voz íntima me dizia:

- Então, nada tendes a temer, nada, nada a temer.

Guardei cuidadosamente as cartas em meu bolso, e desci para o jardim, tendo o desejo de dar um passeio matutino e achando-me repleto de esperanças para a noite.

Não tinha dado muitos passos, quando Camila, vendo-me, desceu também e, rindo-se, observou que eu estava muito pensativo e me convidou para dar um passeio de carro em sua companhia.

Julgando que uma pequena recreação me faria bem e me ajudaria a preparar-me para as provas que me esperavam, aceitei o convite e logo nos vimos a atravessar as belas avenidas, gozando o ar fresco da manhã, na grande cidade da arte.

Uma hora depois, tendo caminhado até os animais estarem um pouco suados, paramos diante do Louvre.

Ao entrarmos na grande galeria de pinturas, nossa atenção foi imediatamente atraída por uma grande multidão que se achava diante de um quadro que aparentemente fora colocado em exposição em data muito recente.

Ao aproximarmo-nos, um homem alto e de aparência oriental, tendo um turbante de cor alaranjada, saiu da multidão, e, ao passar junto a nós, ouvimo-lo dizer:

- É perigoso; as verdades sagradas não devem ser assim reveladas. É uma loucura.

Voltando-me para a pintura, que era de tamanho enorme, a primeira coisa que atraiu a minha atenção foi a predominância de símbolos místicos. Intitulava-se “O Amanhecer”, e era assinado por uma combinação das estrelas de cinco e de seis pontas.

Pressas no centro superior por uma áurea estrela de cinco pontas, duas magníficas cortinas de cor vermelha se abriam para a direita e para a esquerda.

A da direita era segurada por um jovem, cuja beleza o fazia comparável a Apolo. Segurando a cortina com a mão esquerda, trazia na direita uma varinha áurea semelhante a um caduceu alado, e na frente trazia gravado em ouro o sinal de Mercúrio.

A figura da esquerda era de mulher, uma Vênus em toda a sua beleza. O áureo símbolo de Vênus que lhe cobria a fronte parecia brilhar, e o globo alado, de cor azulada, que se apoiava em sua mão parecia ser uma coisa viva.

O primeiro plano na frente da cortina era de cor preta, e nos vapores de uma fumaça asfíxiante havia multidões de seres horrendos cobrindo três grupos, que representavam a guerra, a peste e a fome.

Atrás da cortina, tudo estava cheio de uma luz áurea, notando-se ricos campos e belas cidades, repletas de povos felizes e alegres, regozijando-se como em dia de festas; ao longe, avistavam-se as montanhas cobertas de neve, que iam confundir-se com as nuvens azuis.

Naquela luz áurea, e ocupando o centro do quadro, se achavam cinco figuras, que reconheci serem os cinco grandes mestres religiosos do mundo: - Zoroastro, Confúcio, Buda, Cristo e Maomé.

No centro, sobre um enorme lótus, achava-se assentado o Buda, em atitude meditativa; à sua direita se encontrava o Cristo, radiante de sua amável beleza, coroando o sábio com uma grinalda de flores de lótus; à sua esquerda, Maomé, calcando com suas sandálias uma espada quebrada e tendo seu rosto de árabe iluminado por um sorriso de amor, e trazendo na mão uma coroa para depor sobre a cabeça do Cristo.

Zoroastro e Confúcio, um à direita e outro à esquerda, com expressão sorridente e trazendo rolos de pergaminho, que representavam a lei, apontavam para os campos da felicidade que se estendiam ao longe. Por sobre esses cinco grandes mestres e fitados com admiração pelos que mantinham a cortina, havia uma figura central - a maravilha do conjunto. Então, não conhecia o seu significado, mas, ainda assim, tinha um poder que despertou estranhas sensações em minha alma. Uma esfera oval formada de vapores parecia vivificada pelo movimento e se achava maravilhosamente expressa por uma cor espiritual.

Dentro dessa esfera, semelhante aos que a rodeavam, havia uma estrela de cinco pontas emitindo raios de ouro.

Ficamos fascinados a olhar, as misteriosas faculdades de nossa alma interpretando aqueles símbolos, que nos mantinham extasiados por um encanto místico.

Logo algumas vozes despertaram a nossa atenção; algumas delas falavam mostrando vivo interesse.

Voltando-nos, vimos o oriental em companhia do diretor e quatro cavalheiros muito distintos.

- Sim, - disse o que parecia ser o chefe ao diretor - a pintura precisa ser coberta imediatamente e será retirada esta noite. Tratai disso, senhor, mande-o fazer sem demora.

O diretor se retirou imediatamente e os recém-chegados puseram-se a conversar em voz baixa.

Poucos momentos depois, voltava o diretor, acompanhado por alguns auxiliares, trazendo uma grande cortina que colocaram imediatamente sobre a magnífica figura.

Ao se afastarem, ouvi o chefe dizer ao oriental:

- Sim, foi uma grande indiscrição de Zerol colocar isso aqui. Um homem do mais elementar conhecimento, com uma hora de estudo, aprenderia o suficiente para se tornar perigoso. Doravante deve deixar-nos inspecionar essas produções.

Camila e eu, conhecendo a arte, apreciamos a obra, porém não podíamos compreender o motivo daqueles homens para escondê-la. Quando saímos da exposição, ela me disse que aqueles homens eram o General Careau, Secretário da Guerra, e os seus companheiros, oficiais de alta patente do governo.

Não sabia quem era o oriental; porém, pelas suas observações, que ouvira ao entrar, sabia que tinha influência e foi quem fez que o quadro fosse coberto e removido.

O meu estudo dos símbolos e as minhas experiências recentes me deram uma idéia de que poderia esclarecer um pouco o assunto; porém, lembrando-me do meu juramento, guardei silêncio.

Era meio-dia e voltamos para casa. A nota dizia que seria chamado à tarde, porém ignorava a hora; julgando, pois, ser melhor estar preparado a todo o momento, imediatamente depois do jantar me dirigi ao meu quarto.

Voltei a pensar na exposição de pintura. Evidentemente o pintor era místico. Os símbolos empregados mostravam claramente o fato. Mas, quem era Zerol? Nunca ouvira falar nele, apesar de que, desde havia um ano, tomara a peito conhecer todos os pintores e artistas de reputação da cidade. E achar-se-iam os próprios poderes governamentais em relação com aquela associação secreta?

Assim, pois, meus pensamentos continuaram a divagar sobre os mistérios que me rodeavam, até quase às quatro horas da tarde, quando o empregado me trouxe um cartão com as iniciais “M.P”. e disse que a pessoa me esperava numa carruagem à entrada principal.

Ao chegar ao portão, um cocheiro abriu a porta da carruagem e vi que uma senhora se moveu para dar-me assento ao seu lado na mesma. Achava-se vestida de preto e trazia um véu bastante fechado; porém, quando a carruagem partiu, notei as suas belas e alvas mãos, colocadas em seu regaço, pelas quais julguei que devia ser jovem. Ao mesmo tempo, um indescritível sentimento de tranqüilidade e calma se apoderou de mim.

- Está o senhor descontente com os conhecimentos das academias para procurar Madama Petrovna?
- perguntou-me uma voz musical e agradável, que me fez sentir uma grande emoção de prazer.

- Sim, senhora, - respondi-lhe, supondo imediatamente que era a própria senhora quem estava falando, - o conhecimento das faculdades está muito bem em seu lugar, e desde que se refira aos fatos como existem e sem explicações; porém, esse conhecimento é apenas superficial e não satisfaz a mente que deseje conhecer a verdadeira natureza das coisas em si.

- Ah! - e a mesma sensação de prazer perpassou o meu ser, - então o senhor é de uma tendência mental filosófica, não é?

- Desde a minha meninice, senhorita - repliquei-lhe, mudando o modo de expressar-me com a esperança de obter alguma idéia sobre a sua identidade, - aprendi sob uma orientação filosófica, e, portanto, naturalmente estudo sempre sob esse ponto de vista.

- Fostes muito feliz, senhor, por teres tais mestres; pouquíssimos têm, hoje em dia, tal privilégio.

Assim, não pude formar idéia alguma de sua identidade com a continuação da conversa, e a carruagem prosseguia rapidamente em seu caminho.

Entretanto, cada palavra expressa pela minha companheira produzia em mim um sentimento de prazer que jamais experimentara e escutava cada palavra musical como se fosse a mais deliciosa das harmonias. Achava-me tão absorto pela minha companheira, que não notei o caminho seguido. Vendo-a olhar para a palma de sua delicada mão, aproveitei a oportunidade e perguntei-lhe:

- Crê a senhorita na quiromancia?

Ela fechou rapidamente a mão e, voltando-se para mim, respondeu:

- Não é a palma da mão, sendo protegida, uma das partes mais sensíveis do corpo, e não diz as Escrituras que a mão é toda cobertura de luz? Mostre-me tua mão.

Apresentei-lhe minha mão aberta e ela tomou-a delicadamente. Oh, que alegria é essa que abalou meu coração? Que prazer naquele contato! Enganei-me? Trazia um véu muito fechado e não me era possível ver-lhe o rosto, porém, pareceu-me notar um estremecimento em seu corpo e havia um ligeiro tremor em sua voz ao dizer:

- O senhor nunca amou... Quero dizer, - acrescentou logo, - nesta existência.

- E acredita a senhorita nas existências passadas? - perguntei-lhe.

Sem responder, prosseguiu:

- Porém, as linhas e os montes dizem senhor, que, quando amares, o seu amor será profundo; que a encontrarás pelos vinte e dois anos, mais ou menos. Permite-me perguntar-te a idade, senhor?

- Tenho vinte e dois anos, - respondi-lhe com desusado entusiasmo.

E não havia em mim um sentimento secreto de que fosse verdade o que ela dissera?

Nesse momento, a carruagem parou e quando ela abandonou minha mão, lancei um olhar para fora, Estávamos diante de uma arcada de granito, que indicava a entrada de um palácio, situado no meio de uma grande área, rodeada de uma alta parede de ferro, segura por postes de granito.

Levantando os olhos, um grupo de estátuas que rodeava a arcada chamou a minha atenção. Um enorme tigre de bronze, simbolizando a mais completa humilhação, se achava acorrentado por um cupido alado que se apoiava sobre um ovo de ouro. Sejam quem forem os que residem aqui, compreendem o segredo da arte. É evidente que este grupo tem um significado e valor, que provém de alguma coisa mais do que a simples habilidade na execução.

A minha companheira observara o meu olhar de admiração, e, ao abrir-se a porta de ferro, como por uma ordem secreta, e entrarmos, perguntou-me:

- Vejo que tendes olhos de artista; compreendes o significado?

- Posso enganar-me; queres explicá-la? - respondi.

- O grupo, com o ovo, designa, em sua totalidade, muita coisa; porém, para explicar-me resumidamente, o tigre simboliza a natureza animal do homem - a besta que é subjugada e encadeada pelo amor, que, conforme os Místicos, sai de um ovo de ouro.

Havia em suas palavras uma ternura que comovia a alma, e pela primeira vez em minha vida senti as emoções de um amor nascente.

- É belo pensamento, - respondi-lhe; - se nos for possível julgar estas pessoas pela sua arte, devem ser puras e boas.

- Elas o são, - replicou.

Achávamo-nos, então, no caminho que atravessava o bem cuidado jardim. A relva aveludada, que se achava ornada de flores e árvores, refletia os raios do sol em todo o seu esplendor.

Na verdade, pensei, se é este o caminho que hei de seguir para a minha iniciação, não é nada do que julgara. Imaginara provas terríveis e sanguinárias, e, no entanto, tinha ao meu lado uma mulher que me parecia bela, embora não lhe tivesse visto as feições, e tudo me parecia alegre e agradável. Pensei, depois, que talvez fosse a calma antes da tempestade, e assim refletindo, tomei a resolução de enfrenta-la.

Ao aproximar-nos da casa, minha companheira se fez silenciosa.

Aquela habitação era um modelo de arquitetura clássica e achava-se toda revestida de mármore lapidado. Chegando às escadas que se estendiam em frente do pórtico coríntio, ao lado do qual se estendiam dois grupos magníficos de estátuas, o cocheiro abriu a porta da carruagem e auxiliiei delicadamente minha companheira a descer.

As paredes estavam cobertas das mais belas pinturas, e as colunas coríntias dos lados eram polidas como se fossem espelhos.

Sem dizer uma palavra, ela levou-me a um grande locutório, do lado direito; e, dizendo que voltaria em poucos momentos, afastou-se. Não acabara de formar uma idéia do lugar em que me encontrava, quando ela voltou e me fez sinal para acompanhá-la.

Atravessamos a sala e subimos por uma escada de mármore, até chegarmos diante de uma porta que abriu sem bater e, apenas entramos, fechou-se. Estávamos numa sala pintada de azul-claro. Junto a uma mesa coberta com um pano de seda azul, recamado de símbolos místicos, achava-se sentada uma senhora corpulenta de uns sessenta anos de idade. Tinha o rosto cheio e suas rugas o faziam parecer, à primeira vista, grosseiro; porém, logo notei que podia mudar quase instantaneamente a sua expressão. A expressão dos olhos era a característica principal daquela mulher, e pareciam ler na própria alma. Logo que entrei, mostrou-me uma cadeira, e, sem dizer uma palavra, fitou-me com seus olhos azuis escuros por mais de um minuto, dizendo, em seguida:

- Tende um convite?

Apresentei-lhe o convite que recebera pela manhã. Colocou-o numa gaveta da mesa, e prosseguiu:

- Seu nome é Colono?

- Sim, senhora.

- Muito bem, moço, para que é que vieste aqui?

Considerarei um tanto precipitado o seu modo de falar, porém respondi:

- Para pedir entrada na Fraternidade.

- Quais são os teus motivos? - perguntou, mantendo sempre um olhar perscrutador.

- Desejo obter o conhecimento. O saber é o fim e objetivo de minha vida.

- Para que desejas o saber? Será para fins pessoais e egoístas?

- Nenhum fim egoísta me impele - respondi. - É um íntimo desejo. Desde a minha meninice, ambicionei conhecer o significado real das coisas; e o mistério da vida teve uma fascinação irresistível para mim.

- E julgas que existe uma Fraternidade que pode levar-te a esse conhecimento, não é verdade?

- Sei que devem existir os que conhecem mais do que o mundo exterior a respeito da natureza essencial das coisas.

- Onde obtiveste esse conhecimento? - interrogou-me repentinamente.

- Meus pais sempre me ensinaram, - repliquei-lhe.

- Oh! E é essa toda a base para a tua afirmação?

- Meus pais sendo membros dessa Fraternidade, deviam saber e, certamente, não me iludiriam; além disso, tenho uma consciência íntima que me diz que essa Fraternidade existe; e que entre seus membros há homens e mulheres de grande elevação, que possuem admiráveis conhecimentos, poderes e sabedoria divina.

- Ah! Então acreditas numa consciência íntima, não é?

Suas feições abrandaram-se momentaneamente, e julguei notar nela uma disposição mais feminina.

- Creio que o homem é um templo de Deus, e que dentro dele existem poderes e possibilidades divinas, - foi a minha resposta.

- O homem não é somente um templo de Deus... O homem é Deus... O homem perfeito é Deus, - replicou com uma energia que não admitia réplica.

Mudando repentinamente de assunto, perguntou-me:

Que é que pensas das condições atuais do mundo social?

Embora tivesse sido educado no meio da riqueza e aristocracia, era o que os conservadores chamariam extremista: e respondi de acordo com esse modo de pensar:

- Creio que são anormais, monstruosas e contrárias à intenção divina. Um estado social em que o altruísmo e a capacidade são vítimas da maldade e da esperteza não pode zombar muito tempo da justiça eterna, e seu fim está próximo.

Aquela estranha mulher, pelo poder supremo de sua vontade, dominou suas feições; porém, pude ver, pelo brilho de seus olhos, que havia expressado os sentimentos dela.

- E como terminará? - perguntou.

- Isso depende dos homens. Se o sentimento moral se fortalecer suficientemente, no seu devido tempo, as atuais condições lamentáveis darão lugar a coisas melhores; porém, se essa mudança moral se fizer muito demorada, então, como todas as civilizações do passado, mergulharemos no caos de uma noite terrível; e então, através de séculos de luta e sofrimento, nova civilização será construída com os fragmentos esparsos do que ficar.

Começou a despertar em mim a atividade impulsiva que sempre me dominava nos momentos de grande interesse. Com dificuldade me mantinha sentado, e movia-me desassossegadamente de um lado para outro.

- E que farias para ajudar a humanidade a evitar esse terrível destino? Tendes algum interesse em fazê-lo?

- Senhora, faria tudo o que me fosse possível; porém, que posso eu? Sou um ser insignificante; e vede quanto resta a fazer.

- Como homem separado, pouco pode fazer; mas como instrumento do Infinito, muito podes.

Estava para responder, quando mudou repentinamente de conversa, perguntando:

- Tende a data e a hora exata de seu nascimento?

Lembrando-me dos dados que me haviam sido fornecidos pelo Sr. Durant, respondi-lhe que sim.

Sem mostrar surpresa em relação à exatidão da hora, que raramente é conhecida, transcreveu-a num livro. Depois, abrindo uma gaveta tirou um cartão e me apresentou, dizendo:

- Dirija-te ao endereço amanhã, pelas 9 horas; vá sozinho e sem informar a quem quer que seja, e apresentai o cartão. Agora, estás dispensado.

A minha companheira, mantendo seu rosto encoberto, estava à minha espera na sala de entrada. Sem dizer uma palavra, levou-me por outro caminho para a sala do plano térreo, onde outra surpresa me esperava. As paredes laterais da sala estavam cobertas de retratos, finamente executados, de homens e mulheres. Todos os grandes homens da terra eram representados - hindus, chineses, turcos, gregos, egípcios e todas as nações modernas do Ocidente.

Ao atravessar a sala, lançando um olhar apressado pelas paredes, dei um grito, ao ver um grande retrato de meu pai e minha mãe, um ao lado do outro. Esses retratos não eram de sua mocidade, mas sim dos últimos anos. A minha companheira, que estava um pouco mais adiante, parou e como me parecesse que me faria qualquer pergunta, fez-me sinal em silêncio, para que prosseguisse. Atravessamos o pântico de mármore e nos dirigimos à carruagem. O cocheiro abriu a porta e, com grande alegria minha, ela entrou em minha companhia. Não falamos uma só palavra enquanto não tínhamos passado pela arcada, e então ela interrompeu o silêncio, perguntando:

- Por que é que deste aquele grito ao atravessar a sala? Reconhecestes alguém entre aqueles retratos?

- Não foram menos do que meu pai e minha mãe - respondi-lhe. - Os quadros, senhorita, como é que vieram parar aqui? E como são naturais!

- Todos os membros de alto grau da Fraternidade acham-se aqui, - replicou-me. - Desejarias que o teu retrato se encontrasse entre estes?

- Se está no poder do homem colocá-lo, ele sê-lo-á.

- Senhor, não sabes o sentido de tuas palavras, - contestou a mesma voz agradável, cada uma de suas palavras comovendo-me tanto como anteriormente.

- Meus pais o fizeram, e assim também posso fazê-lo. Todos os homens podem alcançar o mesmo grande fim, desde que o queiram. Confiam em que o farei e hei de fazê-lo. Porém, encontra-se aqui o retrato da senhorita?

- Oh! Como pode uma mulher tão pobre e fraca como eu tornar-se tão grande? Sabes, senhor, que ninguém que mantenha pensamentos de amor pode obter a colocação de seu retrato aqui? Portanto, como pode a mulher que nasceu para amar atingir esse fim?

Meu coração pôs-se a pulsar com grande violência; pareceu-me que as suas palavras tinham um significado secreto, e dominando o mais possível a minha respiração, respondi:

- Porém, minha mãe amou, e está aqui.

- Então teve de sacrificar esse amor.

Então as palavras de meus pais se apresentaram novamente à minha memória. Lembrei-me novamente da triste partida de minha mãe no navio infeliz. Todos os mistérios dos últimos dias assomaram na minha mentalidade e estava novamente para perder o meu domínio próprio, quando a minha companheira, parecendo adivinhar os meus pensamentos, me disse:

- Há três grandes passes no progresso humano para a perfeição, e se acham contidos todos numa só palavra: domínio próprio. Separadamente, são: domínio do corpo, domínio da mente, domínio do coração. Grande é o que domina o corpo, maior é o que domina a mente, porém maior de todos é o que domina o coração.

Acreditei com a maior sinceridade, visto que a cada palavra o meu coração se incendiava. Quão grande era o meu desejo de ver o rosto que se achava encoberto por aquele véu preto! Pensei, então, nas palavras de meu pai sobre a minha alma simpática. Certamente, esta é a minha, pensei; vou perguntar sua opinião a respeito dessa doutrina.

- Senhorita, falando de amor, acreditas nas almas simpáticas? Deu meia volta e notei que suas mãos tremiam, quando respondeu com voz tremula:

- Sim, acredito.

Tremendo, mas esforçando-me para manter a voz firme, perguntei-lhe:

- Qual é a doutrina, senhorita? Afirma ela que todas as almas têm suas irmãs e não outras?

- Não; essa é a idéia popular sobre a doutrina, porém; é errada. O verdadeiro ensino é que existem almas - não todas - que se tornaram inseparáveis por causa de suas uniões harmoniosas nas existências passadas. Esses casos são raros, porém existem.

Estava para fazer mais perguntas, quando o carro parou diante da residência dos Durant.

- Já chegamos? Como foi curta a viagem! - observei, quando o cocheiro abriu a porta da carruagem.

Teria ela notado a minha lástima e observado a expressão triste de meus olhos? Não sei; porém, estendeu suas alvas mãos para despedir-se. Não pude vencer o impulso e levei-a aos meus lábios. Oh! Que laços magnéticos havia naquele beijo!

- Adeus, - disse, ao fechar a porta, e voltei-me um tanto automaticamente para o palácio.

- Ela foi-se embora, - disse comigo; e, compenetrando-me da situação, murmurei: - Amo, amo uma mulher que não conheço e cujo rosto nem mesmo vi. Nem sei qual o seu nome; ignoro se é casada ou solteira, velha ou moça. Meu Deus! Que loucura! Mas deve ser moça, pois suas mãos o indicam. Entretanto, às vezes as pessoas idosas têm mãos de moça. E aquela voz e inteligência! Muito bem, Colono, és um extravagante; foste para ser crucificado e se apaixonaste.

Assim refletindo, entrei em casa no momento da refeição da tarde.

Camila e os Durant estavam na mesma disposição de sempre e não me perguntaram coisa alguma. Após uma ligeira refeição e uma agradável conversa à mesa, fui dar um passeio em companhia de Camila.

Ali estava uma jovem, bela, atraente e de fina educação, em cuja companhia vivera durante um ano, e com cujos pais tinha as mais amáveis relações; entretanto, entre nós não havia nada semelhante ao sentimento de amor, nada igual ao que experimentara diante da estranha senhora que me acompanhara.

Seria eu uma daquelas almas à que se referira? Seria ela a minha alma simpática?

Que mistério é a vida! Quantos enigmas contêm! Qualquer que fosse a verdade contida nessa idéia, causou-me alegria e constantemente me achei a pensar nisso.

CAPÍTULO VII

MEMBRO DO QUINTO GRAU

O cartão que recebera da senhora era dirigido ao Sr. Raimundo, rua *Notre Dame des Champs*, e em seguida algumas linhas manuscritas que julguei ser em sânscrito. Embora não fosse conhecedor do sânscrito, sabia o alfabeto e algumas palavras; porém, não fui capaz de decifrar aquele escrito. Chegando pontualmente ao endereço dado, fui recebido à entrada de uma residência simples, por um homem baixo, de barbas pretas e bigodes bem cuidados, o qual parecia ser muito nervoso. Apresentando-lhe o cartão, fitou-me vivamente por um momento e, em seguida, convidou-me para entrar e sentar-me.

- Queres fazer o favor de me dar teu nome? - perguntou com expressão alegre.

- Afonso Colono, - respondi-lhe.

- Muito bem senhor Colono, foste-me enviado para que verifiques a extensão de teus conhecimentos; queres entrar imediatamente em exames, ou desejas algum tempo para preparar-te?

Embora isso fosse um tanto inesperado, decidi-me a não perder tempo e respondi-lhe:

- Se for de tua conveniência, entrarei em exames agora mesmo.

- Para mim, não há obstáculo algum, - disse - e, portanto, o faremos imediatamente. Quando uma coisa deve ser feita, é melhor fazê-la logo. Entrai para a sala.

Levou-me para uma sala contígua, que parecia uma universidade em miniatura. Nas paredes havia quadros negros, mapas, pinturas e quadros, e em numerosas mesas se encontravam globos terrestres, celestes e aparelhos químicos de laboratórios. O trabalho começou imediatamente e, durante sete dias, fui submetido ao mais rigoroso e completo exame em todos os campos do saber humano, desde os conhecimentos elementares até os mais elevados estudos da ciência em um modo sistemático e ordenado.

À tarde do sétimo dia, sem dizer uma só palavra que me desse à situação, deu-me um cartão escrito em sânscrito e que fosse para casa e esperasse os resultados. Não me deu animação, nem um sinal favorável ou contrário.

Voltei para casa, pensando que estava, como sempre, na obscuridade e fazendo aparentemente um progresso muito lento. Passou-se mais uma semana, sem que viesse qualquer informação. Certo dia, encontrando o Sr. Durant sozinho, perguntei-lhe a respeito e respondeu-me que fizera tudo o que podia, e que, desde então, devia confiar no meu destino e em mim mesmo. Na tarde do décimo quarto dia, recebi pelo correio um bilhete convidando-me para dirigir-me à residência do Sr. Raimundo. Fi-lo sem demora, pois estava ficando um pouco impaciente.

O Sr. Raimundo recebeu-me à porta e, fazendo-me entrar, levou-me através do vestíbulo, para uma sala dos fundos, na qual me achei diante de quatro homens que estavam sentados junto a uma mesa central. Tinham o rosto inteiramente coberto por uma máscara preta, que também lhes encobria as barbas. A um gesto do Sr. Raimundo, sentei-me ao lado deles, próximo à porta, e um deles apresentou-me um papel, enquanto todos mantinham, ao mesmo tempo, os olhos intensamente fitos em mim. Abrindo o papel, vi que era um compromisso, tendo espaços em branco para assinar. Dizia assim:

Eu, Afonso Colono, filho de Fernando Colono e Nina Colono, comprometo-me e afirmo solenemente, em nome de meus pais e pela minha honra sagrada, e na presença de minha alma vivente e de Deus Onipotente, que mantereí inviolável segredo até a morte com relação a todos os ensinamentos e instruções que possam ser-me dados nas Secretas Escolas Herméticas; e também me comprometo e afirmo que nada revelarei a respeito das pessoas, lugares ou coisas cujo conhecimento me possa vir pelo contato com essas escolas.

- Assinarás isto? - perguntou aquele que me tinha dado o papel.

- Assina-lo-ei, com uma reserva, - respondi-lhe.

- E qual é? - interrogou-me.

- A de que, para que as minhas idéias sobre Deus não sejam mal compreendidas, queria que fossem inseridas as palavras - Espírito Infinito e Omnipenetrante - depois da palavra Deus. Não creio em Deus no sentido que muitas pessoas dão a esse termo.

Os quatro homens entreolharam-se e, em seguida, dirigiram um olhar ao Sr. Raimundo.

- Muito bem - disse o principal - inseriremos essa cláusula. Tomou o papel e escreveu aquelas palavras no lugar indicado, devolvendo-o, ao terminar.

Tendo lido novamente, assinei-o. Cada um dos quatro assinou, por sua vez, como testemunha, e o papel foi entregue ao Sr. Raimundo. Enquanto este assinava, notei que cada qual tinha posto um sinal diferente e especial no fim de sua assinatura.

- Agora, Senhor Colono, - disse o que recebeu o papel, - és aceito membro do quinto subgrau do Quarto Grau. O Quarto Grau tem sete subgraus; nasceste no terceiro subgrau e, durante oito anos, foste inconscientemente membro do quarto subgrau. Passarás a graus superiores à proporção que teu desenvolvimento e saber o permitirem. Os seres humanos são muitas vezes membros dos graus inferiores, embora não o saibam. A admissão não está na posse de certificados, mas, sim, na observância de regras. Aqueles que obedecem as regras e levam a vida de acordo com essas, são membros, embora não o saibam. Neste grau, a senha é - Estudo, Paciência, Saber - e todo progresso depende dos esforços do estudante e da pureza de motivos que impulsionam seu desejo de conhecimento. Logo de princípio, ficai sabendo que tudo depende de vós e somente de vós. Não peças conselho, mas confia em tua força interior. Agora está dispensado. Quinta-feira próxima haverá um baile de máscaras na residência do Senhor Carreau; uma pessoa irá convidar-te e terás a bondade de atendê-la.

Ao terminar, dirigiu-se para a porta. Atravessei a sala em companhia do Sr. Raimundo e retirei-me, refletindo sobre a relação que podia existir entre um baile de máscaras e uma escola de ocultismo. Lembrei-me, então, do nome de Carreau, notando que era o nome do Secretário da Guerra, que ordenara a remoção da pintura do Louvre.

Não havia aprendido muito que fosse de natureza definida, porém os incidentes isolados se tornavam mais concatenados. Uma pessoa me convidaria - Espero que seja a minha amiga desconhecida - murmurei. - Porém estará mascarada e nunca verei seu rosto? - Assim pensando e falando comigo mesmo, voltei para casa e apliquei-me com a maior diligência aos meus estudos.

Chegou a noite de quinta-feira, e havia-me vestido de monge, ficando à espera do convite. Eram pouco mais de sete horas quando chegou uma carruagem diante da porta de casa. E com desilusão minha, saiu dela um homem, que, dirigindo-se para a entrada, tocou a campainha e, sendo atendido, mandou-me seu cartão. José Henry, dizia este, espera-te na carruagem. Voltara para a carruagem e, tendo arranjado meu vestuário, para lá me dirigi. Ainda não sabia onde era a residência de Carreau, porém a carruagem partiu imediatamente para o centro da cidade.

- Tendes contigo o cartão que e foi dado pelo Sr. Raimundo? - perguntou meu companheiro, no mais puro inglês.

- Tenho-o, - respondi-lhe.

- Então não me é necessário acompanhar-te; e como tenho outras coisas importantíssimas a tratar, deixar-te-ei ir só na minha carruagem. - Antes que pudesse responder, prosseguiu:

- Ao chegares à entrada da sala de baile, apresentai teu cartão, e sendo admitido, responde a todas as perguntas que te forem feitas e obedeça a todas as ordens que te forem dadas.

- Farei como me indicaste, - respondi-lhe, pensando, ao mesmo tempo, que aquele era um modo estranho de obter entrada para um baile.

Como o estranho não fizesse mais observações, prosseguimos em silêncio até chegar ao Madalena, onde saiu da carruagem, que imediatamente fez uma volta e pôs-se a correr rapidamente. O cocheiro apressou o animal, seguindo a carruagem através de ruas profusamente iluminadas, cujos asseios estavam tomados por uma multidão alegre e descuidada, até que penetramos numa avenida menos iluminada.

Prosseguimos pela mesma, rapidamente, durante uns trinta minutos, dirigindo-nos então para um portal de uma residência amplamente iluminada, que se encontrava fora do alinhamento. Depois de breve pausa, passamos o portão e nos dirigimos para a entrada principal. Ao descer da carruagem, uma mulher vestida de preto e coberta com um véu, desceu de um carro, que estava na minha frente. Vendo-me, voltou-se como para falar, quando um indivíduo alto e vestido com um casaco passou entre nós e ouvi-o dizer as palavras - “quatro mais três”. A mulher imediatamente se voltou e apressou a subir os degraus da escada, enquanto o homem desapareceu atrás de um pedestal. A mesma sensação agradável que havia tido quando me encontrei na companhia da mulher de preto, algumas semanas antes, novamente se apoderou de mim, e tive a certeza de que era a mesma. Apressei meu passo e entrei para uma sala repleta de pessoas, exatamente no tempo de vê-la desaparecer por uma porta lateral. Havia, evidentemente, certa demora em obter entrada para a sala de baile, pois as salas estavam repletas de mascarados. Aproximando-me da porta, verifiquei que a entrada era feita de cada qual por sua vez, ficando a porta fechada durante vários minutos depois que alguém entrava. Estava um tanto intrigado com esse modo de proceder, quando chegou a minha vez e apresentei o meu cartão. Depois de um cuidadoso exame feito por um porteiro mascarado, foi-me devolvido e a porta fechou-se atrás de mim.

Na frente havia uma parede que formava um estreito corredor para o lado direito, o qual dava para uma saleta quadrada alumada por uma luz verde, proveniente de um candelabro no centro da mesma; essa sala era ocupada por duas pessoas. Junto a uma mesa à direita se achava um homem idoso, de aspecto patriarcal, cujos cabelos compridos e brancos, longa barba e abundantes pestanas, lhe davam uma aparência verdadeiramente venerável. À esquerda, junto a outra mesa, se encontrava uma mulher vestida de preto, cujas feições jovens eram apenas parcialmente encobertas por uma máscara escura, através da qual se viam uns olhos negros e penetrantes, que emitiam fagulhas como carvão aceso.

- Teu nome? - perguntou o patriarca.

- Afonso Colono, - respondi-lhe.

- És convidado? - perguntou a mulher em tom baixo e impressivo.

- Sim, senhora, - foi a minha resposta.

- Mostrai-nos teu convite.

Apresentei-o à mulher que, depois de examiná-lo, mo devolveu, fazendo uma inclinação de cabeça e indicando-me que o mostrasse também ao patriarca. Inclinando-se para a mulher, em sinal de afirmação, devolveu-me e perguntou-me:

- Qual é o lugar e a data de teu nascimento?

- Paris, 5 de junho de 18...

- A hora?

- Sete e quarenta e cinco da manhã, - repliquei.

- Passai para a esquerda, - disse a mulher que anotara as minhas respostas. Como que por um sinal secreto, uma porta se abriu à esquerda e, passando por ela, achei-me diante de outro homem mascarado, numa sala semelhante à primeira.

- Irmão, disse o homem, fazendo-me sinal para que me sentasse - os preliminares por que passaste parecer-te-ão muito fora de propósito nesta ocasião, e, por isso, te explicarei: Aqueles que tomam parte neste baile são nossos filhos e filhas escolhidos, que são as flores de todos os países. É muito justo que as protejamos dos lobos que, sob a delicadeza de um exterior atraente, corrompem e mancham.

Seus modos de vida tornam-nas extremamente sensíveis a todo mau pensamento e influência; e, por isso, temos de exercer grande cuidado. Irmão, tendes esta noite o privilégio de se relacionar com os homens e mulheres mais puros e perfeitos do mundo. Com efeito, são muito elevados, porém não deste mundo. Acreditamos e esperamos que sejas digno desse privilégio. A tua presença aqui constitui tua apresentação a todos. Aqui, as formalidades e convenções, tão necessárias na vida ilusória do mundo, são desconhecidas. Todos são irmãos e irmãs. Entrai! Gozai da vida em seu aspecto superior, em que o coração e a mente se unem em harmonia com o movimento rítmico do corpo e o mais puro amor reina.

Abriu a porta e me encontrei numa sala de baile encantadoramente iluminada. Os suaves acordes de uma valsa repercutiam na sala e capitosos perfumes embalsamavam o ar. Por alguns momentos permaneci na entrada, lançando um olhar pela sala, na esperança de ver a que se vestia de preto; porém, não foi essa a ocasião de encontrá-la.

- Padre, admitis que a mulher tenha direitos iguais aos do homem? - disse ao meu lado, uma delicada voz feminina. Voltando-me, achei-me diante de uma bela camponesa. Pensando qual seria o objetivo daquela pergunta em tal ocasião, respondi-lhe:

- A diferença de sexo não deve ser empecilho aos direitos; os corações e os cérebros é que devem determiná-los. Nas coisas do coração, a mulher deve ter todo o direito e ser superior; em coisas da cabeça, o homem.

- Ah! Padre, então não julgas que a mulher é igual ao homem no que se refere à capacidade mental?

- Ordinariamente, não; existem realmente exceções, mas apenas exceções.

- Muito bem, padre, não pode considerar a dança uma coisa mental, por isso peço-te acompanhar-me na valsa.

Os incidentes dos últimos dias não haviam sido de natureza a estimular o meu lado frívolo; o repentino aparecimento de minha mãe e o desaparecimento de meu pai, assim como o meu exame e os meus estudos, me tinham colocado numa disposição mental muito séria; porém, não me era possível recusar, de modo que logo nos encontramos deslizando pelo assoalho encerado, nos movimentos cadenciados da dança.

Consegui que um certo número de pessoas fizesse a mesma coisa ao mesmo tempo, por simples ou insignificante que seja em si mesma, e formei com elas, por assim dizer, uma unidade comum. Logo me senti como sendo parte da assembléia, e esqueci-me dos meus cuidados e aborrecimentos na alegria comunicados por aqueles corações livres e satisfeitos. Minha companheira era uma agradável dançarina e parecia uma fada a segurar-me pelo braço. Entretanto, meus sentimentos eram muito diferentes das vivas sensações que me havia causado a mulher de preto, embora eu a esquecesse no prazer do momento. Terminou a valsa e voltei novamente ao meu estado mental. Os pensamentos sérios tornaram a apoderar-se de minha mente e, lembrando-me de que era um monge, decidi-me a aproveitar-me de minha qualidade.

- Que sucederia se o bispo de tua diocese te visse agora, meu alegre monge? Onde iria parar teu cargo? - perguntou minha bela companheira, rindo abertamente.

- Meu pai, perdoe-me, nunca mais o farei - respondi-lhe solenemente. - Oh! Como foi que me deixei, por um momento, tentar assim por uma bela mulher!

- É mais um caso, padre, de Adão e Eva e da fraqueza do pobre homem, - disse a minha alegre companheira com o sorriso zombeteiro.

- O diabo nos tenta sutilmente, sob o disfarce da beleza, - repliquei, conservando o meu papel com toda a sua dignidade.

- Mas, meu padre, onde estariam os filhos de Adão se não tivesse sido assim? Imbecis, cegos, desprovidos de mentalidade e sentidos, inocentes, mas sem conhecimento. Bendita seja a Eva que tentou o homem a comer o fruto da árvore que dá sabedoria, - disse minha companheira, fazendo-se a séria.

- Procuras defender os erros de tua mãe com sofismas sutis; cuidado com a heresia, minha filha.

- Heresia! Não são as próprias Escrituras que o dizem? Não o tentou ela a comer o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, que faz dos homens deuses? Quem pode criticar uma aspiração tão nobre?

- Minha filha, minha filha, confesse teus pecados antes que a cólera divina te castigue, - disse-lhe, pensando se todas as que ali se achavam eram como ela.

- Deus não se encoleriza; a Escritura diz que Deus é Amor.

- Filha, quem te ensinou a assim empregar mal as palavras da Escritura?

- Empregar mal? Durante dois mil anos, monges como tu, movidos por preconceitos, perverteram a verdade e encheram a mente dos homens de erros; e agora haverá de contestar-me? - Seus olhos brilhavam pelo entusiasmo e a indignação. Evidentemente toda a sua alma estava no argumento. As coisas se estavam fazendo interessantes; estava para ser vencido, porém devia manter o meu terreno, e respondi:

- Os homens é que merecem reprimenda por isso, não nós. Velamos sob as formas de símbolos as verdades sagradas, e os homens, abandonando a razão, tomam a casca e deixam a fruta, alimenta-se de cascas e não vêem o grão.

- Mas, por que não ensinais a verdade pura e completa? Por que enganais por meio da forma?

- Assim deve ser; lançar as nossas pérolas aos porcos, para que as pisem, seria desperdício de tempo e falta de discernimento.

- Ah! Padre, dá a entender que há ocultismo na Igreja Romana?

- Cuidado! Não fales tão alto; as paredes têm ouvido. Que sabes de ocultismo?

- Um pouquinho - respondeu ela rápida e misteriosamente, e como não lhe respondesse, mostrou-se surpresa. Evidentemente fora apanhado. Havia senhas ali.

- Ah! Compreendo - disse. Vinde comigo e mostrarei o que sei.

Profundamente interessado e admirando-me sobre o que sucederia depois, acompanhei-a.

Observei, então, que havia uma série de portas de cada lado da sala. Seguindo na frente pelo lado esquerdo, bateu numa delas por quatro vezes. A porta imediatamente se abriu e entramos.

Os lados da sala tinham prateleiras repletas de livros e as suas paredes azuis tinham um friso formado de símbolos místicos. Em numerosas mesas havia grupos de homens e mulheres, aparentemente empenhados em estudos. Esses grupos eram invariavelmente formados de seis pessoas e mais uma que era evidentemente um instrutor.

No centro da sala, junto a uma mesa que quase o rodeava, estava sentado um homem de meia-idade, cujas feições eram apenas parcialmente encobertas por uma máscara preta, que deixava descobertos os olhos. Aproximando-se do homem, a minha companheira, disse:

- Um novo estudante.

Voltando-se para mim, o homem assim se expressou:

- Tende a bondade de mostrar-me teu cartão. - Tendo examinado o cartão, devolveu-me e, dirigindo-se à minha companheira, disse:

- Esta noite os grupos estão completos; porém, se a senhorita quiser deixá-lo ao meu cargo, tratarei de sua instrução.

A minha companheira inclinou-se e estava para retirar-se, quando perguntei se não estaria fora do regulamento pedir para vê-la depois do baile.

- Esperar-te-ei, reverendo, à entrada, - respondeu ela, sorrindo, e partiu.

- Senhor, - disse o homem, apontando-me uma cadeira junto à mesa, - o cartão que o Sr. Raymundo, E. E. (Examinador Exotérico) te deu, diz que passaste por um exame bastante honroso e estás em condições de receber instruções mais adiantadas e difíceis. Doravante, teu estudo será o grande e

admiravelmente negligenciado mistério - o Homem, incluindo tudo o que se refere a ele, social e individualmente, mas, antes de tudo, o homem como ente. Enfim, para determinarmos o ponto certo, tu és um homem, e, portanto, teu estudo é ti mesmo. Essa presença aqui indica que és relativamente livre de preconceitos e estás pronto a olhar tua natureza, boa ou má, com toda a franqueza. É isso mesmo?

- É exatamente isso, - respondi, pensando que, afinal, estava no caminho certo.

- Muito bem, então ficai sabendo que todo homem é duplo em sua natureza - masculino e feminino, como diz o tão mal compreendido livro do Gênese, ao ler-se nas entrelinhas: Isto quer dizer que os elementos masculino e feminino formam tua constituição. Como é homem, o elemento masculino predomina e o elemento feminino é, em ti, dependente. A primeira coisa que haverá de fazer, o primeiro grande passo que deves dar em todas as iniciações ocultas, é colocar esses dois elementos em estado de equilíbrio. O homem deve unir-se à mulher; a mente deve unir-se com o coração. A mente, não sendo orientada pelo coração ou pelas intuições que partem dele, leva apenas ao materialismo cego e às frias formas mortas, não podendo resolver o enigma do universo. O coração, separado da mente, leva apenas a uma fé fanática e cega, que desconhece a razão e que a imaginação desorientada governa. Para alcançar-se a suprema iluminação, a razão e a consciência devem ir de mãos dadas, indissolivelmente unidas. Ora, o método que seguimos para chegar a esse fim tão desejado é muito simples, porém a sua mesma simplicidade pode levar ao erro; tomai bem nota de minhas palavras. Unimos cada homem e cada mulher em laços legais de amor. Tu, por meio dela, desenvolve essa natureza feminina, e ela, por meio de ti, a sua natureza masculina; e assim se opera o equilíbrio tão indispensável para a luz. Esse é o significado deste baile. Em desacordo com os antigos monges, cultivamos a chama do amor, porém, apenas na sua forma mais pura. Gravai isto em tua mente, e fique sabendo que teu progresso depende de tua união com uma alma feminina. Entre as nossas irmãs encontrarás as que são dignas de teu mais elevado amor. Se encontrares uma cuja alma seja simpática à tua, escolhei-a para tua esposa; porém não a escolhas sem que teu coração o imponha, e mantende sempre puros os teus pensamentos.

Lembrei-me da doutrina das almas simpáticas e dos primeiros ensinamentos de meus pais. E fora ali que meu pai encontrara minha mãe; estava eu ali também para cumprir meu destino? Meus pensamentos se dirigiram para a mulher vestida de preto, e tive um vivo desejo de encontrá-la novamente e saber mais alguma coisa a seu respeito.

- Agora - prosseguiu meu instrutor - consideraremos os sinais, palavras veladas e alegorias dos místicos, em particular de Hermes Trismegisto, Paracelso, Jacob Boehme, Eliphas Levi, e a muito deturpada e pouco compreendida Senhora Blavatsky. Julgamos que estás um tanto familiarizado com as obras publicadas destes mestres, porém poucos são os que encontram os ensinamentos secretos em suas obras.

Seguiram-se, então, duas horas de instrução sobre as doutrinas desses mestres e, pela primeira vez, o véu começou a cair. Havia visto obras desses grandes místicos na biblioteca de meu pai, e as havia estudado conjuntamente; porém, embora meu pai tivesse muitas vezes aludido à significação esotérica de muitas partes desses livros, nunca a divulgara, dizendo-me que eu devia aprendê-la de acordo com as regras. Parecia que tinha chegado a oportunidade para isso. Durante todo esse tempo, cada grupo prosseguiu em seus estudos num tom baixo e meu instrutor falou-me da mesma maneira. Repentinamente um som musical vibrou na sala e o estudo terminou.

- Chegou o tempo de tirar as máscaras e iniciar as conversas - disse meu instrutor. Reunimo-nos todas as semanas, porém, a fim de evitar uma atenção indesejável, alternadamente na residência de outro membro. Entretanto, prossiga em teus estudos. Adquiri as obras desses autores com o Senhor

Calho, tendo o cuidado de comprar somente as que têm uma marca particular na página - e meditei bem e atentamente os trechos em grifo.

Encontrávamos novamente no salão, que, tiradas as máscaras, ficou repleto de belas, delicadas e inteligentes mulheres e de cavalheiros atraentes e sérios. Não foram necessárias apresentações, como dissera o porteiro, sendo suficiente a presença de cada um. Encontrei-me numa sociedade como todas deviam ser, em que os homens e as mulheres eram verdadeiros irmãos e irmãs, tendo as mentes e o coração dirigidos para as mais altas aspirações e as mais profundas questões. Maior ainda foi a minha surpresa quando encontrei ali Camila e muitos dos meus amigos da sociedade. Todos me rodearam, cumprimentando-me pelo meu progresso.

- Vede agora - disse Camila, sorrindo - que uma mulher pode guardar segredo, se quiser, mas, doravante, podemos conversar com um pouco mais de franqueza.

- Porém, onde estão o Senhor e a Senhora. Durant? - perguntei.

- Não fazem parte desta seção; creio que pertencem a um grau mais elevado, - respondeu-me.

Uma francesa de cabelos anelados tomou então a atenção dela e voltei-me para procurar a irmã camponesa. Enquanto a procurava inutilmente, a mulher de preto saiu de uma porta lateral no momento em que passava em frente. A mesma emoção de alegria perpassou pelo meu corpo, a mesma pulsação mais rápida; agora é minha vez, pensei. Devo falar-lhe.

- Senhorita - perguntei - nos encontraremos novamente?

Voltou-se; porém, mesmo sob o véu trazia a máscara.

- Já nos encontramos anteriormente? - perguntou em inglês.

O tom da voz não era o mesmo, mas isso talvez fosse devido à língua; na primeira vez falara em francês, e foi nesta língua que me dirigi a ela e, portanto, a entendia.

- Não se lembra a senhorita da viagem de carro? - perguntei-lhe, persistindo no emprego do francês.

- Que viagem de carro? - perguntou, persistindo também em falar o inglês.

Lembrei-me do meu compromisso de guardar segredo e fiquei hesitante se devia falar ou não com maior clareza. Havíamos chegado em frente a outra porta e, inclinando-se lentamente, em sinal de despedida, ela se afastou.

Que significava aquele recebimento frio? Seu modo de proceder era diferente do dos outros. Nem sequer se dignava falar como amiga. Poderia meu coração ter cometido um erro? Não, devia ser ela; sentia a sua falta. Observei, entretanto, que muitas pessoas ainda estavam mascaradas. Na esperança de aumentar o número de meus conhecidos, estava para dirigir-me a um dos presentes, quando fui rodeado por um grupo e levado a uma discussão sobre a medicina.

Passou-se mais uma hora na mais interessante conversa, quando uma alva mãozinha bateu em meus ombros e, levantando os olhos, dei com a minha irmã camponesa, que ainda conservava sua máscara.

- Vou retirar-me, meu bom padre, - disse com um sorriso zombeteiro, - e venho dizer-te adeus.

- Poderei acompanhá-la? - perguntei-lhe, levantando-me e seguindo-a em direção à porta.
- Com todo o prazer, se o desejas, - respondeu, e passamos juntos pela porta de saída.

Os dois guardas internos se tinham retirado, ficando apenas o porteiro.

Se me acompanhares, debes conceder-me um pedido - disse minha companheira, ao descermos as escadarias.

- Já está de antemão atendido; qual é? Repliquei-lhe.
- Que te leve para tua residência em meu carro - respondeu, com surpresa para mim.
- Não estamos em dia de festa - repliquei em sinal de protesto.
- Não importa, não gracieje, o meu pedido está atendido.
- Muito bem, se insiste - respondi-lhe ao entrarmos no carro, que logo seguiu para a minha residência. Enquanto nos dirigíamos para a residência dos Durant, uma conversa interessantíssima se deu entre nós, terminando quando a carruagem parou. Desci imediatamente e agradei-lhe pela bondade de ter-me levado ao mestre e me acompanhado até em casa. Como resposta, disse-me:
- Sóbrio monge, se tivesse persistido na dança, não terias tido a oportunidade por longo tempo. Passaste bem a tua primeira prova, sem o pensar, escolhendo o sério e não o frívolo. Congratulo-me contigo.
- Muito bem irmã, te agradeço e me despeço, esperando logo te encontrar novamente, quando possa ver teu rosto. Porque é que tu e mais algumas outras conservam sempre as máscaras?
- Há muitas que julgam melhor encobrirem sua identidade até para seus irmãos; com o teu progresso, sem dúvida, virás a saber a razão disso. Adeus.

Julguei ter notado uma mudança em sua voz, e, coisa estranha, uma emoção que nunca mais esqueci passou pelo meu corpo, e meu coração sentiu um momento de grande alegria. Porém, ela já se havia afastado; que significava isso? Era o meu sonho das almas simpáticas nada mais que um sonho? Haveria dois amores? Assim refletindo, fui para o meu quarto.

CAPÍTULO VIII

IOLE

Passou-se um ano; eu havia recebido cinquenta e duas lições. Todas as semanas, sob o manto de um baile de máscaras, nos reuníamos para estudo e aperfeiçoamento mútuo. Camila e eu continuávamos a ser grandes amigos - irmão e irmã; assim também uma forte amizade se desenvolvera entre eu e minha irmã camponesa, que embora muitas vezes se vestisse de modo diferente, sempre conservava o rosto vendado. Em vão foram os meus pedidos para que desfizesse o incógnito; recusava-se terminantemente.

- Camila, quem é ela? - perguntei um dia.

- Sabes que a regra é que quem conserva a máscara deve continuar no incógnito, - respondeu.

A mulher velada que só usava vestido preto, era um mistério cada vez mais impenetrável; mais ainda do que a minha irmã camponesa, que, embora encobrisse sua identidade, era a minha melhor companheira. Entretanto, a mulher de preto raramente me dava oportunidade para conversa, porém, quando o fazia, por mais estranho que isso pareça, eu era o mais feliz dos homens. Desde a primeira noite, era membro de um grupo de estudantes, e a camponesa era minha companheira de estudos.

Fiz rápidos progressos, pois, como dissera meu instrutor, o meu treino preparatório havia sido o melhor. As falhas e lacunas da ciência materialista estavam desaparecendo, e cada vez mais se tornavam visíveis sua superficialidade e suas conjecturas. Porém, esse crescente conhecimento apenas tornava mais clara e evidente certas ligações sobre as quais fazia perguntas e refletia sem resultado. O mestre principal, que me dera a minha primeira instrução, fazia uma preleção à abertura de cada sessão. Essas preleções estavam repletas de idéias significativas, mas recusava-se a responder a perguntas sobre as mesmas, dizendo-nos que refletíssemos sobre elas e tirássemos nossas conclusões. Quando, em certa ocasião, lhe mostrei sinais de divergência, disse: - O conhecimento não deve ser comunicado, mas desenvolvido.

O conhecimento não vem de fora, mas, sim, de dentro. Todo o teu estudo de livros e objetos é apenas para estabelecer as condições instrumentais por meio das quais o Conhecedor pode surgir e manifestar-se.

Refleti muito sobre isso, e comecei a pensar e meditar no Conhecedor. Os resultados foram admiráveis; fui adquirindo saber de uma forma até então desconhecida para mim, e muitas vezes falava com uma sabedoria que me surpreendia. Ora, depois de um ano de estudo, tornou-se evidente que ainda me achava num grupo semi-esotérico e relativamente exterior. Chegando a essa conclusão, tomei a determinação de progredir, e assisti a primeira reunião do segundo ano com essa resolução. Lembrei-me de que, ao assinar meu compromisso, haviam dito que meu progresso dependeria de meu desenvolvimento e aptidão, e não podia ser obtido senão por uma aplicação maior. Determinei-me, portanto, a empregar um pouco de diplomacia e, com esse fim, confiei em certo conhecimento que tinha conseguido no que chamam sonho. Na noite mencionada, depois de passar pela costumeira dança, entrei na sala de estudo, e, aproximando-me do instrutor principal, murmurei algo em seus ouvidos.

- Onde aprendeste isso? - perguntou vivamente, com expressão de surpresa.

- Nunca o aprendi, conheço-o, - respondi com seriedade.

- Muito bem, não comunique isso aqui, - disse, e, tirando um livro do bolso, do qual retirou um cartão, escreveu neste alguns caracteres místicos. Entregando-me, explicou:

- Na próxima reunião, apresente este cartão ao guarda interno da direita; agora prossiga em teus estudos e nada diga.

Era a noite quinquagésima quarta e, à entrada apresentei o cartão à mulher velada que se achava à direita. Tomou o cartão, e tendo-o lido, fez-me sinal que o mostrasse ao patriarca, que estava à esquerda. Depois de examinar cuidadosamente, este fez um sinal afirmativo e, ao entregar-me o cartão, fez um sinal à mulher, que me disse:

- Entrai à direita e esperai a nossa chegada.

Até então sempre me havia dirigido para a esquerda, porém, enquanto falava, uma porta se abriu ao lado dela, e entrei para a saleta, pintada no mais puro branco. Sentei-me num divã branco, e esperei algum tempo até o patriarca e a mulher entrarem.

- Irmão, - disse a mulher, tomando uma cadeira na minha frente, enquanto o patriarca se sentava junto a uma mesa próxima, - tua presença perante nós exige que nos de tua confiança absoluta.

O Examinador Esotérico nos diz que tendes informações que pertencem apenas a membros do sexto subgrau. Onde a obtiveste?

- Pela meditação e concentração íntima no Espírito, - respondi, quase sem refletir, e ficando surpreso pelo que tinha respondido.

Olharam-se mutuamente e o patriarca aproximou-se.

- Não sabes que essa prática é perigosa para os que não estão preparados? - interrogou o patriarca em tom muito sério.

- No meu desejo desinteressado de conhecimento, julgo-me preparado, - respondi-lhe.

- É tua vida pura e livre de toda mancha? Estais livres até mesmo de uma sombra de ambição egoísta? - interrogou novamente.

- Minha vida é pura, e o foi desde a infância, repliquei-lhe.

- Por que é que procuras o saber?

- Porque é próprio da natureza verdadeira da alma procurá-lo.

- Empregarás alguma vez teu conhecimento para fins maus ou egoístas?

- Não o farei; o eu está morto. - Ao dizê-lo, impressionei-me com a intensidade da minha resposta. Os presentes entreolharam-se e o patriarca prosseguiu:

- Se esse conhecimento te der poder, como o empregarás?

- Em proveito de meus irmãos e da verdade! - respondi sob o impulso de uma inspiração.

- Não para outro fim nem indiscretamente?

- Somente para o bem e na certeza de ser justo; não de outra forma.

- Aprendeste o poder e possúis domínio próprio?

- Julgo que o tenho, repliquei-lhe, no pensar na mulher de preto.

- Tuas palavras subentendem uma dúvida, onde se acha tua fraqueza?

- Não quero ser demasiado positivo; pode haver condições em que poderei perder o governo de meu coração, embora tenha sido terrivelmente experimentado. - Pensava em meus pais e na possibilidade do amor. Como se adivinhasse meus pensamentos, a mulher perguntou-me:

- Já amaste?
- Como a criança aos pais, sim, como irmão para irmã, também; como... - hesitei em prosseguir.
- E não como amante? - perguntou a mulher.
- Acho-me em dúvida, essa palavra tem para mim um significado incerto, porém, devo confessar, uma irmã desconhecida me afeta de um modo estranho.
- Quem é ela?
- Não a conheço; sempre se apresenta vestida de preto e nunca tira a máscara. Entreolharam-se e o patriarca mudou repentinamente a conversa, perguntando:
- Como aprendeste que o homem é sete menos dois?

- Toda tarde tenho refletido profundamente sobre a constituição do homem. Certa vez engolfei-me tanto em meus pensamentos que passou a hora do jantar e eu estava em profundo sono. Repentinamente me levantei no espaço e fui levado por sobre o oceano; livre de uma forma pesada, fui com a rapidez do pensamento para o Oriente. Vi o Espaço Nevado profundamente envolto no azul do céu, muito acima das nuvens. Então, por alguma mudança milagrosa de que se formam os sonhos, encontrei-me como estudante numa cripta desconhecida e isolada. Ali pude ler muitas coisas misteriosas e admiráveis. Muito estudei e aprendi; e então tudo desapareceu. Oh, se me fosse possível recordar esse conhecimento! Porém, quando me despertei novamente, nada mais me lembrei senão desse fato e da memória do sonho.

Essa estranha atividade interna que, em freqüentes intervalos, em minha vida toda surgiu dentro de mim, novamente se apresentou, e falei como inspirado. Meus examinadores, que haviam estado me observando com um olhar atento, falaram ao mesmo tempo:

- Bem-vindo seja, és membro do Sexto Grau; e ela será tua instrutora!
- Testava para falar, quando novamente o patriarca colocou os dedos sobre os lábios em sinal de silêncio, e disse:
- Dois caminhos partem do Sexto Grau, e ambos levam para o Sétimo; deves trazer uma máscara até ser escolhido teu caminho. Que ninguém veja teu rosto aqui nas reuniões sem permissão para isso. Dirija-te agora para a sala; uma amiga te espera.

Então uma porta se abriu e ele fez-me sinal para que entrasse na sala. Dançava-se a segunda valsa e eu, desta vez mascarado e disfarçado em cavaleiro, estava a procurar uma dama, quando uma freira, vestida com o mais puro branco e tendo o rosto coberto, colocou sua alva e encantadora mão sobre o meu braço. A mesma sensação de alegria perpassou pelo meu corpo e meu coração pôs-se a pulsar violentamente, quando uma voz doce e musical, me disse:

- Em nome da paz e do amor, senhor Cavaleiro, deixa tuas armas. Ainda apóias a guerra, a guerra mais cruel, ou o teu vestuário é a máscara de um homem de coração e honra?

Bela freira - respondi-lhe com o coração a bater violentamente, - se todas as mulheres tivessem o poder de tua voz tão doce, o mundo logo teria a paz e todos os que guerreiam haviam de amar. Porém, bela freira, ofendeste os Cavaleiros que sempre lutaram pela virtude e o amor.

- Ah! Se de fato isso fosse verdade, porém a minha memória diz que não o é. Lembro-me muito bem que, na vida passada, os Cavaleiros, pretendendo serem honrados lutaram para roubar as pobres freiras e o fizeram.

Não podes ser tão velha encantadora freira; que queres dizer?

- A idade da forma não é a da alma. Você e eu vivemos na terra várias vezes.

Que sentimento estranho isso despertava em meu coração? Que admiráveis êxtases de alegria dentro de minha alma? Não podia mudar essa conversa por uma dança; ela estava tratando da mais importante questão de minha vida, do mais profundo assunto de meus pensamentos. Com um sentimento nunca experimentado de alegria, procurei fazê-la prosseguir:

- Se vivemos anteriormente e lembras, por que não sucede o mesmo comigo? Talvez tenha sido o Cavaleiro que outrora te roubou; porém, se o foi, era por amor. E se te amei outrora, amo-te ainda; pois sou daqueles que só amam uma vez.

- Não sejas tão ousado guerreiro armado e preparado para a luta, podes estar falando a verdade, ao menos em parte; porém, se tem interesse por este assunto, vamos para onde possamos estar a sós.

- Com grande prazer - respondi-lhe, enquanto pegava em meu braço e me levava para o lado direito da sala. Anjo do amor, pensava eu, ela devia ter mudado do preto para o branco. Sua voz era a mesma que a daquela que encontrara na ida à residência da senhora Petrovna; porém era tão diferente da mulher de preto que encontrara na sala. Poderia ser a mesma? Se assim era, que significava aquela mudança? Nunca entrara pelas portas do lado direito da sala e, ao passarmos por uma delas, encontrei-me numa sala pintada de branco e enfeitada de ouro. Ela fechou a porta e me levou a um sofá; sentando-se diante de mim, tirou seu véu, dizendo, ao fazê-lo:

Não quererá o Cavaleiro tirar sua máscara?

- Por um momento, não dei resposta, maravilhado pela beleza de seu rosto que excedia a tudo o que tinha visto. Ao mesmo tempo recordações estranhas surgiram em minha mente. Onde havia visto anteriormente aquele rosto? Aqueles grandes olhos castanhos, como verdadeiras janelas de uma alma poderosa, se iluminaram com a luz do amor. Pestanas compridas e regulares, sobrancelhas bem formadas, boca de forma ideal. O rosto tinha a alvura da pérola e uma sadia cor rosada nas maçãs; porém, acima de tudo estava a expressão de sua fisionomia, que a tornava uma figura perfeita de beleza divina. Não era para admirar que usasse máscara para evitar chamar a atenção; ninguém podia ver aquele rosto sem ficar extasiado.

Sem abaixar seus admiráveis olhos, e aparentemente inconsciente de minha admiração, repetiu seu pedido. Pouco tempo antes havia sido avisado pelo patriarca que não mostrasse meu rosto, e, lembrando-me de minha promessa, respondi com hesitação:

- Tenho compromisso de conservar a máscara.

- Estamos sós, respondeu; e estava para ceder, quando, dando um longo suspiro, colocou novamente seu véu e me fez sinal para desistir. Vi, então, que era uma prova; e vira a minha fraqueza. Haviam-me falado de uma amiga e instrutora e não de uma tentadora.

- Senhor Cavaleiro, - disse então, - estamos falando de vidas passadas, e perguntaste por que é que não e lembras delas. Em primeiro lugar, a memória cerebral, que é muito variável e incerta, só registra as experiências desta existência; as vidas passadas têm seus registros na alma. O treino desperta a consciência da alma, e com essa consciência, todas as recordações do passado, nela conservadas. Agora, se quiseres ter a bondade de escutar, relatar-te-ei uma história; deixai que tua alma se desperte.

Novamente tirou o véu e, tomando uma cadeira na minha frente, fitou-me profundamente nos olhos e prosseguiu em tom baixo e musical:

- Estamos numa bela manhã de primavera. Uma ligeira brisa transporta nuvens douradas através do azul da abóbada celeste. As árvores frutíferas estão cobertas de flores abertas e botões, a atmosfera está toda recendente de seus perfumes e os pássaros cantam, felizes, por toda parte. De um lado o horizonte vai unir-se, ao longe, com as montanhas, e do outro, os claros regatos, correndo através dos campos, vão terminar no plácido espelho do mar. Isso mostra que nos encontramos na Grécia Antiga. Duas formas viajam pela estrada que se estende através das montanhas. Uma é um jovem em toda a pujança de sua idade e beleza, com seu rosto e suas formas meio descobertas, tipo esse cuja semelhança raramente se viu desde a decadência da Grécia. Ao seu lado seguia uma bela mulher - uma grega, de um porte tal que Fídias a teria tomado para modelo de sua obra.

- Dirigem-se para os Jogos, os Jogos Olímpicos; ele, com a completa confiança de sua capacidade e agilidade, ela, contente ao pensar que a vitória era certa. Com as mãos unidas e os braços em movimento, prosseguem alegremente em sua viagem. Apanhando flores selvagens, ela faz uma coroa e a coloca sobre os áureos cabelos de seu companheiro, e, em sinal de apreciação, ele pára para acariciá-la e beijar-lhe as faces rosadas. Assim caminham pela estrada. Parece que os deuses, a natureza e os homens se uniram para sempre no amor e na paz. Porém, um correio, aproximando-se, dirigiu-se a eles.

-“Xerxes está se aproximando! São necessários homens para impedir sua passagem. Todos os verdadeiros gregos se reúnem a Leônidas para guardar as Termópilas. Cumpra teu dever!” E prossegue em sua carreira. Apressando o passo, o casal se dirige à multidão que rodela os Jogos. Dizem ali que não era possível abandonar os Jogos, apesar da aproximação do inimigo; porém, encontram entre a multidão uma companhia em formação para partir imediatamente, a fim de guardar a passagem.

- O jovem alista-se para acompanhá-los, e sua bela companheira, reprimindo as lágrimas, penteia-lhe os cabelos na forma cuidadosa dos que lutariam até a morte, e dando-lhe um beijo de despedida, disse: “Dou-te pela liberdade da Grécia”.

- Seu nome era Cleómedes e seu corpo, como o de Leônidas, se encontrou no caminho que atravessava pelo monte Eta. Naquela noite, Iole, a companheira de Cleómedes, foi à procura do corpo de seu amado, entre os mortos. Ela o encontra - seu rosto estava frio e branco, mas apresentava a beleza de uma alma nobre. Corta um anel áureo daquela cabeça para conservar em mente seu amor. Um soldado da hoste oriental a encontra e procura desviá-la da virtude. Que monstros são os homens! Ela luta; ele, irritado, a fere e ela, toda ensangüentada, vai cair sobre o corpo inanimado de seu amado. Seus sangue se misturam e ela morre, vindo a noite encobrir aquela cena.

Parou um momento; porém, eu me encontrava num estado de fascinação; algum poder mágico se apoderara de mim. Cada uma de suas palavras fazia apresentarem-se na minha mente quadros, e todos eram cenas admiravelmente familiares. Vendo-me manter-me assim em silêncio, prosseguiu:

- Passaram-se mais de mil anos e deram-se grandes mudanças. Surgiu e passou o mundo romano e a noite da civilização avançou. A cena se passa agora na Gália. Um jovem monge, dado à prática da caridade e do amor ao próximo, se acha inclinado sobre as formas mutiladas que enchem os campos de Poitiers. É noite e a pálida lua, surgindo por trás das nuvens, parece dar formas aos espectros que percorrem aquele terrível campo de sangue. Sem outra preocupação, o monge prossegue em seu trabalho; cuida dos feridos, tanto mouros como gauleses. O raiar do dia vem encontrá-lo ainda desperto a tratar dos mouros. Não se preocupa se são infiéis, mas trata-os como seres humanos. Em sua viagem chega a um convento dos Pirineus. Cansado e abatido pela viagem, sem alimento, para a fim de descansar. Uma jovem abadessa o recebe e lhe dá carinhosa hospedagem. Aí permanece. A abadessa é versada em coisas ocultas; o mesmo se dá com o monge, que nessa mesma ocasião estava a caminho de Sevilha para obter instruções dos mouros. Suas almas se simpatizam e são mutuamente atraídas de um modo estranho, amam-se e, em desacordo com seus votos, vivem como esposos, ligados apenas pelos laços do amor. Durante algum tempo, tudo corre bem e vivem felizes. Mas, quem poderia escapar então aos espíões de Roma? Foram descobertos. Ele foi lançado numa prisão subterrânea e ali permaneceu no maior sofrimento, durante muitos anos, até que a morte, bondosa amiga, o libertou. Ela, que era uma pobre freira, perseguida pelos que desconhecem a honra, procurou livrar-se pela fuga, porém, Cavaleiros a prendem e trazem cativa, indo terminar seus dias na cela ao lado de seu amante.

Terminara e suas alvas mãos, que por alguma atração magnética se uniram às minhas, estremeceram quando as peguei. Seus olhos, que penetravam até o fundo da alma, ainda estavam fitos em mim, e não pude falar. Por algum poder desconhecido, o presente tinha sido ligado ao passado. Recordações perdidas enchem a minha alma, e as significações de suas narrativas me vieram como uma revelação. Tive um impulso de estreitá-la em meus braços e reclamar novamente o amor perdido havia tanto tempo, porém outro pensamento prevaleceu e com voz trêmula, perguntei:

- Meu Deus! É essa a história de nossas vidas passadas? Reuniu-nos novamente o amor, o amor eterno?

- Com admirável domínio de si mesma, respondeu:

- Meu irmão Cavaleiro, conserve tua calma; o amor puro é realmente eterno. Que diz tua alma?

- Minha alma está obscurecida, a minha visão espiritual está embaçada por esta prisão carnal e, através da neblina, vejo muito indistintamente, - respondi-lhe.

- Muito bem, caro irmão, - prosseguiu, apertando-me as mãos, - no próximo grau tudo se tornará claro e o passado te desvendará todos os teus segredos.

- E pertences a esse grau? - perguntei, voltando ao meu estado normal.

- Por direito pertenço a ele, porém, quis permanecer neste, - replicou. Então, antes de refletir, disse-lhe:

- Nesse caso, unamos as nossas forças e prossigamos.

Fitando-me profundamente, apertou-me a mão e perguntou-me viva e seriamente:

- Assim, estas resolvido? Tendes a força necessária?

Oh, sim, meu irmão; há na terra um lugar em que a tristeza não tenha entrada? Todos os que estão presos à terra sofrem mais ou menos, e alguns dos que estão acima da terra por direito sofrem por causa dos irmãos que gemem. Porém, meu irmão, aprendeste bastante esta noite; e como tenho de ser tua mestra, ainda temos muitas noites a aprender juntos; vamos agora nos reunir aos nossos amigos.

A minha companheira e a minha máscara pareciam aproximar-se mais do que os outros que também estavam mascarados e que se achavam um tanto afastados.

- Aqui, todos tomamos nomes novos - disse a minha companheira, ao aproximar-nos de um grupo de irmãos e irmãs mascarados.

Meu nome é Iole, e sugiro-te que tomes o de Cleómedes; queres?

- Visto o que me disseste, nada podia ser mais agradável, cara irmã, se ainda deverei chamar-te assim; e ao tomar esse nome, - sempre conservarei carinhosamente na memória o vislumbre que me deste da antiga Grécia. - Enquanto falava, apertei-lhe a mão e ela me retribuiu.

Uma moça disfarçada em cigana, apoiando-se nos braços de um vigoroso turco, atraiu a minha atenção.

- Permita-me apresentar-te a um vassalo do sultão, disse Iole, ao se aproximarem. - El Arab, este é Cleómedes, - disse, dirigindo-se ao turco, e, enquanto este respondia e se inclinava em cumprimento à oriental, prosseguiu: - E esta é Rahula, Cleómedes. - Quando peguei na pequena mão da cigana, a qual era muito alva para ser daquela raça, fiquei tomado de uma estranha agitação, e observei que ela também tremia e estava agitada. Inclinou-se silenciosamente ao ouvir-me e cobriu mais a cabeça e o pescoço com um xale. Um tanto surpreso com esse silêncio, pus-me a fitá-la mais profundamente, talvez, do que devia, quando Iole me chamou para outro grupo.

Assim passou o tempo até chegar a hora da partida.

- Permitirá a freira que um Cavaleiro a acompanhe ao seu convento? - perguntei-lhe, ao aproximar-nos da saída.

- Julgando, senhor Cavaleiro, que não és como os Cavaleiros dos antigos tempos, aceito com prazer tua companhia.

Passamos pela porta de saída; somente o porteiro estava no seu lugar.

- Deves tomar meu carro, pois nenhum outro tem entrada no pátio do convento, - disse a minha companheira.

- Parece que aqui são as senhoras que dirigem as coisas, porém, se o desejas, devo aceitar, - respondi-lhe.

A carruagem caminhou a passos rápidos, achando-me ao lado de minha companheira. Entretanto, certa força restritiva impedia maiores demonstrações de afeição. A presença dela era suficiente e,

durante algum tempo, nada mais falamos - sentia-me feliz numa alegria silenciosa. Sentiria ela a mesma alegria que eu? Assim me pareceu e prosseguimos em silêncio. Afinal, a carruagem parou, e, olhando para fora, avistei a arcada em que se via o tigre preso pelos laços de Cupido. Desde o dia de minha primeira visita, aquele dia em que a mulher velada me tinha olhado de modo tão fascinador, não fora capaz de encontrar aquela entrada. Agora, porém, a dúvida estava desfeita, e perguntei-lhe:

- És tu freira, a minha irmã Iole, que se vestia de preto?

- Sou a mesma, senhor Cavaleiro, e tu o padre que recusei conhecer.

- E por que foste tão cruel?

- Então, não eras do meu grau, e não tinhas o direito de me conhecer. Temos regras tão estritas como as castas, porém todos os que forem dignos podem entrar; com o teu progresso aprenderás mais.

A carruagem parou diante do pórtico coríntio e, pus-me a pensar que me encontrava um tanto afastado de minha residência, quando ela disse:

- Desta vez a minha carruagem te levará para casa. Ia ajudá-la a sair do carro, quando me fez sinal para que me conservasse sentado, e, apertando-me a mão, disse:

- Encontrar-nos-emos novamente na quinta-feira próxima, e entraremos em estudos mais sérios. Por enquanto estuda bem, analisa-te e aprendei a dominar-te, pois serás vivamente tentado. E lembra-te do que te falei na nossa primeira viagem: “Grande é o que governa o corpo, maior o que governa a mente, porém maior ainda o que governa o coração”. - Dando um delicado *Adeus*, voltou-se e retirou-se; a carruagem retomou o caminho e me conduziu para casa.

- Oh, meu Deus! - exclamei, quando me encontrei só. - Dominar o coração! Que esforços sobre-humanos devem ser necessários! Por que é que devo dominar o coração? Amo com o puro amor e que é que pode pedir sua supressão? - Sim, após anos de sonho ideal, o amor reprimido em meu coração irrompe violentamente. Que torrentes formaram essas acumulações! Se não fosse o estranho poder de domínio que a sua presença exercia sobre mim, ter-se-ia tornado uma paixão e tomado uma expressão mais violenta; porém sua vontade superior mudou a tempestade em calma e apaziguou a minha paixão, dando-me a tranqüilidade de um amor soberano.

Naquela noite sonhei com Iole, e toda a semana que se seguiu nada mais ocupou meu pensamento. Onde ficaram meus estudos? Onde estava o meu domínio próprio? Perguntava a mim mesmo: por que é que hei de esmagar esse amor tão puro e tão forte? E, julgando irrespondível meu argumento, decidi-me saber a razão de o fazer, antes de executá-lo.

CAPÍTULO IX

O AMOR

Chegou novamente quinta-feira à noite e, com grande esperança de encontrar Iole, me apresentei ao porteiro. Tinha-me vestido, outra vez, de monge, porém, ao contrário das ocasiões anteriores, tomei a batina alaranjada dos budistas. Por qualquer circunstância, o meu cocheiro demorou mais e fiquei um tanto atrasado, notando que fui o último a entrar, pois o guarda fechou as portas após a minha entrada.

Ao apresentar-me aos guardas internos, a mulher disse, em sânscrito, alguma coisa ao patriarca, achando-me já familiarizado com essa língua. Entretanto, as palavras não foram tão claras para que pudesse apanhar-lhes o sentido.

Apresentando meu cartão, inclinaram a cabeça em sinal de reconhecimento, e a mulher levantou-se, acompanhando-me para a sala branca, que se achava à direita. Apontando-me uma cadeira, sentou-se na minha frente. Por alguns minutos ficamos em silêncio, seu olhar penetrante fito em mim.

Em seguida, o patriarca entrou e, tirando um livro de baixo de seu vestido, sentou-se junto a uma mesa, diante de nós.

- Afonso Colono - disse a mulher, em tom baixo e penetrante, quando entraste aqui, erigimos teu horóscopo e vimos que tudo era favorável.

Parou um momento e continuou em tom severo:

- Porém, acontecimentos recentes nos trouxeram apreensão, e receando algum engano na hora de teu nascimento, precisamos verificar as tuas conclusões. Precisamos proteger as nossas queridas filhas e afastar os indignos da câmara sagrada; e se não poderes passar pela prova, debes voltar para a terra, à espera de teu tempo. Somente os puros podem reunir-se aos que trazem o vestuário branco.

Assaltou-me um sentimento de medo; que havia feito? Então, de meu íntimo, veio-me uma convicção de que era puro, e adquirir firmeza e energia. Estendendo sua mão, a mulher disse:

- Mostre-me tua palma! -

Ah! Pensei, vão verificar o meu horóscopo por meio da ciência quiromântica.

Pegando em minha mão, ela examinou-a longa e intensamente; depois, tomando a outra palma, reuniu-as, estendeu-as e pareceu compará-las com grande cuidado. Em seguida, com um instrumento particular, semelhante a um compasso, examinou a extensão de meu polegar e das juntas de meus dedos; e, tomando as medidas, como para ter uma base, acompanhou cuidadosamente a linha da vida. Por fim, pareceu satisfeita e, levantando-se, disse ao patriarca:

- Tudo está bem; não há conflito; a sua mão é forte e tem sinais de favores especiais. Um halo no monte de Apolo, uma linha do coração comprida, profunda, denticulada, porém contínua, com ramos para cima, e dirigidos para o monte de Júpiter. Isso denota grande glória e amor profundo e espontâneo. A Saturnina é reta em todo o seu percurso. A linha da cabeça é profunda, larga, de boa cor, separada da linha da vida - sinal de desinteresse. Não há anel de Vênus, nem cruces, indicadoras de doenças longas; e o monte da Lua é forte, porém não excessivo, dando tendências ao ocultismo. Um duplo quadrado em Júpiter, distinto e claro, denota que é duplamente protegido. Com efeito, todos os sinais são bons; pode-se confiar nele. Se ela puder desviar as forças do coração dele de uma só para todos, há promessa de um Mestre.

O patriarca, que tinha anotado cada observação, guardou seu livro e, tendo ela abandonado minha mão, apontou-me uma porta lateral e disse: Podes passar.

Quando me levantei para sair da sala, a mulher disse: - Irmão, guardai bem teu coração, que é tua maior força e ao mesmo tempo, tua maior fraqueza. Precisa ser dominado, pois, do contrário, tua mente perderá a firmeza. Não alimente pensamentos de prazer, pelo menor tempo que seja, para que não te afaste da sabedoria que leva para o Eterno. Agora, entrai!

A porta abriu-se; e, como se fosse avisada por um sinal secreto, a freira vestida de branco parou ao meu lado.

- Um monge infiel e num país cristão! - exclamou com surpresa bem simulada.

- O Buda não era infiel, irmã; ensinou a moral de teu Cristo e três das maiores doutrinas que foram ensinadas aos homens.

- Ah! Desde quando? Quais eram elas, frade?

- Desde quinhentos anos antes de Cristo, Buda e seus verdadeiros discípulos ensinaram a doutrina da iluminação, Lei e Evolução para a perfeição.

- Quê! Iluminação naquele país de trevas? - disse ela, em tom zombeteiro, e numa disposição inteiramente diferente da dos dias anteriores.

- Desde quando está em trevas? Somente desde que a espada de Alá usurpou o trono; desde quando os cristãos ingleses o saquearam e roubaram; somente desde que a lei férrea do poder usurpou os ensinamentos de bondade e justiça, dados pelo Buda.

Embora meu vestuário fosse um disfarce, as minhas palavras eram sinceras e, ao terminar, ela respondeu:

- Tendes convicções muito firmes, frade; que me dizes da Lei?

- A lei é que toda causa tem seu efeito, o qual, por sua vez, reage sobre a causa; e que tudo, na terra, está preso por esta lei eterna, imutável e positiva.

- Porém, que pensas da evolução? Essa é uma doutrina nova; Buda não ensinou isso.

- A evolução materialista do Ocidente: não. A Mente não pode vir da matéria fria e sem vida; a vida não pode vir de forma que a não tenham; porém, a evolução ou desenvolvimento infinito pela manifestação de uma Essência invisível e onnipenetrante - sim.

- Porém, o budista é um ateu.

- Não é verdade; teus sacerdotes te ensinaram errado. Devo confessar que a idéia oriental de Deus é muito diferente da que existe no Ocidente; não podem os orientais conceber como presente em toda parte uma forma vestida de personalidade, porém proclamam a existência de um Brahma infinito e onipresente.

- Está bem, não questionaremos; Cristo e Buda foram bons; esta conversa é muito séria para uma sala de baile.

E dizendo isso com grande ternura, tomou meu braço.

- Não poderemos descansar nossas mentes, tomando parte na dança? - perguntei, ao ser iniciada uma valsa e recordar-me que nunca tinha dançado com ela.

- Pensar, - replicou, - que um frade e uma freira dançam... Nenhuma inteligência que se entregou assim à frivolidade, pôde manter-se em idéias sérias.

- Não é assim, - respondi-lhe, - as mentes dominadoras podem fixar-se em diferentes coisas em tempos diversos; porém, as outras misturam tudo ao mesmo tempo, o que traz confusão e não sabedoria. Ora, quando a dança terminar concentraremos os nossos pensamentos no estudo e a recreação terá refrescado nossas inteligências.

- Raciocinou sabiamente, frade, e atendendo a seu desejo, a freira, contra sua regra, dançará.

Oh! Até então era apenas um formal aperto de mão, agora parecia uma fada que tivesse pegado em meu braço! Podia ser aquela camponesa? Oh! Não! Naquela ocasião, pela força de vontade, tinha reprimido a expressão de sua alma; agora manifestava sua entidade real, seu coração ardendo em chamas. Agora sua cabeça se apoiava em meus ombros ; sentia-lhe o coração pulsar. As almas harmonizadas com as músicas sutis, se tornam uníssonas na terra.

- Oh, que felicidade, que alegria! Nossas almas são unidas. Como?

A música já terminou? Quão curta! Quanto é ilusório o que chamamos tempo!

Ela foi a primeira a voltar à consciência. Por aqueles momentos se entregara a mim, porém, novamente, individualizada e separada, falou:

- Vinde meu frade, não devemos despender mais tempo, mas sim cuidar de nossos estudos.

- Despender tempo! - protestei, ao nos dirigirmos para a sala de estudos.

- Sim, despender tempo, - respondeu com certa crueldade, acrescentando vivamente: - Foi apenas uma união temporária; há uma união que é eterna.

Tínhamos entrado na sala de estudos, e, com surpresa para mim, tomou uma cadeira na minha frente e disse:

- Em que é que estiveste pensando, desde que nos encontramos pela última vez?

- Irmã - respondi-lhe, com alguma hesitação, - os meus pensamentos foram quase sempre sobre ti.

- Objeto muito insignificante para se pensar - respondeu; e antes que eu pudesse replicar, prosseguiu:

- Falaste sabiamente antes da dança; é fato que podes concentrar e governar tua mente?

- Tinha conseguido algum êxito nessa direção antes de nosso encontro, - respondi-lhe sinceramente, procurando atraí-la para a minha corrente de pensamentos.

- Então, não foste tão feliz desde o meu encontro?

- Devo confessar que não, - respondi-lhe com hesitação.

- Então exerci má influência sobre ti, não é?

Havia um tom de tristeza em sua voz, e respondi-lhe vivamente: - Não, não exercestes má influência, somente o meu coração se tornou mais forte do que minha cabeça. O meu amor se tornou senhor. Iole, meu amor há tanto tempo perdido, eu te amo.

Estendi-lhe minhas mãos e, com o coração repleto de amor, tê-la-ia acariciado, porém, com uma expressão que me fez esfriar, ela me fez sinal de afastar-me e com uma voz admiravelmente calma, respondeu:

- Para que serviram todas tuas experiências passadas? Nenhum resultado produziu todas as dores e sofrimentos que passamos? Havemos de presos por laços terrestres, permanecer ainda neste vale de lágrimas? Morremos nos montes Etas, perecemos à míngua nas prisões do convento para nada? Não! Foi apenas para esgotar os males praticados em nossas existências anteriores. Foi apenas para nos ensinar a incerteza que há em todos os amores egoístas. E agora que esgotamos as nossas dívidas cármicas, tendo todas essas experiências registradas em nossas almas, ainda havemos de permanecer, pelas nossas fraquezas neste vale da noite e da morte, como vítimas do renascimento? Aproximou-se ao falar, e tendo seu véu aberto, seus expressivos olhos castanhos mostravam um brilho verdadeiramente espiritual.

Longe de afastar-me, suas palavras me entusiasmaram, embora me impedissem de mover-me, quando respondi:

- Despertaste a lembrança de meu amor por ti em tempos passados, e isso acrescentado ao presente, torna-o mais forte; porém, ficai sabendo, querida de minha alma, que esse amor é puro, e quem é que pode pretender superioridade sobre o amor, o amor puro?

- Enquanto o amor tiver o menor traço de pensamento do eu, não pode ser absolutamente puro; o amor puro é universal, e abrange todas as coisas, esquecendo-se do eu. Que é que amais, a minha alma ou o meu corpo?

- A tua alma; não penso no corpo.

- Compreendes o significado destas palavras? Se assim é, há esperança em planos superiores de amor.

- Compreendo bem o significado, amo tua alma.

- Podes amar com a ausência de todos os sentidos do corpo?

- Falas de planos superiores, mas, se tal amor é possível, eu o possuo. - Estaria a sua alma elevando a minha até as alturas que ela ocupava? Senti um poder espiritual que me impulsionava.

- É possível; é um fato. Podemos amar na mente, alma ou espírito; e o mais alto amor das uniões terrestres, é um ligeiro antegoço desse grande amor. Não sabes o significado do verdadeiro amor?

- Diga-me, ó minha irmã; as tuas palavras me elevam a um mundo superior do amor.

- Ficai sabendo, pois, o que poucos homens sabem, que todo homem é completo em si mesmo, e nada lhe falta, desde que procure nas profundezas internas. O amor é apenas o desejo que a alma tem de uma parte de si mesma, que perdeu, e sem a qual sua alegria é incompleta. Não julgue que a alma não pode perder parte de si mesma, pois isso é possível. Aquilo que possuímos, porém, de que ainda não somos conscientes, está perdido, latente, por assim dizer, presente, porém não

manifestado. Ora, o ente perfeito é inteiramente consciente de si mesmo em todas as suas partes e atributos, e a perfeição deve ser nosso fim e objetivo. Fique sabendo que estás em mim e eu estou em ti; e por teu intermédio, me torno consciente de tu em mim, e por meu intermédio, te tornaste consciente de mim em ti. Esse é o “Casamento Virgem”, o encontro do noivo e da noiva, e o único casamento conhecido no céu.

Parou. Que estranho êxtase suas palavras produziram em minha alma! Quão grande e nobre! Quão elevada era aquela concepção do amor divino e eterno! Quão inferiores eram meus ideais anteriores!

Somente agora comecei a compreender os ensinamentos de meu pai. Quanto se expandiu as minhas idéias sobre o universo! Quão infinito se tornou o campo do amor!

- Querida alma irmã - respondi-lhe, no auge do entusiasmo, pela inspiração do momento - nunca mais rebaixarei meu coração com o amor impuro; agora mesmo sinto a tua alma dentro da minha, dentro da essência invisível que faz vibrar em uníssono. Desde este momento, uno-me contigo como um verdadeiro irmão, para trabalhar para o mesmo fim grandioso.

Durante alguns momentos, estivemos a olhar-nos em silêncio, como que sorvendo nossas almas através dos olhos. Ela interrompeu o silêncio, dando um suspiro de satisfação e disse:

- Esperei durante muito tempo este momento, meu amor! Durante muito tempo te esperei, trazendo o meu vestuário preto! Doravante prosseguiremos juntos, coroados da pureza virginal que nos dá direito à luz.

- Oh, alma irmã, quão bondosa foste em esperar por mim, que ainda não estava livre de atos pecaminosos. Ela apenas sorriu com expressão de alegria, a sua fisionomia indicando tanta coisa que não seria possível descrever.

- Meu irmão - disse, afinal, e nunca aquela palavra havia soado tão bem aos meus ouvidos - gozamos os prazeres que pertencem aos perfeitamente puros; agora devemos novamente voltar para o mundo e cumprir os nossos deveres. Estais preparado para as instruções regulares?

- Estou preparado e atento, irmã - respondi-lhe, tendo dominado todas as minhas emoções.

- Então, a primeira coisa que deves fazer é obteres completo domínio sobre tua mente. Sei que, em relação a atos impulsivos, teu corpo está dominado, pois, se assim não fosse, aqui não estarias. Porém, ficai sabendo que, antes de poder prosseguir, deve governar os teus próprios pensamentos, porquanto cada um de teus pensamentos forma estados correspondentes em tua mente e teu corpo. Os pensamentos são mais enérgicos e poderosos do que os atos. Os atos são apenas a expressão do pensamento. Os pensamentos vêm em primeiro lugar, somos constituídos por eles; e somos rodeados de forças e poderes invisíveis criados e fortalecidos pelos pensamentos que emitimos. Portanto, está em tuas mãos a aquisição da capacidade de guardar o templo de tua mente e afastar dele todas as coisas impuras. Com este domínio do pensamento, é necessário cultivares o poder de concentração; deves ser capaz de fixar tua mente numa só coisa ou idéia, e conservá-la nela com exclusão de todas as outras. Dessa forma, tua mente se tornará identificada com a essência da coisa em que pensares e te virá o conhecimento real. Ser-te-á dada regra secreta para te auxiliar nessa prática. Além disso, deves governar teu coração e dominar todas as emoções, pois nisso estará tua maior prova, e deves estar preparado. Ama-me?

- De todo o meu coração e minha alma - respondi a essa pergunta feita repentinamente.

- Então, deves estar preparado para sacrificar esse amor - disse com uma veemência que me espantou.

- Essa a tua ordem? - interroguei, perdendo um pouco de minha calma, ao tratar de coisa tão importante.

- É necessário e para teu bem - respondeu.

- Então o farei; porém, dizei-me: Que é que exige um sacrifício tão grande como este?

- A humanidade e a verdade - respondeu; - nada têm diante de si e tudo deve ser sacrificado em seu altar.

- Porém se te amo como encarnação delas?

- Então, tome cuidado; apenas os menos adiantados têm necessidade de formas para ajudá-los a conhecer as coisas universais ou personificadas, que muitas vezes são tomadas por aquilo que não representam. A mente não treinada é fraca e, sem dúvida, é ajudada em sua evolução superior por fórmulas e símbolos nos quais concentra seus pensamentos. E tu, esta noite, vestido de monge oriental, deves saber que esse é o objetivo dos ídolos do Oriente; somente as mentalidades infantis se enganam sobre o significado deles. Lembra-te, agora, do grande homem, Jesus, que foi confundido pelos seus sequazes, com o Cristo Universal que o animou. As mentes não educadas podem ser desculpadas por tudo isso; sua adoração se for do coração, nunca se perde; porém, de tua parte se esperam melhores coisas. Terminou novamente nosso tempo; entretanto, antes de nos retirarmos, devo dar-te algumas precauções finais. Até agora tiveste poucas provas, porém, daqui por diante teu caminho se tornará mais escarpado; as verdades sagradas que dão todo o poder só podem ser atingidas por veredas profundas, escuras e perigosas, porquanto enormes montanhas as circundam. A tua viagem por essas veredas deve ser feita sozinha; nenhum braço amigo pode te ajudar; ha de encontrar tua força interna, ou então serás mal sucedido e tudo estará perdido. Desconfia da dúvida, do medo e dos pensamentos sobre teu eu; são essas as serpentes que emaranham e os nevoeiros que impedem a vista.

- Será forte, bravo e paciente, meu irmão?

- Sê-lo-ei, minha irmã, - respondi-lhe com uma decisão que sua energia me inspirava.

- Vinde, então, e partamos; nunca te esqueças de minhas palavras finais; seja o que for que aconteça, confia em mim e destrua toda a dúvida.

- Confiarei, não terei dúvidas, - respondi, enquanto nos preparávamos para sair.

A parte associativa daquela tarde tinha terminado e a maioria dos membros já se tinha retirado; o tempo havia passado tão rapidamente que tínhamos tomado as horas todas.

- Sem dúvida devo acompanhar-te para casa? - perguntei ao passarmos a porta da saída.

- Sim, por esta vez, - disse, como que para provocar-me.

Descendo as escadarias, tomamos a carruagem, que logo partiu em rápida carreira.

Por uma tácita compreensão mútua, mantivemo-nos em silêncio durante toda a viagem, contentando-nos em sentir as almas um do outro nas profundezas de nosso ser e nos comunicar na linguagem do pensamento silencioso. Atravessamos a arcada e o Cupido sempre atento, e estávamos nos aproximando dos degraus da entrada de seu palácio, quando ela rompeu o silêncio e, dirigindo-se a mim pela primeira vez, com o meu nome antigo:

- Cleo, disse - dou-te para esta semana, como prova de força mental, o apagar-me de tua mente, e o grau em que o conseguires determinará a natureza de nosso próximo encontro.

- A tarefa é grande, - repliquei-lhe, - mas pelo que se seguirá e de acordo com as tuas ordens, farei o melhor que puder.

Havíamos chegado junto aos degraus, e deixei-a diante da porta com um delicado aperto de mãos, sem um beijo, sem uma carícia, e apenas um amável “boa-noite”.

Tu, porém, que tomas uma paixão egoísta por amor, não conheces o êxtase divino do vigoroso amor em que as almas se encontram nas profundezas invisíveis. Pela primeira vez não me pareceu existir separação, pois, a sua alma estava presente na minha; estava a minha na dela? E estaríamos, assim, eternamente presentes e indissolúvelmente unidos?

CAPÍTULO X

PROVAS

Passou-se mais uma semana, e eu, de acordo com as instruções, tinha feito os meus melhores esforços para obter o domínio sobre a minha mente. E foi então que, pela primeira vez, comecei a compreender o poder da vontade humana. Todas as vezes que o meu pensamento se dirigia para Iole, com severidade inflexível eu o desviava. A fim de consegui-lo mais eficazmente, escolhi questões profundas de ciência, metafísica e filosofia, e concentrei nela todas as minhas energias mentais. Tomei os símbolos e as instruções que me haviam sido explicados parcialmente e meditei sobre eles separadamente, e sempre que a minha mente se inclinava para outro assunto, fazia-a voltar para trás com firmeza e determinação.

Da mesma forma, em todas as pequenas coisas da vida, pratiquei a concentração; tentei, por todos os meios possíveis, vencer a tendência habitual da mente a vagabundear e fiz tudo para conseguir o que o iogue hindu chama a qualidade de fixar a mente num só ponto.

Na noite habitual das reuniões, recebi um bilhete, enviado especialmente, no qual me era aconselhado a ficar em casa e continuar, durante mais uma semana, na mesma atitude em que me havia mantido.

Estava assinado por Iole e não trazia explicação alguma. Sem qualquer comentário ou pergunta, voltei para meu quarto, e, a fim de reter meus pensamentos que tinham tendência a se precipitarem em chusma, escolhi o Ego como objetivo de contemplação.

Seguindo certas regras, fechei a porta, peguei o lampião e sentei-me comodamente na minha poltrona. Por alguns momentos, houve uma pequena vacilação, porém, com a minha persistência, logo cessou, e a minha mente se tornou concentrada no assunto. Essa concentração se tornou mais firme, e comecei a sentir uma dor na cabeça. Passou logo, e uma paralisia, partindo dos meus membros inferiores, se estendeu por todo o meu corpo. Ao mesmo tempo, veio uma sensação de

sugamento na raiz do nariz, entre os olhos, e a parte superior do meu cérebro e as têmporas pareciam arder em chamas.

Nesse ponto, uma agitação violenta teve início no meu lado direito, e um sentimento de medo se apoderou de mim. Abri os olhos, que haviam sido fechados para facilitar a concentração, e... Meu Deus!... Fiquei surpreendido com uma luz branca, e logo atrás dela, na escuridão, agora cheia de correntes de cor vermelha, estava uma multidão de criaturas horrendas, semi-humanas, semi-animais, cujas formas eram monstruosas e as feições, más. Dando um grito, levantei-me; a luz desapareceu, as formas se desvaneceram e, com o corpo todo a tremer, fiquei só nas trevas. Depois de algum tempo, recuperei os sentidos, acendi o lampião e tornei-me mais calmo.

- Fui longe demais, - murmurei comigo mesmo. - Estou tentando os demônios do ar. Chamando assim os elementais, sem ter força suficiente para dominá-los, fico em perigo de loucura.

Passou-se mais uma semana e pareceu-me ter cumprido bem o meu dever. Chegando a tarde e não tendo recebido ordem em contrário, tomei o meu carro e dirigi-me ao lugar de reunião.

A mulher mascarada fez-me sinal para que entrasse pela porta do lado direito, como na vez anterior e, tendo-o feito, encontrei-me diante da mulher que fora a primeira a quem me havia apresentado, e que conhecia como sendo Madama Petrovna. Sem dizer palavra, fez-me sinal para que me sentasse e, fitando seus penetrantes olhos azuis sobre mim, examinou-me cuidadosamente durante alguns minutos. Fitei-a imperturbavelmente e sem pestanejar e, afinal, disse-me:

- Irmão, tua instrutora me informa que desejas entrar no sexto subgrau, é verdade?

Julgava que já era membro de sexto grau e, como se tivesse lido meus pensamentos, disse:

- Não, ainda não esta no sexto grau; és apenas candidato. Só podes entrar quando fores recomendado por um membro que te conheça. Tua instrutora, que conhecemos pelo nome de Iole, te recomendou e afirma que te conhece.

- Ora, ficai sabendo que, em assim fazendo, ela assumiu uma terrível responsabilidade; pois, se fores mal sucedido, ela terá de sofrer, contigo, os tristes resultados que, inevitavelmente, se seguirão. Portanto, sede sincero senhor: pediu-te tua instrutora que desses esse passo?

- Só indiretamente, relatando-me as grandes alturas a serem alcançadas; peço pela minha própria vontade e sem solicitação.

- Muito bem, é perigoso fazermos prosélitos, porque, assim, nos unimos com os resultados dos insucessos que podem resultar. Tomais, portanto, toda a responsabilidade, não é?

- Tomo-a, - repliquei.

- Compreendes a natureza séria desse passo? Sabes quais são as responsabilidades e deveres que traz?

- Assumo-as, sejam quais forem; estou preparado para isso e quero-o, - respondi.

- Amas tua instrutora? - perguntou.

- Com a maior firmeza com que um homem pode amar, - foi a resposta que dei, sem hesitar,

- Portanto, não te deixes vencer, porque se fores vencido, ela também será condenada ao sofrimento.

Então, como se tivesse sido avisada por um sinal secreto, Iole abriu a porta e entrou. Trazia seu usual vestido branco, mas o seu belo rosto estava descoberto e seus longos e abundantes cabelos caíam-lhe maravilhosamente sobre os ombros.

- Tira tua máscara, - ordenou a senhora, dirigindo-se a mim, pois durante todo esse tempo me havia conservado parcialmente mascarado.

- Irmã, - disse, voltando-se para Iole, - tu o conheces; aprovas e o reconheces como teu irmão?

- Sim, - respondeu com voz clara e firme, enquanto me fitava profunda e intensamente.

- Então o receba totalmente por teu irmão; instruí-o nos ensinamentos deste grau; és responsável por todos os seus insucessos.

- Irmão, - disse, voltando-se para mim, tua amada filha e irmã te ensinará os segredos do sexto grau; e, pelo amor que tende a ela, pelo amor que tende à tua própria alma, nunca os divulgue, no decorrer de tua existência. Nem as torturas, nem as recompensas e a fama não devem fazer os teus lábios sair do seu mutismo.

- Comprometo-me a nunca falar, senão quando receber permissão - respondi solenemente.

- Prossigui, pois, perseverarás, vencerás todos os obstáculos e nos encontraremos novamente.

A um sinal Iole levou-me para uma sala lateral.

Tendo fechado a porta e nos sentados em frente um do outro, diante de uma mesa, ela apresentou-me as suas mãos e, fitando-me carinhosamente, disse:

- Irmão, relata-me a experiência que tiveste em teu quarto, no dia de reunião da semana passada.

- Como! Como é que sabes dela? - perguntei, espantado.

- Por meio daquela parte minha que está em ti, - respondeu, sorrindo.

- Explica-me melhor, o que queres dizer?

- É melhor, pela experiência, não te explicar falando de coisas que são apenas perceptíveis a sentidos que ainda não desenvolveste, seria apenas aumentar os mistérios. Quase ainda não podes compreender o que está fora de tua experiência. Quando, com nosso auxílio, tiveres se desenvolvido e manifestado o estado latente de teus sentidos superiores, tudo se esclarecerá. Agora, continua.

Relatei-lhe, então, a minha experiência, exatamente como se dera e, quando concluí, disse-me:

- As três últimas exortações que te dei, meu irmão, eram que destruístes a dúvida, o medo e o amor ou os pensamentos do eu pessoal, que são os três grandes inimigos do saber. Evidentemente, esqueceste dessas coisas ou deixaste de fazer como te disse, porquanto foi o medo, ou o pensamento do eu pessoal que te trouxe essa visão astral. Deves saber, irmão, que, enquanto permaneceres puro e mantiveres pensamentos desinteressados, nada terás a temer. Aquela luz branca que brilhou ao

redor de ti, enquanto ela se mantiver branca, será imperecível e te defenderá de todos os maus poderes exteriores, visíveis e invisíveis. Guarda-te do mal em ti e nada terás a temer do mal exterior. Os deuses não deixarão sem proteção o homem puro; é bem protegido, embora mesmo não o saiba. E, além disso, és agora membro da Grande Fraternidade, cujos grandes Protetores, embora invisíveis, estão sempre presentes ao redor de ti.

Parou e respondi-lhe:

- Irmã, tuas palavras me fazem lembrar os ensinamentos de meus pais, e me enchem de ansiedade em obter maior conhecimento da Grande Fraternidade, seus Mestres e meus amados pais, que ali me esperam.

- Irmão, tudo deve vir em seu tempo; as eternas determinações da lei não podem ser desprezadas para satisfazer os teus gostos. Não podes ser colocado na Grande Fraternidade, é preciso que se desenvolves até atingi-la. Até agora, muito pouco te foi dito de teus nobres pais; posso dizer-te, neste momento, que estão vivos e são membros do elevado Terceiro Grau.

- E pode me dizer alguma coisa sobre minha irmã Esmeralda?

- Ela também vive, sendo irmã virgem, e a encontrara neste grau. Passemos agora aos nossos estudos.

Enquanto falava, tirou de um bolso um pergaminho e o desenrolou sobre a mesa. Era uma pele fina e parecia muito antiga.

Sobre ele estavam traçados estranha combinação de números, sinais, letras, cores, plantas e animais; nos cantos havia quatro cenas alegóricas.

- Esta chave, meu irmão, veio do Tibete ou Tartária, sendo trazida por Paracelso, no século dezesseis; e, como todas as obras ocultas deste grande místico, é incompreensível para todos, exceto para o iniciado.

Iole se tinha tornado realmente uma instrutora, e quando começou a explicar aquela carta mística, redobrei de atenção.

- Sendo perfeitamente compreendida, esta carta explica todos os mistérios do universo, desde o infinitamente grande até o infinitamente pequeno. Torna clara a grande e misteriosa lei - a Lei de Correspondência - e, quando compreenderes as operações desta lei das leis, estarás pronto para entrar no elevado "Terceiro Grau". Aqui se dão apenas partes; esta parte, entretanto, torna-te membro perfeito deste grau.

Conhecidos sinais - continuou, apontando para diversos sinais - por todos os astrólogos, simbolizam as sete qualidades que formam o universo. Ora, observarás que, - prosseguiu, enquanto me inclinava, profundamente interessado, - estes três símbolos estão separados e não há sinal de correspondência entre eles. Isso, porém, não é verdade; estão realmente na mais íntima relação e, representados pelas palavras Enxofre, Mercúrio e Sal, encobrem um grande mistério da constituição do homem. Ficai sabendo que o universo proveio de uma substância onipenetrante, primordial e homogênea, e cada parte da mesma continha, em potência, todas as capacidades que existem agora ou virão a existir. Ora, cada partícula do atual universo heterogêneo sendo apenas um aspecto limitado do homogêneo de que proveio, contém inerentes todos os poderes infinitos que estão continuamente procurando expressar-se. Porém, as atividades dessas potências limitadas pelos

estados da substância em que atuam, e todas essas atividades limitadas, que, na realidade, constituem uma só, formam a vida, vontade, mente e todas as forças da natureza. Existe uma trindade na base de tudo o que existe, a qual é: espírito ou vontade, poder que se move por si mesmo; substância ou éter, que é a parte inseparável desse mesmo espírito, ao qual move; e, em terceiro lugar, o fato inseparável do movimento. O espírito, a substância e o movimento constituem uma trindade, que é, ao mesmo tempo, uma unidade. Passando seus dedos para outros sinais particulares, prosseguiu:

- Existem muitas espécies de graus diferentes de vibração ou movimento, e todo movimento ou vibração forma sua substância, cor, som e número correspondente. Em relação às diferentes espécies de movimento, este sinal representa a espiral, este outro o turbilhão, aquele o vibratório, o seguinte o ondulatório e o último o de atração e repulsão. Os cientistas, com o auxílio do microscópio, descobriram vidas invisíveis correspondentes a todos esses movimentos e até as próprias formas que possuem revelam as suas relações. Estão percorrendo as regiões do oculto e não levará muito tempo que proclamarão como verdades científicas àquilo que ridicularizaram como superstições dos antigos. O antigo ocultismo está sendo ensinado hoje, sob nome novo.

Ela prosseguiu assim, durante duas horas, no estudo daquele pergaminho, dando com o maior cuidado, todas as explicações.

No final daquela conversa, que admirável onda de luz havia sido arremessada sobre os meus estudos passados! Muitos enigmas estavam explicados; porém, embora muitos mistérios do passado se tivessem esclarecido, o campo do saber apenas tinha aumentado e novos mistérios que se apresentaram à minha vista.

- Admirável, admirável, admirável! - exclamei. - É infinito o campo do conhecimento?

- Infinito, - foi sua resposta. - Quanto mais nos elevamos, mais longe vemos; os limites que nos prendem se tornam cada vez mais afastados até que a grandeza do homem e do universo dê lugar a uma nova grandeza.

- Oh, Iole, - exclamei, - quanto te devo!...

Seu dedo me fez conter e ela respondeu:

Não são mais do que teus méritos; no seu devido tempo o homem recebe a perfeita recompensa de seus méritos, a justiça completa e tudo o que lhe pertence de direito, seja bom ou mau. Atrasaste a ti mesmo, não tendo dominado teu coração; e quando conheceres teu passado tornar-te-á claro.

Terminou o tempo de nossa lição, - disse, ao ouvir-se a vibração de um som musical na sala.

- Tendo a chave que agora possúis, deves estudar sozinho durante algum tempo.

Simplesmente mostrar-te-ei o caminho, porém tu é que haverá de executar a obra. Tentei mostrar-te que o amor é infinito e também que o saber e a mente o são.

O homem, tendo um coração para amar e uma mente para pensar, é a grande consumação do mundo, o fim para o qual tende a evolução, o objetivo da criação.

Consideras o homem a consumação de todas as coisas? - perguntei.

- O homem, contendo tudo, é a consumação de tudo. Nele, o universo se acha em miniatura. No homem está Deus e o diabo; o céu, a terra e o inferno; as estrelas, sóis e planetas; os espíritos, anjos e todas as hostes existentes.

- Então, na verdade, o antigo axioma “Conhece-te a ti mesmo” tinha um significado muito mais extenso do que lhe dá a maioria dos homens?

- Muito mais vasta, - respondeu ela. - Aquele que conhece a si mesmo, conhece todo o universo.

- Acabaste de dizer que os homens obtêm, no devido tempo, o que merecem; não alcançam os homens, muitas vezes, o que não merecem e não sofrem muitos injustamente? Acreditas que a justiça é exata e que não existem injustiças?

- Não podemos dizer com segurança o que um homem merece pelas existências vividas. O inocente sofre e há injustiças no mundo, mas não conhecemos seu passado, que se estende por muitas vidas, essa injustiça é de um homem para outro; Deus e a natureza são infalivelmente justos e exatos. O homem tem a possibilidade de ir contra as leis que deviam governar sua natureza e assim fazendo, pode, por assim dizer, perverter a natureza e estabelecer condições que não estejam em harmonia com o bem divino. Portanto, no mundo humano há certa quantidade de injustiça, e os homens que se identificam com esse mundo estão sujeitos, na mesma proporção, às suas incertezas. Porém, aqueles que se unem a Deus e agem em harmonia com a natureza, nunca ficam sem proteção. Não só se encontram sob a guarda de poderes superiores - os Grandes Protetores - mas seu modo de viver desenvolve o mistério da luz branca que viste numa das noites passadas. As forças elementais e as forças maléficas que viste não podem penetrar nessa essência. Ela é uma proteção contra todas as coisas exteriores; só o que está dentro de ti mesmo pode prejudicar-te.

- Porém - insisti - como podes dizer que Deus e a natureza são justos, se há tantas desigualdades evidentes no mundo? Como explicar as desigualdades resultantes do nascimento? Por que é que uma criança nasce pura e boa, tendo tendências nobres, ao passo que outra nasce com corpo doentio, disposição imbecil e más tendências? Recairão assim os erros e pecados dos pais sobre os filhos inocentes, pelas leis naturais estabelecidas por Deus? Concedendo que o homem pode perverter as leis naturais em relação aos resultados que o afetarão, parece-me que deviam existir guardas para evitar essas perversões, quando os resultados afetassem os outros.

- Essa é uma questão cuja resposta o mundo está à procura, mas o faz cegamente, com medo das conseqüências. A Igreja, não tendo resposta, evita-a; o pessimista, para mostrar seus argumentos, proclama-a; e o mundo dos dubitativos, não tendo resposta, exclama:

“Por que é que o homem deve ser justo, se a natureza é injusta?” Esclareçamos este assunto com a luz que recebemos do Oriente. O caráter ou a natureza com que cada ente entra para este mundo é resultado do que ele constituiu em muitas existências passadas. Os pecados dos pais não visitam os filhos inocentes, mas recaem sobre almas que nasceram novamente, de existências anteriores, tendo conservado qualidades que as atraíu para os pais, por meio dos quais obtêm seus novos corpos e o que mereceram.

- Então, aceitas como explicação o ensino da reencarnação e preexistência?

- Sem esses ensinamentos para justificar as desigualdades humanas, o dever não teria base e a justiça seria um mito. Sem esses ensinamentos, a continuação da existência da alma não teria razão lógica, as relações humanas não teriam base, a evolução não teria valor, e as desigualdades da vida seriam uma

blasfêmia contra o Criador. Porém, meu irmão, tudo isso se tornará claro, quando tiveres passado este grau.

Quando acabou de falar, levantamo-nos e dirigimo-nos para a saída.

O nosso estado mental fez passar o tempo com a mesma rapidez das nossas palestras anteriores, sendo dos últimos a sair.

Iole era, certamente, uma mulher notabilíssima. Amando-me, como sabia que me amava, de todo o coração, governava seu amor com vontade de ferro e não o expressava. Durante toda a reunião daquela noite, sua conversa foi em tom de interesse delicado e afetuoso, porém não manifestou uma só vez sinais de sentimentos profundos. Quando passávamos pelo grande portal, notei que um indivíduo alto e vestido de casaco entrou pela mesma porta pela qual havíamos saído; e ao avistá-lo, Iole inclinou-se.

Nada disse, porém não pude deixar de pensar naquele estranho adepto, Alvarez, que sempre se apresentava daquela maneira.

Enquanto a carruagem corria, Iole, repentinamente, rompeu o silêncio, voltando-se para mim e dizendo:

- Cleo, meu irmão, vejo que uma nuvem nos envolve, e aviso-te, agora, que serás experimentado até o máximo limite de tua força, e isso será logo. Fique prevenido e não te deixes abater. Vigiai muito bem teu coração, resista ao egoísmo, e seja o que for que aconteça, conserve tua energia, coragem e sinceridade. Matai o egoísmo com o amor universal, matai a dúvida com o saber; matai o medo com a energia; és realmente forte?

Deu um tom de grande importância à última pergunta, que respondi:

- Se fosse sempre tão forte como quando estou em tua presença, nunca sucumbiria.

- Ora, querido, estou sempre contigo, - disse, pegando em minha mão.

- Ah! Esqueço-me dessa grandiosa verdade, meu amor - respondi-lhe, retribuindo o aperto de mão.

- Nunca deves esquecer que te amo nesta existência e que te amei em outras passadas - replicou, colocando sua cabeça sobre meus ombros.

A febre de amor voltou novamente; a calma tranqüilidade do amor superior foi dando lugar a um impulso desassossegado.

Apertei-lhe a mão e, levantando o olhar, vi que seus olhos castanhos estavam rasos de lágrimas.

- Iole, - perguntei, - por que é que esta tão triste? Por que teus belos olhos estão cheios de lágrimas?

- Cleo, - respondeu, em tom vacilante e estremeando, - o meu amor reprimido o indica.

- Querida, meu amor, - prossegui, beijando-a e abraçando-a, - mantenhamos a felicidade de nosso amor.

Ora sua cabeça se apoiava em meu peito, ora seu coração pulsava ao lado do meu. Que alegria nos traz o amor! Muito comovidos para falar, mantivemo-nos em silêncio. Levantando os cabelos castanhos que cobriam seu rosto, beijei-lhe fervorosamente as pálpebras. Seus delicados braços se colocaram ao redor do meu pescoço e, acariciando-me apaixonadamente, murmurava:

- Cleo, meu amor, amo-te, amo-te tanto...

Afinal, a carruagem parou; tínhamos chegado.

- Ah! Temos de nos separar tão depressa? - suspirou ela.

- Apenas por pouco tempo, meu amor, - respondi-lhe; - porém, por que é que repelistes meu amor durante tanto tempo?

- Era apenas uma prova para experimentar-te, Cleo - respondeu, enquanto a fiz descer da carruagem.

- Então, doravante o nosso amor não terá mais obstáculos, - declarei, beijando-a em sinal de despedida. - Deves ser minha, minha verdadeira esposa, não é verdade, Iole?

- Oh, meu querido esposo! - exclamou, acariciando-me, e nos separamos.

Voltei para casa. Todos os meus pensamentos estavam concentrados num sonho de amor. Iole seria minha mulher, minha querida mulher.

Assim se passou uma semana, após a qual me apresentei aos guardas internos. O patriarca e a mulher de preto fitaram-me cuidadosamente; quando acabaram de observar-me, em silêncio, uma porta, por mim ignorada, se abriu e entrei por ela, como me ordenaram.

Olhando ao redor de mim, notei que me encontrava numa sala pintada com uma combinação de verde e índigo. Ao lado das paredes havia certo número de compartimentos feitos de vidro, em cada um dos quais havia um grande sofá com almofadas, uma estante de livros e uma mesinha, nas portas de vidro de cada compartimento achando-se um hieróglifo. No centro da sala, quase que circundado por uma grande mesa, coberta por um pano de cor índigo, no qual estavam traçados caracteres místicos, se achava um homem cuja idade era difícil de determinar. Seus anelados cabelos castanhos, barba fina e bigodes ralos lhe davam a aparência de mocidade, que estava em contraste com as linhas que sulcavam sua fronte e seu rosto, indicando a reflexão e a experiência. Não havia mais ninguém na sala, e ao ver-me entrar, fez-me sinal para que me sentasse ao seu lado, junto à mesa.

- Meu irmão, - disse em tom baixo e bondoso. - De hoje em diante devo ser teu instrutor; e para saberes a razão da transferência de Iole para mim, direi que não conseguiste ser bem sucedido em certas provas, que eram necessárias para que continuasses com esse privilégio.

- Fui mal sucedido! - murmurei com uma vaga apreensão de medo.

- Sim, foste mal sucedido; mas somente porque ela procurou levar-te, por meios extraordinários, ao sétimo subgrau, de que faz parte. Foste mal sucedido porque não desenvolveste suficientemente tua vontade para dominar teu coração. Antes de poderes entrar no sétimo subgrau, no qual ela se acha atualmente, a tua vontade deve adquirir a supremacia.

Um pensamento de desconfiança surgiu em minha mente, e perguntei:

- Que é que fiz quando me saí mal?

- Quando cedeste ao seu amor e aos desejos de teu coração, na noite do último encontro - respondeu.

Então, tudo se tornou claro; o amor que me manifestara havia sido uma prova; avisara-me da prova e, diante da minha declaração de força, tentou-me e caí. Aquelas lágrimas foram o resultado de uma mistura de amor e tristeza; amando-me, estava condenada a tentar-me, e aquelas lágrimas provinham não só da repressão de seu amor, mas também da idéia de que eu cairia. Depois, tendo eu caído, e sabendo que o resultado não seria grave, entregara-se durante algum tempo expansão de seus sentimentos, recostando-se ao meu peito.

Oh, meu Deus, que provas para um ente humano! Poderia qualquer mortal sair-se bem nelas? Voltando-me para meu novo instrutor, perguntei-lhe, com os lábios a tremer de emoção:

- Poderia um ente humano passar por essas provas e não ceder a uma tão grande afeição?

- Meu irmão, - respondeu com solenidade, - o grau para o qual procurei levar-te é sobre-humano. Quando o tiveres atingido, serás mais do que homem no seu estado atual.

Refleti por alguns momentos, meu instrutor observando-me silenciosamente.

- E isso quer dizer separação? - perguntei, procurando firmar-me.

- Enquanto não tiveres adquirido a força para encontrá-la em sua própria esfera, deveis estar separados. Não lhe será mais permitido descer e sofrer por tua causa; de agora em diante terás de combater sozinho, desenvolvendo-te e confiando em tua própria força.

Quando acabou de falar, uma forte determinação surgiu em meu íntimo, e disse-lhe:

- Meu mestre, anteriormente disse muitas vezes: “eu o farei”, porém não o consegui; todavia, digo agora pela última vez: “Nada impedirá meu progresso”. Que é que devo fazer?

- Agora deves seguir um curso regular; e, embora seja mais lento, se perseverares, será seguro e certo. Em primeiro lugar, há de esforçar-te para adquirir um perfeito domínio de tua mente e, tendo conseguido isso, tua vontade, desenvolvida por esse processo, terá força suficiente para dominar teu coração. Deves governar teu coração e tua mente antes de passar para o grau seguinte.

- Então estou preparado, e, sem demora, me coloco sob tua direção, - repliquei-lhe com firmeza. - Qual é o curso de tuas instruções? Que hei de fazer? Desejo começar já!

O meu instrutor, com um sorriso de indulgência, respondeu:

- Aspirante, a tua vigorosa impetuosidade é bom sinal; porém, lembra-te que o desenvolvimento duradouro vem lentamente. Aprendei a ter paciência e compenetra-te de que o tempo é eterno. A tua primeira obrigação consistirá em meditação solitária e estudos. Em acréscimo às instruções que já recebeste, receberás mais, e terás de refletir muito sobre o significado delas, numa sala particular, dedicada somente a este fim. Em todas as noites de reunião, aqui se fará uma preleção e, acabada esta, terá de retirar-te para um desses compartimentos, que será exclusivamente teu, e meditarás sobre as instruções dadas. Se, no fim de seis meses, tiveres adquirido o domínio suficiente de tua

mente para poder impedir suas divagações no meio das maiores confusões e diversidades de ambiente, terás a permissão de passar pela prova de entrada num grau superior. Quase que me seria desnecessário dizer-te que não poderás triunfar se não regulares teus hábitos de vida. A natureza animal não pode ser subjugada, enquanto for constantemente estimulada por alimento animal; nem é possível que as energias vitais encontrem expressão na mais elevada atividade mental, se não for observada a mais estrita continência. Entretanto, essas ordens são desnecessárias para ti, pois se houvesse, de tua parte, o menor desvio, nunca poderias ter alcançado o privilégio de ter estado em contato com uma pessoa tão pura como Iole.

- Nesse momento, um certo número de estudantes, que, evidentemente, tinham saído da sala, voltou para ela, e o instrutor iniciou uma preleção, dizendo como introdução:

- Meus irmãos e irmãs, um novo membro se reuniu a nós em nossa investigação da verdade, e para instrução dele, chamarei a essa atenção novamente para os três requisitos profissionais necessários para a entrada neste grau. Não procuramos o conhecimento para armazená-lo nas camadas de nosso cérebro, sem empregá-lo. Procuramos o saber para poder empregá-lo utilmente no mundo e agir para o bem dele. Com esse objetivo em vista, consideramos requisito indispensável o conhecimento da arte, da medicina e do direito.

- Precisamos da arte para que, sob as formas, cores e símbolos que lhe dão sentido, possamos espalhar intensamente, pelo mundo todo, os nossos nobres ensinamentos. Sob a vestimenta da arte, através da qual os cegos nunca podem ver, apresentamos as nossas verdades para todos os que procuram a luz, e produzimos uma impressão inconsciente até nos que preferem as trevas.

- Pela música, que é a linguagem sutil da alma e não pode ser separada da arte, acalmamos a natureza exterior e aliviemos a alma que se acha adormecida no homem dos sentidos. Pela força secreta dos sons, alcançamos as almas dos mais degradados e as impulsionamos, embora muito pouco, para uma vida superior.

- Estudamos a medicina para poder aliviar os sofrimentos e mitigar os males do mundo. Nesse campo, há uma grande oportunidade para fazer o bem; pois, no campo da existência material o sofrimento, a miséria e a morte se disputam sobre os meios de causar a infelicidade. Grande é a felicidade daquele que sabe aliviar os sofrimentos dos outros; em consequência disso, tanto para nossa felicidade como pelo nosso dever estudamos a medicina.

- Estudamos o direito para poder proteger os desprotegidos, defender os inocentes e manter a justiça na sociedade humana. Devemos salientar-nos no conhecimento das leis; não no das leis aplicadas para fins cruéis e egoístas, mas sim na regra do direito e da justiça, em cujo tribunal o fraco possa competir equitativamente com o forte, a pureza e pobreza vencer o crime, a maldade e o poder do ouro.

- Ficai sabendo, porém, que não nos limitamos ao âmbito estreito que o mundo circunscreve ao redor desses campos. Para compreender essas grandiosas profissões, o homem deve fazer do universo seu estudo e também conhecer a si mesmo. Ficai sabendo que a ciência não pode manter-se sem a filosofia, que é o conhecimento da essência, a ciência da grande unidade, cuja trindade conhecemos sob o nome de cor, forma e som.

Fez uma pausa e, tomando um tom mais familiar e baixo, fez uma preleção particular sobre o triúno mistério da cor, forma e som, esclarecendo-o com o estudo dos números.

Tendo acabado de falar, apresentou a cada membro um mapa, e deu-me um também, assim como a chave de um dos compartimentos. Dirigindo-me ao que me estava destinado, abri a porta e entrei. Desenrolando o mapa sobre a mesa, notei que era uma chave cifrada, e, tomando um dos livros da estante, observei que estava escrito em caracteres semelhantes e tratavam de magia espiritual.

Esse foi o começo de um curso de estudos que prosseguiu por seis meses. Durante todo o tempo de estudo, nesse período, o mestre principal se sentava no meio da sala e observava cuidadosamente cada estudante; no final de cada reunião, retirava as cartas e chaves. No decorrer desses seis meses, com uma determinação que tocava à crueldade, afastei Iole de meu pensamento. Estava decidido, se fosse necessário, arrancar meu próprio coração; tive um impulso irresistível para dominar tudo e, por assim dizer, assaltei violentamente o Reino do Céu.

Na vigésima sétima noite, meu instrutor me disse que, se quisesse, podia tentar a prova necessária para entrar no grau seguinte.

- Desejo a prova, - respondi-lhe com confiança; e, lembrando-me de meu anterior insucesso, apertei os dentes numa expressão de estar determinado a triunfar.

Então, segui-me, - disse secamente.

Agora já tinha uma idéia do que seria a prova e, portanto, estava mais bem preparado. Sabia que seria uma prova de concentração mental. Dar-me-iam um objeto em que pensar, e procurariam, por meio de ruídos, confusões e outros processos, desviar a minha atenção. Lembrei-me de Sócrates, que permaneceu um dia inteiro a pensar, enquanto o exército todo se movia em confusão ao redor dele. Lembrei-me do iogue hindu que, durante um motim naquele país, permaneceu, durante horas, silencioso e imóvel, enquanto os canhões troavam ao redor e as balas assobiavam.

Acompanhei meu guia para a prova, tendo a mente alerta. Depois de me cobrir o rosto com uma máscara, levou-me para o centro da sala de baile, que se achava repleta de gente. A sala ressoava pelo ruído do rápido mover dos pés e as figuras dos dançantes deslizavam na minha frente. Conservando os olhos fitos no soalho polido, mas pronto a dirigi-los para dentro a todo o momento, fui levado para um sofá e meu instrutor murmurou:

- Para dentro!

No mesmo instante, dirigi todas as forças de minha vontade e da minha mente para dentro. A música, as formas, o tempo, o espaço e todas as coisas desapareceram; um ruído confuso chegava aos meus ouvidos, uma pulsação viva se fez sentir em meus órgãos subcranianos, e tudo terminou. Todo sentimento do eu desapareceu; não mais existia. Três horas depois me encontrei sozinho com o meu instrutor, no seu gabinete. Não sabia quando se tinha dado a mudança, porém uma luz admirável enchia a minha alma.

- Os mistérios do universo não devem ser revelados, - disse de modo expressivo, e prosseguiu:

- Passaste, nem sequer Iole ou teus pais te impressionou. Que tua nova prova seja tão bem sucedida e tudo irá bem.

De ordinário, sua observação sobre meus pais ou Iole ter-me-ia perturbado, porém agora me achava numa calma e inabalável indiferença.

- Ainda há mais provas? - perguntei com um sentimento de energia.

- Nenhuma, de minha parte - respondeu. - Se quiseres continuar, escreva teu pedido e eu o entregarei aos interessados; lembra-te, porém, que não te aconselho, pois deves fazê-lo espontaneamente.

Um impulso de coragem se apoderou de mim e respondi-lhe:

- Apresento-me espontaneamente; estou decididamente disposto; dai-me uma fórmula.

Sem dizer coisa alguma, apresentou-me uma fórmula de pedido e, com mão firme, escrevi o que era necessário.

- Irmão, - disse, ao receber o papel de minhas mãos - guardarei o mais inviolável segredo sobre este teu ato; procurai não te expor a perigos desnecessários, revelando-o. Não mais te será necessário vir aqui. Se o conselho do sétimo grau julgar conveniente aceitar teu pedido, receberás diretamente dele teu chamado; se assim não suceder, farei todo o bem que puderes no mundo e cumpra teus deveres sociais. O conselho do sétimo grau não tem compromisso de receber ninguém; com este pedido, as nossas relações ficam interrompidas e ficas fora de nossa jurisdição. Conserve sempre o silêncio sobre as instruções que recebeste e, talvez, nos encontraremos novamente. Os bons pensamentos e as aspirações puras te protejam.

Com surpreendente frieza afastei-me de meu instrutor e voltei para o meu quarto, na residência dos Durant, não sonhando com o que logo viria a suceder.

CAPÍTULO XI

A FRATERNIDADE NEGRA

Vieram-me, então, uma calma e domínio próprio como nunca os experimentara; decidi-me a tomar tudo com indiferença estoíca, não me deixando ficar surpreendido com qualquer coisa que me sucedesse. Este estado mental teve a sua primeira prova na manhã seguinte, pois, logo à primeira refeição da manhã, encontrei meu velho amigo Garcia. Após uma ausência de dois anos e meio, durante os quais não tive notícias suas, reapareceu repentinamente. Recebeu-me com um cordial aperto de mão, e, em resposta à minha pergunta de onde havia estado, disse, de um modo expressivo, que estivera no Oriente. Como era regra nunca se falar à mesa de qualquer assunto referente à Fraternidade, não lhe fiz mais perguntas. Após a refeição, acompanhou-me para a sala de entrada, e achando-nos a sós, disse:

- Irmão Afonso, tenho uma coisa muito importante para dizer-te.

- Muito bem Garcia, - respondi-lhe, - iremos para meu quarto. Tendo entrado em meu aposento e havendo fechado a porta, sentamo-nos, e meu amigo disse:

- Afonso, parti de Abissínia para ver-te. O Grão-Mestre que é teu protetor e de teus pais, vendo que estás rodeados de um grande e mortal perigo, enviou-me para avisar-te e te preparar. Sabes, Afonso, que teus pais não te teriam confiado aos meus cuidados se eu não tivesse as melhores recomendações e não fosse digno dessa confiança.

- Não tenho a menor dúvida sobre tua honestidade e integridade, meu irmão; qual é tua comunicação? De que é que me queres avisar? - perguntei-lhe.

- Em Paris, - respondeu em voz baixa, - há um ramo dos Dugpas Vermelhos do Nepal, um bando de feiticeiros negros, e eles, sabendo que procuras a iniciação na Fraternidade Branca, prepararam uma armadilha para te desviar do verdadeiro caminho, para a sua associação vermelha.

- Como o poderiam descobrir, se isso fosse verdade? - perguntei com reserva, lembrando-me do aviso que o mestre me dera de guardar segredo, e receando que Garcia conhecesse o pedido que eu tinha feito.

- Meu irmão, - replicou, - embora os segredos da escola sejam bem guardados e todos sejam obrigados ao silêncio, o conhecimento que já adquiriste deve fazer-te saber que existem outros meios de obter tais conhecimentos. Tais homens são feiticeiros e necromantes, possuindo grande traquejo nas artes negras. Pelas suas práticas maléficas evocam os astrais dos mortos, chamam os espíritos elementais e fazem os mensageiros invisíveis executar suas ordens. Dessa forma obtêm o conhecimento dos segredos mais cuidadosamente guardados e os empregam para maus fins.

- Porém, persisti, por que é que haviam de escolher-me para paciente? Não trabalho para o mal.

- Com maior razão deviam procurar-te. Amam o mal e anotam todos os aspirantes para a Fraternidade Branca; são inimigos de tudo o que é bom e puro, e quereriam te unir a eles em sua obra do mal.

- É estranho que tenham escolhido a mim que amo apenas o que é puro e bom, - respondi-lhe, encobrendo a minha desconfiança secreta de que aquilo era outra prova.

- É verdade, meu irmão; poderá parecer, à primeira vista, coisa estranha, porém, desde que tenham-no em seu poder, farão tua natureza inteira perverter-se; e o divino saber, que já recebeste, tornar-te-á um instrumento mais poderoso para o mal. Muitos aspirantes à Fraternidade Branca foram assim perdidos, e identificam-se agora com esse Bando Vermelho, empregando seus poderes divinos para fins infernais. Lembra-te do axioma cabalístico: *Demon es! Deus inversus* (“O Diabo é Deus invertido”).

- Muito bem, meu irmão, - respondi-lhe, com um sentimento íntimo de que tinha bastante força para enfrentar o mal, - agradeço-te o aviso, porém estou pronto a enfrentar o próprio diabo e todas as suas hostes demoníacas.

E acrescentei, então, com um sentimento de poder espiritual:

- Não sabes, meu irmão, que sou divino? Sim, sou Deus; neste templo que vedes agora, está o próprio Deus; e que poder tem Satanás sobre Deus?

Essa inspiração me viera num momento, e sentia todo o poder designado por minhas palavras.

- Está muito bem, meu irmão; alegro-me em ver-te falar com tanta confiança, porém, fique prevenido; avisei-te e nisso está cumprido meu dever. E fiquei sabendo do seguinte, que é um sinal infalível: nenhum ramo ou seção da escola oculta, a Fraternidade Branca do Oriente, pedirá um só real pelas instruções ocultas ou pedirá dinheiro para a iniciação.

- Sei muito bem disso, meu irmão, pois há mais de dois anos que tenho estado a receber instruções e não me pediram um real.

- Por enquanto, Afonso - respondeu, - fizeste parte de uma seção exterior da verdadeira Fraternidade Branca; porém, meu Mestre não me teria enviado para te advertir, se não houvesse perigo. Lembra-te das palavras de teu pai, ao dizer-te que, enquanto for puro e desinteressado, os Grandes Protetores te guardarão; e asseguro-te, agora, que é por ordem de um deles que me encontro aqui para prevenir-te. Devo retirar-me agora; nada mais posso fazer, porém, torno a avisar-te.

Com essas palavras, e antes que pudesse fazer-lhe mais perguntas, levantou-se e saiu. A porta mal acabava de fechar, quando o porteiro anunciou que um cavalheiro estava me esperando, numa carruagem à entrada.

- Começam as coisas tão cedo? - perguntei a mim mesmo, ao dirigir-me para a porta. Ao aproximar-me da carruagem, a porta abriu-se e um homem mascarado me fez sinal para entrar. Logo que o fiz, murmurou a palavra de ordem do sexto grau e fez o sinal de saudação. Tendo também entrado, tirou a máscara e fechou a porta, partindo a carruagem, em seguida, rapidamente.

Durante meia hora, caminhamos em silêncio, julgando, pelo seu movimento, que demos diversas voltas. Terminado esse tempo, parou, por um momento, e ouvi uma porta abrir-se; prosseguimos, então, em nossa viagem.

Depois de cinco minutos, chegamos a outro ponto de parada, e meu companheiro, falando pela primeira vez, disse:

- Tende a gentileza de vestir este capuz.

Apresentou-me uma espécie de saco de seda e, sem hesitar, coloquei-o na cabeça; envolveu-a completamente e, tendo apenas um buraco para a boca, encobriu-me inteiramente a vista. O meu companheiro tomou a minha mão, descemos da carruagem e subimos alguns degraus. Entramos num corredor ladrilhado, em que nossos passos produziam um eco surdo e, passando por uma porta, a minha máscara foi retirada, e encontrei-me numa sala que parecia não ter porta nem janela, e a própria porta pela qual entramos ficou encoberta. A sala era de forma cúbica e suas paredes nuas e grosseiras eram pintadas de preto; quatro luzes vermelhas davam a ela uma claridade lúgubre. Até o tapete era preto, e, para tornar a cena ainda mais sombria, doze formas mascaradas, completamente envoltas em vestuário preto, achavam-se sentadas ao redor de uma mesa da cor de ébano. O meu guia fez sentar-me numa ponta da mesa e tomou a cadeira ao meu lado, ficando assim seis figuras de cada lado e a décima terceira na ponta da mesa, na minha frente. Nenhuma palavra ainda havia sido expressa, porém, em vez de causar-me medo, aquele modo estranho de proceder me causou uma favorável impressão e me encontrei cheio de coragem e força. A forma mascarada que se achava na minha frente tirou das dobras de seu vestuário um cubo preto e colocou-o ao lado de um pano que cobria diversos objetos postos sobre a mesa. Falando, então, em tom baixo e agudo, um tanto duro e frio, ela disse:

- Homem da terra, que rematada loucura te impele a procurar admissão nesta Fraternidade?

Sem perturbar-me por este modo severo, nem pelo ambiente sombrio, respondi-lhe:

- A loucura de saber e o desejo de poder.

- O saber para aproveitares do ignorante? O poder para te exaltar na terra?

- Não, - respondi-lhe com veemência, - saber para ajudar e auxiliar os meus irmãos; o poder para fazê-lo de um modo efetivo.

- Já não o conheces bastante? Que é que há mais para aprenderes?
 - O que conheço é apenas um átomo em relação ao que não conheço; apenas um grão de areia na praia; apenas uma gota de água no oceano. Existe o conhecimento do mundo interior, da alma, do espírito e de todas as infinitudes que se acham em suas profundezas.
 - E pensas que a mente do homem pode conhecer essas coisas? Não julgas que esse vasto conhecimento é reservado somente para Deus?
 - O que pertence a Deus, pertence ao Homem Divino; a mente unida com o espírito não tem limites que não possa ultrapassar e compreende os mais profundos mistérios de Deus.
 - A mente unida ao espírito? Como julgas que isso possa dar-se?
 - Estabelecendo as condições necessárias para a união, por meio do desenvolvimento dos instrumentos desses poderes.
 - Julgas, pois, que é possível ao homem evoluir e desenvolver faculdades superiores, instrumentos mais perfeitos para a manifestação do saber, e talvez sentidos desconhecidos e latentes?
 - Tudo isso, - respondi.
 - Julgas que isso pode ser feito enquanto o homem se acha na terra?
 - Mesmo que se ache na terra, se ele se libertar das coisas terrestres e dominar a carne.
 - Conheces os perigos que rodeiam todos os que procuram desenvolver essas faculdades e poderes superiores, sem estarem convenientemente preparados?
 - Estão sujeitos a muitos perigos, - repliquei-lhe.
 - Oh! E poucos são os que se acham preparados. Homem imprudente volte para trás antes que seja tarde demais. Depois que tiverdes atravessado o umbral, não haverá mais meio de voltares. Detende-te! A morte, a loucura, a moléstia incurável e a infelicidade por toda a vida assinalam os que são mal sucedidos. Voltai para os teus deveres do mundo; não entre no caminho perigoso e difícil, em que o insucesso leva ao desespero.
 - Senhor, - respondi com firmeza, - tendes meu pedido e o retiro; refleti bastante e estou preparado para qualquer prova. Na verdade, não há maior força do que a que resulta da compenetração da presença de Deus no íntimo. Um poder interior me impeliu para frente e decidi-me seguir seus impulsos. Durante todo esse diálogo, as doze figuras mascaradas se mantiveram em silêncio e quase imóveis, porém seus olhos, atravessando as suas máscaras, nunca deixaram de fitar-me. Então, numa só voz, profunda e cavernosa, disseram:
 - Homem imprudente! Detende-te! Detende-te!
- Porém, não atendendo à minha voz interior, respondi:
- Persisto.

Imediatamente cada uma das formas fechou sua mão de um modo especial sobre a mesa, e o chefe falou:

- Tu tendes pais, esposa, filho, protegido, ou parente, no mundo, que dependam de tua proteção ou sustento? És ligado pelo dever a alguém na terra?

- Não tenho dever algum que me prenda a quem quer que seja, exceto para com todos; meus pais e parentes já não pertencem ao mundo.

- Queres renunciar a si mesmo e ao mundo pela verdade?

- Tudo pela verdade, - respondi.

- Estás disposto a sofrer escárnios e perseguições dos homens pela verdade?

- Tudo pela verdade, - repliquei.

- Estais disposto a vir a ser um mendigo, desprezado, torturado, abandonado, por amor à verdade?

- Tudo pela verdade, - respondi pela terceira vez.

Tomando o cubo preto que estava à sua frente, na mesa, o chefe se dirigiu novamente para mim:

- Candidato ao saber sagrado, sabes o significado deste cubo?

- O cubo preto é o símbolo do Homem Inferior e dos quatro elementos e princípios que constituem sua natureza terrestre.

- Está bem, - disse, enquanto passava o cubo ao redor da mesa. Notei, então, que o cubo tinha uma pequena abertura, e à proporção que era passado ao redor da mesa, cada uma das figuras colocava alguma coisa nele; evidentemente estavam tirando a sorte sobre a minha admissão.

Quando o cubo voltou para o chefe, pareceu pesá-lo em sua mão, e depois se dirigiu a mim:

- Homem, não *aceitamos* ninguém somente pela declaração de sua força; como Cristo, deves descer ao inferno, suportar e vencer seus tormentos e provar, se puderes, que és digno desse conhecimento e dos privilégios que pretendes possuir.

Tirando de dentro de seu vestuário um cartão preto e outro branco, entregou-me e disse:

- Dar-te-ei sete dias para a decisão final; considerai bem esta carreira. Se renunciarees a ser candidato e resolveres voltar para o mundo, no sétimo dia queimai o cartão branco; se ainda estiveres determinado a persistir, queimai o cartão preto.

Ao acabar de falar, tirou o pano que cobria a mesa, e uma cabeça humana, apoiada em dois ossos cruzados, apareceu à nossa vista. Apresentava um brilho fosforescente e exalava um cheiro mortal. A um sinal, todos se levantaram e, com as mãos cobertas por luvas pretas, apontaram para mim, cantando num tom infernal:

“Morto! Morto! Enterrado nas profundezas de um túmulo,
Teu espírito está perdido na noite e tristeza do mundo.

Porém, o sol está nascendo e o dia afasta a noite;
Todavia, antes da ascensão, o corpo deve morrer,
Todavia, antes da ascensão o corpo deve morrer!”

Terminado o canto, meu condutor cobriu-me a cabeça com o capuz, e fui transportado apressadamente para a carruagem, e daí para a residência dos Durant.

Os meus pensamentos voltaram-se novamente para Iole, porém, desta vez, estando minha mente bem dominada, eram fontes de energia. O meu treino no sexto grau não fora inútil, e podia agora reprimir a agitação que anteriormente abalara meu coração e fora a minha fraqueza.

- “Quão grande e nobre deve ser! - murmurei. - Que mentalidade majestosa, que vontade admirável e, ao mesmo tempo, que coração amoroso e simpático. Oh! Ela é a encarnação da perfeição humana; energia combinada com delicadeza; mentalidade combinada com coração. Sim, eu também alcançarei sua posição exaltada e serei humilde irmão para trabalhar com ela para o bem do homem”.

No dia seguinte, Garcia tornou a voltar comigo para meu aposento e repetiu o aviso.

- Afonso, - disse, - lembra-te de que a Grande Fraternidade não exige prova alguma a não ser as que são de natureza mental e moral.

- Lembrar-me-ei, meu irmão, repliquei-lhe, porém não lhe fiz referência alguma aos incidentes dos últimos dias.

Passada aquela semana, entrei a fazer um jejum parcial e mantive-me o mais possível em meus aposentos, dedicando muito tempo à meditação e à comunhão interna.

No sétimo dia, tomei uma refeição ligeira e voltei para meu quarto. Durante toda a manhã meditei sobre a divindade do homem e esforcei-me bastante para realizar a minha própria natureza divina e o fato de que o Cristo universal se acha em todos os homens.

Ao meio-dia, quando o sol estava no meridiano, tirei os cartões do meu bolso e preparei-me para fazer a escolha. Notei, então, que o cartão branco era um triângulo e que o preto era um quadrado.

- “Ah! Exclamei, - se queimar o cartão branco, destruirei o Homem Divino, a trindade divina; se queimar o preto, destruirei o Homem Inferior, o quadrado ou cubo. O eu divino me livre de destruir-te, ó alma imortal, porém me leve a fortalecer-te. O preto é que deve ser consumido”.

Assim falando, beijei o triângulo branco e coloquei o quadrado preto sobre as brasas do fogão. Uma brilhante chama vermelha subiu aos ares, um cheiro entorpecente encheu a sala e, antes que pudesse evitá-lo, caí em minha cadeira, com os olhos fitos no fogo, do qual não podia arredá-los.

E, Oh Deus, um rosto horrendo se formou entre as chamas; aumentou até atingir o dobro do tamanho natural, e fitando-me com estranha fascinação, reconheci nele a minha fisionomia. Porém, meu Deus, quão perverso e maligno era! Tinha uma expressão sinistra e maldosa um olhar cruel e agitado, e profundas rugas de depravação! Aquele rosto horrendo parecia atrair-me para si, e estava caindo rapidamente num estado letárgico, quando, por um esforço de vontade, me levantei e exclamei:

- Afasta-te! Afasta-te!

Um tremor violento abalou o meu corpo e, dando um gemido - sim, era um gemido real, - o monstro desapareceu nas chamas.

Levantando-me de minha cadeira, abri a janela e deixei assim sair os vapores nocivos que enchem a sala. Dirigindo-me, então, para a minha escrivaninha, tomei um preparado químico que tinha descoberto e composto em meus estudos e coloquei-o nas chamas. Imediatamente um perfume mais agradável se estendeu pela sala e minhas forças voltaram.

- Meu Deus! Devo estar prevenido, - disse comigo mesmo; - isto, provavelmente, é apenas uma indicação do que se dará. Chegou a noite, e embora estivesse em meu estado normal, não tomei alimento; não tinha vontade de comer e, por isso, deixei de fazê-lo. A escuridão tinha invadido meu quarto, e eu passeava de um lado para outro, entregue aos meus pensamentos, quando ouvi um leve bater na porta. Não desejava que me perturbassem e, a princípio, não respondi, porém logo se fez ouvir o ruído especial do sexto grau. Abri a porta, e antes de poder falar, uma figura vestida de preto entrou e murmurou: Fechai a porta com chave.

Era a voz de Iole, e, sem um momento de hesitação, obedeci-lhe.

- Cleo - disse-me, num murmúrio abafado - venho aqui com risco de minha vida. Se me descobrirem ou souberem que me encontro aqui, amanhã meu cadáver flutuante será retirado do rio Sena. Há duas portas nesta sala?

- Há uma saída, pelo quarto de vestir, ao lado, - respondi-lhe.

- Que é que vai mal? Por que essa visita às ocultas?

- Em primeiro lugar, - replicou, - se alguém vier enquanto aqui me encontro, devo sair sem ser vista, e seja qual for o motivo, não deves revelar a minha estada aqui.

- Muito bem - disse-lhe - refletindo que aquilo podia ser outra prova e pondo-me em guarda sobre isso.

- Cleo, vim sem que meus irmãos o saibam, para dizer-te que caíste nas mãos da Fraternidade Negra, o ramo ocidental dos Dugpas Vermelhos do Oriente. Meus irmãos disseram que te haviam avisado pelos meios convenientes e que nada mais fariam, que deves enfrentar o Bando Negro e sair ou triunfar. Isso é terrível e receio que sejas mal sucedido, porque esses monstros perturbam a mente com drogas nocivas, fazendo-te perder seu domínio pessoal. Portanto, em contrário às regras usuais, porém não violando meu juramento, vim para te avisar em acréscimo ao aviso que já te deram. Assim fazendo, tornei-me centro atrativo para as influências malévolas de toda a Fraternidade Negra, e as correntes de ódio que circulam pelo astral já estão sendo enviadas contra mim. Porém, pelo poder de meu Eu eterno, eu lhes resistirei, e meu amor para contigo não me permitiria deixar de agir.

- Minha querida irmã - repliquei-lhe comovido, porém sem perder a calma - agradeço-te do fundo do coração a essa bondade e desprendimento; porém, se de fato é como dizes, que devo ficar sujeito à Fraternidade Negra, que assim suceda. Com a energia e determinação que possuo atualmente tornar-me-ei até irmão dessa ordem infernal para poder, assim, levar os poderes de Deus até às profundezas do inferno. Se me querem, que estejam atentos; certamente não conhecem quem pretendem dominar.

- Oh! Meu irmão, não se deixe enganar assim. Ligados pelos seus encantos infernais e rodeados pelos seus espíritos demoníacos, nunca poderás ter liberdade. Esperai, e a Grande Fraternidade Branca, no devido tempo, te dará oportunidade para entrares em seus templos sagrados. Eu mesma advogarei essa causa. Dentro de poucos minutos, um membro da Ordem Negra deve estar aqui; não o acompanhe, esperai.

- Não, minha irmã, a sorte já foi lançada; e, viva ou morra, caia ou triunfe, irei. No passado, me pediste que confiasse em ti; agora peço que confies em mim. Receia que não possuo a força necessária; não te alarme, tenho-a; e seja o que for que aconteça, não tenho maior perigo do que o de morrer. Com o motivo que agora me impele, sinto que a morte não seria mais do que a entrada numa vida nova e superior...

Uma ligeira batida na porta interrompeu a nossa conversa.

- É ele que chegou - murmurou, fugindo para o quarto contíguo. - Esperai, meu irmão, esperai! Não o acompanhe!

Porém, uma determinação diabólica se apoderou de mim, e abri a porta, inteiramente decidido a prosseguir, sem ouvir conselhos.

Uma figura vestida de preto e trazendo um capuz entrou e fechou a porta atrás de si.

- Estamos sós? - perguntou.

- Estamos, - respondi-lhe.

- Pareceu-me ter ouvido vozes, - objetou, fitando-me através da escuridão.

Sempre que estou só, converso comigo mesmo, - repliquei-lhe, determinado a proteger Iole.

- Oh! Esse é um hábito que denota loucura ou gênio. Destruíste todos os documentos secretos que podes ter ou arranjaste um lugar seguro para eles?

O mascarado tinha dado a senha secreta e a palavra de passe, e respondi-lhe:

- Não possuo documentos secretos; quando deixei o sexto grau, todos os papéis foram devolvidos.

- Muito bem; tomaste essa decisão e não deixaste indicação alguma do lugar para onde ides?

- Meu Deus! - pensei, - isto parece o caminho da morte!

Porém, sem expressar qualquer contrariedade, respondi:

- Agora não é necessário dar qualquer atenção à minha vontade; não estou para morrer neste momento. Quanto ao lugar para onde vou, nem eu mesmo sei.

Sem responder, meu interlocutor levantou-se e, a um sinal, acompanhei-o. Ao passarmos a porta, murmurou-me que a fechasse bem; atravessamos então, silenciosamente, o corredor. Ao chegarmos à entrada de uma sala, o meu guia, que se encontrava um pouco mais adiante e parecia conhecer muito bem a casa, avistou o senhor Durant, que atravessava na outra ponta, e me fez recuar e esconder no canto de uma porta, até que desaparecesse.

Tomando, então, meu braço, levou-me para a entrada lateral e através do quintal até um portão, em frente do qual uma carruagem estava à espera. Abriu a porta e, em silêncio, fez sinal para que nela entrasse, e o fiz; murmurando, em seguida, alguma coisa ao cocheiro, sentou-se ao meu lado, fechando a porta e descendo as cortinas. Ouvei o cocheiro fustigar os cavalos e corremos rapidamente através da noite. Confiando na proteção de alguns sinais e palavras de passe, parti em companhia de um estranho, sem saber para onde ia.

CAPÍTULO XII

A MORTE - A VIDA

A carruagem correu velozmente durante uns cinco minutos e depois parou por alguns momentos; ouvi que alguém subia na frente, colocando-se no assento ao lado do cocheiro. Prosseguimos na caminhada pelo espaço de cerca de três horas, sem parar.

Durante todo esse tempo meu companheiro guardou um silêncio sepulcral, e a única idéia que me foi possível formar do caminho seguido resultava das voltas dadas rapidamente pelo carro e do som escutado uma vez, quando atravessamos uma ponte.

Chegamos, afinal, a um ponto de parada, onde ouvi um assobio abafado e, logo em seguida, outro; a carruagem prosseguiu lentamente e, dentro de poucos minutos, parou de novo.

Como da outra vez, o meu guia me apresentou um capuz e, sem dizer palavra, me fez sinal para cobrir-me com ele. Obedeci-lhe silenciosamente, e saímos do carro. Puxando o capuz, para ver se estava bem colocado, o meu companheiro tomou meu braço e subimos os degraus de uma escada.

Durante uns momentos que paramos no topo da escada ouvi uma conversa em voz baixa, porém não pude compreendê-la. Atravessamos o que me pareceu uma porta. Então o meu guia me largou, cada um dos meus braços foi vigorosamente seguro por duas mãos robustas, e fui levado apressadamente através de uma sala, em que nossos passos quase não faziam ruídos.

Dentro de alguns minutos paramos, e repentinamente tiraram o meu capuz. Lançando um olhar ao redor de mim, notei que me encontrava numa grande sala, de forma quadrada, sem abertura aparente; porém não era pintada de preto como a sala da experiência anterior, mas tudo era de vermelho sangüíneo. Quatro lâmpadas cobertas de globos vermelhos e emitindo chamas avermelhadas, enchiam a sala de uma luz amortecida e desagradável.

Ao redor de uma mesa vermelha, como na vez anterior, estavam doze figuras, porém, agora, todas vestidas com um roupão de cor carmim, correspondente à da sala.

O primeiro objeto que atraiu minha atenção foi um gigantesco abutre de cor preta, que se achava sobre uma enorme esfera vermelha, colocada no centro da mesa e cheia de carne podre. Enquanto a ave comia seu horrível alimento, um cheiro nauseabundo enchia a sala.

- Meu Deus! - pensei. - Isto certamente é magia negra.

O mau cheiro me perturbou e recuei. Nesse momento, as figuras que me rodeavam deram uma gargalhada diabólica:

- Ah, ah, ah, ah!

Então uma das figuras levantou a mão - que não era mão, mas, sim, uma gigantesca garra vermelha - e apontando para a ave, disse, em tom frio e duro:

- Amanhã seu corpo será alimento dela.

Então todos os presentes cantaram em coro, como que tomados de alegria diabólica:

- Ah, ah, ah, ah, será alimento, será seu alimento, amanhã!

- Pobre homem! - disse o que fora o primeiro a falar. - Ainda tendes uma oportunidade para voltar atrás. Aproveite-a e retira-te.

- Então, lembrei-me do aviso de Garcia; recordei-me das palavras de Iole; o mau cheiro me deixou abatido.

Porém, com uma determinação que se aproximava do desespero, respondi:

- Não! Prossigamos!

Com a rapidez do pensamento, o capuz me foi novamente posto na cabeça; duas fortes mãos me seguraram em cada braço, e me fizeram subir uns quarenta degraus, e parando repentinamente outra vez, o capuz me foi retirado. Encontrava-me numa sala semelhante à que tinha deixado, mas pintada de cor verde; e como que por mudança instantânea, os meus guias estavam vestidos com roupões da mesma cor, da mesma forma que onze figuras que se achavam sentadas ao redor de uma mesa, no centro da sala. Os meus guias fizeram-me sentar numa ponta da mesa, e cada um tomou assento ao meu lado.

A figura que se achava na ponta oposta, tirou do bolso alguns papéis e dirigindo-se a mim, disse:

- Estás preparado para o juramento?

- Estou, - respondi com firmeza.

Passando os papéis para uma figura que se achava à sua direita, esta os recebeu e, em tom profundo e solene, pôs-se a ler:

"O JURAMENTO"

"Creio no reino e regras eternas, imutáveis, infalíveis e universais da lei".

"Não creio positivamente no perdão dos pecados ou na possibilidade de escapar deles ou de serem expiados por meio da substituição ou penitência. Creio que todo mau pensamento, mau desejo, má palavra e mau ato trazem para o homem um castigo correspondente, do qual não lhe é possível escapar".

"Não creio que o próprio Deus, os anjos, a morte ou qualquer outro poder existente, no céu, na terra, ou outro lugar, possa impedir os sofrimentos que resultam como efeitos dos meus pensamentos, desejos e atos".

"Creio que, desde a mais humilde molécula da matéria mais baixa e prejudicial até a mais alta essência contida nas mentes dos gênios iluminados por Deus, tudo é vida".

“Creio que cada átomo de minha forma está repleto de vida; creio que cada átomo de minha forma é uma vida; e também que estão ligados pelo poder de minha vontade inconsciente, a fim de agirem combinadamente para o bem de meu organismo em conjunto”.

“Creio que, assim como o meu corpo é constituído de uma multidão de vidas, também se dá com o ar que nos rodeia, o éter omnipenetrante e todas as coisas materiais e imateriais, visíveis e invisíveis; em tudo isso se encontram inúmeras hostes de seres bons e maus”.

“Considerarei tudo isso; compreendo-o; creio-o; ainda mais, afirmo-o”.

“E agora, na presença dos que aqui se encontram e de meus superiores, juro-o e afirmo-o solenemente; na presença de minha alma imortal, na de Deus e dos anjos, na de todas as coisas, boas ou más, juro por toda a eternidade, nunca revelar, sem permissão, os ensinamentos, as pessoas e símbolos ou processos desta Loja, por palavras, atos, sinais ou indicação”.

“Juro, mais, que nunca revelarei os sinais, palavras de passe, símbolos, tempo e lugares desta Loja e seus membros”.

“Juro, ainda, que a morte, a tortura, prisão, rapto, a fogueira não me poderão forçar a violar este meu sagrado e solene juramento; nem a fama, a acusação, o poder, a intriga ou a ignomínia poderá levar-me a faltar a este mais sagrado juramento”.

“Ouvi e registrai este meu sagrado juramento, pedido e afirmação, ó Deus, anjos, demônios! Acabei de jurar e, com a mente calma, e na mais perfeita consciência de mim mesmo, acrescento esta invocação, de que nunca me esquecerei:”

“Ó seres viventes que constitui a minha forma, se um dia, no presente ou na eternidade, eu vier a violar este juramento, consumi-me! Corroei em agonia lenta as minhas partes vitais! Devorai-me como um cancro!”

“E vós, ó demônios da destruição, que residis no ar que nos rodeia, se procurar alívio na morte, tomai minha alma e forçai-a a voltar à terra novamente! Fazei-a sofrer, aqui, à esta vontade, e que assim a minha vida eterna seja repleta de terrível miséria! Assim juro e evoco”.

A leitura cessou e, por um momento, tudo permaneceu em silêncio; então o chefe falou:

- Homem, ouviste o juramento; tu o compreendeste, aceitas e assinas?

- Compreendo-o, aceito-o e assino-o - respondi-lhe.

O chefe apresentou-me o papel e, tendo-o lido novamente, com grande cuidado, assinei-o.

Tendo recebido o juramento assinado, apresentou-me outro papel e disse:

- Escreva o que vou ditar.

Tomei o papel e a pena, e ele começou da forma seguinte:

- “Saibam todos os interessados que eu, Afonso Colono, estou cansado desta vida, e, depois de ter pensado e refletido, resolvi afogar-me no rio Sena...”

- Parai! - interrompi, abandonando a pena, - isso é falso, e desonrará meu nome...

- Ah! - disse o chefe, - ainda te preocupas com as opiniões do mundo? Julgávamos que tivesse destruído todos os pensamentos do eu. Não queimaste o cartão preto?

Não respondi, mas pensei comigo que aquele era um negócio arriscado. Todavia, dispondo-me a ver naquilo uma prova, tomei a pena e escrevi o que foi ditado.

- Assinai-o agora, - disse.

Com alguma hesitação, assinei.

- Agora assinai isto, - ordenou, apresentando outro papel.

Pegando-o, vi que era um cheque do Banco de França, e dizia o seguinte:

“Pague-se à ordem do Conde Alexandre Nicholsky quinhentos mil francos, (500.000)”

Então, a força do aviso de Garcia se apresentou à minha mente.

- Meu Deus! - disse comigo mesmo; - o que ele disse deve ser verdade! Os Mestres da Fraternidade Branca nunca pedem dinheiro.

Recusam todas as recompensas materiais. Serão estes os Irmãos Negros que empregam privilégios e símbolos roubados? Muito bem, já fui longe demais para voltar atrás, e, com a vontade do Eterno, prosseguirei, aconteça o que acontecer. Sim, prosseguirei, mesmo que seja para a morte. O Conde Nicholsky! Sim, é o famoso místico russo, que consideram o homem mais rico da Europa. Seria possível que tenha obtido sua fortuna por este meio impróprio?

O chefe observou a minha hesitação e disse severamente:

- Bem, quer assinar?

Sim, assino - respondi-lhe, enquanto entregava, com uma penada, toda a minha fortuna a um desconhecido.

- Muito bem, - disse o chefe. - Se passares, não precisarás da riqueza; se fores mal sucedido, a essa última carta identificará seu corpo flutuante no Rio Sena.

Com essas palavras, ditas com rudeza, guardou cuidadosamente os papéis em seu bolso e tirou um maço de cartas de uma cor especial. Baralhou-as e passou para o seguinte, cada um baralhando-as por sua vez. Depois de baralhadas por todos voltaram ao primeiro, que cortou e colocou os dois maços no centro da mesa. Cada um tirou uma carta na ordem regular, sendo o chefe o último a tirar. A um sinal, todos voltaram suas cartas e instantaneamente expressaram um murmúrio de surpresa.

- Homem, - perguntou o chefe, com selvagem severidade, - pertences a qualquer outra Fraternidade oculta?

- Que o saiba, não, - repliquei-lhe.

- Muito bem, Fraternidade ou não, estais rodeado de poderes invisíveis, e, assim sendo, ao contrário de todos os precedentes, nós, mesmo neste momento tardio, te oferecemos a oportunidade de se arrepender. Não queremos assumir a responsabilidade do que possa acontecer. Infeliz de ti, se fores mal sucedido; e infeliz dela!... Homem! - exclamou abruptamente, num tom quase feroz, - não te importa a essa pobre e miserável vida, porém, se fores mal sucedido, a essa irmã virgem, Iole, será condenada.

- Não serei mal sucedido; prossegui, pois! - exclamei, entre os dentes.

- Homem, as forças elementais que evocas despedaçarão a vida e a mente dessa irmã, fazendo dela uma louca varrida... Detende-te!

- Não serei mal sucedido; que o sangue dela caia sobre a minha cabeça. Prossegui!

Nem acabara de falar, quando tudo se escureceu e a sala se encheu de sons estranhos e aterradores. Mãos fortes me seguraram e uma voz terrível murmurou em meu ouvido: - Corre!

Obedeci forçado. Encontrei-me logo num corredor estreito e abobadado. Caminhamos muito, o chão ecoando aos meus passos. Tudo estava escuro, porém, não tendo o capuz, podia discernir vagamente a abóbada, meus passos indicando ao mesmo tempo que estávamos descendo por uma espécie de ladeira.

Corremos, corremos! Meus companheiros aspiravam o ar com dificuldade e eu me encontrava quase exausto. Caminhamos muito ainda; não haveria nenhuma parada?

Tropecei repentinamente e caí no chão, as mãos de meus companheiros me abandonaram e ouvi uma só palavra em voz cavernosa e zombeteira: - Morrei!...

Imediatamente senti que o chão descia por baixo de mim., descer, descer, descer até as profundezas da terra; e tudo estava escuro como a mais negra tinta.

Afinal, ouvi um grande ruído e tudo parou; avistei diante de mim um esqueleto fosforescente que se achava à entrada de um corredor escuro. Podia mover-se e trazia em sua mão esquerda uma caveira, que emitia uma luz vermelha e, com a mão direita, me fez sinal para que seguisse.

Ao mesmo tempo, tendo hesitado em seguir aquele guia tão feio, uma voz, que parecia sair de meu estômago, disse, clara e distintamente:

- Acompanhai-o e nunca te voltes para trás; atrás de ti está a destruição, tua única esperança está adiante. Prossegui!

Tendo readquirido meu fôlego, durante a minha descida, levantei-me e preparei-me para seguir. Quando o fiz, o esqueleto deu uma volta e, como que deslizando, pôs-se a caminhar pelo corredor, e eu o acompanhei.

O ar começou a fazer-se úmido, frio e bolorento, porém continuei a seguir os passos do meu horrível guia.

Repentinamente ele desapareceu como se fosse um vapor e me encontrei novamente só, numa escuridão impenetrável. Não sabendo para onde voltar ou que fazer, parei; porém, logo ouvi a mesma voz interior dizer:

- Prossegui; caminhei para frente.

Estendendo a mão para um lado, percebi a parede; era fria e úmida. Tateando o caminho, prossegui prudentemente, quando cheguei a um ponto em que a parede terminava repentinamente, e quase caí, pois o chão era muito liso. Parando, encontrei um rochedo e calculei que podia descansar um pouco; porém, logo que me assentei em sua superfície fria e úmida, ouvi um som sibilante e a minha mão entrou em contato com o corpo frio de uma serpente.

Levantando-me apressadamente, um grande morcego passou junto à minha cabeça e percebi o ruído de outros que me rodeavam. Um tanto nervoso, mas dispozo ainda de grande sangue-frio, dei outro passo para frente. A atmosfera estava repleta de morcegos a voarem por toda a parte, se ouvia o silvar de serpentes.

- Meu Deus! - exclamei, - estarei, na verdade, abandonado? E novamente a voz misteriosa se fez ouvir no meu íntimo e disse:

- Nunca abandonamos os que nos chamam com o coração sincero e são dignos de nossos cuidados.

Isso me fortaleceu e pensei novamente em meu eu divino. Porém, uma serpente começou a se envolver em meu pé, e, momentaneamente assustado, precipitei-me para frente, indo de encontro a um rochedo e caindo num tanque viscoso. Uma sucção me atraiu para baixo; não podia levantar-me e comecei a afundar. Lutava em vão; ora chegava ao meu peito, ora subia até os ombros e, lentamente, fui afundando até ficar à altura da boca.

- Meu Deus! Meu Deus! Teria sido realmente abandonado? - Exclamei, quando a viscosidade, semelhante a uma massa de alcatrão, chegou à minha boca. Como que em resposta a meu último grito de desespero, deixei de afundar - meu pé tinha alcançado o fundo. A minha mente se acalmou novamente e encontrei um lugar menos profundo.

- Ah! Graças a Deus, encontrei-o! - exclamei, levantando-me novamente na massa viscosa até que esta chegasse apenas ao meu peito. Prossegui laboriosamente na minha caminhada, cada passo levando a um ponto menos profundo, quando - que horror! - me encontrei noutro tanque, afundando rapidamente. Luto em vão, o líquido sendo fino e viscoso, e o fundo parecendo deslizar, fui afundando até a minha boca, outra vez.

Deixei novamente de afundar e com dificuldade alcancei outro lugar mais raso, para cair noutro pântano.

Então as coisas se esclareceram para mim. Estou atravessando uma série de pântanos, e logo que saio de um, caio em outro. Oh! Misericordioso poder, quanto será extenso? Quanto tempo hei de lutar assim? Nunca alcançarei outro lado?

A voz interna falou novamente: - Sede forte; perseverai!

Não sei quanto tempo lutei assim. Não podia voltar para trás, porque, se o fizesse, tudo ficaria perdido; a minha única esperança estava na minha frente; por isso, continuei a lutar. Caíra no quarto tanque, que era mais denso do que qualquer outro, e cuja superfície estava coberta de uma coisa podre que quase fazia perder os sentidos pelo seu mau cheiro; achando-me quase esgotado e, descansando por um momento, uma luz vermelha surgiu nas trevas. Olhando ao redor de mim, vi um bote que se aproximava. Tinha apenas um ocupante, sendo arrastado por uma corda preta que

parecia estar suspensa no ar, e na qual havia grande número de morcegos. A luz vermelha vinha de uma caveira, colocada na proa e, pelos seus raios, vi que me encontrava numa grande caverna.

Com o aproximar do bote, notei que o ocupante era um homem vestido inteiramente de vermelho; seu rosto também era vermelho e tinha uma expressão má, ao mesmo tempo em que um capacete vermelho, com asas de morcego, lhe dava uma aparência ainda mais sinistra.

- Homem perdido - disse, com brandura forçada, mas demasiada dureza para meus ouvidos - ofereci-me a essa alma para fazer dela o que quiser e tirarei desse atoleiro, fazendo-te Rei da Terra.

Levantando a minha cabeça o suficiente para poder falar, perguntei-lhe:

- E quem és tu que exigis um compromisso antes de prestares teu auxílio?

- Sou o Rei da Noite, o senhor da terra; a matéria é meu elemento, todas as coisas materiais são minhas.

Então, retira-te, - respondi-lhe, - não te procuro. O espírito é o meu elemento e prefiro morrer, pois a morte é apenas a entrada na vida espiritual. Retira-te. Sem dizer mais palavra, bateu na corda, o bote afastou-se rapidamente e fiquei novamente na escuridão.

Já estava disposto a morrer e acabar com tudo, pois me encontrava completamente esgotado; porém, não acabava de renunciar aos meus esforços, quando me veio nova força, e a voz interior, mais forte do que antes, falou:- Eu, teu Deus, o Cristo que se acha dentro de tua alma, estou contigo. Luta! Trabalha! Trabalha! Trabalha!

Voltei ao meu esforço com redobrado vigor, determinado, afinal, a morrer lutando. Tinha atravessado seis tanques e me encontrava no sétimo. Não sei se em consequência de terem aumentado as minhas forças ou dos tanques serem menos viscosos, desde o quarto tanque eles foram sendo cada vez mais fáceis de atravessar. E, afinal, atravessei o sétimo tanque e me encontrei em terra firme. Uma exclamação de gratidão se apresentou aos meus lábios e estava para parar e descansar, quando a voz íntima se fez ouvir, dizendo:

- Prossegue! Prossegue! Nunca pares; o atraso é perigoso.

Confiando apenas no meu guia interior, voltei a caminhar e, nesse momento, avistei uma luz que, de algum ponto na minha frente, se refletia nas paredes da caverna. Aquela caverna era de dimensões gigantescas e, julgando pela distância que havia descido, devia achar-me muito nas profundezas da terra.

Caminhando com rapidez, desviei-me de um rochedo e fui dar com um braseiro coberto de cinzas. Além dele se achava uma horrível feiticeira que acariciava uma enorme serpente envolta em seu corpo. O fogo era evidentemente, um centro de atração, pois, ao redor dele se moviam numerosas serpentes e lagartos, enquanto os morcegos voavam continuamente ao redor dele. Quando a mulher me avistou, abandonou a serpente e, aproximando-se, saudou-me com uma gargalhada que fazia gelar o sangue nas veias.

- Ah! Ah! - rosou, ao estender seus dedos ossudos e curvos como garras. - Ah! Ah! Outra vítima!

Porém, olhando-me mais de perto, seus modos mudaram e começou a tremer, juntando as mãos e rompendo num triste lamento.

- Homem! Homem! - exclamou, - voltai para trás! Voltai para trás! Estás vendo esta velha horrível? Há dez anos, era jovem e bela, uma princesa de sangue real! Vede-a agora, vítima de uma quadrilha de assassinos monstruosos!

Olhando ao redor como quem receia ser ouvido, prosseguiu asperamente:

- Como tu, abandonei tudo pelo conhecimento e procurei ser admitida na Fraternidade Sagrada, mas fui enganada e caí nas mãos desta Ordem Negra. Como tu, atravessei os tanques de lodo; porém não quis matar. Não! Não! Não mataria. Homem, há dez anos, meu coração se fez de pedra. Pedra! Ai de mim, mais do que de pedra; fez-se tão duro como o diamante. Porém, o meu rosto faz lembrar o que fui outrora. Oh! Se descobrirem, terei de pagar com a vida; porém devo avisar-te, pois comoveste meu coração morto há muito. Coração! Oh! É melhor ter coração e morrer do que lutar aqui com estes vampiros.

Sem me dar ocasião de falar, aproximou-se mais e fitando-me com seus olhos profundos, disse, quase que num murmúrio:

- Homem, no fim deste corredor eles te esperam e te ordenarão que tires a vida de um ente humano. Ninguém que não tenha matado um homem entrará na Fraternidade; a combinação deles é de sangue.

Enquanto falava, apontou para um corredor estreito que se achava à direita.

- Porém, - prosseguiu, falando com voz abafada, - ainda tende uma oportunidade. Exigiram isso de mim; recusei e atiraram-me nesta horrível caverna para viver no meio do lodo da terra! Oh! quem julgaria que eu havia de falar assim - eu, uma velha feia e monstruosa - porém, comoveste meu coração. Muitas almas tenho enviado através deste corredor escuro, porém não posso fazer isso para ti. Escuta:

Durante muitos anos estive sepultada neste esconderijo, sem o menor raio de luz; porém, certo dia encontrei uma passagem que leva para fora desta terrível jaula. Não se acha guardada e é essa a última esperança. Arrisco a minha vida em te contar. Mas, Oh! Quantas vidas, desde a minha recusa, ajudei a destruir? Um poder infernal da parte deles me fez criminosa também. Sangue! Sangue! quantas vidas tirei eu também? Não posso, então, tirar a minha também? Comoveste meu coração morto desde há muito. Quê! Tem coração esta horrível velha? Ah! Ah!

Eu, porém, estava decidido a deixar-me guiar somente pela minha voz interior, essa misteriosa voz, enquanto a mulher falava e se desabafava, continuou sempre a falar:

- Segui pela direita! Segui pela direita!

Falava tão alto que julguei que a mulher devia ter ouvido, porém, como continuava a olhar de um lado para outro, em silêncio, falei:

- Minha pobre irmã, dai-me uma tocha para alumiar meu caminho; continuarei a seguir para a direita, entrarei na Fraternidade e procurarei meios de te livrar deste lugar horrível.

- Perdido! Perdido! Perdido! - exclamou.

Tomando, então, a sua primeira aparência, estendeu suas mãos no ar e deu a mesma gargalhada infernal:

- Ah! Ah! Ah! Sim, dar-te-ei uma tocha; ide para tua morte... ide.

Deixou cuidadosamente seu nojento brinquedo e pegou um pedaço de madeira chamejante. Apresentando-me, apontou, com seus dedos descarnados, para o corredor e, dando uma gargalhada, fez-me entrar.

- Prossegui, - incitou-me a minha voz íntima, e com as roupas pingando, avancei para frente.

O corredor era escarpado e tinha muitos braços laterais; agitando a minha tocha, devia ter seguido por ele mais ou menos três quartos de hora quando entrei num outro mais estreito e abobadado que subia. Prossegui por este durante uns quinze minutos, chegando a um ponto em que terminava repentinamente. Uma parede impedia a passagem. Levantando a tocha por cima de minha cabeça, não encontrei abertura alguma, porém, observando melhor, notei em baixo um pequeno buraco, junto ao solo, pelo lado direito. Tinha a largura suficiente para o corpo humano poder passar com dificuldade, porém, colocando a tocha em minha frente, arrastei-me por ele, encontrando-me numa grande sala escura, rodeado por bom número de figuras vestidas de preto.

Diversas tochas alumiaavam a sala, e lançando um olhar ao redor, vi um caixão junto a uma sepultura recém cavada, no centro da sala. Diante da sepultura e do caixão se achava um homem, amarrado a uma cadeira, como prisioneiro. Lembrei-me, então, com horror e dúvida, das palavras da velha feiticeira.

Estava, afinal, mal encaminhado? Estava, com efeito, nas mãos da Fraternidade Negra? A dúvida traz o medo, e como esses pensamentos tivessem encontrado guarida em meu cérebro, fui tomado de tremor; porém, fazendo uma ardente invocação ao meu eu íntimo para que me guiasse e me fortalecesse, não dei sinal exterior de fraqueza.

- Dai-lhe suas roupas, - disse a figura que, pelo seu vestuário, me pareceu ser o chefe; e, ao aproximar-se uma figura mascarada, trazendo vestidos pretos e um gorro em suas mãos, dirigiu-se a mim e disse:

- Candidato, passaste pela primeira prova, porém, muitas outras te esperam. Vista estas roupas.

Voltando-se, então, para o homem que trazia as roupas, disse:

- Para o banho.

Acompanhe-o alegremente para o banheiro, no fim da sala, julgando que, afinal, começavam a manifestar-me alguma consideração, mas refletindo, ao mesmo tempo, se iriam tentar fazer-me tirar a vida de outrem.

Tendo trocado as minhas roupas, sempre sob as vistas de meu silencioso guia, voltei para a sala, e duas figuras se aproximaram e tomaram os meus braços, levando-me para junto do homem que se achava amarrado, enquanto a assembléia formou um círculo ao redor. Quando me encontrei diante dele, o qual tinha o rosto coberto apenas parcialmente, o chefe adiantou-se, trazendo uma espada comprida e horrível, ao mesmo tempo em que outra figura, vestida de vermelho se aproximou, trazendo uma bacia manchada de sangue.

- Candidato, - disse-me o chefe, - tendes o glorioso privilégio de obter a iniciação, fazendo justiça a um traidor. Esse homem, violando o seu mais sagrado juramento, revelou os nossos segredos ao mundo exterior. Todos aqueles aos quais deu esses segredos devem morrer, porém, deve ser o primeiro a expiar seu crime; e tendes o privilégio de executar essa obra e, assim, se ligar conosco por laços de sangue. Arrancaí seu coração traidor e colocai-o nesta bacia.

Acabando de falar, ofereceu-me a espada.

Eu já tinha tomado a minha decisão sobre como havia agir, e, elevando meu corpo, respondi-lhe com energia e dignidade:

- Não tirarei a vida de um ente humano; ninguém deve derramar sangue humano; toda vida é sagrada e a vingança pertence a Deus.

Ouviu-se um silvo na assembléia e o chefe, tomando a espada, pôs-se na minha frente, dizendo:

- Recusas? Desafia as nossas leis e ordens?

- Sim, quando forem contrárias às leis de Deus e à lei eterna.

- Então, tu mesmo serás morto, - gritou, e levantou o braço, como que para ferir-me, quando os presentes gritaram:

- Parai! Enterrai vivo o covarde; é pior que um traidor... Enterrai-o!

Uma dúzia de mãos vigorosas me pegaram.

- A verdade é melhor do que o eu, - exclamei, enquanto me amarravam pés e mãos.

Uma tempestade de vociferações respondeu à minha observação e, amarrado até a rigidez, fui colocado no caixão..

Tudo se acabou agora, pensei; com efeito, caí nas mãos dos que vivem para o mal. Não passara a minha procura da verdade de uma quimera de minha imaginação? Havia a minha fantasia enganadora me levado à ruína? Bem, que assim seja; se os poderes divinos não podem proteger-me em minha pureza de coração e aspiração, ao menos, posso morrer à procura da verdade.

Ao pensar assim, uma calma e paz perfeitas tomaram conta de mim. Com que alegria estava pronto para morrer! Quão agradável é a morte!

Com a pressa, romperam o vidro que servia de tampa para o caixão, ao fechá-lo.

O caixão foi levantado e senti que era descido à sepultura.

- Assim acabam todos os covardes! - ouvi ainda.

E a terra começou a cair sobre o caixão. Porém, encontrava-me num estado tão tranqüilo; meu coração estava cheio de alegria.

- Tudo pela verdade! Tudo pela verdade! - repetia a mim mesmo.

Repentinamente a terra deixou de cair e ouvi vozes exaltadas; uma grande gritaria encheu a sala e notei que meu caixão estava subindo. Fui retirado da sepultura, a tampa de meu caixão foi removida, minhas cordas cortadas e me tiraram do caixão.

Ficando novamente em pé, com a mente tranqüila e as idéias claras, vi que não havia mais nenhuma figura vestida de preto; todas estavam vestidas de índigo.

- Adquirimos-te por meio de um resgate, - disse o novo chefe.

- Um dos nossos membros concordou em cumprir seu dever para com os Negros, e estais salvo.

- Não desejo que ninguém execute o meu dever; cada qual que cumpra o seu, - repliquei-lhe.

- Cuidaremos disso, - respondeu o chefe; voltando-se, em seguida, para um dos seus, disse:

- Salvamo-lo dos Irmãos Negros; parece ser um candidato digno e, se superar as provas, aceita-lo-emos como irmão. Levai-o aos nossos apartamentos e tomem as suas medidas.

Instantaneamente colocaram um capuz sobre a minha cabeça e fui levado por dois guias. Dentro de poucos minutos chegamos a um ponto de parada, e sendo retirado o capuz, notei que nos encontrávamos numa grande câmara, no canto da qual havia uma fornalha acesa.

- Despe-te, - disse um dos guias, ao chegarmos junto a uma mesa que estava encostada à parede.

Tinha obedecido até então e me encontrava vivo; resolvi, portanto, continuar a obedecer, aproveitando todas as oportunidades, e assim, sem dizer palavra de discordância, comecei a despir-me.

- Deixe-me, agora, tomar essas medidas, - disse, fazendo sinal para que me colocasse diante de um mapa especial que se achava na parede. Essa carta era coberta de pequenos quadrados formados por linhas brancas e pretas, traçadas sobre fundo amarelo. Nos quadrados havia letras, símbolos, sinais e números, pintados a várias cores.

Coloquei-me junto àquela carta com os calcanhares unidos e os braços estendidos, e um homem que se aproximara, trazendo um chapéu em forma de cubo de cor branca, marcou o meu perfil na carta.

- Qual é a sua medida? - perguntou o chefe, quando me coloquei de lado.

- Pelas linhas pretas, os quatro comprimentos que formam sua altura são iguais aos quatro que formam sua largura, sendo, portanto, um quadrado perfeito. Pelas linhas brancas, as sete que formam sua altura estão em proporção exata e são iguais às que mostram sua largura, e, portanto, é o quadrado de sete ou o número quarenta e nove.

- Está bem; retomai o teu vestuário, - disse-me o chefe.

O calculador, que trazia chapéu branco, tinha-se dirigido para a fornalha, e o chefe prosseguiu:

- Essa medida é aceitável, mas é necessário teres seu número marcado no braço. Podes manter firme seu braço pelo poder da vontade e sem amarrá-lo?

- Trazei os seus ferros, - respondi-lhe, tendo completa confiança em minha força de vontade.

O marcador aproximou-se, trazendo um ferro incandescente e coloquei meu braço nu sobre a mesa.

- Marcaí a figura sete, - ordenou o chefe, e em obediência à sua ordem, o ferro em brasa foi colocado sobre meu braço.

Senti uma dor terrível, porém, com os punhos cerrados, conservei o braço imóvel. Antes de ter completado a figura, ouviu-se dizer a palavra: - Parai!

O marcador recuou e o chefe levantou-se.

- Quem o ordena? - perguntou.

- Um mensageiro do rei, - respondeu uma figura vestida de branco, que se aproximou e apresentou uma carta ao chefe.

Quem o informou antes da hora? - perguntou, dirigindo-se ao mensageiro.

- Os fios secretos que comunicam todos os pensamentos - respondeu o mensageiro.

- Candidato, - disse o chefe, voltando-se para mim, - tendes ordem de se apresentar ao rei. Seu mensageiro te guiará; ide para onde te levarem.

A um sinal do mensageiro, levantei-me e o acompanhei. Dirigimo-nos para uma parede, porém, ao chegarmos próximo, uma porta invisível se abriu e entramos numa saleta inteiramente pintada de branco.

- Tirai a roupa preta e vista-te de branco, - disse meu guia, abrindo um guarda-roupa cheio de roupas de seda branca, deliciosamente perfumadas. - Ninguém que esteja vestido de preto pode atravessar o rio e apresentar-se ao rei.

Ah! Pensei, o dia começa a nascer.

Ao tirar minha roupa preta e vestir a branca, que era macia e agradável ao tato, fui tomado de um sentimento de indescritível felicidade: Meu coração parecia arder com um amor devorador, e embora não tivesse comido desde muitas horas, senti novas forças surgirem de meu íntimo.

Meu corpo estava bastante leve e, observando-o num espelho, notei que minha cor se fizera bastante alva.

Tendo-me vestido, o meu guia levou-me do vestíbulo para uma grande caverna pintada de branco e toda iluminada. Suas dimensões eram imensas, e o solo era coberto de areia dourada, entremeada de conchas; era atravessado por um caudaloso rio de águas cristalinas. A longínqua margem oposta era coberta por uma alva camada de vapor e, prestando ouvidos, escutei o ecoar de uma catarata mais abaixo.

- Candidato, - disse o mensageiro, - este é o último rio; deves atravessar esta corrente numa barca sem remos. Se tua fé na verdade e na justiça for forte, se não duvidares que o puro e bom são protegidos, atravessa-la-á sem perigo algum; pois os irmãos da Fraternidade Branca nunca abandonam os que, com pureza de coração, confiam na proteção do bem. Porém, se duvidares, se o seu amor à verdade e à pureza não for bastante forte para atrair os poderes da verdade e da pureza,

então afundarás nas quedas da catarata, cujo eco estas ouvindo. Tendes uma vigorosa fé na justiça, verdade e retidão? Tendes um amor forte e puro? Queres empreender a passagem?

Quando acabou de falar, chegamos junto a um bote branco, que estava à margem do rio, e respondi-lhe:

- Sim, atravessarei o rio; creio que a pureza dos meus motivos me atrairá a proteção dos Mestres.

Com efeito, a minha fé era forte e um grande amor enchia todo o meu ser.

- Nobre irmão de amanhã, - disse meu companheiro, ao impelir o bote para o rio e fazer-me entrar nele, - que as forças de seu coração e de tua mente alcancem os protetores dos bons.

Com essas palavras, deu um forte impulso ao bote, arremessando-o na corrente.

Logo que o mensageiro se retirou, veio-me o pensamento de como poderia eu atravessar aquela corrente tão rápida, sem ter um remo. Porém, surgiu imediatamente outro pensamento contrário, o qual era que os Deuses e Mestres protegeriam seus filhos, se estes fossem dignos. Ao pensar assim, fiquei calmamente indiferente, ao ver o bote deslizar pela corrente.

Sentei-me tranqüilamente no bote, comprazendo-me nos sentimentos de amor que me enchiam o coração.

Cada vez mais forte era o ruído da catarata; cada vez mais rápida era a corrente, e o bote era arrastado por ela; porém, perdido na alegria de minha luz interior, não dava atenção ao perigo. Afinal, o bote se moveu como coisa viva, estremecendo com a rapidez da carreira; porém, eu me encontrava absorto num sonho subjetivo e não me impressionei. Repentinamente o ar circundante se encheu de uma celeste harmonia musical, que se elevou acima do eco da catarata. Meus olhos haviam estado fechados, porém abri-os e olhei. A luz radiante que me rodeava se achava repleta de faces angélicas. Levantei-me apoiado nos braços e, lançando um olhar ao redor, avistei um bote branco que se aproximava rapidamente. Era puxado por cordas douradas, e estava enfeitado de flores, que vinham nas mãos de angélicos Cupidos. Aproximou-se rapidamente, e um coro de vozes exclamou:

- Amor, Fraternidade e Verdade!

E, com admiração, avistei uma forma que, como uma rainha, se encontrava na proa do bote. Que alegria para mim! Era a minha querida Iole. - Aproxima-se do meu bote. Prende-o com uma ancora dourada, e estende seus braços para me cumprimentar.

Era salvo, mais uma vez, às bordas do abismo. Desaparecera a minha cegueira espiritual; o espírito tinha se desenvolvido; e, consciente do meu direito de amá-la como irmão de sua esfera, parei em sua frente e estreitei-a em meus braços. Nossos lábios se uniram ternamente para selar a mais pura das uniões de duas almas, purificadas, por assim dizer, pelo fogo.

A catarata foi desaparecendo; o bote, impelido por mãos invisíveis, deslizava rapidamente por sobre as águas.

- Meu nobre irmão, saíste vitorioso de todas as coisas terrestres, - disse ela, ternamente.

- Minha querida irmã, rainha do amor e da bondade! - exclamei com todo o fervor de meu coração.

- Amamos como Deus quer que todos amem, - murmurou ela.

- Sim, querida, o amor puro e santo de uma alma por outra nas profundezas do espírito, e onde não há pensamento algum terrestre.

Tudo saúda a divindade do amor, o amor puro!

CAPÍTULO XIII

A FRATERNIDADE BRANCA

O tempo, em si, é uma ilusão; depende dos estados de consciência. Enquanto lutava no tanque escuro, cada momento parecia uma hora, cada hora um dia. O mesmo acontece com o homem cuja mente permanece somente nas coisas terrestres e cujos pensamentos são de natureza sensual. O segredo da felicidade está em esquecer o Eu, e qualquer pequena diversão, ocupação ou recreação que produz esse resultado, traz uma felicidade proporcional; porém a felicidade que provém de uma renúncia voluntária e consciente do Eu excede todas as outras, e traz um estado de consciência em que se perde toda a sensação do tempo.

Enquanto o bote era rapidamente levado sobre as águas, perdemo-nos em nosso amor mútuo. O meu coração, como o dela, se havia tornado capaz de corresponder às divinas vibrações da alma celestial, e a felicidade que resulta desse estado não pode ser descrita. Os nossos pensamentos voltaram outra vez para a terra quando nosso bote parou na areia da margem. No mesmo instante, a clarividência, que me haviam revelado as presenças celestes existentes no éter, desaparecera, e deixei de contemplar os mistérios do mundo invisível. Porém, Iole ainda estava a meu lado, e levantando os olhos, avistei uma assembléia de indivíduos vestidos de branco, que rodearam o bote.

- Levanta-te, irmão, as tuas provas terminaram e alcançaste nobremente a vitória, - disse Iole.

De mãos dadas, saltamos sobre a areia. Os presentes se mantiveram ao redor de nós, com as cabeças descobertas, em sinal de reverência à santidade de nosso amor; porém, uma mulher de grande beleza adiantou-se para receber-me.

Um grito de alegria escapou-me dos lábios.

- Vitória do amor - exclamei - é a minha irmã, Esmeralda, que há tempo perdi! - Fora bela em menina e agora era divinamente bela! Como em todos os presentes, o rosto dela revelava seu poder e amor espiritual.

- Meu nobre irmão, - disse, quando a abracei efusivamente, - te disse que nos encontraríamos novamente, porém nunca sonhamos com um encontro como este.

- Querida irmã - repliquei-lhe - isso é realmente uma felicidade incalculável; porém, poderei perguntar-te sobre nosso pai e nossa mãe?

- Estão vivos, - respondeu, sorrindo, - porém, em posição mais elevada, pois são membros do Terceiro Grau; e os encontraremos ali. Porém, caro irmão, nos encontraremos mais rapidamente do que julgas.

- Quando e onde? - perguntei com surpresa.

- Como a simples cigana, que, com o nome de Rahula, te encontrou na sala de baile.

- Ah! Isso explica o seu silêncio e timidez, enquanto te encontravas ao lado do majestoso turco; mas por que encobriste a tua identidade?

- Foi-me proibido fazer-me conhecer; tinhas provas a passar, e aquela ocasião era também uma prova para mim.

Nessa ocasião, apresentou-se um velho de aspecto majestoso, com longa barba cinzenta e um grande cinturão dourado ao redor da cintura, o qual, inclinando-se muito, disse em tom delicado e agradável:

- Irmão, que essa irmã te leve à câmara real.

Em seguida, fez um sinal para os presentes e estes se alinharam formando um triângulo, no qual ele ocupava a ponta superior, ao passo que eu, dando um braço a Iole e outro a Esmeralda, caminhava no centro.

Que contraste desde que me vestira de branco! Agora tudo era belo e as minhas provas pareciam ter passado. Atravessamos a caverna e entramos num grande corredor abobadado, com paredes de mármore e frisos de ouro e prata. Tudo era iluminado por uma luz que se estendia por igual, sem um ponto aparente de partida, e não pude deixar de admirar a beleza de meus irmãos e irmãs, ao observar-lhes as fisionomias iluminadas por aquela luz. A metade dos que me acompanhavam pertencia ao sexo feminino, e ao prosseguirmos pelo corredor, disse Iole:

- Agora vedes o homem como a mais nobre obra de Deus, na qual a forma perfeita corresponde à mente e ao espírito.

- Sim, - disse Esmeralda, - e agora podes compreender melhor a grandeza da filosofia que ensina que foi para a evolução do homem que o universo foi criado.

- Sim, - respondeu Iole, - o objetivo principal de Deus é glorificar o homem e o objetivo principal do homem deve ser glorificar a Deus.

- E uma coisa só pode ser feita por meio de outra - prosseguiu Esmeralda, - pois é por meio do homem que Deus pode ser glorificado.

- Então, - respondi-lhe, - se um homem cumpre perfeitamente seu dever para com os outros, seu dever para com Deus fica inteiramente cumprido.

- Esse é o resumo de todos os deveres; o dever do homem é para com seu próximo, - ambas responderam.

Chegamos diante de uma porta dourada que se abriu, e entramos numa grande sala branca, de forma hexagonal e teto em forma de pirâmide. Ao redor do topo das paredes havia um friso dourado, que continha os doze signos do zodíaco em alto relevo, e do lado que ficava em frente da porta pela qual havíamos entrado, achava-se um trono branco, no centro do qual, estava sentado numa cadeira um homem que aparentava ter meia-idade. Seu rosto, de beleza notável, era imberbe e lhe dava uma aparência jovem, porém suas feições pareciam a de um homem idoso e pensativo. Sua cabeça descoberta estava envolta em finos e longos cabelos louros, e seus olhos tinham um brilho mais

admirável ainda do que os dos olhos de meus companheiros. Vestido com o simples e gracioso vestuário dos antigos gregos, sua forma revelava a perfeição do desenvolvimento humano.

À esquerda do rei estava sentado um homem que muito se assemelhava a Apolo; a sua forma se achava apenas parcialmente coberta e a sua figura assim se apresentava como um símbolo de força e poder. Evidentemente representava ou simbolizava o Sol, pois as suas mãos se apoiavam num escudo semelhante ao disco solar, tendo uma linha central e uma margem circular dourada. À esquerda do Rei se encontrava uma mulher, cuja beleza e tez morena eram admiráveis; seus olhos e cabelos pretos faziam um contraste extraordinário com as formas alvas que deixavam adivinhar sua beleza através das vestes ligeiras que a ornavam. Suas mãos alvas e delicadas se apoiavam num grande crescente de prata que certamente simbolizava a Lua.

Ousará alguém considerar esse quadro imoral?

Só os puros se encontravam ali. Quem não pode ver a forma humana sem envergonhar-se, quando é um perfeito templo de Deus, mostra assim o seu próprio íntimo; sua mente se acha envenenada de pensamentos impuros; a sua imaginação está corrompida com a mancha da impureza. Pisando o alvo mármore que constituía o assoalho, aproximamo-nos de uma extensa mesa que se achava diante do trono. Sentei-me em frente do Rei, enquanto Iole e Esmeralda se colocaram ao meu lado, à direita e à esquerda. Então, todas as irmãs que nos acompanhavam se sentaram à esquerda e os irmãos à direita.

Observei, então, que o signo de Leão ocupava o ponto superior do zodíaco, por cima do trono, e nele se encontravam em conjunção perfeita o Sol e a Lua.

Todos se haviam conservado em silêncio até o momento em que o chefe de barbas cinzentas se levantou e, inclinando-se perante o Rei, pôs-se a falar:

- Altíssimo e nobilíssimo Rei, outra estrela levantou-se, outra criança nasceu em nosso reino; e a trouxemos aqui para receber essa bênção e adoção.

O Mestre-Rei inclinou-se e sorriu, dirigindo-se a mim em tom bondoso e delicado:

- Caro irmão, com alegria te recebo no reino da verdadeira Fraternidade. É com maior alegria que vemos mais um reunir-se à nossa minoria. Nossos cumprimentos como nosso irmão.

Como que em resposta às suas palavras, a assembléia inteira me dirigiu seus olhares, exclamando em coro:

- Irmão, te cumprimentamos como nosso irmão!

Quão diferente era aquele Rei dos reis da terra, pensava eu; cumprimenta-me como irmão, e não considera um sorriso e palavras de bondade como contrários à severidade e ao poder.

E então, sem qualquer exclamação desagradável ou gesto contrário, levantou-se de sua cadeira e falou, em tom calmo, brilhante e inspirado:

- Irmão, as nossas explicações e instruções especiais serão dadas pelo instrutor conveniente; porém exporei aqui o quadrado em que apoiamos a construção de nosso templo.

- Só há um Deus, um Homem, uma Fraternidade, uma Verdade; essas são as pedras angulares, sobre as quais levantamos a nossa construção.

- Deus é o Espírito Infinito e Onipresente, sem Forma, Imutável, Eterno e Incompreensível, exceto para si mesmo.

- A Única Fraternidade é a Humanidade, a soma total de todos os centros individualizados da atividade divina, que, embora aparentemente separados, são um na vida e essência.

- Verdade é a realização completa e consciente de Deus dentro das manifestações individualizadas e a iluminação que a elas se apresenta.

- Deus compreende toda a verdade; e o Homem, como Deus individualizado pode compreender toda a verdade por meio de Deus que nele reside.

Terminou as suas palavras, porém o extraordinário magnetismo que as acompanhava perdurou, e durante alguns momentos, um profundo silêncio reinou. Não é possível expressar por escrito a força das palavras proferidas com energia espiritual, pois o som tem uma força desconhecida à escrita.

O chefe de barbas cinzentas levantou-se, e inclinando-se em respeitosa reverência perante o Rei, tirou de seu bolso uma caixinha branca. Sacudiu-a algumas vezes e fez cair sobre a mesa quatro dados. Fez a mesma coisa por três vezes e depois, dirigindo-se ao Rei, disse:

- Os pontos somam cinquenta e um, e cada tiragem deu dezessete; os poderes invisíveis que governam estas tiragens determinam que essa irmã Iole seja a instrutora. - Voltou-se para Iole e inclinou-se. Apertando a minha mão sobre a mesa, ela se levantou, e fazendo uma graciosa e reverente inclinação de cabeça ao rei e ao chefe, dirigiu-se a mim, perguntando:

- É quarenta e nove o número de meu irmão?

Lancei um olhar para o chefe, que se inclinou em sinal de assentimento, e então respondi: - Sim, é.

- Então, - disse, dirigindo-se ao chefe e ao Rei, com olhar firme e inalterável, - o significado dessa escolha torna-se clara; cinquenta e um mais quarenta e nove formam o quadrado de dez, cujo significado todos conheceis.

O chefe de barbas cinzentas dirigiu um olhar interrogativo ao Rei, que novamente se levantou e dirigiu-se a mim:

- Irmão, os poderes invisíveis dizem que aspiras a graus mais elevados ainda, é verdade?

- Aspiro a chegar ao mais alto grau; a minha alma aspira atingir a própria Divindade, respondi-lhe com grande alegria íntima e consciência.

Sem responder, o Rei fez um sinal ao chefe e a Iole, os quais se sentaram novamente.

Aquele que se apresentava como Apolo, à direita do Rei, falou assim:

- Represento o Sol, símbolo de vida, centro de vitalidade e coração da essência solar que pulsa dentro dos limites de nossa esfera solar. Sou o espírito em ação e manifestação na matéria; porém o meu sinal encobre um mistério e tem dois sentidos; aprenda este segredo e nunca morrerás.

Cessou de falar, e a mulher que se achava à esquerda do Rei, disse, em tom argentino e musical:

- Represento a Lua, símbolo da matéria sutil, a substância essencial necessária para a forma e o desenvolvimento. Sou o veículo do espírito e a base sem a qual não poderia agir; o meu sinal também encobre um mistério e tem duas significações; aprendei o seu segredo e essa forma aperfeiçoada, não se dissolverá.

Calou-se, e o Rei voltou a falar:

- Desde o tempo em que nos encontramos nas salas de Tebas e Mênfis, Osíris e Ísis estiveram em nossa companhia; e a perfeita e harmoniosa união deles em ti te tornará em Hórus.

Enquanto falava, todos os olhares se voltaram para o zodíaco que se achava sobre o trono; fazendo o mesmo, notei que se achava coberto por um vapor violeta. À proporção que a substância envolvia o signo, parecia vitalizada por áureos átomos que se moviam e vibravam rapidamente. Aquele vapor durou apenas um momento, desaparecendo logo e o signo tornou-se novamente visível; porém, em lugar do Sol e da Lua, havia um disco de ouro, com uma cruz branca. Como ficasse pensando por qual mecanismo estranho esse fenômeno se produzira, o chefe levantou-se e disse:

- Dirijamo-nos à sala do saber!

A assembléia levantou-se imediatamente e, inclinando-se todos ao mesmo tempo perante o Rei, partiram em duas filas.

Seguimos por um corredor semelhante àquele pelo qual havíamos entrado, até chegarmos a outra sala abobadada.

O friso daquela sala era também um zodíaco com planetas móveis em diversos signos, no qual havia também lugar para as grandes estrelas. As paredes estavam cobertas de símbolos místicos, círculos, triângulos, cruzes, quadrados, linhas, pontos, letras, cenas alegóricas e números. Nos quatro lados da sala havia quatro notáveis obras de escultura: um leão de ouro, um homem de marfim, uma águia gigantesca e um boi. No centro da sala havia uma extensa mesa baixa, feita de sólido mármore, sobre a qual havia cubos, esquadros, esferas e símbolos semelhantes. Havia, porém, três obras de arte que eram as mais notáveis. Próximo a uma das pontas da mesa estava um sólido cubo de mármore o mais preto possível, e em cima deste, apoiada por quatro colunas egípcias, terminadas em lótus, as quais se apoiavam nos quatro cantos do cubo, se achava uma pirâmide de base quadrada e alvura transparente. No centro do espaço entre a base da pirâmide e o topo do cubo havia duas maravilhosas figuras unidas por um fio de cor esverdeada que ligava também a pirâmide com o cubo. Uma era um anão de expressão diabólica, feito de uma substância vermelha, o qual procurava cortar o fio com uma espada tinta de sangue; sua fisionomia era repugnante e maliciosa. A outra figura era um homem de feições nobres, feito de marfim. A sua fisionomia inteira expressava a agonia do sofrimento, no esforço que fazia para afastar com suas mãos e braços ensangüentados o monstruoso anão. Essa obra de arte me prendeu com irresistível fascinação, porém Iole chamou-me a atenção para outro símbolo, igualmente notável, que ocupava a outra ponta da mesa.

Ali, no seu tamanho natural, estava um homem da cor de uma pérola, colocado numa cruz preta, e ao redor dele e da cruz havia uma grande serpente, que, emitindo de seu corpo uma luz vermelha e fosforescente, bebia o sangue que caía das feridas do homem torturado. As veias daquele homem estavam dilatadas e todos os traços do seu corpo expressavam tortura; porém, apesar da expressão de sofrimento em seu rosto, havia nele também sinais de admirável fortaleza.

Um estremeamento percorreu todo o meu corpo, e desviando os meus olhos, avistei sobre a mesa um Buda em atitude meditativa, sentado sobre um gigantesco lótus, cujas pétalas eram feitas de pérolas. A expressão calma daquele rosto meditativo se achava em notável contraste com a expressão torturada da figura que estava na cruz.

Tudo isso fora visto no espaço de alguns minutos. Paramos, então, no lado vazio da mesa e, a um sinal do nosso chefe, um homem de meia-idade, tendo barbas e longos cabelos castanhos, adiantou-se e dirigiu-se a mim:

- Irmão, as provas pelas quais passaste têm seu significado e, quando te forem explicadas, sem dúvida deixarão uma impressão indelével em tua mente.

Ao falar, apontou para um grande abutre, inteiramente preto, que se achava na mesa, próximo do lugar que ocupava.

- Desde o tempo em que abandonamos a perdida Atlântida, passando para uma nova residência na terra das Pirâmides, o abutre foi, como destruidor de toda corrupção e coisas estragadas, o símbolo de um poder sagrado. Os hierofantes iniciados no Egito não empregaram sem motivo o abutre como símbolo; como Prometeu entre os gregos, todos os que entram aqui devem deixar que essa força lhe consuma o fígado. Porém, ao contrário de Prometeu, deve impedir-lhe o desenvolvimento; ou, como ele, ser preso ao rochedo do sofrimento e da dor.

Parou um momento, como para deixar que aquelas palavras se gravassem em minha mente, e então prosseguiu:

- Em segundo lugar, ninguém que não tenha destruído todo pensamento do Eu e extinguido toda aspiração egoísta e todo desejo de viver, se essa vida não for para fins desinteressados, poderá entrar aqui. As provas para experimentar seu orgulho e amor à vida determinaram as condições em que se encontravas. Quando pedimos tuas riquezas, duvidaste; encontravam-se ali os que podiam ler as cores de tua aura, e teus pensamentos não podiam ser encobertos. Sabendo que aqui nenhum mau pensamento pode ser encoberto, tua mente é como um livro aberto. Sabei também que a dúvida é um micróbio canceroso que alimenta continuamente o medo e paralisa as energias; não me refiro à dúvida sobre as formalidades, credos e dogmas, mas, sim, sobre a qualidade e superioridade eterna da verdade e da justiça. Aquele que não duvida desses princípios eternos sempre adere à retidão, confiante em que, seja o que for que as aparências indiquem, no final será bem sucedido e triunfará de tudo.

- Sabei, ainda, que não precisamos do teu dinheiro; seja qual for a quantia de que precisarmos, o nosso conhecimento das forças da natureza nos permite obtê-la. Escutai agora a explicação e significação de tuas provas subseqüentes. Depois que passaste as provas de egoísmo e abandonaste as ambições mundanas, te consideramos como o homem antes do tempo de Adão.

- O homem era então um ente celestial, puro e inocente, mas sem conhecimento. Impulsionado por uma intuição íntima que lhe falava vagamente de suas inerentes possibilidades latentes, desejou a sabedoria e a experiência. Essa aspiração trouxe-lhe uma luz momentânea e, lançando um olhar para as profundezas radiantes do espaço, teve a visão do que podia ser. Através de um tanque escuro e lodoso, envolto em densos vapores e maus cheiros, viu uma esfera radiante em que homens que outrora haviam sido como ele, tinham-se desenvolvido até as alturas da perfeição e se tornado como deuses, conhecendo o bem e o mal, e senhores de todos os poderes da mente e da vontade. A luz quase latente, murmurando-lhe, disse:

- Ente, estás em tua possibilidade fazer-te semelhante a eles, conhecendo todas as coisas e tendo conhecimento do saber; porém, para alcançar essas alturas terás de atravessar o tanque escuro e tenebroso da matéria, descer às suas profundezas e vencer todas as suas horríveis criaturas. É apenas passando por um mundo do mal que podes saber o que é o mal; e é apenas por esse conhecimento que podes conhecer e conseguir o bem.

- Não tenho conhecimento e não compreendo o sentido de tuas palavras, - respondeu o Ente Celestial ao Espírito Íntimo, que o impelia - porém, uma coisa íntima me diz que te escute, e se me impelires para essa viagem, confiarei em tua direção.

- Então respondeu a luz interna:

- Oh Ente! Desejo compartilhar do teu destino e fazer de ti um ente sábio e semelhante a Deus; não só te impelirei a essa viagem, mas também te faço esta promessa: acompanhar-te-ei na passagem por esse horrível tanque da matéria, e se confiares sempre em mim, te guardarei e guiarei para a outra margem, na qual ficarás livre. Porém, antes de empreenderes essa viagem, escutai esta minha advertência: há dois caminhos para atravessares esse horrível sorvedouro; um é reto e seguro, de natureza pouco perigosa, o outro é cheio de curvas, repleto de abismos que o tornam muito perigoso e causador de muito sofrimento. O primeiro é seguido por aqueles que me tomam por seu guia e aprendem a natureza da dor pela identificação simpática com os que sofrem, porém não atraem para si o sofrimento, porque se conservam livres das causas que o produzem. Muitos dos que partem comigo perdem-me de vista, quando os vapores se reúnem ao redor deles; então, não escutando a minha voz para guiá-los, são enganados pelas pérfidas belezas que sempre os tentam, e tomam o segundo caminho. Grande é o seu sofrimento! Longo e penoso seu caminho! Assim iludidos, podem descer e desviar-se tanto que eu não possa mais atingi-los; então morrem; absorvidos pela matéria, sua substância volta para o Todo, e eu também volto para ajudar outro ente na travessia. Pois sabeis, ente celeste, que é de minha natureza procurar fazer-me um ser individualizado; porém é somente pela união com um ente semelhante a ti que posso realizar a minha aspiração e alcançar a outra margem. Dai-te a mim e me darei a ti; e juntos faremos a viagem. Separados, falta-te a mente e eu sou apenas uma essência sem forma; unidos, me dará a individualidade, e te darei a mente e o conhecimento.

O orador parou; suas profundas e impressionantes palavras excitaram a minha alma e despertaram a minha intuição, me fazendo compreender o significado secreto de suas expressões.

Iole, antecipando evidentemente o que iria dizer, pegou-me na mão e manteve-a na sua, enquanto o orador prosseguiu:

- Assim como na evolução universal dois caminhos levam ao Nirvana, assim aqui na terra dois caminhos trazem a esta câmara. A tua amável irmã procurou trazer-te pelo caminho do amor e da luz, porém, como a maioria, vacilaste e tiveste de tomar o caminho escuro e que desce até as profundezas da terra. Um esqueleto, que simbolizava o enterro do espírito no túmulo da matéria, te guiou até chegares ao mais fundo lodaçal terrestre e caíres no tanque. Porém não tinhas perdido completamente de vista seu Eu interno, e atendendo à sua voz, triunfaste.

- Se tivesse se deixado cegar pelos teus temores e dúvidas e não tivesse escutado a voz de seu Eu interno, a tua alma se teria perdido. Quando o rei da matéria te tentou, abandonaste toda a vida e ambição mundana. Esse desprendimento foi tua vitória; pois, com essa última renúncia começou tua ascensão, e o espírito te deu forças. Sabeis, aspirante, que a ambição e o amor à vida são as grandes paixões que prendem a alma à terra. Os homens louvam a ambição e em nome dela procuram

justificar a sua luta egoísta para alcançar o poder e a fama; porém, que é a ambição egoísta em relação à aspiração mais nobre que, esquecendo-se de si mesma, trabalha em prol do gênero humano? A tua morte te trouxe vida e vigor; atravessaste o tanque e encontraste a feiticeira. Muito sinceramente ela te disse que havias de matar um homem; ninguém que não o tenha feito pode entrar aqui, porém esse homem é o Eu Inferior daquele que procura entrar. Quando, atendendo ao teu Espírito Intimo, recusaste tirar a vida de um ente humano, mataste teu Eu Inferior e o mandaste para a sepultura, esse enterro te trouxe a paz. A paz e trouxe a ressurreição; subiste a um plano superior e seu espírito foi entronizado na forma que era um túmulo, mas agora é um instrumento voluntário do Eu Superior.

- Assim como o seu caminho de entrada te levou para baixo, o de volta te trouxe para cima; quanto mais desceste, mais negras se tornaram as coisas; quanto mais subiste, mais brilhante se tornou a luz. E agora todos devemos cumprimentar o irmão de um alto grau.

Terminando o seu discurso, os presentes disseram em coro:

- Viva nosso irmão recém-nascido!

O orador voltou ao seu lugar, e o chefe da barba cinzenta, inclinando-se diante de Iole, fez um sinal e os presentes imediatamente se reuniram em casais e se retiraram.

- Deixar-te-ei a tua outra irmã, - disse Esmeralda, tomando o braço de um irmão alto e louro.

- Qual é a linha a seguir? - perguntou o chefe, ao passar junto a Iole.

- A lei governará, - respondeu Iole, e ele retirou-se, deixando-nos a sós na sala.

- Agora, meu irmão, explicar-te-ei alguns símbolos; porém, não te esqueças que alguns símbolos têm mais significado do que as que podem ser dadas no maior livro, e estes símbolos possuem diversas chaves e, por conseguinte, vários sentidos.

Enquanto falava, levou-me para a pirâmide branca, ligada ao cubo negro pelo leve fio de cor verde.

- Lembra-te das palavras do orador, e o significado deste símbolo se tornará claro, - disse, enquanto eu examinava silenciosamente aquela obra maravilhosa. - A pirâmide branca simboliza o Eu Interno, o espírito em peregrinação; o cubo preto simboliza o Homem Inferior ou o Ente Celeste depois de se achar perdido na matéria. O ente mergulhou-se tão profundamente que apenas um fio o prende ao Eu Superior, e as paixões e desejos que surgem da matéria, os quais são simbolizados pelo demônio vermelho, queriam romper até esse frágil laço e destruir a alma. A figura branca simboliza o espírito na forma que toma quando se acha na matéria, lutando e esforçando-se para conservar o laço de união, embora, ao proceder assim, prolongue seu sofrimento. Porém, o espírito, em vez de voltar para começar nova peregrinação, apega-se ao seu veículo degradado até o último momento, esperando assim poder levá-lo ao caminho do qual se desviou. Pois, depois saber que, tendo-se unido ao espírito nesta peregrinação, o ente adquire vontade própria, e o espírito não pode vencer essa vontade sem permissão dela. O espírito é onipotente em seu próprio plano, porém, na matéria, fica, por assim dizer, limitado. A luta parece desigual; o homem branco não tem armas, a não ser o poder de persuasão, ao qual a paixão não dá ouvidos, e a cruel espada do anão cai inexoravelmente sobre seus braços ensangüentados, que logo ficariam inutilizados, se a dor não curasse imediatamente a ferida. Vede a agonia estampada em seu semblante! Muitos homens deixaram assim a paixão e o desejo torturarem suas naturezas superiores até que, afinal, o demônio triunfou, sendo o fio cortado e ficando perdida a alma.

Tendo ela parado um momento, perguntei:

- Mas, Iole, pode alguma coisa ser destruída?

- Não na sua essência, - replicou, - a matéria e o espírito são eternos e indestrutíveis; porém as suas combinações individualizadas ou especiais não o são a não ser pelo querer da vontade que os governa. A essa separação entre o inferior e o superior, ou entre o espírito e a matéria, o espírito volta para o Espírito Universal e a matéria para a Matéria Universal; porém a individualidade que resultou de sua união fica perdida. Sabei que o ensino oculto de que o homem pode perder sua alma é altamente científico, quando se compreende corretamente. Todas as almas alcançam a individualidade espiritual e passam para a perfeição divina, ou são desfeitas e dissolvidas. Vivem atualmente na terra muitos homens cujo espírito os abandonou; são os monstros que as vezes aparecem na forma de homens e assustam o mundo com suas maldades. Este estudo, porém, é muito extenso e profundo - o estudo da alma; vamos examinar os outros símbolos.

Ali ao lado se achava um grande cubo preto e, ao nos aproximamos dele, disse ela:

- Sem dúvida, compreendes este símbolo, porém possui diversas significações; vou explicar algumas delas. Este cubo preto simboliza os quatro elementos ou princípios que constituem o Homem Inferior, a saber: a terra, a água, o ar e o fogo, ou as essências simbolizadas por essas palavras.

Ela apertou um botão e as pontas e lados do cubo se abriram e desceram sobre a mesa; formando uma cruz com quatro quadrados na altura e três no comprimento dos braços.

- Vedes - disse - que, contando duas vezes o centro, há sete quadrados, que simbolizam os sete princípios que constituem o Homem Total. Assim como um corpo preto é um instrumento de tortura para o espírito que habita nele, assim também aqui a cruz é instrumento de tortura; e assim como o homem, abrindo os braços forma uma cruz, o mesmo se dá com o cubo desdobrado. Da mesma forma, o homem com os braços estendidos constitui um quadrado de quatro medidas iguais; as quatro que constituem a altura sendo igual às quatro que constituem a largura, e quatro vezes quatro são dezesseis, que é um quadrado perfeito, e a quarta potência da dualidade ou dois. Tais são as matemáticas místicas.

Fechamos a cruz, formando novamente o cubo e nos dirigimos a outro admirável símbolo. Durante alguns momentos ela permaneceu em silêncio; então, em tom profundo, solene e arrebatador, prosseguiu:

- Isto explica o mistério de Cristo, o significado da crucificação e o mistério do sofrimento. A cruz preta, como acabei de explicar, representa a natureza inferior do homem, este corpo, túmulo do espírito instrumento de sua tortura. Pregado ou preso a essa cruz ou forma está o Homem Divino, Cristo, o Filho de Deus. A serpente carnal que rodeia a cruz é a serpente do desejo e da paixão, sensualidade, avareza, ódio e sua vida depende do sangue que corre das feridas. Com que exatidão isso simboliza a vida dos homens na terra; é um símbolo universal e aplicável a todos os homens, pois todo aquele que alimenta a sua sensualidade e paixão ou cede à sua natureza inferior, crucifica o Cristo que está em seu íntimo. Toda ação má que praticamos, todo pensamento impuro que emitimos, toda má aspiração ou desejo, tortura o Homem Divino que reside em nós e alimenta o horrível monstro do desejo com sangue novo, que representa a vida de Cristo, dele retirada com o mais agudo sofrimento.

Fez uma pausa e refleti: - Quão bela e, ao mesmo tempo, patética era aquela interpretação da história de Cristo; quanto mal compreendida era aquela alegoria, que ensinava uma verdade universal.

- Iole - disse-lhe - vejo que da uma interpretação alegórica à história de Cristo; acreditas que tenha existido um Cristo histórico?

- Não tenho dúvidas de que haja existido um homem com cuja vida se tenha formado a história de Cristo; porém o Cristo universal, o Homem Divino, sempre existiu e nunca morreu. Todas as Escrituras antigas têm um significado esotérico, e sob as formas de alegorias e símbolos se acham veladas as grandes verdades do Universo e do Homem - o macrocosmo e o microcosmo - porém estão tão pouco veladas que todos os que o procurarem podem descobrir-lhes o sentido. As coisas mais ocultas são, paradoxalmente, as mais claras; porém o cego passa por elas e não as vê. O universo é formado com simplicidade, porém as mentes superficiais e egoístas não conhecem o significado dessa palavra. Os homens que procuram um mistério se esquecem dessa verdade; confiando somente no intelecto, zombam daqueles que encontram a filosofia nas simples parábolas dos fatos diários. Mas Jesus ensinou dessa forma, pois as parábolas foram seu constante método de ensino, e a sua filosofia da vida humana, assim debilmente velada, foram ensinada a seus discípulos. São Paulo, seu eminente sucessor, ensinou de modo semelhante, e mais tarde Orígenes e Clemente de Alexandria fizeram o mesmo. Os gnósticos e os cristãos neoplatônicos fizeram o mesmo, e até o tempo de Constantino era reconhecido o sentido esotérico das Escrituras.

Parou novamente e, ao contemplar aquele solene símbolo dos cristãos místicos, uma profunda compaixão nasceu no meu íntimo.

- Vinde - disse - esses profundos símbolos devem ser-te explicados extensamente noutra ocasião; passaremos agora a outros.

Explicou então o significado dos símbolos do homem, do boi, do leão e da águia, expondo cuidadosamente a interpretação de cada um deles; bastará dizer que a linguagem mística dos profetas hebreus me foi esclarecida pela primeira vez. Tendo recebido assim um breve resumo dos diversos símbolos na sala do saber, saímos daquela sala e entramos noutra corredor. Se outrora duvidei de que o conhecimento proviesse do desenvolvimento de uma faculdade íntima, essa dúvida havia desaparecido. Estava começando a compenetrar-me dessa luz interna, porém Iole parecia já possuir um conhecimento universal. Não havia pergunta que não me respondesse; e prosseguindo assim em nossa conversa, com as mentes ativas e os corações harmonizados, seguimos pelo corredor até chegar à sala de escolha.

CAPÍTULO XIV

AMANTES VIRGENS

Quando a mente absorve todas as nossas energias, esquecemo-nos do corpo; há pessoas cujas mentes ficam tão absortas que podem sofrer a amputação de seus membros sem que tenham consciência da dor. Assim também os homens, quando se acham sob um intenso esforço mental, podem trabalhar muito mais do que suportam suas forças ordinárias.

Enquanto caminhávamos pelo corredor, soube por Iole que haviam passado dezoito horas desde que ela, depois de tentar-me, tinha entrado na carruagem durante a primeira parada ligeira. Era meio-dia, e durante vinte e quatro horas não tinha tomado alimento; contudo, é coisa estranha que não sinta fome. Teriam as vidas que nos consomem deixado de agir desde a minha iniciação? Iole

respondeu à minha pergunta silenciosa, dizendo: - Antes de entrares em tua nova prova na sala da escolha é conveniente que tomes algum alimento.

Então, ainda estás sujeita à necessidade de alimentos? - perguntei, sorrindo.

- Sim - respondeu. - Embora nosso modo de viver reduza a uma pequeníssima quantidade o alimento que empregamos. Todavia, não nos encontramos num estado tão elevado para podermos dispensá-lo totalmente. Dizem que os membros do Terceiro Grau estão acima dessa necessidade, ou ao menos quase acima dela, pois reparam os pequeníssimos gastos de seus corpos físicos com um elixir concentrado, cujo segredo só eles conhecem. Porém, nós, caro irmão, temos muito a fazer antes de chegarmos lá, e te acompanharei numa ligeira refeição.

Naquela ocasião as salas e corredores já se achavam alumados por aquela luz difusa, que parecia ser uma incandescência no ar; porém, passando por uma porta e subindo uma escadaria, havíamos chegado a uma sala que tinha janelas laterais abertas à luz do dia. Aquela sala era ricamente atapetada e ornada de pinturas e, à proporção que caminhávamos, encontramos com diversos irmãos e irmãs que nos cumprimentaram gentilmente.

Qualquer que fosse aquele prédio, via-se que era de uma enorme extensão. A sala tinha cem pés de comprimento e, olhando através das janelas, notei que de todos os lados rodeava-a um grande pátio. Ambos os pátios eram grandes jardins, contendo grandes árvores de muitas variedades e flores e plantas em abundância. Chegando ao fim da sala, uma figura se aproximou de nós. Em resposta à sua pergunta, Iole murmurou algo em seu ouvido; inclinou-se e nos deu passagem.

- Era um guarda, - disse Iole; - e como é meu privilégio, comunicarei agora as palavras de passe.

- A que deve ser dada ao sair é a palavra sânscrita “Inana”, que significa conhecimento; a que se deve empregar ao entrar é “Naga”, palavra sânscrita que quer dizer serpente; e quando der essas palavras, nunca fales mais alto que um murmúrio.

Tínhamos passado para uma sala interior e chegado a uma porta à direita. Apertando um botão oculto numa roseta próxima ao soalho, Iole abriu a porta e entramos.

Vi imediatamente que nos encontrávamos numa sala particular, e olhando para um dos lados, vi um quadro de minha amada companheira, em tamanho natural. Notando que estava admirado, pois era uma obra de verdadeira arte, Iole observou modestamente:

- Não pense que isso seja uma ostentação de vaidade, meu irmão; Zerol insistiu em que me deixasse servir de modelo, e, como boa irmã, tive de concordar com ele; porém, para evitar exhibir-me, conservo-o em minha sala particular.

- Que modéstia fora de propósito, - respondi-lhe, - negar aos outros o prazer de contemplar esse quadro e a influência elevadora que deve emanar dessa obra de arte e um modelo tão perfeito.

- Ora, meu irmão! Lembra-te das palavras de Sócrates, quando disse: “O elogio é pior do que um abutre, porque este só devora os mortos, ao passo que aquele devora os vivos!”

- Provavelmente serás meu hóspede por algum tempo, - prosseguiu, ao sentarmos junto a uma mesinha que se achava de um lado da sala, - e deves considerar-te perfeitamente em tua casa. Todo aquele que pertence a este grau deu provas de pureza e, por conseguinte, não mantemos formalidades e cerimônias entre nós; elas são necessárias apenas no mundo de hipocrisia.

- Faz-nos bem encontrar-nos entre pessoas no meio das quais reina essa liberdade, - repliquei. Num mundo em que tudo é regulado pelas formalidades e cerimônias, quantas almas simpáticas se mantêm separadas. Tomo ao pé da letra as tuas palavras e os meus atos serão pautados pela liberdade.

- Sede livre, - respondeu a sorrir, estendendo as mãos por sobre a mesa e nossas mãos se uniram com verdadeira amizade.

Um jovem, evidentemente indiano, entrou, trazendo uma bandeja com a nossa refeição.

- Como vedes, - disse Iole, ao encher nossas xícaras com chocolate, - os membros deste grau comem em seus aposentos; é uma de nossas regras; porém, como me és muito íntimo, - e sorriu encantadoramente - podemos comer juntos ao menos uma vez.

- E apenas uma vez! Não mais amiúde? - perguntei, lançando-lhe um olhar afetuoso.

- Bem, isso depende, - respondeu, - doravante sou tua obediente serva, e tudo o que disseres será feito.

- Ora, escutai, minha galanteadora, estás procurando tentar-me novamente? - perguntei. - Se assim é, nada conseguirás, pois jurei ser um monge.

Fitou-me com olhar perscrutador e respondeu:

- Não, não serás mais experimentado com tentações de engano por meu intermédio; o meu dever para contigo e o seu para comigo foram cumpridos. Os enganos que tive de simular eram provas tanto para mim como para ti; amando-te, tinha de iludir-te, tentar-te e levar-te à essa ruína. Poderia uma prova ser mais severa? Porém, cumpri meu dever e, graças ao seu Eu Interno, fizestes o seu; e agora nos encontramos no plano de irmãos iguais e por meu intermédio não serás mais enganado. Esta é uma afirmação solene e podes confiar nela no futuro.

Sem dar-me tempo de responder-lhe, prosseguiu:

- Quanto a seres um monge, direi que os homens mais nobres da terra o foram; e parece-me que ser monge é um requisito indispensável a mais alta perfeição.

Reprimindo uma exclamação de admiração, perguntei-lhe:

- E obedeceste, durante todo esse tempo, implicitamente, sem dúvida ou contrariedade, às ordens de seus irmãos?

- Sim - respondeu. - Estive em companhia deles durante vários anos e nesse tempo nada me ensinaram senão o bem e a pureza, e suas vidas repletas de bela simplicidade e sacrifício próprio agiram sempre com grande nobreza e não pude duvidar de suas palavras. Ensinaram-me também que existem poderes protetores que envolvem todos os seres e que esses poderes são fortes na proporção das forças da divindade residente no ser humano. Ensinaram-me que aqueles que tinham aspirações puras triunfariam com o tempo, por maiores que fossem as tentações. Acreditei nesses ensinamentos, não apenas porque me disseram que assim era, mas sim porque a minha razão estava convencida dessa conclusão e meu coração a aceitava. Essa crença nos poderes protetores trouxe grande paz à minha alma e tornou-se fonte de força, pois não acreditava na Providência como se

ensina no mundo, e sendo muito exaltada as minhas idéias a respeito de Deus, tinha necessidade de algum laço intermediário, e esse ensino dos poderes protetores.

- Mestres e Protetores - supriam essa necessidade, falou com profundo interesse e conservei-me em silêncio, prosseguindo ela:

- Diante disso, quão cruel parecia o mundo; quão desanimador e injusto! Não podia imaginar um infinito que desobedecesse as leis que regem o universo; não podia conceber a Deus como sendo algum gigantesco cavaleiro que fosse de um lugar para outro num pestanejar de olhos, para proteger o inocente e guardar o desprotegido. Desde criança refletia como é que esse Deus podia estar ao mesmo tempo em toda parte; porém, quando me falaram nos Mestres e Protetores, homens de raças de há muito desaparecidas, os quais se aperfeiçoaram e evoluíram muito além do alcance dos homens que vivem no mundo atual e que trabalham pela verdade e justiça, achei razoável esse ensino. Porquanto, se o homem evolui, quem pode marcar os limites dessa evolução? Assim como nos encontramos muito acima dos selvagens, também há outros que se acham muito acima de nós. Certos dentre esses homens ainda vivem na terra, mas em corpos imortais; e, desconhecidos, vão de um lugar para outro do mundo, trabalhando sempre para o direito, protegendo o inocente, guardando o desprotegido e aliviando o sofredor. Outros mais elevados estão além do alcance da morte; e renunciando aos privilégios do Nirvana, existem no invisível. Deixam a bem-aventurança celeste e permanecem na terra, trabalhando no mundo mental para a elevação do gênero humano. Desconhecidos, inapreciados, passam uma existência que para eles é a morte, pois sua compaixão é infinita.

Parou de falar e seus grandes olhos castanhos brilhavam intensamente, ao mesmo tempo em que seu rosto estava iluminado pelo divino amor. Haverá palavras que tenham tanto poder como as que provêm de um coração puro e fervoroso? Suas palavras me colocaram num profundo encanto, sendo bom, talvez, que parasse, para que eu pudesse perguntar-lhe:

- E acreditas que estes grandes poderes, Protetores e Mestres, me guardariam enquanto meu coração fosse puro e as minhas aspirações nobres?

- Não tive a menor dúvida a esse respeito, - respondeu.

- Muito bem meu amor, lembrar-me-ei de seu sorriso, e evitarei novas comparações com abutres; diga-me, porém, permitem aqui o amor? Permitem o casamento? Ou são todos monges e freiras?

Foi muito bom ter adquirido meu domínio próprio e aprendido a conhecer o poder da vontade, porquanto, tomando uma expressão que teria me perturbado, respondeu:

- Ensinamos o amor como o Homem Divino o expressaria; o amor de uma alma para outra. Já falamos sobre este grande assunto, e o que ficou combinado naquela ocasião deve continuar. Porém, tomai cuidado com o amor que pensa um só momento em si mesmo.

Ao falar assim, fitou-me com um olhar profundo e muito expressivo, prosseguindo:

- Não conhecemos o casamento no sentido em que o mundo emprega essa palavra. Os casamentos não são feitos por leis humanas, igrejas ou quaisquer instituições de homens. O casamento é a união harmoniosa de duas almas de vibrações idênticas, realizado para um fim puro e santo - o desenvolvimento da alma e o fornecimento de tabernáculos para as almas subjetivas que procuram reencarnar-se. Temos horror ao casamento como meio de satisfazer os desejos sensuais ou os apetites e paixões não dominadas. Como a um verdadeiro irmão, posso falar-te com candura sobre

um assunto que a ignorância classificou de impróprio. Consideramos os órgãos geradores como muito sagrados e diretamente relacionados com o divino poder criador; e qualquer abuso dos mesmos é o mais imperdoável pecado. Os antigos símbolos fálicos foram muito mal compreendidos, e as mentes superficiais foram incapazes de penetrar-lhes o sentido sagrado. Vendado por uma modéstia que é apenas exterior, o mundo toma erroneamente a ignorância pela virtude. Oh, quanto é civilizada a nossa selvageria que degrada e polui essas sagradas funções!

Pela primeira vez suas palavras tomaram uma ligeira expressão de zombaria, ao prosseguir:

- Que é o mundo atual senão um grande turbilhão de selvagem sensualidade - que o selvagem me perdoe por esta comparação ofensiva, - acrescentou logo como se tivesse empregado um termo impróprio. - É apenas o homem civilizado, com seu brilhante exterior, que perverte essas funções sagradas - nem os animais descem tanto como ele. Então, que código de moral governa essas relações? - exclamou com os olhos brilhantes, que mostraram que, apesar de sua calma, tinha um coração ardente. - Não sabes, - disse, levantando-se, - que se eu fosse homem cobriria minha cabeça de vergonha ao exigir da mulher aquilo que não tem pretensão de possuir: a pureza. Vergonha! Vergonha suprema é que o homem sancione esse código de moral! Porém, que o céu tenha pena da mulher, em sua cega ignorância! Ele permite esse mal, permitindo ao homem o que nunca perdoa à mulher.

Levantou-se de sua cadeira e seu rosto ruborizado tomou uma expressão de profunda tristeza quando prosseguiu:

- Porém a paixão é cega, surda e muda, não atendendo a persuasão alguma; só o sofrimento pode matar o monstro. Abençoado sofrimento!

- Querida Iole, - disse eu, quando fez pausa, - se te amei anteriormente, podes multiplicá-lo agora pelo infinito. Concordo contigo em todas as palavras que disseste, e desejaria que todo o mundo fizesse o mesmo. Disseste que obedecerias e serias minha humilde serva, não é verdade?

Fitou-me perscrutadoramente e disse:

- Serás um bom senhor?

Falou num tom sério que não compreendi perfeitamente, porém aproveitei a oportunidade para dizer:

- Não, mas sim um bom esposo, querida Iole.

- Deves ser um monge, - respondeu vivamente, sem dizer sim ou não; - e isso me faz lembrar que não respondi a essa parte da tua pergunta. Nem todos somos monges e freiras, porém muitos o são; mas são monges e freiras de uma espécie particular como virás a saber mais tarde.

Fugira da resposta, porém perguntei-lhe com impertinência:

- E realmente pensas que eu deva ser um monge?

- Somente tu podes decidi-lo - porém não aqui, - acrescentou vivamente, como visse que estava para falar; - há uma regra neste grau que posso dizer-te imediatamente, e é que todo indivíduo deve escolher livremente e sem qualquer conselho. Esta é uma das mais importantes regras do ocultismo.

- Muito bem, terei de confiar na minha voz interna - respondi-lhe, pensando ao mesmo tempo sobre o que ela preferiria que eu fosse.

- Não podes encontrar melhor guia - respondeu-me e, como se estivesse lendo os meus pensamentos, prosseguiu: - Nunca faças alguma coisa somente para agradar os outros; fazei-a porque a consideras justa, e lembra-te de que quanto menos pensares em essa pessoa ao tomar a decisão, mais ela se aproximará da justiça.

- Porém - respondi - farias da consciência seu único guia na vida? Não é a consciência relativa e muito incerta? Em todos os homens comuns a consciência deve ser combinada com a razão; no iniciado, a consciência e a razão são uma só. Na verdade, na maioria dos homens a consciência e a razão são relativas; porém, não por causa dos instrumentos por meio dos quais age. A consciência e a razão, por si mesmas, são atributos do Infinito, e como tais são perfeitas; porém, são limitadas pelas condições em que se manifestam e por isso parecem imperfeitas. Um músico perfeito, se o seu instrumento for defeituoso, só poderá produzir música imperfeita, e assim também, Deus, como consciência e razão, só pode produzir impressões imperfeitas nos homens imperfeitos. Quanto mais perfeito fores, mais perfeitas serão as expressões de seus atributos divinos.

Com grande exatidão disse Jesus: “Vivei a vida e conheças a doutrina”. Aquele que leva uma vida pura e desinteressada tem um sentido próprio e especial, e a informação ou conhecimento que traz é incompreensível para aqueles que não o possuem. Liberta-te do Eu, porque ele perverte continuamente a verdade. Agora é uma hora da tarde, - acrescentou, depois de olhar para o relógio, - e devo deixar-te por um pouco. Considere-te tua casa, pois logo voltarei.

Acabando de falar, levantou-se e saiu da sala, e eu, com toda a autoridade de um irmão ou esposo futuro, não sabia qual dos dois, comecei a familiarizar-me com o ambiente. Além da sua sala de visitas, havia quartos de dormir e sala de banho e de vestir. Estes são monges e freiras especiais, pensai, ao observar seus apartamentos elegantemente mobiliados. Como pode ela manter tal luxo, quando há tanta pobreza e miséria no mundo? Certamente há nisso uma inconseqüência. Observei então um quadro notavelmente belo, que estava na parede, junto ao seu leito, e instantaneamente me veio o pensamento:

- Venci suficientemente a minha natureza inferior para estar acima dos sofrimentos do ciúme? Que aconteceria se ela tivesse outro amor? Poderia conter-me ou cedê-la? Endireitando-me, respondi à minha própria pergunta com um sim determinado. Se for preciso, deixa-la-ei para outro. Voltei-me e ao fazê-lo, vi meu reflexo num grande espelho que estava em frente. Recuei; com dificuldade me reconheci. Como estava pálido, talvez parecesse mais pálido ainda por causa da alvura da roupa que trazia. Meus olhos estavam brilhantes, e observei - na verdade o aperfeiçoamento interior produz resultados correspondentes no exterior; uma forma perfeita é o símbolo dos atributos do Deus que se manifesta nela. Não é esse o segredo da arte grega? Voltei para a sala de visitas e encontrei-me diante de um quadro que não havia observado, tendo a assinatura de Iole num canto, quando ela entrou.

Como todas as obras desses irmãos e irmãs era uma obra de arte. Era uma cena noturna num triste brejo, e por sobre as águas lamacentas, três homens de má índole, sentados num bote. Entre eles se encontrava uma bela mulher, vestida de branco, amarrada como prisioneira. As plantas gotejantes, as nuvens escuras e os morcegos fizeram-me estremecer, e pensei nas minhas recentes experiências.

- Iole - perguntei-lhe - onde encontraste a idéia de uma pintura tão triste?

- Há uma lenda relacionada com esse quadro, - respondeu, parando ao meu lado.

- Qual é? - indaguei-lhe.

- As tuas recentes experiências deviam ter-te ensinado, - respondeu, - porém repeti-la-ei. Esses três homens feios e de expressão má são a Paixão, o Desejo e a Avareza; a mulher de branco é a natureza virgem do homem. O bote preto enfeitado de vermelho representa a natureza inferior do homem que é governada pelos três remadores. O tanque representa a perdição ou o lodo da matéria. Ora, a lenda diz que esses homens têm tempo e também que afogaram essa bela virgem no tanque; porém, por algum meio milagroso, sempre que se afastam, ela se liberta. Eles a prendem muitas vezes e tornam a lançá-la no tanque. A lenda, porém, termina de duas maneiras, e as pessoas diferem no seu modo de julgar qual delas é a verdadeira.

Algumas dizem que, no desespero de destruí-la, fecharam-na num saco escuro e amarraram neste uma grande pedra, lançando-a no tanque, donde não mais saiu. Outros dizem que, certa noite, ela conseguiu persuadir seus aprisionadores a escutar um canto; e enquanto cantava, veio um belo luar e os remadores foram mudados em anjos do Amor, Virtude e Perdão, escolhendo-a para rainha, e ela os levou para uma região longínqua, onde só os deuses podem habitar.

- Compreendo, - disse, com admiração, - que toda a essa arte tem um objetivo.

- Toda verdadeira arte o tem, - respondeu. - Nunca houve um instrutor mais poderoso e universal do que a arte. É grande a influência que exercemos no mundo por meio de sua misteriosa linguagem, cujo significado, embora muitas vezes incompreensível para o intelecto, raramente deixa de impressionar a alma. Porém meu irmão, vim para levar-te à sala da escolha, onde o conselho te espera. Acabando de falar, abriu a porta e levou-me pelo corredor.

- Iole - perguntei enquanto caminhávamos pelo corredor - como reconcilia toda esta magnificência com as essas pretensões de humanismo, se há tanta pobreza e miséria no mundo?

- Meu irmão, - replicou, - não te deixes enganar pelas aparências; o mundo não pode ser salvo pelo dinheiro ou pela riqueza, por maior que seja o benefício que se possa prestar em casos isolados. A riqueza que temos aqui não diminui a que devemos empregar alhures fazendo essa observação, sorriu significativamente, e prosseguiu:

- A riqueza e o luxo não devem ser deixados a não ser por aqueles que não podem governá-los; embora estejamos rodeados pela riqueza, não as deixamos consumir nossa alma, como o fazem os avarentos. Acreditamos na arte, música, perfumes agradáveis e belas residências; porém não permitimos que a posse dessas coisas nos cegue ao fato de que tudo na terra é temporário e passageiro. Não permitimos que a magnificência nos separe do pobre; mas, pelo contrário, desejamos que chegue o tempo em que possam gozá-la conosco. A influência exercida pela riqueza sobre o coração e a mente é que determina se ela é boa ou prejudicial. Nós, que aprendemos a governar e conservar puros esses atributos divinos, não os deixamos enfraquecer pelo desejo de coisas materiais, por mais belas que sejam. Lembra-te de que tudo o que há na terra é, em si mesmo, bom, sendo má somente a perversão de seu uso.

- Dizes, irmã, que o dinheiro e a riqueza não podem salvar o mundo; que é que pode salvá-lo?

- A reforma do homem, a elevação do caráter, a purificação e elevação da mente e do coração; nenhum remédio externo ou paliativo superficial o fará. Tudo o que é objetivo é resultado do que é subjetivo. Para mudar o visível, precisas mudar o invisível; e isso só pode ser feito por meio da mente e do coração.

- Porém - interrompi - não pode o invisível ser mudado pelo visível? Não trará o ambiente conveniente este estado interno tão almejado?

- Até certo ponto, sim, - respondeu. - O objetivo e o subjetivo afetam-se mutuamente; porém o maior poder se encontra no subjetivo, pois a mente e a vontade possuem forças superiores ao ambiente, e é ensino pernicioso dizer que não o têm. Não pode haver mudanças no ambiente sem que elas se efetuem primeiramente nas mentes e corações das pessoas; andam juntos. O homem, se quiser, pode, mesmo que seja no ambiente mais antagônico, elevar-se acima de todas as influências externas; e este é um dos maiores e mais importantes ensinamentos do ocultismo. Todos os ocultistas crêem na onipotência do poder divino que é a *vontade*.

- Acreditas no livre arbítrio? - perguntei.

- Essa é uma palavra muito mal compreendida, - respondeu. Em todos os atos que executa, o homem é influenciado tanto interna como externamente; portanto, não é absolutamente livre, mas tem a faculdade de escolher, e este poder é superior a todas as influências.

- Porém, não há exceções a isso? Não há alguém que se tenha afundado a tal ponto que perdesse esse poder?

- Existem, - respondeu com tristeza; - a alma perdida não tem vontade própria, mas apenas a do seu Eu demoníaco, que alimenta o desejo e a paixão; entregou sua vontade a esse monstro e deve obedecer às ordens dele. - Porém, - acrescentou como que para diminuir a força de sua última afirmação, - enquanto este fio de cor verde liga a pirâmide e o cubo, ela tem o poder de levantar-se.

Com estas palavras, atravessamos um vestíbulo e paramos diante de um irmão que se achava sentado junto a uma porta.

- O galo canta, - disse Iole.

- A manhã se aproxima, - respondeu o irmão, e abriu a porta para passarmos. Entramos numa sala pintada de branco e cor de ouro, achando-nos na presença de sete figuras vestidas de branco, as quais estavam sentadas ao redor de uma grande mesa da mesma cor pura. Todos tinham seus rostos descobertos, e na ponta da mesa reconheci o rei daquela manhã. Os três que se achavam à sua direita eram homens; o que lhe estava mais próximo representava o Sol. As três da sua esquerda eram mulheres e aquela que representava a Lua estava mais próxima do rei. No lado oposto da mesa havia duas cadeiras vazias e, a um sinal deste, sentamo-nos um ao lado do outro.

- Que diz a irmã? - perguntou o rei, dirigindo-se a Iole em tom baixo e delicado.

- A lei domina, - respondeu ela.

- Irmão - disse o rei, e todos os olhares imediatamente se fixaram em mim - as inteligências invisíveis que governam os aparente acidentes da vida falaram por meio da linguagem mística dos números e dizem que és digno de ser candidato ao 'Terceiro Grau'.

Poucos são os que assim se encontram no mundo; dos bilhões de pessoas que o habitam, não há mil nessas condições. Isso não quer dizer que és exaltado acima dos outros, mas, sim, que tendes as possibilidades que te tornarão grande e que elas poderão ser desenvolvidas numa só existência. Por

outras palavras, embora não o saiba, fostes estudante de ocultismo em vidas passadas. Agora, irmão, desejas realmente entrar no caminho que leva a esse grau superior?

- Desejo - respondi clara e firmemente.

- Lembra-te, irmão, de que não te aconselhamos a seguir esse caminho, nem a não segui-lo, como fizemos anteriormente. Todos os que chegaram até este grau são considerados bastante conhecedores para decidir por si mesmos. Compreendes?

- Compreendo - respondi.

- Portanto, não teremos segredos. Sabemos pelas cores visíveis à clarividência que tu e nossa irmã Iole pertenceis à mesma chave vibratória; as vossas auras se misturam sem tons discordantes; ela se harmoniza perfeitamente contigo e tu também com ela. Isso mostra que sois almas simpáticas e explica seu amor mútuo.

Iole apertou a minha mão por baixo da mesa, e lhe retribuí da mesma forma. O rei continuou:

- O seu amor nos foi perfeitamente claro, pois nós também amamos; e o amor não constitui mistério algum para os que amam verdadeiramente.

- Agora, dois caminhos se apresentam, sendo esta a sala de escolha; não escolhas precipitadamente; se o quiseres, te daremos tempo para refletires devidamente.

- O primeiro caminho é conhecido pelo nome de 'Esposo Virgem'. Por ele recebes nossa amada irmã nos laços santos do casamento. - Apertei a mão de Iole, sem receber qualquer resposta. "Essas almas combinadas numa corda harmoniosa dão a sanção da natureza a essa união e a santificação com as alegrias paternas. Os pais puros, tendo a mente instruída, formam filhos semelhantes a si mesmos, e um menino e uma menina abençoarão seu lar, e ensinarão as belezas do amor paternal, espiritualizarão essas almas e tomarão seu lugar no mundo, quando saídes dele. Quando estiverem assim preparados para tomar seus lugares, quando os tiverdes criado com amor e feito tudo o que puderdes para auxiliar-lhes o desenvolvimento interno e prepará-los para uma existência de dever, sereis chamados e admitidos nos graus elevados a que aspirais. - Parou um momento, prosseguindo na mesma voz baixa e impressiva:

- O segundo caminho é conhecido pelo nome de 'Amantes Virgens'. - Apertei novamente a mão de Iole, porém não recebi resposta.

- Neste caminho não há casamento, mas, sim, a pura e elevadíssima união das almas, sem o menor pensamento do corpo - casamento esse cujo significado o mundo impuro não conhece.

- Nesse caminho passais por provas rápidas e terríveis, que durarão sete anos, e se ambos perseverardes, tereis o privilégio de passar adiante. Sete anos trarão uma completa mudança em seu corpo, e todas as partículas atômicas que o constituem serão substituídas por outras mais puras, impressionadas com as aspirações que caracterizam essa vida superior. Se seguirdes o segundo caminho, este conselho vos governará e suas ordens serão essas leis; portanto, apenas representamos um conselho superior, e durante os seus sete anos de provas nossas ordens devem ser obedecidas. Refleti bem. O primeiro caminho te dará uma esposa amante, um lar feliz e belos filhos, que brincarão sobre seus joelhos e te acompanharão com tua esposa aos campos floridos. Imaginai esse lar de sol, alegria e bem-estar, em que a vida é quase uma constante carícia de tua amada esposa, e seus belos filhos e beijam sorridentes e se acolhem a seus braços. Escutai a música de suas risadas a

se misturarem com o canto dos pássaros; formai uma idéia de suas conversas infantis. Ornamentai-te em imaginação e aos que te sejam caros com flores fragrantas, aspirai seus delicados perfumes e gozai de tudo o que o poder espiritual da natureza fez belo e bom.

Parou novamente, como que para dar-me tempo de imaginar essas cenas, pois as suas palavras tinham um mágico poder evocador; de forma que, ao falar, um panorama se refletia em minha mente. Então, quando meu coração atingiu as supremas alturas do amor paterno, prosseguiu num tom profundamente sério:

- Lembra-te, porém, que tudo isso deve acabar, pois, tudo na terra é limitado pelo tempo. Recordate das palavras de Jesus, - ao dizer que aquele que 'não esquece não pode ser meu discípulo'.

Se quiseres passar além dos limites do tempo, precisas sacrificar tudo. Não se engane, porém, sobre esta regra, que não deve ser dada ao mundo; te falamos somente como a quem deseja tornar-se membro do 'Terceiro Grau'. Os homens mundanos não podem ter maior aspiração que a de ter um lar. Um lar puro e belo é a coisa mais sagrada da terra, o mais alto ideal a que os mais nobres do mundo podem dirigir o coração, o maior poder purificador da alma humana e capaz de levá-la para Deus, o maior templo em que o coração humano pode oferecer suas aspirações a um Amor infinito e onipresente. Nós, como corporação organizada, estamos trabalhando com todas as nossas forças para fazer deste mundo um lugar de lares felizes e repletos de amor, felicidade e paz. Porém, deve haver algumas grandes almas para trabalhar numa esfera superior; e essas, as Grandes Eleitas, devem renunciar até à mais pura felicidade terrestre, até que, pela influência exercida sobre os homens, tenham trazido a consumação universal ou perfeição na terra. Os irmãos do 'Terceiro Grau' fazem essa grande renúncia. A humanidade torna-se a família deles, todos os homens são seus filhos, e não aceitas nenhuma alegria terrestre enquanto não puder compartilhar delas. Porém, as minhas palavras não devem determinar a tua escolha; conheces as duas faces da questão. Embora o caminho da renúncia te permita executar um trabalho mais efetivo e poderoso, grandes obras podem ser feitas também no caminho do amor paterno.

Parou novamente, como que para dar força às suas palavras, e depois prosseguiu:

- Podes escolher agora ou depois de sete dias: nada faças apressadamente. Se escolheres o caminho de 'Esposo Virgem', tomarás essa irmã Iole por esposa carinhosa; se escolheres o caminho de 'Amantes Virgens', haverão de se amar mutuamente por meio do Amor Universal, e de um momento para outro podereis ver-te separados no mundo das formas. No primeiro caso, estais ligados neste mundo, no segundo, embora aparentemente separados, vos achais unidos na Alma Universal. E a fim de poderes conhecer a natureza de ordens possíveis, se escolheres o segundo caminho, ficai sabendo que o fim de um grande ciclo se aproxima. Um fermento que foi lentamente se formando no mundo mental, logo surgirá; agora mesmo já se levantou no Oriente, e a guerra ameaça atear-se no Ocidente. Antes do fim deste século, reis e governantes, príncipes e poderes se levantarão e cairão violentamente. As nuvens negras correm na atmosfera; o invisível está ameaçador e terrível! A guerra, a peste, a fome e a conflagração farão expiar logo o Carma acumulado dos séculos. Quando chegar esse tempo, guiaremos e trabalharemos invisivelmente, e levaremos aos fios determinados as decisões da retribuição. Nesse trabalho precisamos de homens e mulheres que não tenham medo, para os quais a vida seja eterna e indestrutível, e o Eu pessoal não exista. Esses devem estar livres de todos os laços pessoais, como acontece com os irmãos do 'Terceiro Grau', e os seus discípulos que se encontram no segundo caminho.

Parou novamente e, por momentos, um silêncio mortal reinou na sala, com todos os olhares dirigidos para mim:

- Aspirante ao ‘Terceiro Grau’, conservando a tua calma, dizei-nos se queres esperar ou se farás agora tua escolha, e, nesse caso, qual o caminho?

Ah! qual seria? Perguntei a mim mesmo. Apertei a mão de Iole, mas ela não deu sinal algum; a sua mão estava fria e imóvel, e seu olhar impassível tinha uma expressão de que seu espírito se achava muito longe. O rei tinha falado extensa e imparcialmente sobre os dois caminhos; parecia que tinha procurado dar força igual à influência de ambos. No primeiro, imaginei a minha infância, tendo Iole por esposa e eu por pai.

No segundo, se apresentava num trabalho imediato e incessante nos campos de guerra e da carnificina; no primeiro, uma existência de amor; no segundo, de trabalho; no primeiro, Iole seria minha esposa adorada; no segundo, teríamos a separação!

Oh! Era novamente um conflito entre o eu e o dever. Lembrei-me das palavras de Iole. “Esqueça-te do Eu”, e, afastando a dúvida, fitei Iole, voltei-me para o rei, e respondi em voz clara e sonora: - Escolho o segundo caminho.

Imediatamente um som admirável, como que de um gigantesco instrumento, ressoou pela sala; um violento tremor se apoderou de mim; meus olhos se fecharam; as moléculas de meu corpo pareciam querer separar-se umas das outras, e tendo um sentimento de que estava sendo consumido por um fogo interno, perdi a consciência e caí no esquecimento.

CAPÍTULO XV

LUA DE MEL?

Quando voltei à consciência, encontrei-me numa sala vagamente iluminada; senti uns lábios cálidos beijarem a minha fronte e ouvi a voz carinhosa de minha amada Iole dizer:

- Querido irmão, quão grande e nobre! Desta vez não cedeste à tentação – que o espírito te abençoe - abençoe a nós dois.

Não percebera a minha volta à consciência; deveria simular e gozar-lhe as carícias?

Não; podia gozá-las estando desperto.

- Iole - disse - agora estou melhor. Que aconteceu? Foi uma fraqueza de minha parte perder os sentidos?

- Longe disso, irmão, - replicou.

- O fato de apenas teres perdido os sentidos mostra que seu organismo está muito desenvolvido e aperfeiçoado; se assim não acontecesse, a nota que desprende os terríveis poderes do som teria sido tua morte. Na próxima vez terá ainda menos efeito, até que essa forma seja uma pura substância sonora. Não sabes, irmão, que se não fossem as vontades que a enfraqueceram, aquela nota teria destruído as paredes da sala? Para os homens comuns teria sido a morte instantânea, semelhante a uma paralisia; mata sem derramar uma só gota de sangue. Ao fazer a escolha, lançaste mão de tua vida, porquanto ninguém que não tenha passado por esta prova pode entrar no caminho, e o presunçoso morre. Agora, porém, precisas descansar - disse, quando eu estava para falar - dormi, e amanhã cedo te falarei mais coisas.

Desejando obedecer às suas ordens, deitei-me novamente e, apagando a luz, ela saiu do quarto.

Quando despertei, pela manhã, uma réstia de sol penetrava no quarto através de uma fresta da janela. Bastante reconfortado, levantei-me, notando que me encontrava num apartamento particular luxuosamente mobiliado. Numa cadeira, ao lado da cama, havia um terno azul-marinho, amplo, e sobre ele um papel, que continha as seguintes palavras:

“Quando estiveres preparado para a refeição, apertai duas vezes o botão; vesti-te como um cavalheiro profano. - Iole”.

- Quem forneceu este vestuário conhece meu gosto, e sabe que sou original na escolha das cores, - observei ao vestir umas elegantes calças de seda, de cor azul e a alvíssima camisa, com os triângulos branco e preto entrelaçados como botões de peito e suásticas caldaicas como botões de manga. - Trouxeram a minha gravatinha preta, - exclamei, quando vi a minha gravata preferida, e este casaco parece feito sob medida. - Nem os sapatos haviam esquecido; bem lustrosos, achavam-se junto à cadeira. Tendo-me penteado à vontade, toquei a campainha.

“Até um relógio com corrente”, observei ao ver as horas.

Momentos depois, uma porta lateral abriu-se e Iole apareceu a sorrir, dando-me um alegre “Bom dia, irmão”. Parando na porta junto a ela, notei que me encontrava em sua sala de visita do dia anterior.

- Trouxeram-me para seus apartamentos? - perguntei.

- Não sem a minha solicitação, - respondeu. - A não ser que te oponhas a isso e o julgue impróprio para a verdadeira modéstia, em certo modo, viveremos juntos doravante.

- Como irmão e irmã? - perguntei.

- Como irmão e irmã, - respondeu.

- E posso beijar-te como irmão? - arrisquei a dizer, ao vê-la encantadoramente bela em seu vestuário matutino.

- Podes, - respondeu com afetuoso sorriso.

- Como são bons e delicados os verdadeiros irmãos e irmãs e quanto és boa, minha querida irmã, - disse-lhe, e beijei-a.

Sentamo-nos à mesa e ela tirou a toalha que cobria a nossa refeição.

- Ensinar-te-ei algumas regras dietéticas, - disse, sorrindo, ao apresentar-me um copo com água cristalina. - As primeiras coisas a fazer-se ao levantar são inalar profundamente o ar puro da manhã e beber a suprema bebida que Deus nos concedeu: a água pura.

- Benditos sejam os deuses da água cristalina, - respondi, e tomamos a nossa bebida.

- Agora tomemos um alimento verdadeiramente nutritivo feito de farinha de aveia ou trigo quebrado.

- Como até os nossos gostos alimentares são os mesmos! Exclamei ao ver o belo creme que ofereceu.

Eis o que pode explicar outras semelhanças nossas, replicou, o alimento que comemos determina em grande parte os nossos pensamentos e os nossos hábitos gerais; comi alimentos que estimulem as paixões e essa vida será cheia de impulsos passionais; comi alimentos puros e terás pensamentos puros, vivendo uma existência de pureza.

- Porém, onde está seu alimento fortalecedor? - perguntei, mostrando-me surpreendido pela falta de um alimento que nunca empreguei.

- Encontra-se no matadouro humano chamado mundo, principalmente na parte denominada Cristandade, não tem lugar aqui. A carne fortalece como o óleo ativa o fogo - dá muito calor, porém este é de pouca duração. Se a comeres em quantidade e seus órgãos digestivos suportarem o esforço do seu uso quase constante, ela te manterá; porém nunca esperes realizar alguma coisa nas linhas mentais enquanto seu estômago exigir todas as energias de tua vida. Enquanto a natureza produzir grãos, vegetais, frutas e nozes, não há necessidade de estabelecermos uma vibração vermelha em nossos corpos, ou matar uma só criatura em evolução.

- E acreditas, Iole, que os animais são seres que estão evoluindo para o estado humano? - perguntei, aproveitando esta oportunidade para conhecer suas idéias sobre a evolução.

- Não, seria erro afirmá-lo. Há uma entidade no animal que, com o decorrer dos tempos, evolui até atingir a forma humana; uma inteligência que foi profundamente oculta nessa entidade se desenvolve então, e daí resulta uma forma humana na qual funciona uma mente, - numa palavra, o homem. Porém aquilo que, com o tempo, evolui até o estado humano, não pode ser considerado humano enquanto não completar essa evolução. Há no homem aquilo que passou através de todos os ramos inferiores, mesmo no mineral; porém, o homem, como tal, nunca esteve em qualquer deles. Este é um dos grandes segredos do saber oculto; por meio daquilo que possui e que fez parte de todos os ramos, o homem pode conhecê-los todos; e não só conhecer, mas também ajudá-los em sua evolução.

- Muito bem, acreditas que a mente evolui da forma? - perguntei.

- Parece-me - respondeu - que já me expressei sobre esse assunto, porém, para maior clareza, repetirei: A mente em si mesma, como coisa universal, é separada e distinta da forma; porém precisa da forma ou instrumento para se manifestar a si mesma; isto é, para adquirir a consciência de si mesma teve de tornar-se um indivíduo, o que exigiu uma forma. Observai, porém, que isso não limita a existência de um indivíduo a um corpo físico; podem existir outras formas ou corpos, como, por exemplo, astrais ou mentais, embora estas sejam diferentes e invisíveis à vista ordinária. Não te esqueças de que o cérebro e todas as formas e organismos são apenas instrumentos por meio dos quais a mente age mais ou menos perfeitamente. Os cientistas materialistas, vendo as manifestações da mente se tornarem mais perfeitas com o aperfeiçoamento do instrumento, concluíram falsamente que o instrumento produzia a mente, ao passo que a verdade é o contrário: a mente, agindo de dentro, produz a perfeição do instrumento. Se assim não fosse, de que utilidade seria pensar, estudar ou meditar? Compreendendo esse fato, o verdadeiro estudante não estuda para acumular uma grande quantidade de informações, mas, sim, porque, assim fazendo, desenvolve seu organismo cerebral e torna-o instrumento mais perfeito para sua mente. O progresso feito por aquele que pensa excede em muito ao daquele que apenas decora.

Estava para fazer nova pergunta, quando ela me impediu, dizendo:

- Nossa digestão será prejudicada se empregarmos todas as nossas energias vitais em nossas cabeças, enquanto comemos, assim como o contrário também é certo. Tudo tem seu tempo apropriado; cumpramos agora os nossos deveres para com os nossos corpos, pois, precisamos deles para os nossos trabalhos atuais.

Prosseguimos na refeição, conversando de coisas mais ligeiras e, ao terminá-la, ela insistiu para que fôssemos ver as flores que havia no jardim. Concordei logo e durante uma hora apreciamos as belezas naturais do bosque e do jardim. Embora a tendência natural de nossas idéias fosse para a filosofia, conversamos sobre assuntos menos sérios; e, desejando informações gerais, aproveitei essa oportunidade para perguntar-lhe sobre o ambiente em que me encontrava.

- Iole, poderei perguntar-te onde me encontro?

- Certamente - respondeu - podes fazer qualquer pergunta, e se for de natureza que eu não possa responder, te direi. Estas no castelo de campo do Conde Eugênio du Bois, a umas três horas de Paris, em carruagem rápida.

- E não sabes, Iole, que, por melhor que eu conheça, não sei qual é seu nome, nem nacionalidade?

- Oh! Iole é o nome que me convém, - respondeu sorrindo. Tive muitos nomes outrora, porém nenhum me fica melhor do que o da antiga Grécia.

- Porém, qual é tua nacionalidade? - persisti. - Falas uma dúzia de línguas com igual facilidade e não posso notar qualquer sotaque.

- Muito bem, procurei o mais possível sair fora dessa idéia de nacionalidade e talvez até certo ponto o consegui. Creio apenas numa nação, e é a terra inteira; creio numa raça só, que é todo o gênero humano. Quando me encontro em França, sou francesa; na Inglaterra, sou inglesa; e assim por diante em todo lugar que me encontro. Se desejares alguma coisa mais definida, considerai-me ariana, da antiga Áryâvarta (“terra dos Anjos”, a *Índia antiga*). Isso deve chegar. É tempo de nos dirigirmos para o locutório e conhecermos melhor nossos irmãos e irmãs. Às dez horas devemos apresentar-nos novamente ao rei.

Ao nos dirigirmos para o locutório, perguntei-lhe:

- E quem é aquela a quem me levaste pela primeira vez, designando-a pelo nome de Madama Petrovna?

- Só os membros do “Terceiro Grau” o sabem; é uma mulher misteriosa e encontra-se aqui, ali e em toda parte. Há poucos dias partiu para a Inglaterra, porém ninguém sabe onde se encontra agora; sempre está presente na ocasião necessária.

- E que lugar é aquele em que nos encontrávamos, e nunca me foi possível determinar por causa da máscara que sempre me fazias pôr?

- A residência do Conde Alexandre Nicholsky, - disse, sorrindo.

- E quando me encontraste em Paris, permaneceste ali? - perguntei.

- Não, desde que a Madama saiu de lá, - respondeu.

Entramos no locutório, onde todos estavam reunidos em conversa amistosa. Esmeralda estava presente e cumprimentou-me afetuosamente, apresentando-me ao seu belo companheiro, Henrique Ulson, de Estocolmo. O tempo se passou rapidamente sem que tivesse consciência de sua rapidez, e Iole veio dizer-me que eram dez horas, e tinha chegado o momento de nos apresentarmos ao rei. Passamos diante de dois guardas, antes de chegar à sala junto à qual se encontravam seus apartamentos e era evidente que só recebia aqueles que tinham motivos para se apresentarem a ele. Afinal chegamos a uma porta junto à qual se achava sentado outro guarda. Iole deu a palavra de passe, mas respondeu que o senhor estava ocupado naquele momento. Tirou então seu relógio do bolso e notei que eram exatamente dez horas. Aproximando-se, murmurou algo aos ouvidos do guarda; este inclinou-se e entrou na sala, deixando-nos à espera..

Estava para falar, mas ela colocou o dedo sobre os lábios em sinal de silêncio. O guarda voltou logo e fomos recolhidos numa sala, dizendo-nos o guarda que esperássemos até sermos chamados. Sentando-nos junto à janela, esperamos alguns minutos, abrindo-se, então, uma porta interna; e quando o rei apareceu e nos convidou para entrar, vimos Alvarez, o adepto misterioso, sair. Não podia ter-me enganado; era a mesma figura alta, e vestida com um casaco especial, que tinha visto no México, Londres e na Grande Opera; porém, sem manifestar conhecê-lo, entrei em companhia de Iole. O irmão e a irmã que tinham representado o Sol e a Lua estavam sentados junto à mesa, no centro da sala; e, como era costume, sentamo-nos em frente do rei, ficando todos frente a frente.

- Irmão e irmã - disse o rei - sois agora membros perfeitos do sétimo subgrau do quarto grau, e candidatos em provas para o supremo 'Terceiro Grau'. Os nossos graus maiores se aproximam da unidade à medida que se elevam, e, portanto, passais pelo Quarto, antes de entrardes no 'Terceiro'. Agora, pelo menos durante um ano, não tendes deveres especiais para cumprir, mas durante esse tempo haverás de preparar-vos para os trabalhos que vos serão confiados. Essa preparação exige um curso especial, que deve ser o seguinte: Deveis viver juntos, e harmonizar seus seres em tal grau de simpatia que possais comunicar-vos mutuamente mesmo a milhares de milhas de distância. Para duas naturezas já tão harmonizadas como as essas, isso não deve ser difícil de executar. O segredo todo consiste em colocar as essas mentes no mesmo estado vibratório ou etérico, ao mesmo tempo. Portanto, deveis permanecer quase constantemente juntos durante esse tempo; deveis procurar pensar os mesmos pensamentos, comer a mesma espécie de alimentos, ter as mesmas horas para deitar, levantar e meditar; depois não ter segredos um para o outro, deveis se amar e acariciar, nunca permitindo que uma nota discordante surja entre vós - numa palavra, deveis se esforçar para viver como se fosseis um só ente. Ao terminar o ano, precisaremos de seus serviços; lançamos um olhar para o futuro, até o ponto em que está determinado, e sabemos o que está para vir. Para realizar melhor o fim desejado e preparar-vos para vosso trabalho, o conselho decidiu que vivais juntos como marido e mulher. Como tais, tendes todos os privilégios da verdadeira vida de casados, porém com as restrições que vossas almas impuserem. Durante este ano de preparação também podereis estar fazendo algum trabalho. Desejamos que adquirais conhecimento pessoal e íntimo com os nossos membros mais eminentes e adiantados das diversas capitais da Europa. Para esse fim, empreendereis, o mais breve possível, uma viagem. Dai-lhe o nome de viagem de núpcias, se o desejardes - intercalou, sorrindo. - Quando podeis partir?

A essa pergunta, olhei para Iole, que respondeu:

- Amanhã, Mestre.

- Muito bem; em primeiro lugar, deveis dirigir-vos para Berlim, depois a S. Petersburgo, Moscou, Viena, Constantinopla e Roma; e prepararei cartas para esses lugares. Comunicarás as palavras de passe, Iole?

- Eu o farei, Mestre.
- Podeis vos retirar e vos preparar para partir; sois agora marido e mulher pelos laços sagrados da nossa Fraternidade.
- Somos testemunhas - disseram o homem e a mulher, que haviam permanecido em silêncio; então, a um sinal de despedida do rei, saímos da sala e nos dirigimos aos nossos apartamentos.
- Querida esposa, - disse, acariciando Iole logo que entramos.
- Sou tua esposa, e atenderei aos seus menores desejos - respondeu afetuosamente, - mas sabes quais são as regras da Fraternidade a respeito dessa relação?
- Não. Quais são?
- Que sou essa esposa apenas como seu igual, tendo direitos iguais aos seus em todas as coisas, e sou a única possuidora de meu corpo.
- Não te teria recebido em quaisquer outras condições, e recusaria casar-me com uma mulher que não desejasse direitos iguais aos meus em tudo o que se refere a essa relação, - respondi com convicção, pois a minha resposta era exata.
- Sei disso, meu amor, - respondeu, - porém, seremos marido e mulher ou “amantes virgens”?
- Seremos ‘amantes virgens’, - respondi sem hesitar, e ela tendo-se lançado ao meu pescoço, selamos nossa combinação com um beijo. Na manhã seguinte estávamos prontos para nossa viagem nupcial.
- Nunca me embaraço com bagagens desnecessárias, - disse Iole, apontando para sua pequena mala de couro, - se for necessário, uma maleta bastará.
- Evidentemente, nenhuma parte de essa educação foi negligenciada, - respondi com admiração, lembrando-me da bagagem usual das noivas.
- O Mestre deseja ver-vos, - disse o criado hindu, depois de nos servir a refeição da manhã.
- Então iremos imediatamente, - respondeu Iole, dirigindo-se para a parte do prédio em que estavam os apartamentos do Mestre. Dessa vez, o guarda nos deu entrada sem dificuldade e nos dirigimos para a sala real. O rei estava só, e quando entramos tirou do bolso um maço de cartas.
- Estas cartas - disse - vos apresentarão aos imperadores dos grupos das diversas capitais; estão escritas em hieróglifos, de que Iole te ensinará o significado e que apenas o iniciado pode compreender. Porém, mesmo que assim aconteça, nunca permitais que as tomem de vós, pois agora qualquer coisa escrita dessa forma despertará desconfiança e levará a embaraços. A primeira carta é para o médico imperial da corte de Berlim, a segunda para o cirurgião pessoal do Czar, a terceira a Nicolas Penousky, Governador de Moscou; vêm em seguida as cartas ao ministro da guerra em Viena, ao médico do rei da Itália, e a um alto oficial do Vaticano. Vedes que, embora sejamos relativamente pequenos em número, somos superiores na qualidade, e temos membros poderosos espalhados em todo o mundo; porém, atrás deles, invisível, há uma força contra a qual nenhuma maioria pode prevalecer, e o próximo cataclismo da Europa não será uma questão de sorte.

Tendo dito aquelas significativas palavras, apresentou-me um cartão cortado de um modo especial e coberto de assinaturas, das quais continha apenas a metade, dizendo:

- Se, em qualquer tempo, alguém vos apresentar a parte que falta a este cartão, obedeci-lhe como a um membro de um conselho superior e dai-lhe essa inteira confiança.

Então, apresentando-me outro papel, disse:

- Aqui está um cheque sobre o Banco de França, no valor de 500.000, assinado por Afonso Colono. Podes fazer que ele o endosse e toda a quantia estará à essa disposição, disse sorrindo. - Muito gratos e ficamos pela essa bondosa contribuição para a nossa causa, porém não temos necessidades urgentes. Dizem até que, se quiséssemos, podíamos pagar as dívidas nacionais no prazo de quinze dias. Seja verdade ou não, seu dinheiro não nos é preciso na ocasião. Destruímos os outros papéis; tendes agora liberdade para partir. Apegai-te estritamente às regras dadas, observai bem todos os lugares, e adquiri todas as informações e objetos que possam ser úteis no futuro. Há certas regras relativas à correspondência comigo, de tempos a tempos, porém Iole te informará a esse respeito. Podes seguir tua viagem: os Poderes Protetores da Fraternidade te acompanham. - Inclinou-se e saímos.

Meia hora depois, avisaram-nos de que uma carruagem estava à nossa espera, e com a minha maleta e a de Iole, na frente, logo partiu rapidamente para Paris. Assim começou a nossa extraordinária viagem nupcial.

Passou-se quase um ano, ano de felicidade e estudos. Iole e eu nos fizemos como um só ser; nossos gostos eram semelhantes, nossos desejos e aspirações iguais ou dirigidos para o mesmo fim, e não se podia descrever uma união mais harmoniosa.

Visitamos quase todas as importantes capitais da Europa e adquirimos o conhecimento dos membros das diversas Lojas que, como os de Paris, representavam as pessoas mais refinadas e intelectuais de seus respectivos países. As condições políticas do continente nada tinham de tranqüilizador; havia quase uma tendência geral para a revolução nas massas descontentes e os círculos governamentais estavam agitados. Havíamos de estar informados sobre todos esses assuntos, porém nada prejudicou o curso prescrito de nosso treino. Durante todo esse tempo, vivemos como ‘amantes virgens’; e embora fôssemos legalmente casados e assim considerados pela sociedade, vivíamos como irmão e irmã. O rei e seu conselho tinham dado perfeita sanção às relações sexuais, tanto as leis da natureza como as dos homens não as vedavam, e sabia que o meu menor desejo não seria recusado por Iole; porém, apesar de tudo isso, abster-me. Essa foi uma das maiores vitórias que alcancei sobre o Rei do Mal; pois, como dizia Buda:

“Nada é mais difícil do que se abster quando nada o impede”. A tentação não tem poder sobre o homem moral quando sabe que, cedendo a ela, viola uma lei moral. Aqui, porém, digo-o sem orgulho ou vaidade, nada me impedia, a não ser o ideal e a aspiração de um amor mais puro, uma vida melhor e o conhecimento; porém, poucos sabem apreciar o valor desses poderes. Aquele que tem um ideal puro constantemente diante de si, ou em sua mente, não será desviado pelas coisas inferiores, e a mente que se acha absorta numa ativa investigação da verdade e do saber não tem tempo para pensamentos impuros.

Saímos de Roma e passamos o belo mês de maio nas proximidades de Florença, na vila suburbana do Senhor Parodi, o chefe do grupo daquela cidade. Certo dia, Iole e eu tínhamos ido visitar os

lugares interessantes da cidade; havíamos estado na grande catedral, passado algumas horas na Loggia e estudado com prazer diversas pinturas do Palácio Pitti.

Pelas três da tarde voltamos para a vila; tendo chegado ao ponto mais alto do morro que havia nos subúrbios da cidade, fizemos parar a carruagem e lançamos um olhar sobre o grande panorama que se apresentava à nossa vista. Era um dia como só a Itália pode vangloriar-se de ter, e sempre me lembrarei dele com prazer. Por cima, o céu azul da Itália, com suas nuvens aqui e ali coloridas como o arco-íris; embaixo uma grande extensão de telhados, e muito acima deles, a torre do Palácio, o campanário de Giotto e o zimbório de Brunelleschi.

- E é aqui que Dante viveu, meditando e escrevendo os versos do seu “Inferno”, - disse eu, ao pensar nesse autor tão pouco compreendido.

- Sim, - respondeu Iole, - e não sabes que o “Inferno” é uma das mais notáveis descrições alegóricas feitas do inferno?

- Sim, quando se compreende bem, - respondi - porém, qual é tua idéia do inferno, Iole?

- O inferno, - respondeu - é um estado de consciência, mente e corpo; ou um estado de consciência produzido por eles, separado ou conjuntamente.

- Então não o consideras como um lugar?

- Não no sentido ordinário dessa palavra, - replicou. - O inferno não pode ser localizado geograficamente na terra ou nos espaços estrelados. Para explicar melhor, sofre-se o inferno em dois planos: o material e o astral. A terra representa o plano material, e nela sofremos por causa de nossos maus atos físicos e nossos atos mentais que lhes estão indissolivelmente ligados; portanto, em certo sentido, a terra é o inferno. Porém, passada a existência física, entramos no plano astral e sofremos em consequência da desintegração do corpo astral, constituído das paixões e desejos da vida física. Todas as punições se efetuam nos planos em que agem as causas que os produzem. As punições são efeitos de atos maus ou errados, e não castigos impostos por um Deus estranho.

- Posso, porém, perguntar onde fica esse plano astral de que falas?

- A matéria astral, em sua pureza primitiva, está em toda parte; porém o estado particular a que me refiro penetra e rodeia a terra. Assim como na terra há grandes centros de sofrimento e dor, também na substância astral existem; e é somente nesse sentido que a palavra lugar pode ser aplicado ao inferno. Ao morreres, seu corpo astral será atraído para algum centro, no qual as condições são mais semelhantes à natureza dele, assim como na terra, somos atraídos para ambientes especiais. Há, porém, a seguinte diferença: na terra, se quisermos, por mais forte que seja a atração, podemos abandonar um ambiente; porém, no mundo astral, a vontade abandona o homem, e ele se dirige para onde suas paixões e desejos o levam.

- E qual é tua idéia do céu? - perguntei.

- O céu também é um estado de consciência, porém seu plano invisível é mais bem expresso pela palavra *akasa* do que por astral.

- Então, quando um homem morre, não vai para alguma estrela remota, como Alcyone ou Arcturus?

- Não; seu espírito simplesmente mergulha na essência akásica que enche o espaço. Na verdade, pode-se dizer que “o reino do céu está dentro de ti”, em mais de um sentido.

Enquanto falava, como que por um impulso comum, voltamo-nos para outro lado e vimos uma carruagem que se aproximava rapidamente. Não podíamos ver quem vinha nela, porém, ao passar rapidamente junto a Iole, esta se voltou para mim e perguntou:

- Ouviste alguma coisa?

- Sim; - respondi - e ela impedindo-me de falar, prosseguiu:

- Escrevei-o.

Escreveu, então, num pedaço de papel, e eu, tendo feito o mesmo, trocamos os papéis. Ambos tinham escrito as mesmas palavras.

- Apresentai imediatamente a tua relação.

Não se ouvira uma única palavra, da carruagem, mas ambos tinham ouvido a mesma ordem como se tivesse saído de nosso peito.

- Um irmão de alto grau está naquela carruagem, e devemos apresentar imediatamente o nosso relatório, - disse Iole, ao acompanharmos os passes dela.

Estávamos a pouca distância quando parou na vila do Senhor Parodi e vimos um homem alto, trazendo um barrete de cor índigo, sair dela e entrar rapidamente no caminho da casa, enquanto a carruagem passava ao nosso lado, em sua volta para a cidade.

- Certamente era Alvarez, - disse a Iole - e julgo que nossa lua de mel terminou e que ele veio nos chamar ao nosso trabalho.

- Bem, esta vida é do dever e não devemos negligenciá-lo, - replicou tranqüilamente.

- O dever é nossa lei, - respondi com firmeza, ao entrarmos no jardim.

- E a execução de nossos deveres nos dá a máxima felicidade, respondeu. - Por mais afastados que estejamos no corpo, de agora em diante estaremos sempre juntos na grande Alma.

Mal havíamos entrado no vestíbulo da frente, quando o estranho, que era realmente Alvarez e sem observar cerimônia, veio ao nosso encontro e, sem dizer uma palavra, nos fez sinal para acompanhá-lo ao locutório. Tendo fechado a porta com a precaução habitual, disse:

- Quase não me é necessário apresentar a outra metade de seus cartões ou cumprir as formalidades da palavra de passe, pois me conheceis de vista. Ambos deveis fazer imediatamente seu relatório em Paris. Dentro de uma semana, a Europa estará conflagrada. Hoje, um trem parte de Florença às nove horas da noite; tendes quatro horas para preparar-vos para a viagem. Sabeis qual é vosso dever. Dirigi-vos agora ao Senhor Parodi e dizei-lhe que Alvarez o espera na sala de visitas. Sabendo que Alvarez só falaria quando fosse necessário, sem nada mais dizer, fomos cumprir nossos deveres, Iole dirigindo-se aos nossos apartamentos para preparar as malas e eu saindo à procura do Senhor Parodi.

Duas horas depois, vimos o adepto e o Senhor Parodi montarem nos dois mais ligeiros cavalos que este possuía, e dirigirem-se para as montanhas. Não recebemos mais nenhuma palavra de instrução, porém, às nove horas estávamos comprando bilhetes para Paris, e poucos minutos depois nos dirigíamos para a metrópole francesa. Ao pararmos em Milão, olhei pela janela do carro, vendo que um homem vestido quase exatamente como Alvarez tomava o trem. Subiu à plataforma de nosso carro, e ao voltar-me, entrou e aproximou-se de nós. Havia um assento vazio na frente, e tendo-o tomado, fez mui furtivamente o sinal do sétimo grau. Respondemos e deu-nos a palavra de passe; então, ao murmurarmos a chamada e recebermos a resposta, ficamos sabendo que tinha negócios importantes conosco. Olhando prudentemente ao redor, mas com aparente despreocupação, tirou um pequeno pacote do bolso, e dando-me, disse:

- Entregai-o ao Rei Eral, e em caso algum deixe alguém apoderar-se dele. Em caso de aperto, puxai o cordão de descarga. E, sem mais palavras dirigiu-se para a porta e desceu do trem. O vimos atravessar a multidão e desaparecer atrás do depósito, no momento em que o trem começou a mover-se. Tudo correu bem e estávamos nos aproximando da fronteira francesa, quando diversos homens fardados de soldados entraram no carro. Mal tinham acabado de passar a porta, quando Iole murmurou:

- Dai-me esse pacote - depressa!

Sem uma só palavra, obedeci.

- Não dê mostra de conhecer-me, - murmurou, levantando-se e indo sentar-se na outra ponta do carro. Pensando em qual seria o motivo de ter procedido assim, conservei-me sentado e fechei a janela. Os homens aproximaram-se, observando cuidadosamente a todos junto aos quais passavam, e, coisa estranha, embora ninguém tivesse falado nada, ouvia dentro de mim repetir: espião! Espião! Espião!

Chegando junto ao meu banco, o chefe teve uma expressão de satisfação e ordenou: - Levanta-te!

- Por ordem de quem? - perguntei com dignidade.

- Por ordem de sua Majestade, o Rei de Itália, - respondeu com altivez.

- E por quê? - insisti.

- Porque há um espião com documentos secretos, - respondeu, enquanto seus homens começaram a apalpar e revistar a minha roupa. Iole, por algum poder estranho, adivinhara as intenções deles, por clarividência vira seus pensamentos, por assim dizer. Revista-la-iam também? Escaparia eu para vê-la sofrer? - É estranho, - disse o chefe, quando não puderam encontrar o que esperavam, - onde está a mulher? - Aqui está sua companheira, - disse um passageiro, apontando para Iole. - Revistai-a - ordenou o chefe. Um sentimento de temor se apoderou de mim, porém, lembrando-me das regras de que nunca devia temer, tornei-me calmamente indiferente, e os acompanhei até onde Iole se achava.

- Foste mal informado ou cometestes um erro, - falei, ao nos aproximarmos dela.

- Vê-lo-emos logo, - respondeu sarcasticamente.

Iole estava na maior calma possível. Oh! - exclamou, - tomai-nos por espiões? Pois estais enganados; revistai-me, se quiserdes.

- Devemos ter sido mal informados, disse o chefe, com um olhar de desconfiança, depois de terminada a revista sem nada encontrarem. As nossas malas e bancos foram revistados, sem descobrirem qualquer coisa; até a mala fechada de Iole foi examinada, nada se encontrando que permitisse desconfiar; com efeito, a nossa bagagem era de natureza a produzir desconfiança. - Bem, fomos mal informados, - repetiu o chefe, ao sair do carro com os seus auxiliares, no momento de chegarmos à fronteira, prosseguindo nossa viagem.

- Onde está o pacote? - perguntei, depois que se retiraram e nos encontrávamos tranquilos em França.

- Está fora de perigo, - respondeu rapidamente, e não fiz mais perguntas; porém, a pedido dela sentamo-nos no último banco do carro.

Nenhum outro incidente sucedeu. Chegando a Paris, ela se levantou, e agindo de modo a não chamar a atenção, aproximou-se do depósito de carvão da máquina e tirou o pacote que nos fora confiado. Colocando-o nas dobras internas de seus vestidos, disse:

- Devemos, desde já, estar sempre atentos, e não perder o nosso domínio próprio, por mais difíceis que sejam as circunstâncias. Desejo agora que me prometas que, por sinais ou atos, nunca revelarás um segredo por causa do medo ou sofrimento que possam me causar.

- Prometo-o, - respondi, ao sairmos da estação.

Como se soubessem de antemão de nossa chegada, uma carruagem especial estava à nossa espera e fomos imediatamente levados à residência do Conde Nicholsky.

Já fazia algum tempo que não tinha passado junto ao Cupido e seu tigrezinho, e ao vê-lo novamente, sobre o seu ovo dourado, lembrei a Iole o nosso primeiro encontro.

- Sim, - disse, naquela ocasião o nosso Cupido vitorioso era sinal de encontro; desta vez, incontestavelmente é sinal de separação. Estais preparado e pronto para enfrentar qualquer emergência? - perguntou, em tom sério, como se estivesse a ver um futuro anuviado.

- Nunca tenhas receios ou dúvidas a meu respeito; aconteça o que acontecer - estou preparado - respondi, quando a carruagem parou na frente do grande pórtico coríntio. Ao sairmos dela, uma figura alta, vestida com um casaco e tendo longos cabelos, transpôs a entrada.

CAPÍTULO XVI

ST. GERMAIN - GUERRA

Ao chegar à casa do Conde Nicholsky, entramos no salão, e Iola pediu ao irmão que nos tinha recebido que anunciasse ao Conde a nossa chegada. O irmão voltou logo com ordens para que nos apresentássemos a seguir na câmara do Conselho. Como Iola conhecia bem a casa, guiou-me pelo mesmo corredor atapetado, descrito num capítulo anterior, até uma sala no segundo andar. Uma mulher vestida de preto, muito parecida com Iola quando a vi pela primeira vez, nos deteve na porta. Trocamos as palavras de passe e ela nos deu passagem. Ao redor de uma mesa, colocada no centro da sala, estavam sentadas sete pessoas que, como soube depois, eram sete das mais notáveis de todos os tempos. À direita estava o rei, que conhecíamos com o nome de Eral, na frente dele estava a misteriosa Madame Petrovna cujas feições pareciam maravilhosamente diferentes de

quando a vi pela primeira vez. Seu rosto era notável por sua brancura e beleza, as rugas e a dureza das linhas tinham desaparecido e seus olhos azuis brilhavam com maravilhosa luz.

Ao lado do rei estavam dois homens que mais tarde soube que eram o Conde Nicholsky e Eugênio Du Bois. Ao lado de Madame estavam sentadas duas mulheres que faziam um estranho contraste, uma de feições orientais de tez escura e a outra com longas madeixas loiras, emoldurando seu rosto nacarado. À cabeceira da mesa estava sentado o homem que tínhamos visto entrar ao sair da carruagem, era alto e magro, de cabelo loiro longo e barba castanha ondulada. Esse homem que, por sua posição, percebi que era superior a todos os demais, não aparentava a idade, seu rosto pálido e sério não tinha uma só ruga, no entanto eu sabia que não era jovem. Seus olhos eram azuis e resplandeciam com brilho de fogo, e notei que suas mãos vibravam ao apoiar-se na mesa.

Para que o personagem não seja um mistério, direi que era o celebrado Conde de St. Germain, que se supunha tivesse morrido cem anos antes, mas não era verdade. Esse homem notável era um grande iniciado, e possuía o poder de separar seu corpo eterno da forma sujeita à dissolução. Iola e eu tomamos dois assentos vazios, de frente para esse grande adepto, que indicou que Eral falasse.

“Trazem um pacote para mim?” perguntou o rei.

Sem pronunciar palavra, Iola tirou o pacote e o entregou através da mesa.

Ao desembulhar o papel de seda que o cobria, apareceu um estojo de platina e, ao apertar um botão oculto, abriu-se a tampa e caiu sobre a mesa um papel dobrado. Madame passou ao rei um recipiente que tinha próximo e o rei submergiu o papel no fluido e, sem tocá-lo, moveu as mãos por cima, ao mesmo tempo que assoprava sobre o mesmo. Em poucos segundos começou a aparecer algo escrito sobre o papel até então em branco, e o rei leu a seguinte mensagem, que nos deu a primeira indicação do que levávamos:

“A aliança russo-germânica está firmada e foi assinada e selada. As forças alemãs, sob o comando de Von Kral, já marcham sobre Paris, passando por Bruxelas, e os russos, ao comando de Neouli, atacam Viena. O poder real da Itália não é certo, mas o povo está conosco. Os democratas na Áustria e na Alemanha estão na França. Vivam, comandante em chefe do exército italiano, apesar do rei, está conosco e se unirá a Maximiliano, comandante dos austríacos, para deter os russos. Que os franceses ataquem os alemães perto do histórico campo de Waterloo. Abandono Berlim nesta hora.

Saroy.”

Nenhum sinal de surpresa nem de emoção foi notado nos rostos daqueles que rodeavam a mesa ao ouvir tão grave notícia, mas todos olharam intensamente sérios, quando o Conde de St. Germain disse:

“Careau cumpriu a ordem de pôr Napoleão Marleon à frente do exército francês?”

“Sim, cumpriu. Napoleão assume o comando hoje e ambos esperam novas ordens”, respondeu Nicholsky.

“Então diga-lhe que avance em seguida com não menos de duzentos mil homens até Waterloo. É outra vez o latino contra o escravo, mas desta vez nossa causa é justa e Roma triunfará. A Rússia destruirá os alemães imperialistas por causa desta ímpia aliança, mas não obterão um palmo de terreno na Europa. Napoleão II, muito maior que Napoleão I fará da Europa, com exceção da Rússia, uma grande república, e Paris será sua capital.”

“Falas como Mestre?”, perguntou Madame, “A Inglaterra é segura?”

“Receberemos hoje um mensageiro que trará a notícia de que Alberto abdicou, por causa de uma extensa e perigosa insurreição, e que nosso homem, Oliver G. Harkley, o dirigente radical, foi declarado protetor. O destino decretou o triunfo do povo, e eu falo como alguém que sabe.”

O Conde calou-se de repente, fez sinal de silêncio, e assumiu uma postura fixa como de transe. Todos permaneceram silenciosos, enquanto ele, com as feições rígidas e os olhos fixos no espaço, se mantinha imóvel. Durante dez minutos permaneceu em tal posição, enquanto os demais respiravam ritmicamente e em uníssono. Ao sair de sua abstração, recuperando seu estado normal, o Conde disse:

“Um francês espião a serviço dos alemães, acaba de chegar à estação central. Ele é um jovem de vinte e sete anos, cerca de cinco pés e dez polegadas de altura, bem formado e com uma cicatriz quase imperceptível sob a sobrancelha direita, um bigode escuro, um queixo suave e usa um terno marrom-claro. Notifiquem Careau para prendê-lo de uma vez, antes dele entrar na Rue de Rivoli, para onde está indo, e certifique-se de enviar um homem para interceptá-lo, e não deixá-lo destruir certas mensagens que tem no bolso interior do colete. Informe também a Careau para procurar o General Moron e dar-lhe muita corda, pois ele é um traidor e está em conluio com nossos inimigos, mas ele não deve ser preso ainda”.

Assim que ele terminou de falar, o Conde Nichosky levantou-se e saiu da sala.

“Agora” continuou St. Germain, “precisamos de seis casais responsáveis para encarregar de certas missões delicadas, vós ocidentais os têm ou terei que ir buscá-los no Oriente?” Enquanto falava, olhou para Iola e para mim com seus olhos penetrantes e dirigindo-se a Eral, perguntou:

“Este casal pode ser um deles?”

“Acreditamos que sim”, respondeu o rei.

“Irmã, cortaste todos os vínculos que te ligam a teus parentes reais?” Perguntou a Iola, com grande surpresa para mim.

“Estão cortados”, respondeu ela. Como um raio, me veio à mente uma lembrança. Iola e a Princesa Luísa, a que vi salvar tão milagrosamente em Londres, eram uma e a mesma pessoa. Entendi, então, porque achei seu rosto tão familiar quando a vi depois, pela primeira vez. A visão momentânea que tive dela, tratando de dominar os cavalos descontrolados, gravou suas feições em minha memória. Todos aqueles anos eu tinha sido o irmão e companheiro de uma princesa real, mas ela, em sua verdadeira simplicidade, jamais fez alusão à sua elevada ascendência. Enquanto esses sentimentos de admiração se agitavam em meu interior, o Conde, dirigindo-se a Iola, disse:

“Então, irmã, você deve entrar no acampamento de Napoleão Marleon e comunicar-lhe todas as informações transmitidas pelo seu irmão, que deve ir ter imediatamente com Von Kral. Não é um movimento do inimigo e deve ser escondido dele, e nós, apesar dos poderes secretos que tornam esses homens grandes, veremos que eles não têm nenhuma informação. Através do poder de comunicação das mentes sensíveis seu irmão pode mantê-la informada de todos os movimentos dos alemães, e isso sem os atrasos das viagens e dos correios, que não podem ajudar”.

Em seguida, voltando-se para o rei Eral ele disse :

“Deve haver pares para se comunicar entre outros exércitos e, se necessário, deve-se ter um em cada trono na Europa. A mente será superior ao poder do canhão e todas as invenções materiais. Os tronos riram das reivindicações do ocultismo, mas em pouco tempo eles vão desejar que não o tivessem feito. Dê ao irmão e irmã as instruções necessárias. Eu fui chamado ao Oriente”.

Ao terminar de falar, o Conde se levantou e abandonou a sala e Eral, dirigindo-se a nós dois, disse:

“Irmão e irmã, vosso ano foi bem empregado. Vossas cores mostram que vossas mentes são uma e que vossas almas correspondem. Compreendem a ciência da comunicação mental, pois a praticaram durante um ano, mas serão úteis algumas instruções suplementares, que facilitarão a tarefa no campo de trabalho no qual entrarão. Quando tenham que enviar mensagens escritas, devem empapar o papel no qual esteja escrita em certo líquido à base de nitrogênio e coloca-lo num estojo de platina que lhes daremos. Apliquem ao estojo um detonante que funciona por meio de um estopim que se estende para fora do mesmo. Se chegarem a ser presos, como último recurso, destruirão a mensagem puxando o cordão. No entanto, nunca devem levar mensagens escritas se as mentais forem suficientes, porque estas últimas não deixam rastro e não despertam suspeitas”.

“No caso de que algum de vós queira comunicar-se conosco, ou morra, podes utilizar um método excepcional, mas só como último recurso. Este método é muito perigoso e se deve utilizar com grande precaução. Daremos a cada um certos pós, que tereis que tomar só se dispuserem de uma hora em que não possam ser perturbados. Desta maneira podem chegar a qualquer de nós, não importa onde nos encontremos. Mas nunca tomem tais pós se houver a menor probabilidade de serem perturbados, porque isso teria a morte como resultado. Bastará uma hora, que pode ser durante a noite.

“Ao separar-vos, ajustem vossos relógios na mesma hora, e nunca a mudem ao irem de um lugar para outro. Dessa maneira, podem concentrar vossas mentes ao mesmo tempo para as comunicações. Ademais, como precaução, nunca devem reconhecer uns aos outros, nem sequer em perigo de morte ou sob tortura. Têm que dominar-vos pelo poder da vontade. Agora, até a tarde, estão livres. Às cinco horas desta tarde sairão para Berlim. Viajem com pouca bagagem e tomem assentos separados, mas no mesmo carro e, aconteça o que acontecer, não se conhecem”.

Com um movimento de mão nos despediu e o Conselho levantou a sessão. Três dos membros não tinham pronunciado uma só palavra, e a misteriosa Madame tinha feito só uma observação, mas era evidente que nem uma palavra ou ato tinha escapado da sua atenção. Ao abandonar a sala do Conselho, Iola que conhecia bem a casa, guiou-me à sala de jantar e com toda a autoridade de dona ordenou nosso café da manhã. Enquanto comíamos, perguntou: “Meu irmão, estás plenamente preparado para qualquer emergência?”

“Eu estou”, respondi, cheio de confiança.

“Então, recorda que nem a prisão, nem a morte, nem a tortura nos hão de fazer trair nossa causa, nem esquecer nosso dever”. Falou como se tivesse a premonição de algum mal, e eu respondi com firmeza:

“Nada que as mentes dos homens possam conjurar poderá fazer-me trair a causa e descuidar de meus deveres”. Logo, por uma espécie de consentimento tácito, terminamos nosso café em silêncio. Como tínhamos algum tempo disponível antes da partida, dediquei uma hora para ir à cidade. As ruas e avenidas estavam cheias de multidões excitadas.

Cartazes chamativos anunciavam a declaração de guerra. Em grandes caracteres, li que Napoleão Marleon, capitão de artilharia, tinha sido nomeado comandante do exército pelo General Careau, Ministro da Guerra. Os vivas a Napoleão ressoavam por todas as ruas. Ao chegar à Praça da Concórdia, a multidão era tão densa que foi preciso deter minha carruagem. Os Guardas Nacionais, com o novo Comandante à frente, estavam desfilando pelo Boulevard. Os apaixonantes sons do novo canto de guerra, “Liberdade”, saíam dos instrumentos de cem bandas. Ao olhar o novo Napoleão, vi que era jovem, de não mais de vinte e sete anos e montava um magnífico cavalo branco, com postura elegante. Era um pouco mais alto do que seu eminente antepassado, seu rosto era branco e quase sem cor, seus finos lábios apertados davam firmeza à sua boca, enquanto seus olhos cinzas aço olhavam friamente aqui e ali a multidão excitada, como quem nasceu para mandar.

Uma gigantesca bandeira de seda com o lírio branco da França ondulava próxima e ao vê-la, Napoleão sorriu e saudou levantando seu chapéu de plumas. Um grande grito surgiu de milhares de gargantas, dando vivas a Napoleão e à República da Europa. A crença na reencarnação, difundida por instrutores teósofos e orientais, era universalmente aceita no Ocidente, especialmente na França. Muitos acreditavam que o grande Napoleão de Austerlitz tinha nascido de novo para completar o que tinha iniciado um século antes.

Os jornais estavam cheios de chamativas manchetes. A Inglaterra se unia à França e estavam desembarcando cem mil homens em Havre, sob o comando do General Nelson. A multidão gritava: “Para Bruxelas, para Berlim”. Enquanto isso, eu pensava que muito poucos conheciam ou se davam conta do poder silencioso por trás do tumulto e da ação. Os grandes Poderes trabalham desconhecidos, mas realizam mais do que todos os conhecidos. Não intervêm nas ações dos homens, mas quando chega a hora da retribuição cármica, vêm para guiá-la em sua ação.

Assim pensando, voltei para a residência do Conde Nicholsky. Ao entrar no vestíbulo encontrei o Conde de St. Germain. Ninguém mais estava ali e se aproximando de mim disse: “Alfonso Colono, durante os próximos cinco anos, toda Europa será banhada em sangue, e toda vida será aparentemente incerta, terás que estar no meio do conflito, mas deixa que te diga, como alguém que sabe, que nem tu nem tua irmã Iola sofrerão dano algum. Tem confiança no que te digo, não importa quão perto da morte se vejam, estão protegidos e escaparão do perigo. Ambos tens grandes deveres a cumprir uma vez que termine esta guerra, grandes alturas vos esperam e ambos as alcançarão”. Enquanto falava, seus maravilhosos olhos estavam fixos nos meus e parecia que via no fundo de minha alma. Sem pensar em responder, me mantive em silêncio enquanto ele se afastava e saía. Fui então para o quarto de Iola e preparamos nosso programa e, às cinco daquela tarde, só com valises de mão tomamos o trem para a fronteira alemã.

Iola tinha que acompanhar-me, e voltar com certas mensagens do doutor Rankel, médico imperial, para quem eu levava cartas confidenciais. Acreditando que estávamos seguros enquanto estivéssemos na França, viajamos juntos até perto da fronteira alemã, quando tomamos assentos separados no carro destinado a Berlim e adotamos o idioma alemão. A excitação reinava em todas as partes, e todo mundo estava sob vigilância militar. Apesar de minha pretensa indiferença, me sentia um pouco intranquilo pelo que pudesse acontecer com Iola, ao cruzar a fronteira porque tinham dado a ela um estojo de platina com mensagens para a Loja de Berlim. Sentindo-me certo que seria retida antes de cruzar o Rin, caminhei até o outro extremo do vagão e ao passar me detive e lhe falei em alemão, mas ela, sem fazer-me caso, se pôs a olhar pela janela, ao mesmo tempo que furtivamente me deslizava um bilhete. Voltei ao meu assento e li, em código da Ordem, o seguinte:

“Vou ser presa antes de cruzar o Rin, mas parece haver um objetivo nisso e as coisas hão de seguir seu curso. De acordo com as instruções, não destruirei as mensagens até o último momento, ocorra o que ocorrer, não debes dar nenhum sinal. Lembre-se! Iola”.

O meio pelo qual ela obteve essa informação de antemão não era um mistério para mim, pois sabia que ela possuía visão clarividente. Por estranho que pareça, eu não possuía tal faculdade, mas tinha clariaudiência e podia ouvir, por assim dizer, os pensamentos não expressados das pessoas nas quais me concentrava. Na estação seguinte, entrou no carro um jovem alemão que se sentou a meu lado. “Eu acreditava que você ia com um companheiro”, foi a observação com que familiarmente se dirigiu a mim. Suspeitando, apertei meu polegar, sinal do sétimo grau, mas ele não respondeu, por isso achei que era um espião e repliquei:

“Não, não tenho companheiro, o que o fez pensar que teria?” Ao dizer isto concentrei minha mente para ler seus pensamentos, mas não tive resultado. Algo confundido diante do fracasso e perguntando-me se ele tinha conseguido algum indício de que eu pertencia à Ordem, mantive silêncio esperando que ele respondesse. Depois de uns momentos de espera, ele deu o sinal do sexto grau. Eral tinha me advertido de que nenhum membro abaixo do sétimo grau conhecia o movimento secreto, mas eu respondo ao sinal. Compreendi então porque não pude ler sua mente, os membros do sexto grau sabem como dominar e resguardar seus pensamentos. Depois de trocar a senha, me passou um passaporte e começamos a conversar, até que chegamos ao Rin. Ali entrou no carro um destacamento militar que exigiu os passaportes. O que Iola faria? Pensei que se ela tivesse meu passaporte, poderia passar sem que a registrassem.

Com esta ideia, me dirigi a seu assento, mas os oficiais chegaram primeiro. Como sabia que não devia dar-me a conhecer, me sentei por perto.

“Seu passaporte”, disse o oficial, dirigindo-se a Iola.

“Não tenho”, replicou ela.

“Então não pode cruzar o Rin”, respondeu ele.

“Tenho que ir a Berlim”, respondeu ela.

“O que tem que fazer ali?”, perguntou ele, tratando de ver seu rosto velado.

“Disso informarei as autoridades correspondentes”, respondeu ela, para minha grande surpresa.

“Ah, sim? Reviste-a”, disse, dirigindo-se a seus ajudantes.

“Peço que me reviste uma mulher”, disse ela, levantando-se com dignidade.

“Ah!” disse o oficial, “é uma espiã”.

“Não sou espiã; tenho negócios em Berlim.”

“Que tipo de negócios?”

Iola fez um sinal, uma expressão de surpresa cobriu o rosto do oficial, que se aproximou inclinándose e ela murmurou algo em seu ouvido.

A comunicação pareceu enlouquecê-lo de alegria, ao mesmo tempo que o transformava. Arrancando o véu do rosto de Iola, agarrou-a rudemente, enquanto rindo espalhafatosamente gritava: “Uma espiã da Fraternidade Negra! Reviste-a. Um de vossos membros vos traiu esta manhã, e se não

tivesse enlouquecido logo, conheceríamos todas vossas nefastas conspirações”. Mordendo a língua, calou-se, como se compreendesse que tinha falado demais. Enquanto isso, seus homens revistavam Iola rudemente. Por um esforço quase sobre-humano, me contive, enquanto a revistavam.

“Busquem sob o assento”, mandou o chefe, quando viu que não encontravam nada. A carteira de Iola com todo seu conteúdo estava jogada no chão e, em sua busca, levantaram o assento atapetado, enquanto Iola observava com calma todos os seus movimentos.

“Aqui está! Gritou um dos homens, ao tirar uma caixinha de platina de um buraco no assento. Rápida como um raio, Iola agarrou a mão do homem, e antes que ele pudesse adivinhar sua intenção, puxou o cordão preso à caixinha. Produziu-se uma explosão abafada, os lados da caixa se estufaram e a tampa se abriu, mas só restava uma massa de papel queimado e cinzas.

“Ao diabo! Gritou o chefe, “algeme-a e prendam-na”. Enquanto isso dizia, do outro extremo do carro se aproximava outro esquadrão de homens.

“Uma espiã perigosa”, disse o novo chefe, “que tipo de mecanismo diabólico era esse com o qual destruiu seus papéis?”

“Só o diabo o sabe”, respondeu o primeiro chefe, “esses franceses sempre estiveram ligados a feiticeiros com quem tratam com as artes negras. Onde está seu passaporte?” perguntou de repente, dirigindo-se a mim.

“Aqui está”, respondi, entregando meu passe.

“Qual é sua nacionalidade?” perguntou, olhando-me com olhos de suspeita. “De nascimento sou americano e por simpatia sou alemão, respondi sem pestanejar.

“Bem, você conhece o ganhador”, respondeu com aspereza, ao sair. Iola, com as mãos algemadas, foi levada a outro carro, e eu fiquei só com meus pensamentos. Colono, disse-me, recorda as palavras de St. Germain e conserva a calma e a confiança. Então me perguntei, como me reconheceu o alemão que me deu o passaporte? Ah, já sei, meu anel tem o símbolo da Orden. Devo tirá-lo? Não, me serviu bem até agora, e continuarei a usá-lo. Mas, como vou comunicar-me com o comandante francês, agora que Iola está nas mãos dos alemães? Alguém traiu sua confiança? Terão os Mestres castigado sua traição com a loucura para proteger a causa ou o juramento do traidor que, selado por uma invocação atraiu para si os espíritos destruidores, que ele mesmo evocou com sua traição? Com estes pensamentos me mantive tranquilo até chegar a Berlim. Como conhecia a cidade, não perdi tempo. Sem esperar saber o que tinham feito com Iola, fui diretamente para a residência do doutor Rankel, decidido a contar-lhe o ocorrido. O doutor me recebeu pessoalmente e convidou-me a passar a seu estúdio privado. Como era membro de grau elevado, não vacilei em inteirá-lo de tudo, e em resposta às perguntas que lhe fiz por minha conta, disse:

“Alvarez e Saroy estão na cidade, e os avisarei em seguida, se é que não já não sabem da prisão de Iola. Eles farão tudo quanto tenha que ser feito, o que é muito. Quanto a ti, irás sem demora ao Quartel General de Von Kral. Eu te darei todas as recomendações e os papéis da corte imperial.”

Aquela noite fiquei com o doutor Rankel, que cedo na manhã seguinte, me entregou com um sorriso significativo, o relatório confidencial da prisão para a corte imperial. Dizia assim:

“Ontem, uma mulher que disse chamar-se Luísa Gray, e que é uma espiã inglesa a serviço dos franceses, foi capturada no trem na rota de Berlim, com importantes mensagens secretas para

emissários franceses daqui. Mas ao ser descoberta, ela destruiu as mensagens por meio de algum aparato explosivo que carregava. É uma mulher decidida e atrevida, sob forte guarda, os oficiais a trouxeram para a prisão imperial, onde ficou confinada numa das celas interiores mais seguras, com ordens estritas de rodeá-la com guarda dupla. Essas precauções foram tomadas mas se mostraram inúteis, porque esta noite de maneira misteriosa escapou sem deixar rastros e seu paradeiro é desconhecido. A única explicação que o chefe da prisão pode dar é muito confusa e ele já foi destituído e confinado até que se averigüe o assunto. Segundo se diz, esta noite, mais ou menos às dez horas, enquanto ele se encontrava na porta exterior, aproximaram-se dois desconhecidos. Um deles, com voz que possuía um estranho e irresistível poder, ordenou-lhe conduzi-lo à cela nº 93, na qual a mulher estava confinada. Incapaz de desobedecer, assim o fez, ficando o outro desconhecido na porta exterior. Ele só tem uma vaga ideia do que se seguiu e recorda ter conduzido o desconhecido até a cela que abriu, e logo conduziu o homem e a mulher para fora, pelo corredor, dando alguma explicação aos guardas, mas não sabe qual. Uma hora mais tarde, o chefe foi encontrado como morto na entrada exterior, e demorou horas para voltar a si. Enquanto isso, os pássaros tinham voado. O chefe jura que tinha sido hipnotizado ou que tinha sido vítima de feiticeiros das artes negras. Os guardas parecem confirmar sua declaração, pois três deles estavam desmaiados num quarto perto da entrada exterior. Tudo o que recordam é que interrogaram o desconhecido que ficou perto da entrada, mas não podem dizer mais nada”.

“Dão maior peso a essas declarações, as revelações de um ocultista alemão, chamado Kroez, que enlouqueceu antes que pudesse fazer uma declaração completa. Esse adepto das artes negras disse que a aliança franco-inglesa estava respaldada por um bando organizado de feiticeiros e magos, com ligação com o diabo e que possuem poderes sobrenaturais. Nunca acreditamos muito nessas pretensões místicas, mas pode haver em tudo isso algo mais do que a fria razão pode compreender. De todos os modos, as pessoas ouvem essas coisas e, carecendo de informação, se tornam temerosas e supersticiosas. Além do mais, outro elo dessa corrente é o fato de que a mulher deu aos oficiais a senha dos espiões alemães, e teria passado livremente se não tivesse tido as revelações de Kroez. Todas as senhas foram trocadas, com ordens para prender quem usar as antigas. Enquanto isso, se farão todos os esforços para chegar ao fundo deste assunto e descobrir a organização. Mas por causa do crescente temor do povo, convém proibir dar informação pública a respeito.”

Quando terminei a leitura, o doutor Rankel sorriu e disse:

“Iola, com Álvarez, está longe no caminho para o exército francês, e Saroy partiu para Viena. O pobre Kroez, como louco furioso, já não pode causar nenhum dano. Terrível é a penalidade de quem falta com seu juramento no qual invocou os demônios da destruição”.

“Tu te juntarás à divisão que sairá esta manhã da cidade para unir-se a Von Kral. Ao chegar, irás imediatamente ao Quartel General dele e lhe apresentarás estes papeis”.

Entregou-me um envelope com documentos e continuou:

“Uma vez que Von Kral veja estes papéis, te depositará plena confiança, e com a assinatura que têm, serão seu companheiro mais íntimo. Te darei também uma análise clarividente da constituição de Von Kral, e o número de seu organismo, de maneira que, em caso de necessidade, poderás ler e até influenciar seus pensamentos. Ademais, desde a traição de Kroez, mudaram todas as senhas de nossa Ordem. Te darei as novas, tal como me comunicaram Álvarez e Saroy. Não respondas a nenhum sinal do sexto grau, pois eles não são de nosso movimento, são apenas indivíduos. Os membros desse grau seguem suas próprias inclinações, mas nós estamos ligados como unidade. Apresente-se no quartel da divisão e, uma vez que estejas unido a Von Kral, terás Iola informada de todos os movimentos. Agora podes ir”.

Ao terminar de falar, me despedi dele com um aperto de mãos, depois de ter guardado cuidadosamente os papéis, e fui apresentar-me no quartel da divisão. Com as cartas que levava, fui admitido imediatamente à presença do general e logo estávamos a caminho do campo da ação.

Aquela noite acampamos numa aldeia próxima a Berlim, e decidi provar e ter uma comunicação mental com Iola. Tínhamos fixado cinco da manhã e dez da noite para as comunicações prolongadas, mas tínhamos convencionado que durante todo o dia nos chamaríamos a cada hora um ao outro, de maneira que não se perdesse nenhuma informação especial. Como ainda não tinha comunicação especial para transmitir, esperei pacientemente entre os lençóis, pelas dez horas. Por fim soou dez e assumindo uma posição descansada, concentrei todas as minhas energias mentais em minha irmã, ao mesmo tempo que emitia a nota-chave. Meus esforços tiveram resultado e ela respondeu. Uma corrente astral começou a bater nas minhas têmporas e a envolver meu cérebro e logo chegaram estas palavras:

“Tudo vai bem. Saroy vai rumo a Viena e Álvarez e eu nos apressamos para chegar a Bruxelas. Vou como moça camponesa num trem abarrotado de gente, e as condições não são as melhores, por conseguinte, se não tens informação especial, contenta-te com que tudo vai bem e nos comunicamos amanhã”.

“Muito bem, minha querida irmã, que os bons espíritos te guardem. Boa noite”.

“Nos reuniremos no mundo dos sonhos dentro de uma hora. Boa noite” respondeu ela. Como a corrente cessou de fluir em minhas têmporas, adormeci.

Antes de terminar, diremos algo sobre o ocorrido a Kroez. Este, depois de vinte e cinco anos de estudo quase constante, sem motivos elevados ou altruístas tinha tropeçado, por assim dizer, com um dos grandes segredos do ocultismo. Tal descobrimento foi, naturalmente, conhecido de imediato na sede oriental dos grandes adeptos, mas o que podiam fazer? Kroez não era juramentado, e se o deixassem só, sem a luz superior tão necessária para o correto emprego do conhecimento, podia utilizá-lo com fins ilegais ou maus e ficar identificado com a Fraternidade Negra, que existe realmente, e transformar-se num poder para o mal.

Três caminhos estavam abertos: a morte, aguarda constante ou a adoção. Mas nem sequer os Mestres têm direito de tirar a vida, a guarda perpétua exigiria vigilância constante para impedir que Kroez fizesse revelações ou mal uso de seus poderes. Isso impediria o Mestre, encarregado de tal vigilância, de se dedicar a outros trabalhos, portanto, não estava aberto outro caminho senão o terceiro, o da adoção. Kroez teria que ser adotado por um ramo externo da Grande Fraternidade.

Alguns dos ocultistas mais celebrados que conseguiram com seu trabalho, alguns dos grandes segredos, foram adotados e se converteram em incansáveis e úteis trabalhadores da grande causa. Ademais, as probabilidades eram que Kroez, uma vez associado aos Mestres, se convencesse de que existem realmente e se tornasse um discípulo fiel. De todas as maneiras, ficaria comprometido e ligado por sua invocação e, se violasse seu juramento, a morte ou a loucura sobreviria prontamente.

Em consequência, foi adotado, mas essa adoção não podia apagar o carma não esgotado em sua natureza. Em vez de dominá-la e deixar que pela dor o sofrimento e o mal nele se esgotassem, como um dos ocultistas mais celebrados do século XIX tinha feito, deixou-se dominar por sua natureza inferior e violou seu juramento. O resultado foi rápido e inevitável. Os Mestres não o castigaram, foram as potências elementais que ele evocou ao violar seu juramento. Perdeu sua alma, e se tivesse se mantido fiel aos Mestres, teria se unido a seu Deus.

CAPITULO XVII

NAPOLEÃO, O GRANDE

Passaram duas semanas, duas semanas de rápida marcha e de concentração de forças, até chegar ao histórico campo de Waterloo. Eu era cirurgião pessoal do General Von Kral, Comandante em Chefe alemão, que tinha quatrocentos mil homens sob seu comando. Tudo era disciplina e o mais rígido treinamento era visível em todas as divisões. Durante esse tempo nos tínhamos comunicado, Iola e eu, regularmente a cada noite. Os exércitos inimigos estavam acampados frente a frente e, sem dúvida, no dia seguinte presenciaríamos uma carnificina e destruição da vida como o mundo não tinha visto até então. Aproximava-se a hora de nossa comunicação e, tendo lido durante todo o dia os pensamentos do General alemão, tinha informações importantes para comunicar. Com grande satisfação para mim tinha desenvolvido repentinamente a faculdade de clarividência e podia ver as imagens mentais do General, na medida em que ele refletia.

Soaram as dez da noite e tomei, entre os lençóis, a atitude passiva e descansada adequada. Apenas tinha conseguido, quando uma voz como que ressoando em minha garganta, disse: “Tudo vai bem.”

“Tudo vai bem”, respondi mentalmente.

“Comunica tu primeiro”, chegou a réplica.

Sentindo que a corrente fluía de mim e sabendo, por conseguinte, que Iola estava passiva e eu era o extremo ativo, falei mentalmente o seguinte:

“Von Kral atacará amanhã, salvo se ocorrer algo inesperado. Seu plano é o seguinte: repetirá o mesmo do campo de Maratona; avançará com um centro fraco, mas com força aparente, e concentrará suas forças nos flancos. Deixará que Napoleão rompa o centro, deixando que caia numa profunda trincheira, muito parecida à de Waterloo. Atrás dessa trincheira existe uma cerca dentada que ele chama de sua armadilha. Quando os franceses romperem o centro, os atacará pelos flancos e pela retaguarda, até aniquilar todos, não se dará quartel, pretende exterminá-los. É uma força de quatrocentos mil homens, Von Kral comandará a direita e Grensteine a esquerda. Se Napoleão não está preparado para fazer frente a essa estratégia, deem-me a ordem. Uma poção oriental será mais poderosa do que todos os canhões da guerra”.

Ao terminar, fiquei passivo, o sentido da corrente se inverteu e veio a resposta:

“Não empregamos tais meios, esses homens não são mais do que instrumentos do Carma e nós, como agentes dos Mestres, não podemos anular as dívidas que os homens e as nações contraíram com suas más ações. Nós só podemos controlar, guiar e mantê-lo em seus próprios limites levando a seu fim adequado este torvelinho de retribuição cármica. O que os homens e as nações semeiam, isso hão de colher, e nem os deuses nem os Mestres podem anular o pôr de lado a lei. Quando chegue a hora do término da retribuição, se os homens persistirem poderemos atuar porque, então, o fim justificará os meios. Agora informarei a Napoleão e prepara-te para receber a resposta à meia-noite.”

O circuito se rompeu e adormeci com a vontade de despertar à meia noite. Na hora assinalada, despertei e senti a corrente como antes.

“Tudo está bem”, veio a chamada.

“Tudo está bem”, foi minha resposta.

“Napoleão é um homem peculiar; aparece desapaixonado e impenetrável, mas não pode enganar o olho interno que pode interpretar todos os seus pensamentos. Recebeu meu informe com muita atenção, sua face branca de coloriu levemente, seus lábios se apertaram mais firmemente e seus olhos tomaram um olhar ardente, mas não disse nada. Logo me olhou com admiração e me perguntou sobre meus poderes, mas eu me neguei a falar deles e ele compreendeu que não devia insistir. Por estranho que pareça, ainda que não seja um irmão, conhece a existência da Fraternidade e se dá conta de que os seus membros possuem poderes grandes e anormais. Fala pouco, mas sabe que sua força não é sua e que nós, seus instrumentos humanos, não somos seus únicos ajudantes. Sua intuição não o engana, porque está protegido pelos Mestres e é vagamente consciente disso”.

“Agora direi seus planos, segundo os vi formando-se na substância mental, agitada por sua mente. Formará um centro forte, que ele mesmo comandará. Da mesma forma terá dois flancos fortes, com alguma reserva entre eles e o centro, pelo qual os alemães tratarão de avançar. Os flancos não se moverão, mas sim as reservas e o centro até certa distância. Logo os dois flancos avançarão e atacarão os alemães à direita e esquerda. Uma vez que os alemães tenham atravessado as reservas, o centro girará como um só homem e apresentará uma frente maciça em forma de U, no meio da qual aniquilarão os alemães. Não se dará quartel. Tua segurança depende dos poderes superiores, e eles dirão o que tens que fazer. Descansa tranquilo agora, boa noite, voltaremos a comunicar-nos às cinco da manhã”.

“Boa noite” respondi e de novo o circuito foi rompido.

Por um tempo fiquei perdido em reflexões, pensando nas viúvas, órfãos e lares desolados que a guerra deixaria. Pensei nas criaturas que nasceriam defeituosas, de corpo e de mente, como sempre ocorre depois de uma guerra e me perguntava, porque os homens persistem no mal e na injustiça que levam a tais desastres? Porquê os homens, guiados por dirigentes egoístas, sem razão alguma matam seus semelhantes? Porquê não pode a fraternidade reinar em todo o mundo e enchê-lo de paz e amor? Porquê os lares e as festas não podem substituir as fortalezas e os campos de batalha?

Logo meus pensamentos se voltaram para a religião, e me perguntava, como é que homens que dizem crer num grande e onipotente Deus, podem justificar em silêncio esta carnificina sangrenta? Dezenas de milhares de viúvas protestam contra ela, centenas de milhares de crianças órfãs se juntam ao seu pranto. Logo me perdi na filosofia. Indubitavelmente, me disse, o que os homens e as nações semeiam, isso colhem. A lei de causa e efeito é eterna e imutável, e nem sequer o próprio Deus pode pôr de lado ou destruir Sua Lei sem destruir-se a Si mesmo. Enquanto os homens plantem sementes que deem brotos de guerra, estas continuarão. As consequências dos maus pensamentos e das más ações hão de ser o sofrimento, só assim se explicam e se redimem. Oxalá este terrível massacre consuma todos os germes do mal! Que os vapores malignos que estão sobre o mundo se dissipem, e que a luz espiritual ilumine os corações dos homens e os encha de paz e de amor! Meus pensamentos se elevaram a Jesus, o santo e humilde Nazareno e murmurei: onde se desenvolve esta guerra? Entre as chamadas nações cristãs, as que blasfemam com seus atos contra o mesmo nome que invocam. Assim adormeci e sonhei com a batalha que se avizinhava. Diante de mim se estendiam as hostes armadas, mas o que atraiu minha atenção, não foram as massas de homens movendo-se na terra, senão outra hoste mais feroz e horrível que estava sobre o campo de batalha. O ar estava cheio de faces malignas, em formas meio humanas e meio monstros, suas bocas e mãos estavam cheias de sangue, enquanto suas feições infundiam grande temor. Sobre cada forma humana que caía na terra se precipitava uma dúzia dessas entidades que, qual vampiros bebiam o sangue que manava dos feridos. Quanto mais bebiam, mais insaciáveis se mostravam, até que,

banhados em sangue humano lançavam demoníacas gargalhadas e lutavam entre si. Por cima dessa horrível hoste vi outras menos numerosas de espíritos vestidos de branco, que silenciosamente observavam o conflito e recebiam as almas dos caídos.

Logo me despertaram de meu sonho e, ao abrir os olhos, vi com surpresa que o General Von Kral se inclinava sobre mim. “Colono” disse, “venha até minha tenda”. Perguntando-me o que significa esta visita à meia-noite, olhei meu relógio e me apressei a segui-lo. Eram quatro e meia e estava próxima a hora de outra comunicação com Iola. Ao chegar à tenda que estava junto à minha, o General disse: “Doutor, tenho razões para crer que meu campo está cheio de espiões, não sei em quem confiar, e tenho uma mensagem importante que deve chegar ao rei sem demora. Vá tão rápido como o cavalo possa a Berlim, ou melhor, vá à estação mais próxima e tome um trem. Fora há um cavalo, vá agora e não perca nem um momento”. Ao falar entregou-me um pacote e, não atrevido-me a desobedecer, sai e montei o cavalo que me esperava. Logo voava pela estrada. Sabendo que deviam ser perto das cinco, internei-me entre o arvoredo e acendendo um fósforo vi que faltavam cinco minutos. Naquele crítico momento não podia deixar de comunicar-me com Iola. Entrei mais no bosque e desci do cavalo e, apoiado numa árvore, assumi uma atitude tranquila e concentrei meu pensamento em Iola. Quase imediatamente senti a corrente, e chegou o sinal:

“Tudo está bem”.

“Tudo está bem”, respondi mentalmente.

“Comunica tu primeiro”, replicou ela.

“Por um chamado repentino e inesperado me encontro a caminho de Berlim com uma mensagem de Von Kral ao rei. Não poderei voltar e manter-te informada, tens algum conselho para dar-me?”

“Vou consultar St. Germain, que acaba de chegar”, foi a resposta. O circuito se debilitou, mas não cessou de todo. Poucos minutos depois, a corrente começou a circular com força e ela perguntou:

“A mensagem está fechada?”

“Sim”, respondi.

“Então, ponha-a na testa e eu a lerei”, disse.

Fiz o que se mandava e ela começou a ler: “Napoleão será derrotado amanhã. Outro sol se levantará sobre a França subjugada. A vitória está assegurada e a realeza sairá triunfante. Já não se ouvirá mais o grito de “Liberdade” na Europa. Depois da vitória, avançarei sobre Paris para destruí-la e deixá-la em ruínas. Enviei Frederico logo, para que assuma o trono e construa outra Capital. Von Kral”.

“Isso é tudo”, acrescentou ela; “continua teu caminho para tua segurança, os poderes te fizeram portador desta mensagem. Boa noite.”

“Boa noite” respondi, e o circuito foi interrompido.

Montei o cavalo e voltei para a estrada, apressando-me para chegar a Berlim. Ao chegar à capital entreguei a mensagem sem perda de tempo, de fato minha viagem foi tão rápida que o rei agradeceu-me.

Fazia dois dias que estava na residência do doutor Rankel, sem ter recebido notícias de Iola, apesar de meus esforços para comunicar-me com ela mentalmente. O que teria acontecido? Estaria ferida? Acalmando minha mente, decidi esperar os acontecimentos, mas aquela noite despertaram novamente meus temores, porque chegaram graves notícias, segundo as quais os franceses tinham sido derrotados em grande carnificina e Von Kral os perseguia com marchas forçadas até Paris. Tudo era excitação, as bandas tocavam marchas constantemente, os canhões troavam salva depois de salva. Acenderam-se grandes fogueiras em todas as ruas e homens e mulheres enchiam as avenidas. Gritos de vitória e de triunfo ressoavam por todas as partes entre vivas a Von Kral e ao rei.

Isso estava certo? Perguntava-me caminhando de um lado para outro no meu quarto. Isso explicaria o porquê não chegava resposta de Iola? Ela estaria morta? St. Germain estaria errado? Com estas perguntas minhas dúvidas me assaltaram e continuei caminhando de um lado para outro do quarto até que deram as dez horas. Decidido a comunicar-me com a frente, tinha resolvido tomar o pó que tinham me dado para casos extremos, para comunicar-me com Eral, que estava em Paris. Recordei a advertência de que se fosse perturbado, o resultado seria a morte, mas me senti seguro, pelo menos durante uma hora. Chegaram, por fim, as dez da noite. Sentei-me e concentrei todas as minhas energias mentais em Iola, com o desejo de falar-lhe. Graças a minha vontade forte e à sua boa disposição, ela respondeu. A corrente começou a latejar em minhas têmporas e as palavras chegaram claras e distintas do interior.

“Estamos marchando dia e noite, e devido a comunicações especiais que tinha que manter com outros, tive que cortar minha relação contigo por um tempo. Quando não o exigem informações importantes e o dever, não é urgente comunicar-se. Observo por teu estado mental que durante os dois últimos dias tens estado submetido a outra prova. Permite advertir-te de novo que nunca debes sentir-te perturbado, nem ter dúvidas nem temor. Toma com calma tudo o que ocorrer, e nunca te inquietes nem duvides. Agora, ouve o que ocorreu. Os alemães foram derrotados e quase aniquilados, General Von Kral foi morto e seu exército dispersado. Os franceses avançam rapidamente para Berlim. As notícias que ouves sobre a derrota dos franceses são falsas e têm uma finalidade. Mas não te enganes e avisa a todos os irmãos que abandonem a cidade porque temos informação psíquica de que os próprios alemães a destruirão quando souberem que se aproximam os franceses. Tua mãe é agora membro de nosso Conselho secreto, e comunicações de teu pai, que está com o exército oriental, dizem que os russos triunfantes, com seiscentos mil homens, marcham para o Sul. Maximiliano morreu e Vivan assumiu o comando. Tudo depende de Napoleão, que até agora parece ser o único instrumento adequado das forças brancas. O plano é dominar a Alemanha, destronar o rei, ocupar o país inimigo e cair sobre os russos. Amanhã à noite chegaremos a Berlim e a vitória será conhecida pelo povo no dia seguinte. Adverte a todos os irmãos e une-te a nós. Isto é tudo por esta noite, fica em paz.”

O circuito se rompeu e imediatamente informei ao doutor Rankel, que prontamente avisou os membros, mas não rápido o suficiente, porque antes do amanhecer a verdade já era conhecida. O medo se apoderou do povo e se transformou em pânico. Muitos, ao fugir da cidade, queimaram suas casas. Aquela noite um mar de chamas recebeu o exército triunfante de Napoleão. O rei tinha fugido e com ele o doutor Rankel e toda a realeza. Os social-democratas, aliados secretos dos franceses, por seu lema, “Toda Europa uma República”, trataram de salvar a cidade, mas sem resultado. A sanha incendiária tinha sido aplicada em todas as partes, e antes da noite tudo estava em ruínas. Uni-me às forças napoleônicas que acampavam fora da cidade. O Conselho secreto era composto de doze membros e ocupava uma casa rodeada por dupla guarda. Ninguém era admitido sem ordem de um dos membros. Eu fui admitido graças a uma carta de Iola e logo estive na presença dela, que me recebeu com um beijo e um aperto de mãos. Cada membro tinha um quarto separado, e durante as

marchas uma carruagem privada, de maneira não houvesse interrupções em sua concentração mental.

“Onde posso ver minha mãe?” perguntei, recordando que ela era membro do Conselho.

“Todos os membros se mantêm isolados, de maneira que é impossível que possas ver tua mãe.” Respondeu Iola. “Antes era tua mãe, no sentido terreno, mas agora é membro do grande Terceiro grau.”

Conhecendo as regras ocultas, segundo as quais há que manter sua condição elétrica individual, não fiz objeção, pois estava convencido de que tudo o que os Mestres ordenam é para o melhor. Aquela noite tive o prazer de gozar da companhia de Iola até tarde. Na manhã seguinte continuamos nossa marcha para o Oriente. Napoleão, montado num cavalo branco, abriu a marcha e depois dele seguiam as carruagens da corte com o conselho secreto. Cada carruagem tinha um escudo cujo símbolo central era uma estrela de cinco pontas, que indicava que o exército estava realmente sob a proteção dos grandes poderes. A cada lado dos veículos cavalgava uma guarda de oficiais e em cada um deles ia apenas um, mas por ordem de Iola eu compartilhei da que, por disposição de Napoleão era a primeira na linha. Aos acordes de “Liberdade” cruzamos a cidade em ruínas. A *Unter den Linden* estava cheia de escombros enegrecidos e a beleza de ontem tinha desaparecido. Napoleão se aproximou de nossa carruagem e, ao ver-me, me olhou com o que me pareceu um olhar de desgosto.

“Ah, a senhorita tem companhia”, disse.

“O senhor Colono” disse Iola, apresentando-me.

Em resposta, Napoleão agradeceu meus valiosos serviços e me felicitou pela posse de tais poderes e pela excelente companheira que ia comigo.

“Agradeça à Fraternidade”, repliquei.

Olhou-me sem responder e, dirigindo-se a Iola, com olhar terno disse: “Me permitirá a senhorita que a acompanhe, quando não esteja ocupada?”

“Perguntai a St. Germain, eu estou sob suas ordens”, respondeu ela sem o menor vacilo.

Uma expressão de enfado se manifestou no rosto de Napoleão que perguntou: “St. Germain é quem comanda?”

“Efetivamente”, replicou ela sem deixar-se acovardar pela superioridade claramente implicada na pergunta.

“Bem, já veremos”, respondeu significativamente. “Eu creio que sou eu quem manda aqui”. Ao falar assim esporeou seu cavalo e se afastou. Então Iola disse:

“Quem sabe se este, como seu antepassado, cegado pela ambição e pelo seu egoísmo, fará mal uso da oportunidade com que o brindaram. Seguramente crê que é grande por si mesmo, nenhum homem o é, só vem a sê-lo quando expressam a vontade de muitos, só esses são realmente grandes. Na atualidade, a grande maioria do povo quer Liberdade. Se Napoleão aproveita a oportunidade e vem a ser para a massa do povo o que a cabeça é para o corpo, sua grandeza está assegurada.”

“Iola” respondi, com um pouco de ciúmes, “creio que está profundamente apaixonado por ti.”

Ela me olhou com seus grandes olhos e replicou: “Nunca permitas que os ciúmes contaminem teu coração: conserva-o puro e bom, pois só assim será adequado para a morada do divino.”

Às últimas horas da tarde, um oficial passou uma nota pela janela entregando-a a Iola que a passou para mim. Reconheci a letra de minha mãe. A nota dizia:

“O Conde St. Germain, que está agora com o exército oriental, ordena por intermédio de teu pai, que acaba de comunicar-se comigo, que vás a Viena pela rota mais curta possível. Tú sabes qual é teu dever, não percas tempo. Tua mãe e irmã, Nina.”

“Adeus Iola” disse. “Saio logo, ocorra o que ocorrer, o dever em primeiro lugar”.

“Tu es meu nobre irmão”, respondeu ela, abraçando-me carinhosamente.

Ao sair da carruagem, enviei uma nota a Napoleão, que com um olhar interrogativo veio até onde eu estava e perguntou:

“Quem é esse Conde St. Germain?”

“O Rei dos Adeptos” repliquei.

“Bem, faça-o saber o quanto antes que nesta data do ano próximo, não haverá mais reis.”

Dei-me conta do significado oculto de suas palavras, mas não disse para ninguém. Uma hora depois galopava através do país para o sudeste. Ao chegar ao acampamento do exército oriental, fui logo para o lugar isolado do Conselho secreto, onde fui recebido por St. Germain. Conduzindo-me para seu apartamento, entregou-me duas mensagens que tinha preparadas. A primeira dizia o seguinte:

“Napoleão Marleon: Considerai-vos ainda submetido aos que o fizeram o que sois, aos quais eu represento? Ou será que aspiras a um império, sob o nome fictício de Presidente? Não permitas que o falso orgulho ou a vã ambição vos enganem nesta questão, nós vos fizemos o que sois e com a mesma facilidade podemos anular-te. Foste escolhido por nós como instrumento, e é o nosso poder que vos sustenta. Vos daremos toda a glória e a fama que um homem pode desejar, mas haveis de servir a nosso plano. A nós não nos interessam nem a fama nem o poder terreno, só queremos resultados, nos contentamos em trabalhar em silêncio e desconhecidos, contanto que consigamos trazer o bem desejado. Agora, como nosso instrumento, debes manter-vos dentro dos limites fixados e cumprir nossas ordens secretas. Toda Europa, ao sul do Báltico e ao oeste do Dnieper há de ser uma república livre, com sua capital em Paris. Todos os reis e tronos hão de desaparecer e o povo há de governar. Vos elegeremos primeiro presidente, contanto que cumpras nossas ordens. Aceitas o convênio? Sim ou não? Sim, e vossa estrela sobe, se não ela se apaga. St. Germain”.

A segunda mensagem dizia:

“Álvarez: Se Napoleão responder não, cumpre o convencionado. Nyimayana. St. Germain.”

Esta última mensagem estava escrita num papel peculiar e tinha um sinal místico, colorido.

“Leva estas duas mensagens imediatamente”, disse St. Germain. “Álvarez estará lá quando chegares, ele já conhece estas ordens, mas esta mensagem será sua autorização oficial. Uma vez Napoleão tenha respondido, apresenta-te a Álvarez.”

Sem esperar mais, voltei ao exército francês, que avançava sobre Varsóvia, arrasando tudo à sua passagem. O rei alemão tinha-se fortalecido na Polônia, reforçado com duzentos mil russos, esperava a batalha à frente de Varsóvia. Os aliados ingleses, sob o comando de Nelson, marchavam para o Norte para tomar a capital russa. Enquanto Napoleão, com novos reforços, contava com quatrocentos mil homens e o entusiasmo que sempre dá a vitória. Ao chegar, apresentei a mensagem a Napoleão e se produziu nele uma mudança instantânea ao lê-la. Voltando-se para mim, com segura, respondeu:

“Diga a vosso chefe que não.”

Mensagens e novos homens de toda a França e de toda a Europa tinham-no enchido da vaidade da vitória e deu sua resposta como um trovão.

“Se eu e ele” continuou, pondo o “eu” primeiro, “podemos ser amigos e aliados, muito bem, mas se só o podemos sê-lo mediante minha obediência às suas ordens, nossas relações serão cortadas. Sou eu quem manda aqui.”

“É essa vossa resposta oficial?” perguntei.

“É”, respondeu laconicamente.

“Muito bem”, repliquei, “assim a comunicarei”, inclinando-me. Ia retirar-me, quando me chamou para perguntar-me:

O que sabes desta Fraternidade?”

“Tudo o que sei é que possuem poderes superiores à morte, e conhecem o porvir, se isso decreta vossa queda, não há poder na terra que vos possa salvar.”

“Sabes que tenho aqui em meu poder as vidas de doze de vossos membros?”

“E vossa vida depende de um fino fio” repliquei atrevidamente.

Sua expressão não mudou, mas perguntou:

“Acaso me ameaçam?”

“Não, se não ameaçá-los”, respondi.

“Bem, levai minha resposta a vosso chefe e diga-lhe que o desafio. Retenho como reféns os membros de seu Conselho para impor-lhe a paz e aquela que amas será minha rainha. Vá.”

Sem pronunciar palavra, saí e fui à Sede do Conselho secreto, onde me recebeu Álvarez. Comuniquei-lhe a resposta de Napoleão e lhe entreguei a mensagem nº 2. Com expressão impenetrável, Álvarez me disse que não abandonasse o acampamento e estivesse pronto para um chamado do Comandante. Aquela tarde, Napoleão sofreu um ataque de paralisia e fui chamado apressadamente. Ao chegar a seu quarto, fiz sair todos e mandei chamar Álvarez. Este se aproximou do dirigente prostrado e, aplicando as mãos ao seu coração e à sua cabeça, o fez voltar a si. Logo, sentando-se perto da cama, o adepto o observou com calma. Enquanto os olhos do adepto se mantinham fixos nos do enfermo, este, inquieto disse:

“O que significa isto? Eu não sou propenso à paralisia. Por acaso vós, com vossas negras artes, me trouxeram este ataque?”

“Homem tolo”, disse o adepto, “que assim desafias os poderes que regulam todos os destinos.”

Os ferozes olhos do Comandante se fixaram por longo tempo nos do adepto, mas este serenamente devolveu-lhe o olhar.

“Com que direito pretendes ter relação com Deus e vos arrogais suas prerrogativas?”, perguntou Napoleão ao imutável adepto.

“Pelo direito de iluminação divina e milhares de anos de trabalho pelo bem dos homens” replicou o adepto.

“Não sabes que por uma ordem minha os membros de vosso Conselho seriam executados em uma hora?”

“Não podes dar essa ordem, ainda que vos fosse permitido dá-la, nunca seria cumprida. Há poderes presentes que não vês, mas ainda que invisíveis, todas vossas armas nada podem contra eles.”

“Os charlatães anunciam grandes pretensões e falam com mistério, mas nunca mostram seu poder”, replicou Napoleão.

O adepto, em resposta, se inclinou sobre o corpo prostrado e moveu suas mãos por sobre sua cabeça. Provavelmente pela primeira vez em sua vida, os olhos de Napoleão assumiram uma expressão de surpresa, e exclamou:

“Ou que poderes do demônio possuis?”

“Os poderes de Deus”, replicou solenemente o adepto.

O enfermo se moveu inquieto e disse: “Se o que pretendes é verdade, considerarei vossa demanda, mas podes prová-lo?”

“Parcialmente”, replicou o adepto.

“Então, vejamos vossa prova”, disse Napoleão.

“Dorme!”, ordenou o adepto, com um rápido movimento de sua mão, instantaneamente os olhos do futuro Grande Napoleão se fecharam e ficou adormecido.

“Vigia-o”, disse o adepto, quando o Comandante começou a respirar regularmente. “Quando desperte, estará bem e mudará sua resposta a St. Germain. Diga-lhe que fui ajudar a ascensão de sua estrela, até que em crescente esplendor seja proclamado o Grande.”

O adepto saiu, e o comandante com respiração profunda e regular, continuou dormindo durante horas. Não permitiu a entrada de ninguém e o vigiei constantemente. Ao redor das três horas, sua respiração mudou, se fez mais e mais baixa, até não respirar mais, como que sumido num transe de morte.

“Ah”, me disse, “foi longe”. Conhecendo o caráter de sua condição, dei ordens estritas de que não se fizesse nenhum ruído na casa. Pela manhã, sua condição não tinha mudado e mandei buscar Iola. Ela esteve presente quando, uma hora mais tarde, Napoleão voltou a si. A primeira manifestação de consciência indicou uma mudança em suas maneiras. Olhando Iola com sorriso prazenteiro, disse:

“Ah, minha irmã, já estou bem de novo.”

Os efeitos do ataque tinham desaparecido e, incorporando-se, se voltou para mim e disse: “Vá dizer a St. Germain que tudo está bem, que Napoleão está convencido”. “Podes ficar, senhorita? Me agrada vossa companhia”, acrescentou dirigindo-se a Iola, enquanto eu me inclinava, e abandonava o quarto.

“Desde que vos uniste a St. Germain, eu sou vossa irmã e não vos abandonarei” replicou ela, quando transpunha a porta para dirigir-me ao exército oriental.

* * *

Transcorreram cinco anos. Mas para que ocupar-nos desses cinco anos de sangue e carnificina que, no início do século XX, lavaram os pecados acumulados na Europa. Basta dizer, que Napoleão mostrou um gênio maior do que nunca, avançou e venceu os aliados germano-russos em Varsóvia. Depois de três dias de sangrenta batalha, mataram o rei e a cidade foi tomada. Napoleão, vitorioso, anexou a Polônia à nova proclamada República da Europa. Logo, voltando-se para o norte, como que seguindo os passos de Bonaparte, ia marchar sobre Moscou, mas em cumprimento a uma ordem secreta de St. Germain, foi para o sul, derrotou os moscovitas em Dnieper e proclamou esse rio como fronteira oriental da República. O general triunfante foi chamado o Grande, para distingui-lo de seu ilustre antepassado. As potências monárquicas, Áustria e Itália, que se tinham unido por precaução à aliança franco-inglesa, ao ver o crescente poder do grande chefe, se voltaram contra ele, mas sem resultado. A ordem secreta era que todos os generais e exércitos, saídos das massas, se unissem a Napoleão e lutassem pela democracia europeia.

Quatrocentas mil famílias francesas e inglesas se espalharam pelos países dominados, e outras tantas se repartiram por toda a Europa. Deu-se campos aos que não tinham propriedade e iniciou-se uma grande atividade industrial. Os ingleses proclamaram a democracia e se uniram à Europa, numa grande República que se estendia do Dnieper e Hellespont até o cabo oriental da Irlanda e do Mediterrâneo até o Báltico, proclamando-se a liberdade. No cataclismo, ainda que não se tenha destruído a Igreja, as mentes dos homens mudaram e surgiu uma religião mais filosófica. Enormes escolas foram construídas em Paris e milhares de filósofos percorreram a Europa, ensinando sem pagamento.

Napoleão foi proclamado “Libertador” e escolhido presidente por voto de todos os Estados. Por conselho de St. Germain, recusou o cargo, mas o povo, como um só homem exigiu que aceitasse e ele prestou juramento perante a Assembleia de todos os Estados. Formou-se um grande Parlamento de Liberdade, que proclamou a nova Constituição.

(Nota do tradutor: O leitor deste Capítulo terá percebido que todos os fatos relatados são pura fantasia da imaginação do autor, pois sabemos que historicamente nada disso ocorreu. Não obstante, entremesclado com os fatos relatados, este Capítulo contém muitos ensinamentos, que seguramente o leitor saberá descobrir)

CAPITULO XVIII

LHASA

Durante todo esse tempo Iola, em virtude da influência que tinha adquirido sobre o grande chefe, esteve quase constantemente em companhia dele. Não tinha a menor dúvida nem se podia ocultar o fato de que ele estava apaixonado por ela. Eu sabia, mas sufocando o fogo dos ciúmes, resolvi deixar que as coisas seguissem seu curso. Ainda que eu amasse Iola mais do que tudo na terra, confiava que o destino me daria o que me era devido e, sem nunca esquecer a advertência que ela me fez de “esquecer de mim mesmo”.

Durante os cinco anos do conflito, fui de uma parte a outra, algumas vezes como informante, e outras vezes comandando forças. Tinham-me elevado ao grau de general e tinham-me em grande estima no exército.

Declarada, por fim, a paz me encontrava de novo em Paris do século vinte. Paris, a Capital da República da Europa, Paris com seus quatro milhões de habitantes, seus boulevares e seus palácios. Duas escolas, uma de arte e outra de filosofia, tais como o mundo nunca tinha visto, se encontravam uma enfrente da outra nos campos Elíseos e estudantes de todas as partes do mundo enchiam seus pórticos de mármore. As conferências eram livres e gratuitas e instrutores, por longo tempo reclusos no Oriente, tratavam temas de filosofia, enquanto a Escola Zerol de artistas místicos dava conferências sobre arte. O Conselho Municipal decretou que todas as fachadas da cidade fossem de pedra ou de mármore. Com a maior liberdade de pensamento, surgiu, no renascimento do século vinte, um novo interesse que transformou a cidade num sonho de beleza e grandeza.

Uma vez mais me encontrava na residência do conde Nicholsky, cuja arquitetura clássica em puro mármore branco, era ainda uma das melhores na cidade. Devia ser realizada uma reunião do Conselho antes da partida de St. Germain para o Oriente. Terminada a guerra e a crises que sempre marcam o término de um ciclo, o misterioso personagem tinha decidido morrer, uma vez mais por assim dizer, e voltar para o seu verdadeiro lugar. Reunidos ao redor da mesa do Conselho estavam os sete que tinha conhecido ao iniciar-se o conflito, mas havia agora um oitavo personagem. Ele era, parece, um oriental de tez escura, com olhos negros penetrantes e longos cabelos e barba negros. Usava um turbante e estava sentado junto a St. Germain com seus olhos fixos no chão, como que para evitar os olhares dos que o rodeavam. Além dos membros do Conselho estavam na Câmara outros doze, entre eles meus pais, Iola e Esmeralda. Reinou o mais profundo silêncio até que St. Germain falou:

“Irmãos e irmãs”, disse, “o carma do século dezenove foi expiado, uma vez mais se colheu a colheita, se ajustou a balança e as desigualdades foram emparelhadas. Está inaugurada a idade de Ouro, mas nosso dever não está de todo cumprido. Chegou, por fim, o dia no que o povo rege. Os dias dos reis e imperadores passou, somente os moscovitas, que ainda têm um destino que servir, continuarão por algum tempo regendo. Mas, lembrai-vos irmãos, que a regência por parte do povo só poderá ter êxito quando possua inteligência e disponha de homens retos que o guiem. Agora é dever e função nossa procurar que estes guias não faltem, e os membros de nossa Fraternidade devem estar prontos para ocupar os postos de responsabilidade em todo o mundo. Esses postos vos ocuparão, não como recompensa por seus serviços, ou para satisfazer ambições, mas porque são os mais preparados para ocupá-los. Nem um só cargo há de se conseguir mediante força externa, só os poderes do coração e da mente, atuando em sua esfera adequada, serão utilizados para tal. Disseminados por todo o mundo, nossos membros, pelo constante trabalho a favor do gênero humano, hão de ganhar os corações e mentes dos povos e, desta maneira pacífica, alcançar o direito de governar. Tendo sempre em vista o bem-estar dos homens, os irmãos e poderes invisíveis os

ajudarão em seus labores, se forem puros e trabalharem pelo bem de todos. Acabamos de passar por uma grande crise, eu fui enviado para ajudá-los e aconselhá-los, mas agora, uma vez terminado o conflito, é meu privilégio afastar-me de vós e ocupar-me mais uma vez, da função que tenho designada. Contais com dirigentes competentes e dignos, que vos guiarão quando as condições externas o tornem necessário, mas cada um há de esforçar-se para alcançar o ponto em que o guia e a direção vem de dentro.

“Agora, antes de partir, vou considerar as aspirações e méritos de todos os solicitantes para o “Terceiro Grau”. Que se retirem todos, menos os membros do Conselho, e esperem que vos chame”.

Diante dessa ordem, todos exceto o Conselho e o oriental, abandonaram a câmara. Era a primeira vez, depois de vários meses, que Iola e eu nos reuníamos de novo. Enquanto de braços dados caminhávamos pelos corredores, perguntei-lhe:

“Iola, meu amor virginal, qual é tua aspiração?”

“Alcançar o fim para o qual todas as almas existem, perfeição e iluminação” respondeu ela com um sorriso doce, mas séria”.

“Então nossas sendas ainda vão juntas”, repliquei enquanto chegávamos a nossa sala de espera. Ali me foi permitido, pela primeira vez, reunir-me com meu pai e minha mãe. Ambos me receberam com um beijo afetuoso, mas falamos poucas palavras. As almas se entendem, sem necessidade de falar, os pensamentos são trocados em silêncio. Eles só tinham tido tempo de beijar minhas irmãs, Iola e Esmeralda, que estavam também conosco, quando meus pais foram chamados pelo Conselho, e não voltaram a sair.

No curso de uma hora, foram chamados quatro casais, mas nós, com Esmeralda e seu loiro irmão da Escandinávia, estávamos ainda esperando. Aproveitei a oportunidade para perguntar a Esmeralda como tinham escapado, ela e nossa mãe, do temporal sofrido há quatorze anos no golfo. Ela me respondeu dizendo:

“Álvarez e outro irmão subiram a bordo no momento de partir e, a pedido deles, desembarcamos todos na primeira ilha. Como que para ocultar o fato, nos levaram num bote a alguma distância da baía, e ninguém percebeu nossa presença. Ao empreender de novo a viagem, Álvarez nos fez prometer guardar segredo e, em obediência a suas ordens nunca nos comunicamos nem com nosso pai. Depois soube que isso foi uma prova, não muito diferente das que tu e eu passamos. Puseram à prova a confiança de nosso pai em seus Irmãos Maiores, fazendo com que, aparentemente, levassem à morte sua esposa e filha. No entanto, ele jamais duvidou e continuou fielmente seu trabalho. Verdadeiramente podemos aprender boas lições de nossos nobres pais.”

“Alfonso Colono e sua Irma Iola”, veio o chamado. Enquanto nos dirigíamos à câmara, disse:

“Iola, seja vida ou morte, ignomínia ou fama, tudo é pela humanidade.”

“Muito nobremente dito, meu único verdadeiro irmão, se for necessário arrancaremos de nossos corações o último pensamento de um para o outro, e concentraremos toda nossa mente no bem do homem”.

Ao falar assim, nos detivemos um momento diante da porta da câmara do Conselho e, logo, tomando-nos das mãos e dando-nos um beijo como de separação final, entramos. Uma vez diante de St. Germain, ele nos disse:

“Irmão e irmã, solicitastes um grande e exaltado privilégio. Um privilégio que poucos seres possuem na terra, um privilégio que só pode ser concedido depois de muitas vidas de esforço e de trabalho para a elevação do gênero humano. Pedem ser admitidos no “Terceiro grau”. Se, até agora vossos deveres foram árduos, neste Grau transcendem toda a compreensão e vossas vidas se transformam em trabalho incessante. Fixai-vos bem nesta verdade, que vos digo agora com tempo, este Grau, em vez de prazeres traz dores, mas dores que se convertem em gozo porque aqui aprendes o êxtase da dor e como o resultado dos esforços traz felicidade a outros. Este é o mistério dos sofrimentos de Cristo, esta é a recompensa dos Mestres da Compaixão para quem a dor, sofrida na amorosa obra a favor de outros, se torna um manancial de gozo.”

St. Germain falou de maneira solene, lenta e profunda. Ao olhar o oriental, que estava sentado a seu lado, observei que seus olhos negros e penetrantes estavam fixos em nós enquanto St. Germain continuava:

“Irmão e irmã, como sabem, nossa grande obra é a favor do homem, por conseguinte, trabalhamos em todos os campos que possam ajudar-nos a elevá-lo. Temos muito o que fazer no mundo, e vós podeis encontrar abundante trabalho no campo visível de ação, mas se ingressam no Terceiro Grau, havereis de abandonar o mundo e trabalhar de maneira inteiramente diferente. Agora, o que escolhem fazer?”

Como que movidos por um só e comum impulso, ambos respondemos a uma voz: “Aquilo que nos transforme em instrumentos mais efetivos e nos permita fazer o bem maior para o homem.”

“Então dois campos de ação estão abertos para ti, irmão. Conheçamos primeiro tua escolha. Podemos fazer-te governador da Itália, em cuja posição podes fazer muito bem. Terminado teu período, te faremos sucessor de Napoleão, como Presidente da Europa. Em tal cargo, terás certamente imensas oportunidades para fazer o bem. Este é o primeiro caminho. Pelo segundo, te tornarás monge mendicante, com poder para curar, e irás de lugar em lugar, curando enfermos e ensinando aos homens as verdades da vida. Qual dos dois caminhos escolhes?”

“Podes encontrar outros para preencher os postos do primeiro caminho?” perguntei.

“Entre nossos membros, ainda que poucos, podemos satisfazer todas as demandas”, respondeu St. Germain.

“Então, que outros tomem os postos de fama e poder e deixai que, humildemente, administre as necessidades do gênero humano e seja um que alivie suas dores. Escolho o segundo caminho.”

Sem responder, St. Germain se voltou para Iola, e disse: “Irmã, temos para ti uma oportunidade para fazer muito bem e temos um pedido para fazer-te. Este pedido, no entanto, não é obrigação de tua parte e podes, se o desejas, rejeitá-lo.”

“Qualquer pedido que me faças está concedido adiantado”, respondeu ela.

“Não o concedas antes de conhecer o que pedimos, pode ser mais do que tu esperas, portanto ouve. Napoleão te ama, esse poderoso gênio crê que em ti encontrou uma mulher digna de seu amor, por consequência, possuis grande influência sobre ele. Agora, ainda que o tenhamos feito grande, não é um irmão e é de natureza egoísta. Mas, se tu queres ser sua esposa, teus mandatos desinteressados serão suas leis. Por meio dele podes fazer muito bem e, ao mesmo tempo, podes purificar e elevar sua natureza. Queres ser a esposa de Napoleão?”

Apesar de meus grandes esforços, uma agonizante dor oprimiu meu coração. Teria ela conquistado todas as tentações de seu coração, vencido todas as provas, e gastado sua vida por nada? Devia ela ficar fora do grande Grau e ficar ligada a um homem para salvá-lo? “Oh Deus”, murmurei, “tudo pelo homem.”

“Se posso fazer o bem e ser de benefício para meus semelhantes, vosso pedido está concedido e serei esposa de Napoleão.”

Respondeu ela clara e firmemente; ainda que sua voz denunciasse uma triste resignação.

“E o amarás?”

“Como amo a todos os homens”, respondeu ela, “mas o amor que une almas gêmeas não está em meu poder dá-lo.”

“Mas todas as almas são uma na Alma Universal”, replicou St. Germain.

“É verdade, mas as vibrações as fazem diferentes. Se sua vibrasse igual à minha, então eu o amaria não porque eu quisesse, mas por lei natural. Da mesma forma, ele amaria porque as almas em simpatia, por sua própria natureza, devem amar-se.”

“Muito certo é o que disestes, minha irmã, replicou o Conde. “Se todos os homens e mulheres pusessem suas almas com a Alma Universal, ou na mesma vibração, todas as almas amariam com o amor mais puro, não porque assim o quiseram, mas porque, por sua natureza, deveriam amar-se.”

Todo tempo os penetrantes olhos do desconhecido oriental, se mantiveram fixos em nós, mas então falou pela primeira vez, dirigindo-se a St. Germain:

“Esta irmã não deve casar-se, nem sequer com Napoleão. Eu tenho outro trabalho para ela.” Sua voz foi clara, ainda que falasse em voz baixa, e produziu em mim uma forte sacudida. Evidentemente, ainda que falando baixo, havia um estranho poder em sua palavra. St. Germain contestou com uma ligeira inclinação de cabeça e voltando-se para Iola disse:

“A palavra do Mestre é lei, e de agora em diante estás a seu cargo”. Então, virando-se para mim, ele disse:

“Irmão Alfonso, tua irmã Iola vai para o Oriente e se perseverares e cumprires com teu dever, será teu privilégio reunir-te com ela mais tarde. Seu trabalho será, de agora em diante, no mundo invisível da mente e da alma, ainda que aparentemente separada do mundo, ela impressionará e influenciará todas as criaturas e os homens. A Grande Hierarquia a adota em sua Loja interna, e te deixa até que tu tenhas o poder de reunir-te a ela, mas recorda que, ainda que separados em corpo, nunca estais separados em alma”. Deixou de falar e, a seu sinal, Iola dando-me um longo olhar comunicativo, abandonou a Câmara com o oriental.

“Agora irmão” disse St. Germain, “estás sob a jurisdição de Eral e do Conselho ocidental que vês aqui. Reune-te com eles, amanhã pela manhã, no castelo do Conde de Du Bois. Agora podes retirar-te.”

Ao seu sinal de despedida, abandonei a Câmara e me dirigi à mansão Durant. Havia transcorrido algum tempo desde que deixei meu antigo lar. Ao chegar soube que Camila se tinha tornado Madame Callais. Encontrei-a em casa, no entanto, me recebeu muito cordialmente. O Senhor

Callais, por ser irmão, me era conhecido e me falou com interesse sobre medicina. Passei o dia entre meus velhos amigos e fiz alguns arranjos com o senhor Durant. Na manhã seguinte, fui ao castelo do Conde de Du Bois. Eu não esperava ver Iola, mas ao chegar tive a agradável surpresa de encontrá-la na entrada. Tomados pelo braço, acompanhou-me a nossos antigos quartos.

“Meu querido Cleo”, disse ela, enquanto nos abraçávamos, “o grande Mestre me deu permissão para comunicar-te instruções mais avançadas. O conhecimento e os poderes, que possuímos até agora, são realmente insignificantes, comparados com os que podemos conseguir. Amanhã parto para o Oriente e tu para o Ocidente. Teremos a terra entre nós, no entanto, nunca estaremos separados porque, enquanto até agora nossas comunicações à distância foram mentais, de agora em diante nos reuniremos no mundo astral. Por fim, aprendi o segredo que me permite abandonar meu corpo físico e afastar-me no astral em plena consciência. Durante anos pude abandonar meu corpo de carne, mas não podia conseguir que meu astral levasse minha mente em plena consciência. Isso posso fazer agora e tu poderás logo. Assim, enquanto estiveres no mundo ocidental eu estarei contigo e a medida que progredas e desenvolves teus trabalhos, eu te instruirei no mundo da mente. No estado chamado sono estaremos juntos a cada noite, pois eu estarei contigo no ocidente, durante teu dia, e tu estarás comigo no oriente durante o meu. No entanto, nem todas as provas estão terminadas, a vida está cheia delas, posto que só passando e sobrepondo-se às provas podemos conhecer nossa força e poder.

“As provas e os sofrimentos nos trazem plena consciência de nosso poder e desenvolvem nossas possibilidades internas não descobertas. Nunca conhecemos nem sentimos nossa força até que somos submetidos à prova. Tens adiante dois anos de prova e trabalho árduo, com o qual terminarão teus sete anos de provação. Durante esses dois anos, deverás trabalhar na América, a terra dos antigos Atlantes, e levar luz às almas que se desenvolvem ali. Nesse trabalho estarás sozinho como monge mendicante e sem riquezas. Deverás viajar de lugar em lugar, fazendo bem e dando luz. A força que necessitarás não será de resistência física, mas força de mente e de alma porque os povos ali estão dominados pela ilusão da terra e enceguecidos pela ambição de poder e de riqueza. Quando descubram que não trabalhas por dinheiro e não buscas ganhos, não poderão compreender tuas ações e te verão como fraude. Quando alivies a miséria dos que sofrem, te qualificarão de charlatão, porque eles não conhecem os poderes da medicina oculta, e te ridicularizarão como curandeiro, e te castigarão como embusteiro. Como mendicante, virás a ser um vagabundo sujeito às leis da escravidão, não importa quanto bem moral ou subjetivo faças com teu pensamento, teu ensinamento não te dará meios visíveis para sustentar-te e não poderás justificar tuas ações, mas persevera sempre, não percas tua fé na verdade e no dever. Recorda que os Protetores te rodeiam sempre, e não hás de temer dano algum. Em meio destas provas e sofrimentos, encontrarás paz interna e o gozo e êxtase que vem do conhecimento do dever cumprido. Não peças justificativa ao mundo, deixa que tua consciência te justifique. Não peças elogios a quem te rodeia, deixa que o elogio venha de teu interior. Não te importe o desprezo e as calúnias dos ignorantes do mundo, compadece-te de seu erro e continua com teu trabalho. Todos os Mestres da Verdade sofreram, mas esse sofrimento é o fogo da sublimação. Cairão sobre ti as calúnias, os enganos e o abuso, e serás o alvo de toda língua vil, mas sabe que suas almas doloridas condenam suas ações, compadece-te deles mas não os sigas. Tua vida há de ser um exemplo que todos os homens possam seguir, porque o exemplo de uma vida é mais potente do que todos os ensinamentos dos homens. Escolheste o caminho da renúncia, quando te ofereceram fama e poder, sacrificastes teu amor individual para trabalhar pelo gênero humano, as provas serão certamente grandes, mas o fim será maior ainda. Como Buda, renunciaste ao trono e a uma esposa amante, para trabalhar pela humanidade, e como para Buda a paz e a iluminação virão a ti. Quando teu tempo tenha terminado, serás chamado, ou eu me unirei a ti, o dever determinará o que há de ser. Agora vamos separar-nos, vais cumprir teu dever no Ocidente e não deixes que a escuridão te cegue a luz, nem te desvie da senda”.

Desta maneira deu fim a seus conselhos, com um beijo de despedida, abandonou a habitação e fiquei só em seu apartamento. Desde há um ano, tinha notado uma mudança em meu corpo, sentia uma sensação airosa como se fosse menos pesado. Parecia que nunca me cansava e, por estranho que pareça, de dia a dia necessitava menos alimentos. Ao ficar só, tive uma sensação de maior liberdade corporal e parecia como se não tivesse peso. Quase sem perceber caí num sono profundo.

Na manhã seguinte, só meu traje e uma longa capa de cor índigo, iniciei minha peregrinação. Assim vestido, atravessei a cidade sem ser reconhecido. No Havre, li o diário “Os Mundos”, e me inteirei que Alfonso Colono tinha desaparecido misteriosamente e nada se pôde averiguar sobre seu paradeiro. Os rumores, no entanto, diziam que tinha sido levado por uma Sociedade ocultista que, segundo se dizia, exercia grande influência sobre Napoleão. Acrescentava que essa mesma Fraternidade misteriosa tinha levado, fazia alguns anos, a princesa Luísa da Inglaterra. Ela e Colono tinham passado grande parte de seu tempo em Paris e se sabia que estavam vinculados aos chamados Adeptos ocultistas. Dizia-se, também, que a princesa devia sua vida a um deles, que a tinha salvado fazia muitos anos de cavalos desgovernados nas ruas de Londres. Depois havia um longo artigo sobre desapareções misteriosas e sociedades ocultas e comentava-se sobre grande número de pessoas proeminentes que tinham desaparecido sem causas conhecidas. Embarcando num vapor, continuei meu caminho pensando em quantos mistérios os irmãos poderiam explicar na história do mundo e de pessoas proeminentes.

Depois de quatorze anos, voltava a cruzar o Atlântico e cheguei a Nova York. Ali, sem identificar-me, mas em virtude de minha posição evidente, convoquei o Conselho americano e pedi sua cooperação para formar uma “Loja de Justiça e Misericórdia”. Justiça para o inocente e misericórdia para quem sofre e se sente desamparado.

Visitando todas as Lojas, fui de cidade em cidade e busquei especialmente a cooperação de médicos e advogados, porque estas duas profissões, quando utilizadas corretamente, têm grande poder para o bem. Todos os que professavam essas profissões e cujo coração não estava atrofiado pela avareza ou por seu próprio interesse, foram organizados numa Fraternidade para trabalhar pela justiça e pela misericórdia e para aliviar, sem pagamento, os que sofrem. Não se devia deixar nenhuma miséria sem atender, nem nenhum caso de injustiça passar despercebido. Justiça e humanidade eram a regra, ainda nas menores coisas. Mas como se podia desenvolver tal trabalho sem dinheiro? Como os membros poderiam trabalhar sem pagamento? Esta verdade foi revelada, então. Os homens se sentem humanitários e, em seu coração são bons. Ficou evidente que se trabalhássemos desinteressadamente pelo bem do homem, as portas da abundância se abririam para nós. A verdade é que os homens tinham quase perdido a confiança em seus semelhantes e o egoísmo universal predominava, mas nós conseguimos restabelecer essa confiança e despertamos em seu interior a luz bruxuleante. Depois que, com coração agradecido, vi a obra firmemente estabelecida, desapareci uma vez mais e em meu hábito de monge e continuei minha peregrinação. Fui de cidade em cidade, curando enfermos e aliviando os que sofriam. De lugar em lugar, viajei ensinando as grandes verdades do amor, do dever e da fraternidade dos homens.

Proclamei a Religião universal, sem nunca cessar nos esforços para derrubar as barreiras entre as nações, credos, riqueza e raças. Mas, o que podia esperar alguém que proclamava que as verdades essenciais de Krishna, Zoroastro, Buda e Cristo eram as mesmas? Eu esperei a violência, mas não, pois as massas de coração simples estavam mais perto da verdade do que muitos dos mais ilustrados. Os sábios de mente estreita, que tinham pervertido os juízos das massas, me combateram, mas a semente encontrou terra propícia e deu seus frutos. Só os fanáticos temeram e combateram minhas palavras e meu trabalho. Com corações rancorosos, ridiculizaram o mendigo e os expulsavam de suas portas, mas durante essas provas sentia uma presença que me envolvia, e a cada noite, livre do meu envoltório de carne, viajava para o Oriente. A medida que trabalhava, meus

poderes se faziam mais fortes e mais manifestos e algumas vezes, no intenso entusiasmo de meu discurso, me transportava e se rasgava o véu da matéria. Um dia, enquanto falava para uma grande multidão que se tinha reunido ao meu redor nas ruas de Nova Orleans, tive um desses transportes e vi a meu lado uma forma parecida com a de minha irmã, mas invisível para a multidão que me rodeava.

“Irmão” disse ela tão claramente como se fosse sua voz, “Deixa-me falar”. Em silêncio cedi. Eu era um espectador e a voz de Iola falou através de minha forma. Surpreendida e com profunda atenção, a multidão escutou suas palavras. De imediato, uma voz me ordenou que a seguisse e, no mesmo instante, vi St. Germain a meu lado. Sem vacilar e até sem surpresa, obedeci e me senti transportado através do espaço com a rapidez do pensamento. Meu corpo carecia de peso, estava conectado ao de St. Germain por meio de um cordão de substância de cor violeta. Nos envolvia um mundo de substância, mas a terra não a podia ver. Logo tudo desapareceu e ao recuperar a consciência, me vi como um ser distinto. A princípio não sabia o que era, estava numa localidade desconhecida e tinha outro corpo. Minhas mãos masculinas tinham desaparecido e, em seu lugar, me vi com as delicadas mãos brancas de uma mulher. Meu vestido era também de mulher, de cor branca e a sensação que experimentei nunca a tinha sentido antes. Recobrando-me de minha surpresa, olhei a meu redor e me encontrei num pátio rodeado de colunas que, de certo modo, me pareceu estranhamente familiar ainda que não recordasse do lugar. Logo, ao virar-me, vi St. Germain a meu lado. Era o mesmo e, no entanto, diferente do St. Germain da França. Suas feições eram as mesmas, mais radiantes com luz e belezas divinas. Seu sorriso bondoso, ante minha surpresa me deu segurança e perguntei:

“Onde me encontro, irmão?”

“A pedido de teu outro eu te concederam algumas experiências do Terceiro grau.”

Ao falar assim mantinha um espelho diante de mim e, com crescente surpresa, vi as feições de minha irmã Iola. Sorrindo bondosamente, St. Germain disse:

“Por uma mudança de polaridade, tomaste o corpo de tua irmã e ela o teu. Tua alma e individualidade são as mesmas, mas se mostram agora de com outro aspecto. Sentes como tua irmã sentia e ela sente o que tu sentias. Essa mudança não teria sido permitida se vossas almas não fossem uma, quer dizer, o número e a vibração de vossas almas são os mesmos”.

“E onde está Iola?” perguntei.

“Ela está em Nova Orleans e tu estás agora em Lhasa”.

“E quanto tempo durará esta mudança?”

“Até que ambos consintam em voltar a trocar”.

“E eu consenti com esta transferência para seu puro e santo corpo, enquanto ela toma minha forma impura?”

“Certamente, de outra maneira nunca teria ocorrido. A alma domina a forma que ocupa, e não há poder que possa afastá-la ou substituí-la contra sua vontade. Teu corpo, graças a teu trabalho, se tornou puro, de outra maneira, Iola alma pura, não teria podido entrar nele”.

“Estas trocas são sempre boas?” perguntei.

“Todos os que nós sancionamos são, muitos outros não”, respondeu. “Muitas pessoas se fazendo passivas, rendendo-se às suas vontades ou degradando sua forma com paixões sensuais, permitem que espíritos elementais ou demônios desencarnados penetrem em seus corpos. Estes se tornam possesores demoníacos. Algumas vezes, não com frequência, os Mestres utilizam esses passivos, mas só quando a forma é pura e podem realizar o bem utilizando-a.”

“E de onde provém essas estranhas recordações e esse maravilhoso conhecimento e luz que penetram agora em minha mente?” perguntei ao sentir que uma onda incessante de ideias penetravam em meu cérebro.

“Como membro do Terceiro Grau, tens o poder de recordar tuas existências passadas no vasto mar sem margens do tempo. Essas lembranças, gravadas profundamente na Alma imortal, são buscadas por mentes não preparadas, mas não os encontram porque, com a memória limitada a uma curta vida, perdem muitas horas valiosas e úteis em cavilações sobre cenas passadas. Somente quem chega à realização de suas almas e penetram com suas mentes nas suas profundidades, podem ler este registro sem fim. Para nós, que podemos controlar nossas mentes e alinharmo-nos com nossas almas, essas recordações e o vasto depósito de conhecimento adquirido durante muitas vidas passadas, estão ao nosso alcance. Vaga e incerta é a lembrança que vem somente através do cérebro. A maior porção das vidas da maioria dos homens estão em branco, o que está em suas consciências hoje, se perde amanhã. Na memória eterna da alma, estão acumuladas vastas experiências de uma evolução sem fim e tu, agora, por teu desenvolvimento superior, es consciente em tua memória de teu inato e incriado Eu. Mas domina tua mente, do contrário essa afluência incessante te arrastará ao esquecimento. Esse é o perigo para as mentes não preparadas. Quem é incapaz de dominar sua mente, não pode regular seus pensamentos pois deixa que essa terrível torrente deslize livremente em seu cérebro e logo sucumbe, dominado pela loucura. Quem, sem estar preparado joga com o oculto, manipula seu fogo terrível e poderes que destroem a mente. Agora, com tua mente dominada, podes olhar e ler teu passado.”

Enquanto St. Germain falava, ficaram explicadas as misteriosas palavras de Iola sobre vidas passadas, pois cuidadosamente vigiado por St. Germain, minha mente voltou ao passado. Uma vez mais fui um monge beneditino, trabalhando nos campos de Poitiers, e recordei toda aquela vida.

“Não lamentes nada para que tua mente não se perturbe”, advertiu St. Germain, enquanto eu me via de novo no convento dos Pirineus, “O passado não volta, retrocede mais.”

E, como por a magia de suas palavras, me vi de novo como Cleomedes na bela Ática.

“Não deixes que a emoção perturbe a serenidade de tua mente”, advertiu meu guia, e uma vez mais fui para trás. Era, então, uma sacerdotisa egípcia em Tebas. Logo, outra vida anterior, de novo sacerdotisa, nas terras do Nilo. “Segue”, ordenou meu guia, e me vi como mulher bramânica, na antiga Aryavarta, depois monge Brahma, depois Kshatriya e anteriormente, um cidadão de face escura do grande país, onde o Atlântico norte se estende. “Volta”, disse St. Germain, e uma vez mais me encontrei no pátio rodeado de colunas.

“Agora fixa tua mente no chacra amarelo, lê e vê, podes ir a qualquer lugar da terra que tu queiras.”

Mal o Adepto tinha terminado de falar, minha visão pareceu esquecer o lugar em que me encontrava e contemplava uma forma adormecida, que repousava numa pequena habitação em Nova Orleans.

É esta minha forma? Não, meu antigo templo está a cargo de minha irmã. “Apressa-te”, ordenou meu guia. A sua ordem, vooi de lugar em lugar, de continente em continente, até lugares impossíveis e reclusos, o mundo inteiro estava aberto à minha visão.

“Não transpases as profundidades do espaço, tua vontade não é suficientemente forte, tens que elevar-te mais, antes de que possas conhecer seus mistérios. “Volte”.

De novo recuperei a consciência no pátio.

“Irmão” disse St. Germain, “viste um dos mistérios da vida, mas só a porção menor do Todo.”

“Oxalá os homens pudessem dar-se conta da grandeza da vida e da sublimidade de sua natureza”, exclamei, dirigindo meus pensamentos ao cego e enganado mundo.

“Tudo virá com o tempo”, replicou St. Germain.

“Mas, quão vasto é o tempo e quão lento o progresso” repliquei.

“Sim, mas pouco a pouco, um a um, os atrairemos para a grande Fraternidade.”

“Mas quão poucas almas vêm, em comparação com as que não atraímos”, disse.

“O número de almas neste universo é fixo, não vêm novas almas. O fluxo transmigratório do universo anterior ao nosso cessou. Desde agora, cada novo irmão que recebamos é pura ganância. Não acredites, nem por um momento, que são criadas almas para cada corpo recém-nascido. O corpo não pode ser a causa da alma, porque o baixo não pode causar o elevado. Pode o temporal ser causa do eterno? Pode o corpo ser causa do espírito? Não, o espírito pervertido pelo desejo impulsiona a formação de corpos. Se Deus tivesse que criar uma alma para cada corpo, se veria submetido aos vícios e caprichos dos homens, mas a verdade é o contrário, fazem corpos para as almas. Se a alma fosse criada para o corpo, e se este fosse a causa que a atraísse para a existência, em que ficaria a morte do corpo, e o fim da existência da alma? O corpo é criado ou formado para as almas que precisam dele”.

“Mas, pode o espírito ou alma impulsionar os atos baixos que fazem alguns corpos?”

“O espírito puro não, a alma pura tampouco. Mas o espírito pervertido com desejo, e as almas perdidas, sim. Deves recordar que quem se condenou si mesmo, em vidas anteriores, continua buscando novas formas e é o que impulsiona tais monstruosos atos viciosos. Infelizes são aqueles por intermédio dos quais essas almas perdidas atuam, porque elas buscam somente os de natureza similar.”

“Mas, irmão”, ele disse mudando de assunto, “teus sete anos de provação terminaram e é teu privilégio ser iniciado no Terceiro grau, do qual alguns poucos mistérios acabas de ver. Agora, como nos graus anteriores, há nesse duas rotas e deverás escolher qual das duas vais tomar.”

“Iola já escolheu?” perguntei.

“Ela escolheu” respondeu ele.

“Então, permita-me ser seu companheiro e escolher a mesma rota.”

“Ninguém pode escolher desta maneira, tens que fazer tua escolha. O primeiro caminho é que vais continuar o trabalho no mundo, até que chegue a dissolução natural de teu corpo. O segundo é uma vida continuada num astral auto-consciente. Qual escolhes?”

Calou-se e, por um momento vacilei. Logo, pensando que era egoísta desejar desprender-me de meu corpo, antes de sua hora natural, respondi: “Escolho a primeira senda para continuar o trabalho no mundo.”

CAPÍTULO XIX

IRMÃO DO “TERCEIRO GRAU”

Em igualdade de condições, quanto mais um indivíduo refletir sobre um assunto, mais apto estará para conhecê-lo bem. Porém, muito mais importante do que a própria reflexão é um desejo honesto de conhecer a verdade, livre de interesses e preferências. Aquele que procura a verdade com um fim egoísta nunca a encontrará, porque o seu desejo perverterá seu juízo e iludirá sua razão. A verdade é pura e imaculada, e ninguém senão o que é puro de coração e de inteligência pode vê-la em toda a sua beleza. A maior causa de erro no mundo é o preconceito que desfigura os fatos, para acomodá-los às opiniões preconcebidas, e o preconceito tem sua base no Eu. Lembrando-me do meu lema: “Esquece-te de ti mesmo” - tinha imediatamente escolhido o caminho que parecia levar a um trabalho mais árduo. Confiando no amor da verdade e da justiça em mim, escolhi-o sem segunda intenção. Escolhera bem? St. Germain logo dissipou as minhas dúvidas, dizendo:

- Irmão, tu e tua nobre irmã sois, na verdade, um; escolheste o mesmo caminho em que tua irmã agora te precede, e sem demora irás unir-te a ela. Duas almas semelhantes devem trabalhar juntas até o final. Porém, antes de te enviarmos, te ajudaremos a despertar os poderes de dentro de tua alma. Esses poderes, durante muito tempo amortecidos, podem ser muito fugazmente conhecidos pelo que vou dizer-te. Ser-te-á dado o poder de te proteger com um escudo impenetrável, fazer-te invisível, embora presente, projetar seu astral consciente à distância, transmutar os metais, ler o passado e o futuro que estiverem determinados; ler os corações e as mentes dos seres humanos, influenciar seus pensamentos desconhecidos, dirigir os elementos, expulsar os demônios, curar os doentes pelo poder da vontade, amoldar em formas visíveis a substância astral e dominar todos os poderes da natureza pelo poder de Deus em ti mesmo. Digo que esses poderes te serão dados; porém, é mais correto dizer que tu os darás a ti mesmo, pois agora mesmo os possuis, embora não os conheça, porquanto, se os não possuísse, não poderia vir a possuí-los. Com efeito, nada pode ser acrescentado ao homem do exterior; tudo lhe vem do interior. Antes de dar-te o segredo que te permite abrir a ti mesmo, devo ter a mais completa convicção de que nunca o empregará para fins egoístas, mesmo que seja para salvar tua vida e a dos que amais. Estou agora convicto de seu desinteresse, não só pela tua alma, que é visível aos olhos espirituais, mas pelos sete anos passados de tua vida. Entretanto, tendes ainda um dever a cumprir antes de poder dar-te a palavra sagrada; seu corpo deve receber uma purificação completa e final, e isso exige a tua volta para ele no Ocidente.

- Iole voltará para cá e esperará a terminação de tua vida, a qual não é longa.

- E têm todos os homens um tempo fixo para a dissolução de seu corpo? - perguntei.

- Todo organismo tem um tempo fixo para a sua dissolução, respondeu, - porém, como o homem muda seu organismo, assim também muda o tempo de sua morte. As condições astrais que denotavam a morte dessa combinação constituída antes da época em que foi modificada pela tua vontade, não têm mais poder sobre seu organismo atual. Durante essa existência, pelo poder de tua

vontade, modificaste de tal maneira a tua forma que a tua dissolução só pode vir por aspectos planetários diferentes. A astrologia esotérica não exclui o livre-arbítrio ou o poder de modificar a própria natureza.

- Então, o destino é uma quantidade variável? - perguntei.

- Todo ato consciente de vontade produz uma modificação em seu chamado destino; porém, poucos são os homens que têm querer consciente, a maioria seguindo cegamente os impulsos ou as tendências de sua natureza. Portanto, as existências da maioria dos homens são fixas e estão sujeitas a variações muito ligeiras. Todavia, há exceções, e se tomares um homem de mentalidade e vontade poderosas, te será difícil traçar seu horóscopo, porquanto, em poucas horas, pode modificar o curso de sua vida, e a sua qualidade predominante de hoje pode ser substituída por outra amanhã.

- E dizes que está próximo o fim da minha vida? - perguntei.

- A essa combinação corporal de vida terrestre não teria chegado a influências produtoras da morte antes dos sessenta anos, porém, seu corpo, como se acha constituído agora, encontrará as influências que o destruirão, daqui a quatro anos. Acontecerá que se achará, então, na idade mística de trinta e três anos. Diminuíste tua vida terrestre, mas entrarás mais depressa na vida superior.

- Somente quatro anos para trabalhar e, no entanto, há tanta coisa a fazer! - exclamei, sentindo um imenso amor passar pelo meu coração.

Um bondoso sorriso iluminou o rosto de St. Germain, que assim falou:

- Então te será permitido trabalhar invisivelmente ou renascer; voltai agora tua mente para dentro.

Ao expressar essas palavras, um êxtase divino encheu minha alma, parecendo expandir até que todos os seres e criaturas foram incluídos em seu admirável amor, e uma paz inexplicável se apoderou de mim. Olhando para S.Germano, vi que seu rosto estava radiante de luz e suas feições pareciam angélicas em sua beleza, quando deu a ordem: “Voltai”.

Em obediência à sua ordem, voltei para dentro de minha consciência, senti uma moleza em meu corpo, e uma sucção exterior começou a manifestar-se em meu lado esquerdo; houve, então, um momento de perda completa de consciência, e ao despertar encontrei-me a olhar para o corpo de Iole, que se achava em transe profundo numa cadeira diante de mim. Pensando no que seria eu, procurei ver a minha forma, porém a minha mente e consciência pareciam não estar mais que num núcleo de substância. Com o desejo de ver, tomei forma novamente, o éter transparente obedecendo ao meu desejo. S.Germano tinha, evidentemente, passado por transformações semelhantes, pois flutuava em forma semelhante ao meu lado. - Vinde! - disse em linguagem mental, e novamente, com a rapidez do pensamento, atravessamos o espaço. Deslizamos através de nuvens de substância flutuante de muitas cores e matizes, que cintilavam de vida e pareciam estar numa contínua transformação. Não respirava nem tinha sensação de peso, e a minha forma transparente parecia movida pela minha vontade. Repentinamente fui atraído para baixo por uma sucção, e momentos depois estava junto a um leito em que se achava minha forma adormecida; e, a meu lado, em corpo semelhante ao meu, flutuava minha irmã Iole.

- Voltaste? - perguntou em pensamento, pois não empregou palavras.

- Sim, minha irmã, vá para o Oriente em companhia do Mestre; ao terminar o limite de minha vida, nos encontraremos novamente.

Ao acabar de falar, vi que um fio de luz violeta formava um circuito entre nossos corpos e o de St. Germain. Formava um arco e ia de Iole para mim passando pelo meu corpo adormecido, e daí dois fios iam da forma transparente de St. Germain e da minha a uma nuvem que se achava atrás de nós. Uma corrente de vida passava por aquele fio delgado de Iole para a minha forma adormecida; porém, logo que falei a corrente mudou, e fui levado para a minha forma, caindo na inconsciência.

Ao despertar, encontrei-me numa cabana de Nova Orleans, novamente no corpo de Afonso Colono; porém uma terrível mudança se operara em mim. Não tinha então consciência da experiência que acabei de descrever, a qual foi recordada depois. A minha mente se achava inteiramente obscurecida, uma terrível escuridão me envolvendo completamente. Tinha vaga recordação de um conhecimento perdido, mas apertei em vão a minha cabeça no esforço para recordá-lo; tudo tinha desaparecido! Estaria despedaçado o meu cérebro? Teria eu perdido minha mente? Meu Deus! Que significava isso? Quem era eu? Iole! Quem era Iole? Mestres! Quem eram os Mestres! Ah! Ah! Estou louco? Eu! Quem sou eu? Não há eu. Ah! Ah! Não é mais que uma ilusão produzida no cérebro por movimentos nas suas moléculas. Mente! Mente! não há mente! O que os homens tolos denominam mente é apenas uma secreção do cérebro. Alma! Alma! Não existe alma! É uma superstição de que não temos provas. Quem viu uma alma? A que é que se assemelha? Tem forma? - um corpo? Ah! Ah! Quem já viu alguma coisa sem corpo? Assim desvairei. Meu Deus! De onde vieram esses pensamentos? Levantei-me e vesti-me numa disposição muito diferente da minha. Tendo a sensação de que não era eu mesmo, aproximei-me do espelho. - Meu Deus! Meu Deus! - exclamei - que demônio é este! - A fisionomia de Afonso Colono, mas estranhamente desfigurada e cheia de malícia. Voltei-me para outro lado; achava-me num estado de extrema sensibilidade, e tudo em que tocava parecia mover-se. Os meus ouvidos ressoavam e ouvi constantes ruídos no quarto; correntes frias batiam em meu rosto e mãos apagadas me seguravam. Trêmulo de terror, esforcei-me para afastá-las, porém inutilmente. Coloquei o chapéu na cabeça e saí daquele lugar, porém a horrível sensação me perseguiu. Saí a correr pelas ruas, sem saber o que estava fazendo e para onde me dirigia. Por onde passava, as pessoas paravam e, horrorizadas, recuavam. Então, para aumentar meu tormento, uma voz demoníaca gritava aos meus ouvidos: Ah! Ah! Ah! Tem medo de mim! Procurando alívio e não o encontrando, voltei para o meu quarto. Durante todo o resto do dia, andei de um lado para outro diante do espelho, vagamente consciente de que era alguma coisa, mas estava perdido para mim mesmo. A tarde foi caindo e chegou a noite; era noite escura e silenciosa, e a opressiva tranqüilidade que reinava fazia dos ruídos e das vozes invisíveis uma coisa mais terrível. Como que tomado de uma idéia de loucura, e apesar do calor opressivo, fiz uma grande fogueira sobre o fogão e sentando-me no chão, em frente dela, pus-me a fitar suas chamas vermelhas. Então as chamas cresceram e pareceram dirigir-se para mim; fiquei como extasiado e perdi a faculdade de mover-me. No mesmo momento, a horrível entidade que vira na residência dos Durant formou-se nas chamas que estavam diante de mim. Porém, em vez de repelir-me, parecia fascinar-me e, ao avançar, reconheci suas feições maldosas e horrendas como sendo as minhas próprias. Sorri horrivelmente, e continuando a fitá-la, tornou-se mais atraente. Como não a repelisse, aproximou-se de mim; porém, então, ó Deus! Que sucedeu! Tomou a forma de um esqueleto vivo, e suas formas ossudas, cobertas de carne fria e rugosa, emitiam um brilho verde-avermelhado. Estendeu suas mãos ossudas para abraçar-me, senti-as no meu pescoço e ombros, inalei seu corpo mortal e venenoso; depois, quando seus dedos me pegaram no pescoço para abalar-me, um tênue raio de luz brilhou em minha mente e proferi uma só palavra: - Iole!

Um gemido terrível e demoníaco ecoou em meus ouvidos; um murmúrio de desespero e a forma foi arrastada pelo fogo. Lutou e esforçou-se para aproximar-se de mim, seus olhos lançando de suas profundezas raios selvagens e satânicos; porém, uma forma branca se achava diante de mim, e com mãos estendidas expulsou o monstro para as chamas. Dando um grito selvagem, caiu na fogueira, e como se fosse feito de piche, foi consumido pelas chamas devoradoras. No mesmo momento, como

que por uma mudança instantânea, a minha alma se encheu de luz, e levantando os olhos, avistei a forma radiante de minha gloriosa irmã:

- Iole, minha salvadora! - exclamei.

- Somente a Iole que está em ti pode ser essa salvadora; somente o Cristo, Krishna, Deus ou Mestre que se acha em seu íntimo pode salvar-te - respondeu a mente dela para a minha.

- Acabaste de exterminar a última sombra de tua natureza demoníaca constituída em épocas passadas; e agora és absolutamente puro. Todos os homens terão de enfrentar e destruir sua natureza demoníaca, antes de poderem ir para diante, porque essa sombra diabólica sempre os espera no umbral, e sem vencê-la, não podem atravessá-lo. Quando me chamaste, chamaste a teu Deus, pois sou apenas um símbolo do Deus que reside em tua alma.

- Com esta essa última experiência, podes compreender o estado daqueles que se acham inteiramente imbuídos da matéria, - interrompeu outra voz mental, e St. Germain se apresentou em nossa frente.

Antes que pudesse responder, prosseguiu:

- O grande hierofante me envia para chamar-te para o Oriente, e quando me retirar com tua irmã, ide repousar tranqüilamente. Ao surgir da manhã, empreendei essa viagem. Tua irmã te esperará em Calcutá e te acompanhará através da passagem proibida para Teshee Lumbo.

- Te deixamos com os nossos corpos, porém estamos contigo em nossas almas - disse Iole, e tendo dito isso, foram envoltos numa nuvem, que desapareceu, deixando-me só. Não, não fiquei só dessa vez; o êxtase de Deus estava em minha alma, o espírito enchia meu ser. Naquela noite dormi o sono da paz, e pela manhã, com o coração tão aliviado quanto o espírito pode fazê-lo, iniciei a minha viagem para o Oriente. Que alegrias tive no caminho! Que paz e felicidade se espalhem pelo meu caminho! A alma iluminada pelo amor espalha a paz em toda parte para onde vai. Quando cheguei a Calcutá, Iole veio ao meu encontro vestida de freira budista, seu rosto velado para encobrir a irradiante beleza de suas feições. Chegamos a Darjeeling, e daí partimos como peregrinos para Lhasa, a cidade isolada de que são excluídos os estrangeiros. Ali St. Germain, o mesmo St. Germain de França, no seu corpo físico, nos recebeu e nos levou através do país desconhecido para o lar sagrado. Viajamos durante muitos dias, mas sem preocupação ou pressa, e nossa viagem se passou numa constante conversa sobre tudo o que é belo e grandioso. Os altos picos do Himalaia e as sombrias montanhas do Norte nos encheram de sentimentos de sublimidade, ao mesmo tempo em que o azul do firmamento, coberto de nuvens de variegadas cores de dia e de constelações estelares à noite, levaram nossas mentes para as conversas somente relativas ao bem e ao belo. Afinal, passamos pelo vale, cuja passagem era vigiada por guardas, e atingimos o mosteiro isolado d'Aquele que sabe". Colocado num ponto muito elevado de um dos lados da montanha, acessível somente por um caminho estreito, essa estrutura maciça, construída em estilo ciclópico, estava fora do alcance das mãos dos despojadores. Ao redor dela havia profundas gargantas e montanhas cobertas de neve; porém, logo que entrei no pátio interior, recordei-me de ter visto o lugar anteriormente. Porém onde ou quando? Ah! tinha-o visto nas minhas visões do México e da França, assim como na minha viagem sob a direção de St. Germain. Pensei nas iniciações de meu pai e minha mãe, e ao surgir uma pergunta em minha mente, como se tivesse lido meu pensamento, Iole disse:

- Teu pai e tua mãe são membros do “Terceiro Grau” de Lhasa, e encontram-se agora na França, onde são instrutores em companhia do Rei Eral. Tua irmã Esmeralda foi com o seu irmão Henrique ensinar na Escandinávia.

- E posso perguntar-te sobre seus pais?

- A isso responderei, - interveio St. Germain. - Se não fosse pela tua irmã, não terias chegado até Lhasa durante esta existência. Iole fez nesta existência o que devia levar ainda várias encarnações. Quando a princesa Luísa de Inglaterra morreu, antes que seu corpo fosse levado para o sepulcro, aquela que conheces por Iole encarnou-se nele. Tendo cumprido seu papel nessas condições, abandonou a forma anterior da princesa Luisa e tomou outra, que é a atual. Ela te expôs sua história passada, mas, pelo seu poder te encobriu sempre o presente. Foi por meio dela que foste chamado novamente quando te mandei para passar mais quatro anos de trabalho no Ocidente, e como é filha adotiva do próprio Grão-Lama, tinha direito de dar ordem, pois conhecia tuas existências passadas. Quando tu, com os poderes que agora possuí, te recordares de tuas existências anteriores, tornar-se-á clara a razão de tua elevação atual.

- Sim, - respondi - vejo que num passado longínquo fui um brâmane possuidor de poderes ocultos, porém, como me faltavam certas experiências, reencarnei várias vezes no Ocidente.

- Todas as coisas se aclararam, então? - disse Iole.

- O passado é agora um livro aberto, - respondi; - pois todas as minhas vidas estão agora ligadas num fio só.

- Então estamos preparados para nosso grande trabalho, - respondeu.

- E posso realizar mais aqui do que no Ocidente? - perguntei.

- Muito mais, - respondeu ela, - porquanto aqui trabalhamos dia e noite; durante o dia em nossos corpos físicos e, à noite, no estado de transe natural chamado sono, trabalhamos invisivelmente em nossos astrais entre nossos irmãos do Ocidente. O mundo superficial julga que os deixamos por uma solidão egoísta, porém trabalhamos no mundo mental e nunca paramos para descansar.

Entramos então num compartimento ciclópico de granito branco, e encontramos-nos na presença do oriental escuro que havíamos visto em Paris.

- Irmão - disse, dirigindo-se a mim - após várias encarnações tristes, o filho pródigo voltou; com grande satisfação recebemos tua alma purificada e iluminada. Ela viu a miséria e o sofrimento; viu e experimentou a dor e a tristeza; agora pode sentir a divina compaixão e trabalhar pelo gênero humano. Acompanhai tua irmã Iole e aprendei a aplicar os poderes que tendes o privilégio de empregar. Nova crise se aproxima na Nova Atlântida do Ocidente, e como nunca deixamos de agir, deves estar preparado. Não, a pergunta em tua mente a respeito da aproximação de tua desencarnação não te afastará desse trabalho. Estás na companhia dos imortais e, se teu corpo estiver em condições de perdurar, ao chegar o momento da morte te colocaremos num estado de transe, no qual a vida e as influências prejudiciais a ela não podem agir; pois a vida e morte, e as atividades vitais desintegram o corpo. Aquilo que, na vida, age como unidade em todos os átomos do corpo, no momento da morte toma uma atividade individual e separada em cada uma delas. Não, não morrerás; tu e Iole terão astrais conscientes e vivereis imortais no mundo do mental e no éter, até te determinares a passar para os dois graus que estão mais acima. Esses dois graus exaltadíssimos são demasiado elevados para as mentes terrestres compreenderem, e tu mesmo só o

podes fazer mui vagamente. No próximo grau, não há forma fixa ou corpo. Cada ente, numa chama do Espírito Universal, e com seu poder criador, pode construir uma forma para atender às suas necessidades em qualquer parte do universo ilimitado. Como fagulha espiritual, centro sem forma, pode atravessar o universo do espaço de uma estrela para outra, de um sistema para outro, e construir uma forma ou veículo que convenha para sua esfera. Pode, à vontade, abandonar e dispersar essa forma, e então, pelo espaço, passar para outro universo e construir outro. Com efeito, esses entes ou espíritos são em essência espíritos divinos e possuem todos os poderes de Deus. Não nos é permitido falar sobre o Primeiro Grau, pois todas as palavras são impróprias para isso; a sua concepção é muito vasta para todos, exceto para os deuses. Dirigi-te agora a teus apartamentos com tua irmã; tua iniciação será feita esta noite.

Ao terminar essas palavras, Iole me fez sair de sua presença.

- Irmão, - disse, quando nos encontramos em nosso apartamento - tive a idéia de que nossas experiências seriam úteis para muitas almas aspirantes, se as conhecessem.

- É verdade, - respondi-lhe - temos o mesmo modo de pensar; não poderemos encobrir os mistérios e revelá-los até certo ponto?

- Sim; relataremos ao mundo as nossas vidas, mas encobriremos bem os ensinamentos secretos. As grandes verdades são perceptíveis para todos os que procuram a luz. Elas permitem que suas mentes sejam iluminadas por um coração puro e desinteressado; mas tudo deve seguir a sua ordem justa.

- Então, encobrirei os ensinamentos, mas de um modo tão leve que o investigador não possa deixar de encontrá-los; não poderemos chegar aos ignorantes; eles não fariam mais do que zombar e rir. Temos compaixão de sua ignorância, porém devem esperar seu tempo.

Naquela noite foi efetuada a iniciação que fora objetivo de minhas visões, e fui consagrado superior. Vestido com um roupão de seda fui levado perante o trono. O Homem-Deus me deu o “beijo mágico”, e o Cristo adormecido despertou para tirar a virgem do túmulo.

Desperta! Ó tu que dormes,
Levanta-te do túmulo,
Desce de tua cruz,
Sobe ao teu trono.
Rasga o véu do Templo,
Apresenta-te à luz,
Que o Santo dos santos
Não permaneça mais na escuridão.
Reúne-te aos Mestres,
Os Irmãos Sublimes que, do alto,
Sempre trabalham
Pela grandeza do Amor.
Homem! Conhece teu Redentor,
Que reside em teu íntimo;
Enterrado profundamente em teu corpo,
Que teus pecados tornam grosseiro,
Está o verdadeiro Salvador,
O Cristo ou Espírito Interno.

Passaram-se quatro anos, na contagem humana; anos de amor divino e de êxtases resultantes do trabalho pela humanidade; anos de exaltação celeste, em que a alma se compenetra de que é tudo e não lhe falta nada. Encontrávamo-nos na “câmara sagrada”, e Iole e eu estávamos sentados um ao lado do outro em grandes cadeiras feitas de pérolas, junto a uma mesa de esmeralda. O grande hierofante, com seu conselho entre os quais se achavam St. Germain e o oriental escuro, estavam sentados ao redor da mesa.

- Cruzai as vossas mãos, - disse o grande Mestre.

Obedecemos, e imediatamente nos identificamos uns com os outros e com tudo o que estava na câmara.

- Voltai, agora, vossas mentes para dentro e colocai-as na sede de Brahma.

E quando nossas mentes penetraram no centro do espírito, um *mantram* sagrado vibrou na sala e depois a palavra sagrada; então nossas almas, submersas numa só, se encheram de música celeste emitida pelas esferas universais, e entramos no estado eterno.

Então, nos compenetrámos de que “não há morte”; abandonando nossos corpos, vivemos na imortalidade da essência cristalina que pode tomar uma forma superior. Amparamos e protegemos agora a todos os que procuram a luz e, no devido tempo, voltaremos novamente para te auxiliar com o nosso amor.

Glorificado seja o Senhor!

OM, MANI, PADME, HUM.

FIM

ÍNDICE

CAPÍTULO I.....	3
A MINHA INFÂNCIA.....	3
CAPÍTULO II.....	11
A RUPTURA DOS LAÇOS FAMILIARES	11
CAPÍTULO III	18
A PRINCESA LUISA.....	18
CAPÍTULO IV	21
PARIS - MINHA MÃE!	21
CAPÍTULO V.....	26
MAIS MISTÉRIOS	26
CAPÍTULO VI	30
A MULHER TRAJADA DE PRETO.....	30
CAPÍTULO VII.....	39
MEMBRO DO QUINTO GRAU	39
CAPÍTULO VIII.....	48
IOLE.....	48
CAPÍTULO IX	56
O AMOR	56
CAPÍTULO X.....	63
PROVAS	63
CAPÍTULO XI	74
A FRATERNIDADE NEGRA	74
CAPÍTULO XII.....	82
A MORTE - A VIDA	82
CAPÍTULO XIII.....	95
A FRATERNIDADE BRANCA.....	95
CAPÍTULO XIV	104
AMANTES VIRGENS.....	104
CAPÍTULO XV.....	114
LUA DE MEL?.....	114
CAPÍTULO XVI	124
ST. GERMAIN - GUERRA	124
CAPÍTULO XVII.....	133
NAPOLEÃO, O GRANDE	133
CAPÍTULO XVIII.....	142
LHASA	142
CAPÍTULO XIX	151
IRMÃO DO “TERCEIRO GRAU”	151